

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL – MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Fernando Porto Ataíde

**AS VÁRIAS FACES DE UM PERFIL: UM ESTUDO SOBRE OS
TRABALHADORES DA EMPRESA MERCUR (1924 - 1970)**

Santa Cruz do Sul

2018

Fernando Porto Ataíde

**AS VÁRIAS FACES DE UM PERFIL: UM ESTUDO SOBRE OS
TRABALHADORES DA EMPRESA MERCUR (1924 - 1970)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Desenvolvimento Regional, Linha de Pesquisa em Organizações, Mercados e Desenvolvimento, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Orientador: Prof. Dr. Olgário Paulo Vogt

Santa Cruz do Sul

2018

Fernando Porto Ataíde

**AS VÁRIAS FACES DE UM PERFIL: UM ESTUDO SOBRE OS
TRABALHADORES DA EMPRESA MERCUR (1924 - 1970)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Desenvolvimento Regional, Linha de Pesquisa em Organizações, Mercados e Desenvolvimento, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Orientador: Prof. Dr. Olgário Paulo Vogt

Dr. Olgário Paulo Vogt

Professor Orientador – PPGDR/UNISC

Dr. Marco André Cadoná

Professor Examinador – PPGDR/UNISC

Dra. Silvana Krause

Professora Examinadora – PPGCP/UFGRS

Santa Cruz do Sul

2018

A todos os trabalhadores da indústria de Santa Cruz do Sul.

AGRADECIMENTOS

A minha família, mãe Rosangela e pai Almi, que sempre me deram conselhos, auxílio e liberdade para fazer minhas escolhas. Agradeço a minha mana Vívian por ter me ajudado em detalhes técnicos e ilustrações dessa dissertação.

Ao meu avô João, que, com suas histórias, despertou em mim a curiosidade e a vontade de saber mais.

Ao meu grande amor, Rosana Mahl, por ter me apoiado nestes dois anos de estudos e devaneios. Uma parte deste trabalho é dedicado a sua compaixão pelas coisas do mundo.

A Olgário Paulo Vogt, orientador desta dissertação que compartilhou seus conhecimentos durante as conversas nas tardes no departamento de história. E ao mesmo tempo que me deu a liberdade necessária para que eu imprimisse minha personalidade neste trabalho também me deu direções em momentos de incertezas.

Devo meus sinceros agradecimentos a todos os funcionários da empresa Mercur. Na verdade, são agradecimentos, reverências e aplausos a esta empresa santa-cruzeense. Os agradecimentos são logicamente a toda equipe, que me recebeu da forma mais agradável e humana possível.

Devo meus agradecimentos a Silda Erenita dos Santos, que abriu não somente as portas da Mercur, mais viu um potencial para que eu ingressasse no mestrado.

A Jorge Hoelzel Net devo não somente agradecimentos, por ter permitido que eu tivesse acesso ao espaço da Mercur, mas devo meus aplausos à pessoa que é, e que transfere à empresa que sua família gere há mais de 90 anos, sua maneira de se relacionar com as pessoas, a natureza e a sociedade. Foi essa maneira de se relacionar com o mundo que possibilitaram que eu pudesse, não somente acessar os arquivos da empresa, mas também amadurecer como ser humano e profissional. Mas, sem dúvidas, foi o modo como a empresa pensa a si mesma e se reconhece enquanto sujeito histórico, que possibilitou que esta dissertação fosse escrita.

Por fim, agradeço aos ex-trabalhadores da Mercur, tanto aqueles que entrevistei e colaboraram para este trabalho, quanto aqueles de outras épocas que já se foram. Este trabalho é uma forma de inseri-los na História.

Eu quero o amor da flor de cactos

Ela não quis

Eu dei-lhe a flor de minha vida

Vivo agitado

Eu já não sei se sei

De tudo ou quase tudo

Eu só sei de mim, de nós

De todo mundo

Eu vivo preso à sua senha

Sou enganado

Eu solto o ar no fim do dia

Perdi a vida

Eu já não sei se sei

De nada ou quase nada

Eu só sei de mim

Só sei de mim

Só sei de mim

O patrão nosso de cada dia

Dia após dia

- O patrão nosso de cada dia, Secos e Molhados

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo a análise da formação da classe trabalhadora industrial, tendo como estratégia metodológica o estudo do perfil dos trabalhadores a partir da sua relação com o próprio desenvolvimento da empresa e o contexto de industrialização de Santa Cruz do Sul, entre os anos de 1924 e 1970. A empresa Mercur foi fundada em 1924 como uma indústria de produção de artefatos de borracha. Entre o ano de sua fundação a 1931, caracterizou-se como um empreendimento pequeno, de características artesanais. Em 1930, a Hoelzel Irmãos importou máquinas da Alemanha, e com o aumento da produção se transformou, em 1932, na Hoelzel & Cia Ltda. A partir de então constituiu-se em uma das mais representativas empresas do município empregando, entre os anos 1940 e 1960, grande parte da mão de obra disponível no município. A delimitação temporal da pesquisa compreende o período que vai de 1924 até 1970. O ano de 1924, por ser o da fundação da empresa. A escolha do ano de 1970 como marco final deve-se a uma especificidade da história da Mercur e a fatores referentes ao contexto industrial no município, que a partir da década de 1960, e mais fortemente na década de 1970, inaugura um período acentuado de internacionalização da indústria do tabaco em Santa Cruz do Sul, o que reflete no perfil do trabalhador. Utilizamos como enfoque teórico autor inglês, Edward Palmer Thompson. Com o autor reconstruímos o processo que antecede o de formulação da consciência de classe, ou seja, o processo histórico que fez com que trabalhadores convergissem a um determinado lugar e possibilitassem criar ou não, um sentimento de pertencimento, de unidade em torno de uma classe. As metodologias empregadas ao longo da pesquisa se constituíram em história empresarial, no método biográfico, na análise documental e na história oral. As principais fontes utilizadas constituem-se em: um banco de dados baseado em 2230 fichas de Registros de Empregados localizadas no arquivo privado da empresa Mercur; no jornal Gazeta do Sul, entre 1945 e 1970, localizado do Centro de Documentação da Universidade de Santa Cruz do Sul; e 13 entrevistas de história oral com funcionários, ex-funcionários e gestores da empresa. Constatou-se que os trabalhadores se formaram a partir das oportunidades de trabalho que o processo de industrialização criou, mas também, através da ocupação de espaços na cidade e da cidade, nos quais foram se constituindo enquanto comunidade de trabalhadores.

Palavras-chave: Trabalhadores, Perfil, Mercur, Santa Cruz do Sul, Indústria

RESUMEN

Esta disertación tiene como objetivo el análisis del perfil de los trabajadores de Mercur, a partir de su relación con el propio desarrollo de la empresa y el contexto de industrialización de Santa Cruz do Sul, entre los años 1924 y 1970. La empresa Mercur fue fundada en 1924 como una industria de producción de artefactos de caucho. Entre el año de su fundación a 1931, se caracterizó como un emprendimiento pequeño, de características artesanales. En 1930, Hoelzel Irmãos importó maquinas de Alemania, y con el aumento de la producción se transformó, en 1932, en la Hoelzel & Cia Ltda. A partir de entonces se constituyó en una de las más representativas empresas del municipio empleando, entre los años 1940 y 1960, gran parte de la mano de obra disponible. La delimitación temporal de la investigación comprende el período que va de 1924 hasta 1970. El año de 1924, por ser el de la fundación de la empresa. La elección del año 1970 como marco final se debe a una especificidad de la historia de Mercur ya factores referentes al contexto industrial en el municipio, que a partir de la década de 1960, y más fuertemente en la década de 1970, inaugura un período acentuado de internacionalización de la industria del tabaco en Santa Cruz del Sur. Utilizamos como enfoque teórico autor inglés, Edward Palmer Thompson. Con el autor reconstruimos el proceso que antecede al de formulación de la conciencia de clase, o sea, el proceso histórico que hizo con que trabajadores convirtieron a un determinado lugar y posibilitar crear o no, un sentimiento de pertenencia, de unidad en torno a una clase. Las metodologías empleadas a lo largo de la investigación se constituyeron en historia empresarial, en el método biográfico, en el análisis documental y en la historia oral. Las principales fuentes utilizadas se constituyen en: un banco de datos basado en 2230 fichas de Registros de Empleados ubicadas en el archivo privado de la empresa Mercur; en los periódicos Gazeta do Sul, entre 1945 y 1970, localizado del Centro de Documentación de la Universidad de Santa Cruz do Sul; y 13 entrevistas de historia oral con funcionarios, ex funcionarios y gestores de la empresa. Se constató cuánto el origen de 2230 trabajadores, que, el 52,5% provenía del municipio de Santa Cruz do Sul, y el 44,6% era de otros municipios. En cuanto al género, 59% de los trabajadores admitidos eran hombres, mientras que las mujeres representaban 41%. La mano de obra infantil también se hace presente y corresponde al 24% del monto contratado. En cuanto a la relación de los trabajadores con la ciudad, se concluyó que éstos habitaron las periferias de la ciudad, acompañando el desarrollo urbano. También se verificó que el cargo desempeñado en la empresa influye directamente en el lugar de vivienda.

Palabras clave: Trabajadores, Perfil, Mercur, Santa Cruz do Sul, Industria

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Localização do Município de Santa Cruz do Sul, no território do Estado do Rio Grande do Sul	21
Imagem 2 - Anúncio da Hoelzel Irmãos sobre novo	52
Imagem 3 - Prédios ocupados pela Mercur entre 1924 e 1931.....	53
Imagem 4 - Anúncio publicitário Mercur	60
Gráfico 1 - Valores produzidos pela Mercur entre 1930 e 1937	61
Gráfico 2 - Peso em produtos produzidos pela Mercur entre 1930 e 1937	62
Imagem 5 - Bote inflável produzido pela Mercur para o Exército Brasileiro	63
Imagem 6 - Anúncio da Hoelzel S/A sobre a produção de artefatos de matéria plástica	70
Gráfico 3 - Balanço do fluxo de mão de obra (1925 - 1969)	74
Imagem 7 - Infográfico: Fases do desenvolvimento da Mercur	75
Imagem 8 - Fotografia do Pastor Georg Höelzel	79
Imagem 9 - Anúncio publicitário da revenda Ford de Carlos Gustavo Hoelzel	81
Imagem 10 - Arvore genealógica da família Hoelzel até os fundadores da empresa Mercur	82
Imagem 11 - Fotografia da entrevista concedida a Lúcio Michels por Jorge Emilio Hoelzel a respeito da construção do Cine-Hotel	88
Imagem 12 - Definição da construção de 40 moradias populares pelo SESI	89
Imagem 13 - Informe de venda de terrenos e projetos da Vila Higienópolis	90
Imagem 14 - Máquinas trabalhando nos terrenos do loteamento da Chácara das Freiras	92
Imagem 15 - Família Simões: Pedro e seus filhos	102
Imagem 16 - Municípios de origem dos trabalhadores (1932 - 1939)	103
Imagem 17 - Mapa dos municípios de origem dos trabalhadores (1939 - 1945)	109
Imagem 18 - Mapa dos municípios de origem dos trabalhadores da Mercur (1945 - 1960)	115
Imagem 19 - Fotografia do RE de Ilávio Rothmund	117
Imagem 20 - Matilda e Arlindo Wagner	119
Imagem 21 - Mapa dos municípios de origem dos trabalhadores admitidos pela Mercur (1961 - 1969)	124
Gráfico 4 - Contratação de cidadãos de nacionalidade alemã pela Mercur (1924-1970)	133
Imagem 22 - Fotografia da viagem do imigrante Guilherme Landsvatter	134

Gráfico 5 - Origem étnica dos trabalhadores da Mercur (1924-1970)	142
Gráfico 6 - Total de trabalhadores contratados de acordo com o sexo (1924-1970)	148
Gráfico 7 - Evolução da contratação de homens e mulheres na Mercur (1924 - 1970)	149
Imagem 23 - Oferta de emprego da Mercur	152
Imagem 24 - Infográfico: Localização de homens e mulheres nos Setores da fábrica (1924 - 1970)	155
Imagem 25 - Curso de tornearia e ajustagem do Senai	161
Gráfico 8 - Idade dos trabalhadores por gênero contratados pela Mercur (1924 - 1970)	172
Gráfico 9 - Menores de 18 anos contratados pela Mercur (1924 - 1969)	173
Gráfico 10 - Trabalhadores entre 12 e 14 anos de idade contratados pela Mercur (1924 - 1969)	175
Gráfico 11 - Trabalhadores entre 15 e 16 anos de idade admitidos pela Mercur (1924 - 1969)	176
Gráfico 12 - Trabalhadores entre 17 e 18 anos de idade contratados pela Mercur (1924 - 1969)	177
Imagem 26 - Autorização de Lotty Elly Landesvatter a trabalhar na Mercur	181
Imagem 27 - Atestado de estudante de Lotty Elly Landesvatter	182
Gráfico 13 - Cargo dos menores de 18 anos na década de 1930 na Mercur	183
Gráfico 14 - Cargo dos menores de 18 anos (%) – Década de 1940	184
Gráfico 15 - Cargo dos menores de 18 anos na Mercur na década de 1950	184
Imagem 28 - Bolsa de estudos para filhos de trabalhadores da Mercur	185
Gráfico 16 - Cargo dos menores de 18 anos na Mercur na década de 1960	186
Imagem 29 - Fotografia tirada na Rua Rua Galvão Costa	190
Imagem 30 - Mapa com localização dos trabalhadores da Mercur (1924 - 1931)	192
Imagem 31 - Planta com localização dos trabalhadores da Mercur (1932 - 1940)	196
Imagem 32 - Planta da Vila Jardim	200
Imagem 33 - Matéria a respeito das primeiras casas cedidas à operários	202
Imagem 34 - Planta de Santa Cruz com localização dos trabalhadores (1941 - 1956)	205
Imagem 35 - Fotografia da Vila Operária (ao fundo, à direita)	211
Imagem 36 - Fotografia da enchente na Travessa Meinhardt	213
Imagem 37 - Planta de Santa Cruz com localização dos trabalhadores da Mercur (1957 - 1969)	218

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Crescimento populacional de Santa Cruz do Sul entre as décadas de 1920 e 1960	42
Tabela 2 - Nacionalidade dos trabalhadores da Mercur e seus cargos entre 1924 e 1931	57
Tabela 3 - Balanço anual do fluxo de mão de obra (1924 - 1931)	58
Tabela 4 - Balanço anual do fluxo de mão-de-obra (1932 - 1939)	62
Tabela 5 - Balanço anual do fluxo de mão de obra (1940 - 1945)	65
Tabela 6 - Balanço anual do fluxo de mão-de-obra (1946 - 1960)	67
Tabela 7 - Contratados pela Hoelzel S.A. - Indústria de Plásticos Mercur	69
Tabela 8 - Transferidos para Hoelzel S.A. - Indústria de Plásticos Mercur	70
Tabela 9 - Balanço anual do fluxo de trabalhadores (1961 - 1970)	72
Tabela 10 - Origem dos trabalhadores brasileiros (1924 - 1931)	97
Tabela 11 - Origem dos trabalhadores migrantes/brasileiros (1932 - 1939)	98
Tabela 12 - Localidade de origem dos trabalhadores nascidos em Santa Cruz do Sul (1932 - 1939)	104
Tabela 13 - Origem dos trabalhadores migrantes/brasileiros (1939 - 1945)	105
Tabela 14 - Localidade de origem dos trabalhadores nascidos em Rio Pardo (1932 - 1939)	107
Tabela 15 - Trabalhadores com origem no norte e noroeste do Estado	108
Tabela 16 - Localidade de origem dos trabalhadores nascidos em Santa Cruz do Sul (1939 - 1945)	110
Tabela 17 - Origem dos trabalhadores migrantes/brasileiros (1945 - 1960)	112
Tabela 18 - Localidade de origem dos trabalhadores nascidos em Rio Pardo (1945 - 1960)	119
Tabela 19 - Localidade de origem dos trabalhadores nascidos em Santa Cruz do Sul (1945 - 1960)	120
Tabela 20 - Origem dos trabalhadores migrantes/brasileiros (1961 - 1969)	121
Tabela 21 - Origem étnica dos trabalhadores da região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul contratados pela Mercur (1961 - 1969)	125
Tabela 22 - Localidades de origem dos trabalhadores contratados pela Mercur nascidos em Santa Cruz do Sul (1961 - 1969)	126
Tabela 23 - Trabalhadores migrantes entrevistados	127

Tabela 24 - Mudança na situação da agricultura com modernização do plantio	130
Tabela 25 - Trabalhadores estrangeiros (1924 - 1970)	131
Tabela 26 - Função dos trabalhadores estrangeiros na Mercur (1924 - 1970)	134
Tabela 27 - Origem étnica dos trabalhadores da Mercur (1924 - 1931).....	137
Tabela 28 - Origem étnica dos trabalhadores Mercur (1932 - 1939)	138
Tabela 29 - Origem étnica dos trabalhadores da Mercur (1939 - 1945)	138
Tabela 30 - Origem étnica dos trabalhadores Mercur (1945 - 1960).....	139
Tabela 31 - Origem étnica dos trabalhadores (1961-1970)	140
Tabela 32 - Cargos ocupados por afro-brasileiros na Mercur (1924 - 1970)	142
Tabela 33 - Cargos ocupados por luso-brasileiros na Mercur (1924-1970)	143
Tabela 34 - Cargos ocupados por teuto-brasileiros na Mercur (1924 - 1970)	144
Tabela 35 - A função da mulher na Mercur (1924 - 1970)	150
Tabela 36 - A função do homem na Mercur (1924 - 1970)	151
Tabela 37 - Tempo de permanência das mulheres na Mercur (1924 - 1970)	155
Tabela 38 - O cargo das mulheres que permaneceram menos de 12 meses na Mercur (1924 - 1970)	156
Tabela 39 - Tempo de permanência dos trabalhadores homens na Mercur (1924 - 1970)	158
Tabela 40 - Trabalhadores que recebiam por hora/semana na Mercur (1924 - 1970)	163
Tabela 41 - Trabalhadores que recebiam por hora/quinzena na Mercur (1924 - 1970)	164
Tabela 42 - Trabalhadores que recebiam mensalmente na Mercur (1924 - 1970)	165
Tabela 43 - Salário recebido por hora trabalhada pelas trabalhadoras serventes da Mercur (1924 - 1941)	167
Tabela 44 - Salário por hora recebido pelos trabalhadores serventes da Mercur (1924 - 1941)	167
Tabela 45 - Salário mensal das trabalhadoras da Mercur da função Auxiliar Administrativo (1941 - 1970)	168
Tabela 46 - Salário dos homens da função Auxiliar Administrativo (1941 - 1970)	169
Tabela 47 - População Rural e Urbana de Santa Cruz do Sul (1940 - 1980)	177
Tabela 48 - Família Fanfa: trabalhadoras em família	178
Tabela 49 - Família De Sá Bernardes: trabalhadoras em família	178
Tabela 50 - Bairros dos trabalhadores (1924 - 1931)	188
Tabela 51 - Bairros dos trabalhadores (1932 - 1940)	193
Tabela 52 - Bairros dos trabalhadores (1941 - 1956)	198

Tabela 53 - Localização de alguns operários residentes na área da Várzea (Universitário)	200
Tabela 54 - Bairros dos trabalhadores (1957 - 1969)	207
Tabela 55 - Bairros em que residiam trabalhadores Serventes da Mercur (1957 - 1970)	218
Tabela 56 - Bairros em que residiam os trabalhadores Auxiliares Administrativos da Mercur (1957 - 1970)	220

LISTA DE ABREVIATURAS

CBFF	Companhia Brasileira de Fumos em Folha
CEBRAP	Centro Brasileiro de Análise e Planejamento
CEDOC	Centro de Documentação da Universidade de Santa Cruz do Sul
CFSC	Companhia de Fumos Santa Cruz
FEE	Fundação de Economia e Estatística
REs	Registros de Empregados
RS	Rio Grande do Sul
SENAI	Serviço Nacional da Indústria
SESI	Serviço Social da Indústria
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 A MERCUR NO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO DE SANTA CRUZ DO SUL	35
2.1 Breve consideração sobre a industrialização no Rio Grande do Sul	35
2.2 A industrialização de Santa Cruz do Sul e o surgimento da sua classe trabalhadora industrial	38
2.2.1 Um perfil inicial da classe trabalhadora	44
2.3 Histórico e fases do desenvolvimento da empresa Mercur	49
2.3.1 Fase artesanal (1924 – 1931)	51
2.3.2 A primeira fase capitalista: a indústria (1932 - 1960)	58
2.3.3 A segunda fase capitalista: a racionalização da produção (1961 – 1970)	68
2.4 A família Hoelzel, suas relações e representatividade na comunidade de Santa Cruz do Sul	76
3 A ORIGEM DOS TRABALHADORES DA MERCUR	95
3.1 A fase artesanal (1924 - 1931)	96
3.2 A primeira fase capitalista (1932 - 1960)	97
3.2.1 Das máquinas à Segunda Guerra Mundial (1932 - 1939)	98
3.2.2 O período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)	104
3.2.3 Do pós-guerra a 1960	111
3.2.4 A fase de racionalização da produção (1961 - 1969)	121
3.3 Os trabalhadores estrangeiros da Mercur	131
3.4 A origem étnica dos trabalhadores	136
4 SÃO MULHERES E HOMENS, NA VERDADE JOVENS, OS TRABALHADORES DA MERCUR	147
4.1 A divisão sexual do trabalho na empresa a partir dos cargos	149
4.1.1 O tempo de permanência por gênero na empresa	155
4.1.2 O salário de homens e de mulheres	162
4.1.3 A faixa etária por gênero	170

4.2 A mão de obra infantil e juvenil	172
4.2.1 Da criança ao jovem de 18 anos: uma questão de tempo	173
4.2.2 A profissionalização da mão de obra jovem	182
5 OS TRABALHADORES E A CIDADE	186
5.1 O período entre 1924 e 1931	187
5.2 O período entre 1932 e 1940	192
5.3 O período entre 1941 e 1956	196
5.4 O período entre 1957 a 1969	205
5.5 A respeito da moradia dos trabalhadores e o cargo dentro da empresa	218
6 CONCLUSÃO	221
REFERÊNCIAS	229
APÊNDICES.....	233
APÊNCIDE A – Roteiro de entrevistas	233
APÊNDICE B – Carta de Cessão	235
APÊNDICE C – Legenda dos setores da Mercur	236
ANEXOS	237
ANEXO A – Ficha de Registro de Funcionário	237
ANEXO B - Planta da cidade de Santa Cruz (1922)	238
ANEXO C - Planta de Santa Cruz do Sul editada em 1940	239
ANEXO D - Planta de Santa Cruz do Sul editada em 1956	240
ANEXO E - Planta de Santa Cruz do Sul editada em 1968	241
ANEXO F - Planta da Vila Jardim.....	242

1 INTRODUÇÃO

Segunda-feira, 1º de março de 1968. Uma moça residente na Rua São José, Santa Cruz do Sul, levanta-se às 5 horas da manhã, lava o rosto com a água quente que sua mãe, minutos antes, havia despejado em uma bacia branca de metal esmaltada. Come um pão preto que ela mesma havia preparado no dia anterior, e embala a outra metade para comer durante o almoço. Ela morava relativamente longe da firma e não havia possibilidade de voltar para casa no meio dia.

Não sabemos o nome da moça, mas ela usava uma tiara de pano para prender seus cabelos loiros. Se podia ver ela passar todos os dias em frente ao monumento do Imigrante, pois vinha da região oeste da cidade, possivelmente do bairro Avenida. Caminhava pelo menos 1 km pela rua Galvão Costa, ingressava na rua Cristóvão Colombo e esperava geralmente três minutos até que o apito da fábrica avisasse que ela, junto com seus colegas, poderia ingressar no pátio da Mercur, empresa apelidada por ela como “borracha”. Todos entravam juntos e quando todos estavam na fábrica os portões eram fechados.

Era funcionária do arquivo de pessoal da Mercur, tinha seus 18 anos e iniciava sua vida profissional auxiliando os funcionários mais antigos a organizar as fichas de registros de empregados nas gavetas daquele setor. O trabalho dela consistia em arquivar fichas de registros de pessoas que estavam sendo contratadas, localizar fichas de funcionários que estavam se aposentando, procurar uma ficha de um trabalhador que morava em Rio Pardo que precisava comprovar quanto tempo havia trabalhado na empresa durante os anos quarenta. Certa vez um trabalhador perdeu um dedo em uma máquina de cortar mangueiras e ela mesma teve que registrar a data do acidente na ficha, pois o encarregado daquele setor estava apaziguando um possível foco grevista na fábrica.

A rotina de seu primeiro emprego era de uma estafeta interna como constava na ficha que ela mesma deve ter guardado. As fichas que via registrava os dados de trabalhadores contemporâneos a ela, ou de sujeitos que ela mesma nunca imaginou que pudessem existir, nascidas no século anterior. Pessoas estrangeiras, pessoas vindas de lugares distantes ou próximos, mas que de qualquer maneira ela mal sabia onde se localizavam. Gente de sobrenomes desconhecidos, gente que não sabia escrever o próprio nome e ela mesma escrevia o nome do novo empregado e pedia que ele pressionasse o dedo tingido de azul contra a margem da ficha.

Nas mãos dessa moça, durante aquele 1 ano e meio que ela trabalhou na seção de pessoal, passaram pelo menos 2.230 fichas de empregados. Em dois anos pôde escorrer os

dedos e os olhos por mais de meia década de fichas de trabalhadores organizadas segundo a inicial dos seus sobrenomes. Essa jovem de 18 anos, ao mesmo tempo que trabalhou na empresa, pode, quem sabe, perceber a quantidade de pessoas que já haviam feito o mesmo trabalho que ela, que caminharam pelas mesmas ruas, que sentiram o mesmo cheiro da borracha, que se defrontaram com o pó que dificultava a visão dentro da fábrica, que se depararam com o calor na caldeira, com o cheiro de café e de cigarro do escritório, de ter recebido o salário dentro da mesma lata. Mas o mais provável é que ela não tenha pensado em nada disso e tenha apenas vivido a sua própria vida, sem ter a perspectiva do espaço e do tempo em que estava inserida.¹

Utilizamos nesta pesquisa dos mesmos arquivos que aquela jovem manipulava diariamente entre os anos de 1968 e 1969. Ela, supõe-se, era pragmática em seu trabalho: localizava, fazia o que pretendia e arquivava.

Este trabalho utiliza das mesmas 2.230 fichas, denominadas Registros de Empregados e busca reconstituir o perfil do trabalhador da empresa Mercur em seus primeiros 45 anos de existência.

Foram muitas as razões que fizeram com que este trabalho tivesse como objeto de estudo os trabalhadores da empresa santa-cruzense Mercur. O principal está relacionado ao fato do autor ter trabalhado em um projeto de inovação social da Mercur em 2014/2015. Isso possibilitou que tivesse acesso aos arquivos da firma, entrasse em contato com a história oficial da empresa e em contato com funcionários e ex-funcionários da organização. A própria vivência na empresa, o entendimento de sua estrutura física, de suas nomenclaturas e do processo de beneficiamento da borracha compõem o primeiro passo em direção a esta pesquisa.

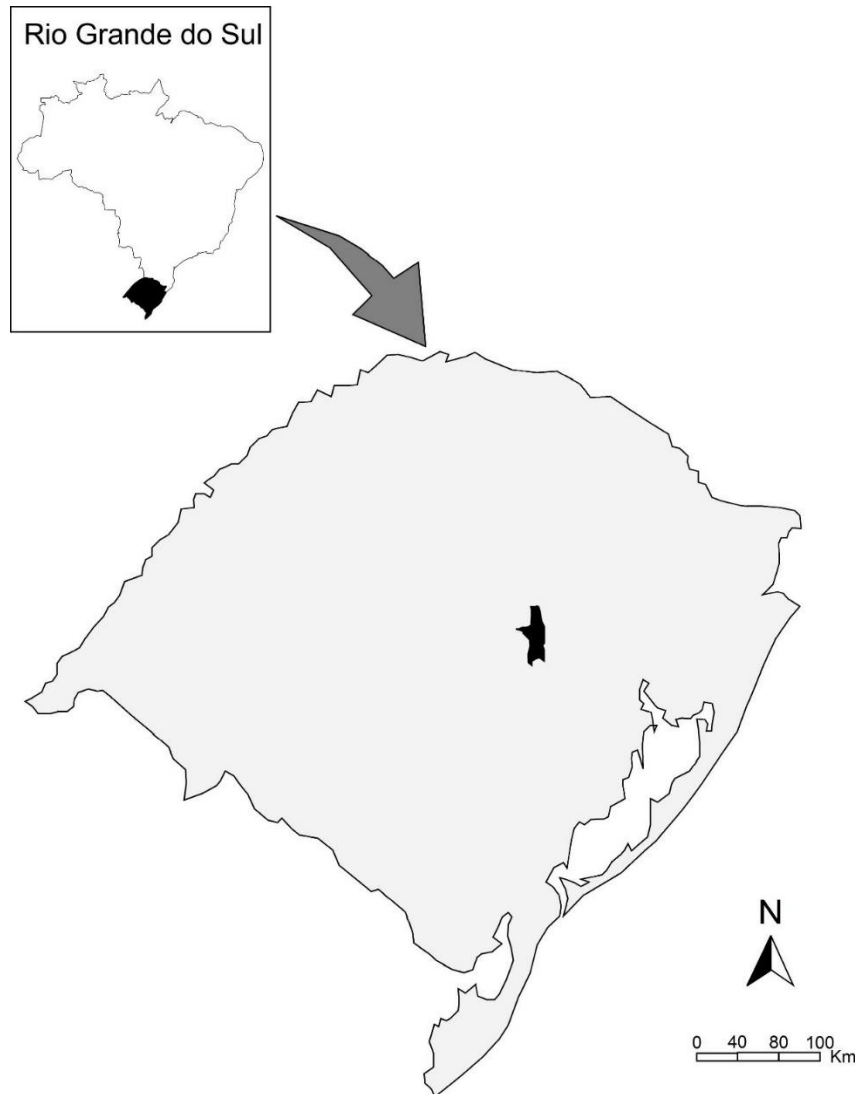
Quando no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional, após idas e vindas a respeito do tema de pesquisa, por momentos afastando-me da área de formação – História -, resolvi rever o que possuía de materiais empíricos e fontes sobre a Mercur. O banco de dados sobre os trabalhadores da empresa, que eu para outros fins havia compulsado anteriormente, mostrou-se uma interessante e viável alternativa de investigação. Entendi que a partir das fichas de empregados eu poderia contribuir para jogar luzes sobre algo que ainda não havia sido escrito: a da formação da classe trabalhadora industrial do município de Santa Cruz do Sul, a partir, é claro, da história e dos trabalhadores da empresa Mercur.

¹ A introdução deste trabalho visou criar, a partir de informações e das características observadas nas fichas de Registros de Empregados, uma história fictícia e uma *persona* como forma de proporcionar uma imersão do leitor nas principais fontes históricas a que o pesquisador esteve debruçado.

Santa Cruz do Sul é um município localizado na parte central do território do Rio Grande do Sul, situando-se a 155 Km (oeste) de Porto Alegre e a 142 Km de Santa Maria. Está localizado na região do Vale do Rio Pardo, fazendo limites com os municípios de Vera Cruz, Rio Pardo, Sinimbu, Venâncio Aires, e Passo do Sobrado. O município tem sua origem histórica no ano de 1849 quando foi criada e povoada por imigrantes germânicos a Colônia Santa Cruz (MARTIN, 1979). Desde sua fundação, a colônia dedicou-se, dentre outros gêneros primários, ao plantio e beneficiamento de fumo (VOGT, 1996).

Transcorridas menos de três décadas, em razão do aumento populacional e do desenvolvimento material alcançado, o antigo território da colônia foi elevado à condição de município, o que aconteceu em 1878 (MENEZES, 2005). A Vila de São João de Santa Cruz, a partir daí, constituiu-se em um interessante polo econômico regional. Isso ocorreu, sobretudo, a partir da República Velha (1898-1930), quando se deu o incremento do beneficiamento de matérias primas produzidas na região, dentre as quais se destacou a banha de porco, a erva mate e o fumo. Mas se deu, também, a partir do surgimento de estabelecimentos que produziam ferramentas e equipamentos para atender a demanda regional da agricultura e da indústria que dava seus primeiros passos. Alguns destes pequenos empreendimentos artesanais e manufatureiros transformaram-se, posteriormente, em importantes indústrias. Juntamente com a região de Caxias do Sul, a Região Metropolitana de Porto Alegre e Rio Grande/Pelotas, Santa Cruz do Sul foi um dos principais focos de industrialização ocorridos no interior do Rio Grande do Sul (ROCHE, 1969, p. 502-506).

Imagem 1 – Localização do Município de Santa Cruz do Sul, no território do Estado do Rio Grande do Sul



Fonte: Instituto Brasileiro de Economia e Estatística. Elaborado pelo autor.

A empresa Mercur foi fundada em 1924 pelos irmãos Jorge Hoelzel e Carlos Hoelzel, com o nome de Hoelzel Irmãos, tendo como mote o conserto das câmeras de pneus dos automóveis da época. No período entre o ano de sua fundação e 1931, caracterizou-se como um empreendimento pequeno, de particularidades artesanais, com produção em pequena escala, mas com produtos de boa aceitação no mercado local (LUDWIG, 1949).

Em 1930, a Hoelzel Irmãos importou máquinas da Alemanha, e com o aumento da produção se transformou, em 1932, na Hoelzel & Cia Ltda. No período entre 1932 e 1949 a firma ainda produzia sob demanda, ou seja, o que os mercados necessitavam a empresa fornecia. Naquele período a empresa expandiu seu mercado, e produtos como borrachas de

apagar, bolsas de água quente e bolas de tênis foram exportados para países da América Latina. Durante a Segunda Guerra Mundial, botes e coletes foram produzidos para o exército brasileiro. Após 1949, a empresa, sob nova denominação, Hoelzel S.A. – Fábrica de Artefatos de Borracha Mercur, cortou cerca de 400 produtos do seu portfólio com o objetivo de formar linhas de produção, já que a fabricação de inúmeras mercadorias tornou-se antieconômica. No ano de 1963, a Mercur entrou no mercado de produtos de plástico, fundando a Hoelzel S.A. – Indústrias de Plástico Mercur. E em 1971 foi criada outra empresa, a Metalplas Artefatos Esportivos.

A delimitação temporal da presente pesquisa compreende o período que vai de 1924 até 1970. A escolha desse intervalo de tempo justifica-se pelos seguintes motivos. O ano de 1924, por ser o da fundação da empresa. A escolha do ano de 1970 como marco final deve-se a uma especificidade da história da Mercur. No ano de 1971, houve a criação da Metalplas, dedicada à produção de materiais esportivos, principalmente raquetes de tênis. A partir de então, a Mercur esteve subdividida em três empresas: a já citada Metalplas, uma empresa de agropecuária e outra de confecção. Por este motivo, analisar um período de maior intervalo de tempo acarretaria em sérias dificuldades à realização da pesquisa. As fichas de Registros de Empregados, principal base empírica compulsada, se multiplicaram a partir de 1971. A partir de então, subdividem-se os arquivos de pessoal impondo ao pesquisador dificuldades de dar conta e de analisar tamanha quantidade de documentos.

A escolha pelo período entre 1924 e 1970 também se deve a fatores referentes ao contexto da indústria no município, que a partir da década de 1960, e mais fortemente na década de 1970, inaugura um período acentuado de internacionalização da indústria do tabaco em Santa Cruz do Sul (VOGT, 1994, p.81). Essa nova conjuntura de desenvolvimento econômico e industrial, possivelmente, refletiu no perfil da mão de obra disponível na Mercur. Nesse sentido, a escolha pelo espaço temporal deve-se ao contexto econômico do município e a questão específica relativa à história da própria empresa

Assim, unindo a disponibilidade do banco de dados referente aos trabalhadores, a compreensão de que o desenvolvimento da Mercur se refletiu e também esteve inserido no incremento industrial de Santa Cruz do Sul, o presente estudo se propõe a responder a seguinte questão: Como ocorreu a formação da classe trabalhadora industrial empregado na empresa Mercur, tendo como aspectos indutores o desenvolvimento da empresa e o contexto de industrialização de Santa Cruz do Sul?

O presente estudo tem como objetivo geral a análise da formação da classe trabalhadora empregada na Mercur, a partir da sua relação com o próprio desenvolvimento da empresa e o contexto de industrialização de Santa Cruz do Sul, entre os anos de 1924 e 1970.

Visa também, compreendidos no objetivo geral, analisar o surgimento da empresa Mercur, e seu posterior desenvolvimento até o ano de 1970. Analisar o perfil do trabalhador. E por fim, analisar a relação dos trabalhadores com a cidade. Com isso objetivamos contribuir para a compreensão da constituição da classe trabalhadora industrial do município, tendo como base análises quantitativas e qualitativas do trabalhador contratado pela Mercur, observando as características próprias, padrões recorrentes e relações com o contexto industrial local e regional.

A pesquisa a respeito da classe trabalhadora no município de Santa Cruz do Sul, ainda está por ser escrita, já que não existem trabalhos que nos precedem nesse tema. Contudo, a temática do desenvolvimento industrial foi, de certa forma, abordada em trabalhos como o de Krause (2002) que focaliza na vida econômica, religiosa e política da elite local durante a República Velha; nos escritos de Rute Godinho e Lilia Montali (1980) que faz uma análise da dinâmica de sua população, seguida de um estudo da história social e econômica, da região, além de investigar a função das instituições sociais sobre o comportamento reprodutivo; em Vogt (1994) que aborda o desenvolvimento da produção do tabaco e das relações de produção empregados na sua obtenção; em Silveira (1997), que aborda o lugar dos trabalhadores safristas da indústria fumageira. Há também o trabalho de Ronaldo Wink (2000) que propõe uma análise da evolução urbana de Santa Cruz do Sul e se constitui num importante estudo e o trabalho de conclusão de curso de Eduardo Bellmann do Nascimento (2013), que foca na história e no desenvolvimento da Companhia de Fumos Santa Cruz (CFSC) e que permite-nos fazer aproximações com a realidade industrial do município. Há, também, o trabalho de Iran Pas (2009) que foca no debate sobre as questões ligadas ao movimento sindical em Santa Cruz do Sul e analisa a ascensão e a crise do sindicalismo no Brasil. Contudo, o autor não foca no mesmo período que este trabalho, detendo-se na análise dos anos 1980 e 1990.

Através desses trabalhos foi possível compreender questões caras para o desenvolvimento industrial do município, como o seu surgimento, o seu desenvolvimento e os reflexos ocorridos no território. Alguns destes trabalhos abordam, de passagem, a classe trabalhadora a partir de suas temáticas mas estão longe de se aproximar com o escopo do presente estudo.

Há trabalhos no Estado que objetivaram traçar o perfil inicial da classe trabalhadora industrial, porém são estudos de outras regiões do RS. Um deles é a obra de Jean Roche (1969) que, ao abordar a colonização alemã no Rio Grande do Sul, apresenta dados e analisa a classe trabalhadora empregada em indústrias da região metropolitana de Porto Alegre. A pesquisa de Valentim Lazzarotto (1981), foi inspirador e auxiliou para a escrita e a organização deste

trabalho. Lazzarotto debruçou-se sobre o perfil dos trabalhadores da Metalúrgica Abramo Eberle, de Caxias do Sul, empresa contemporânea a Mercur e que em vários aspectos se assemelham com o estudo aqui relatado.

Desta forma, mesmo alicerçado em leituras conjunturais sobre o desenvolvimento econômico industrial do município, podemos dizer que esta pesquisa, ao fazer uma incursão inédita a respeito da classe trabalhadora industrial de Santa Cruz do Sul, caminhou por lugares por vezes nebulosos. Julgamos caminhos difíceis, por que pesquisas similares, estando disponíveis, poderiam nos guiar metodologicamente e produzir parâmetros para avançarmos em alguns pontos.

Como aspecto fundamental, tivemos a possibilidade de acesso a documentações raras, dificilmente disponibilizadas aos pesquisadores acadêmicos. Isso faz diferença no nível de aprofundamento que o pesquisador pode alcançar em relação aos detalhes, às características e às especificidades que uma empresa possuiu, sobretudo em relação às suas iniciativas, que definem suas características e também o perfil do trabalhador. Para Eulália Lobo, a dificuldade de acesso às fontes empresariais, diferentemente da Europa, é corrente em todo o Brasil, pois “é muito comum as empresas destruírem os documentos mais antigos ou deixarem-nos sem qualquer critério de classificação, acumulados em depósitos. A regra geral é de criar dificuldades de acesso à documentação” (LOBO, 2011, p.209).

Desta forma, o estudo sobre os trabalhadores da indústria da cidade de Santa Cruz do Sul se faz importante para o entendimento do desenvolvimento da própria indústria, que é um componente indiscutível na transformação do território. O presente estudo tem como fonte empírica as fichas de registro de empregados (REs) da empresa Mercur, sendo um dos aspectos da análise a possibilidade de detectar os locais de moradia dos trabalhadores através do endereço, o que é de fundamental importância para a compreensão do desenvolvimento do espaço urbano de Santa Cruz do Sul. A pesquisa pretendeu, ao constituir o perfil do trabalhador da indústria, abordar aspectos que dizem respeito a ele fora do ambiente de trabalho, mais precisamente, em sua moradia. Soma-se a isso os aspectos que são inerentes na análise do perfil de uma parcela dos trabalhadores de Santa Cruz do Sul, como por exemplo, a detecção da origem, o gênero, a faixa etária, o tempo de serviço e o salário do operariado. Entendemos que essas características são essenciais para a compreensão do fenômeno industrial no município, e logicamente, para a construção do perfil da classe trabalhadora.

Outro fator que colabora para a proposição desta pesquisa é a motivação de melhor entender o contexto do surgimento das primeiras indústrias em Santa Cruz do Sul a partir de estudos de casos. Essa temática ainda se apresenta nebulosa, já que a produção acadêmica

focada no assunto no município tem privilegiado o processo de produção de fumo no campo e o massivo processo de internacionalização da agroindústria do tabaco que ocorreu a partir da segunda metade do século XX (SILVEIRA, 2011). Em contrapartida, o processo de industrialização local na primeira metade do século XX, ainda merece ser estudado e entendido com sua profundidade, especificidades e importância para o desenvolvimento do município.

Soma-se a isso o fato de focarmos em uma indústria como a Mercur, que não possui as mesmas características da indústria do tabaco, pois a sua principal atividade é o beneficiamento da borracha. Este atributo é fundamental para entendermos questões específicas de uma indústria que se constituiu, segundo Castro (1971), como artificial e que por isso, em sua história e desenvolvimento, apresentou formas e iniciativas dispares daquelas apresentadas pela indústria local, sobretudo a fumageira. Nos referimos às características de sua produção e infraestrutura, a influência que a disponibilidade de matéria prima teve em relação ao desenvolvimento, e também à formação de mão de obra específica que fábrica de beneficiamento de borracha exige.

Entende-se que elaborar um perfil da mão de obra que uma indústria como a Mercur demandou por quase meio século colabora para a compreensão do desenvolvimento industrial e urbano da cidade de Santa Cruz do Sul. Nesse sentido, traçar um perfil dos trabalhadores da empresa que hoje é conhecida como Mercur, contribui e lança luzes para compreender o desenvolvimento industrial da cidade de Santa Cruz do Sul e a formação de sua classe operária. Com isso, este estudo inscreve-se no âmbito dos estudos sobre o Desenvolvimento Regional pois, a compreensão do processo de industrialização que a Mercur se insere implica no próprio desenvolvimento do território.

A Mercur, assim como qualquer outra empresa de representatividade para a economia do município de Santa Cruz do Sul, demandou matéria prima de outras regiões do Brasil. Sua produção compreendeu mercados para além do regional, e sobretudo, a partir de seu desenvolvimento faz parte do conjunto de empresas que na primeira metade do século XX promoveu o processo endógeno de industrialização do município. Nesse contexto, foi indutora e absorveu parte da mão de obra disponível no município, sendo este um dos aspectos fundamentais para a legitimação deste estudo no âmbito dos estudos sobre o desenvolvimento regional.

A presente dissertação, como assinalado anteriormente, propõe como problema verificar o perfil do trabalhador industrial de Santa Cruz do Sul, com base no estudo de caso da mão de obra empregada na empresa Mercur. A respeito da constituição do perfil dos trabalhadores, ou melhor dizendo, sobre a constituição da classe trabalhadora, utilizaremos o autor inglês, Edward

Palmer Thompson pois compreendemos que o modo como se utiliza do conceito de classe operária e de sua formação é o mais apropriado para o estudo que nos propomos fazer.

Com Thompson pretendemos, neste trabalho e sob esta perspectiva de análise, reconstruir o processo que antecede o de formulação da consciência de classe, que é, *grosso modo*, o processo histórico que fez com que trabalhadores convergissem a um determinado lugar e possibilitassem, a partir daí, criar ou não, um sentimento de pertencimento, de unidade em torno de uma classe. Ou seja, se o presente trabalho não trata precisamente da consciência de classe, ele pretende ao menos descortinar a origem e os lugares de procedência dessas pessoas, mas também pretende se aproximar das pessoas que viveram o processo histórico de industrialização de Santa Cruz do Sul na pele. Para tanto, nos referenciamos no trabalho de Thompson, mas especificamente na tríade *A Formação da Classe Operária* (I, II, e III) em que o historiador procura resgatar as histórias dos trabalhadores, seus ofícios, características sociais como modos e condições de vida, trabalho infantil, trabalho urbano e rural (THOMPSON, 1987, vol.II, p.203).

Nesse sentido, queremos dizer que não entendemos a classe como uma categoria solidificada e anterior ao fenômeno histórico. Ao contrário, segundo Thompson, a classe, é a categoria:

que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma estrutura, nem mesmo como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas. (THOMPSON, 1987, p.9).

Ao nos atermos na condição histórica da industrialização de Santa Cruz do Sul e nos reflexos socioculturais e econômicos desta, estamos analisando o processo que proporcionou, no início e ao longo de todo o século XX, um contexto, um ponto convergente, para homens e mulheres, jovens, adultos e crianças advindos de lugares heterógenos - muitas vezes de cotidiano e cultura camponesa e agrícola - para um novo cenário constituído por fábricas e máquinas, prédios, bairros, e adensamento das periferias.

Segundo Thompson (1980, p.10), um dos determinantes para a constituição de uma classe é “quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus.” A afirmação do autor, acerca da constituição da classe trabalhadora, pode não confluir com todas as especificidades que podemos encontrar nas fontes que projetamos compulsar. As fontes empíricas não nos fornecem

maiores informações acerca do conflito entre industriais, mas nos balizam para entendermos as “experiências comuns”, os padrões, os lugares em comuns, que proporcionaram aos operários partilharem, não somente o chão, mas anseios e experiências. Nessa perspectiva, partimos neste trabalho do entendimento de que a classe é “determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais” (THOMPSON, 1987, p. 10). Dessa forma, se ao longo do período que a pesquisa compreende, em Santa Cruz do Sul foi possível criar um sentimento de unidade entre os trabalhadores, isso só foi possível sob um contexto específico, e é este contexto específico que queremos desvelar.

Thompson rompe com a ideia cristalizada pela teoria marxiana de que a classe é algo preexistente à própria formação da classe pela comunhão dos trabalhadores. Isso aparece claramente na obra *A Formação da classe operária*, um estudo que, pela ênfase na dimensão cultural da classe e pela riqueza de uma análise, reconstituí importantes aspectos da vida comunitária dos trabalhadores "pré-industriais". Portanto, para Thompson a classe é construída pela experiência (MATTOS, 2014, p.13). Para o autor, não podemos entender a classe a menos que a vejamos como uma formação social e cultural, surgindo de processos que só podem ser estudados quando eles mesmos operam durante um considerável período histórico” (THOMPSON, 1987, p.12).

O que pretendemos investigar com esta abordagem são os meios pelos quais indivíduos vieram a ocupar o postulado de operário. Com isso queremos examinar um período em que, através das mudanças sociais acontecidas, podem ter ocorrido “padrões em suas relações, suas ideias e instituições”. Por isso Thompson defende que “a classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história, e ao final, esta é sua única definição” (THOMPSON, 1987, p.12).

Thompson, no livro *A miséria da teoria, ou, um planetário de erros: uma crítica a Althusser*, contribuiu para a superação do determinismo em relação à formação da classe. Para o historiador não há possibilidade de separarmos classe e consciência de classe já que ambas devem ser consideradas conjuntamente. Nesse sentido, há uma diferença entre consciência e experiência de classe. A primeira se faz, em grande parte, condicionada pelas relações de produção em que os homens estão inseridos. Quanto a segunda, a consciência, “não é determinada e, embora tenha uma lógica não se lhe pode extrair nenhuma lei (LONER, 2001, p.30).

Para Thompson,

as formações de classe [...] surgem no cruzamento da determinação e da auto-atividade: a classe operária “se faz a si mesma tanto quanto foi feita”. Não podemos colocar ‘classe’ aqui ‘consciência de classe’ lá, como duas entidades separadas umavindo depois da outra, já que ambas devem ser consideradas conjuntamente – a de maneiras conscientes. Nem podemos deduzir a classe de uma ‘seção’ estática (já que é um vir a ser no tempo) nem como uma função de um modo de produção, já que a formação de classe e a consciência de classe (embora sujeitas a determinadas pressões) se desenvolveram num processo inacabado de relação – de lutas com outras classes – no tempo. (THOMPSON, 1981, p.121).

Como salientamos anteriormente, não é objetivo deste estudo trabalhar com a consciência de classe e sim com a experiência de classe, embora as duas sejam interdependentes. Contudo, é o ambiente em que se deu a experiência da classe trabalhadora, desde os fatores específicos aos mais gerais, responsáveis por sua constituição, que estamos nos propondo ao analisar o perfil do trabalhador da Mercur. Em outras palavras, o estudo do perfil dos trabalhadores da Mercur é um caminho metodológico para a compressão da formação da classe trabalhadora industrial do município.

Sabemos que existem muitos outros fatores que, juntos, perfazem a formação da classe trabalhadora, como a organização operária, as manifestações de classe, lugares catalizadores de doutrinação e ideologias operárias, como sindicatos, partidos e jornais, que na história da classe operária são instrumentos de propagação e de coesão da mesma. Contudo (e esta pode ser uma lacuna que deixamos em aberto), este trabalho, guiado pelas fontes disponíveis, foi levado a compreender um aspecto que diz respeito ao contexto histórico e do desenvolvimento da composição da classe operária.

Nos referimos aos fatores históricos, à origem e à história anterior desses diversos segmentos que compõem o operariado e o trabalhador industrial em geral, o gênero, a posição destes em relação à sociedade local e da própria empresa, são fatores importantes na formação de uma identidade operária comum. Soma-se a isso “o tipo de trabalho, especializado ou não, a quantidade e concentração do operariado, o ritmo de desenvolvimento da indústria e a expectativa dos operários, com relação ao futuro, são também fatores que influenciam no seu comportamento” (LONER, 2001, p.20).

Ao nos propormos analisar a relação do trabalhador industrial com o desenvolvimento urbano, estamos elaborando o outro lado da face do perfil do trabalhador que, também é afetado a partir das determinações que partem das organizações em direção a sua vida particular, embora não esteja mais circunscrito ao ambiente da fábrica - com suas terminologias, espaços e tempos (LENCIONI, 2008, p. 114).

Maria Auxiliadora Guzzo Decca, na obra *A Vida fora das Fábricas*, traz uma perspectiva interessante para compreender o que Thompson define como padrões e histórias em comum,

bem como sobre a vida do trabalhador fabril. O controle do cotidiano operário ocorreria não somente dentro da fábrica, mas também fora do espaço fabril através do controle da vida dos trabalhadores. Salienta a pesquisadora que esse controle fora do espaço da fábrica era complexo e envolvia diferentes elementos de controle (DECCA, 1987, p.49-50 e 56).

Outro aspecto a respeito desse controle sobre a mão de obra operária revela-se mais acentuado quando se aborda a realidade daquelas pessoas que migraram de contextos extremamente distintos daqueles vivenciados em cidades em que a industrialização se fazia mais robusta. É o caso da situação explicitada por Thompson a respeito do trabalho infantil nas fábricas da Inglaterra em 1780. Para o autor, a criança era uma parte intrínseca da economia industrial e agrícola, porém até o advento da indústria, a criança estava circunscrita ao trabalho doméstico ou praticado no seio da economia familiar. Com a industrialização, o trabalho que antes era desempenhado pela criança e não se “prolongava interruptamente, seguindo um ciclo de tarefas” e respeitando “a capacidade e a idade da criança, intercalando-o com a entrega de mensagens, a colheita de amoras, a coleta de lenha e as brincadeiras”, foi interrompido (THOMPSON, 1987, p.205). Cabe registrar que durante o período estudado, na empresa Mercur havia um significativo número de trabalhadores de idade entre 12 e 17 anos.

A ruptura na vida das pessoas que migraram do campo para a cidade, como é o caso do contexto que este trabalho focaliza, em muitos aspectos remete à realidade exposta por Edward Thompson. Sobretudo no que diz respeito ao ritmo de trabalho, influenciado pelo processo produtivo e pelas horas de trabalho. Segundo Godinho (1980), a migração rural-urbana foi uma das grandes responsáveis pela constituição da mão-de-obra da indústria de Santa Cruz do Sul.

Friedrich Engels, na obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, em relação aos operários Ingleses do século XIX, comenta que todas “as cidades possuem um ou vários “bairros” de má reputação” onde se concentra a classe operária. É certo que é frequente a pobreza morar em vielas escondidas, muito perto dos palácios dos ricos [...]”. A característica urbana de segregação notada por Engels na Inglaterra, torna-se, com óbvias alterações nos espaços onde a industrialização se instalou, uma ocorrência histórica não importando o lugar. (ENGELS, 1985, p.38). Nesta pesquisa, a partir da literatura consultada, verifica-se, dependendo do recorte temporal da expansão urbana de Santa Cruz do Sul, vários locais considerados periféricos e com sua população estigmatizada (SILVEIRA, 1997, p. 69).

A partir dos preceitos lançados por Thompson, o presente trabalho pretende analisar o perfil dos trabalhadores da empresa Mercur desde a sua fundação, tendo como base o desenvolvimento industrial de Santa Cruz do Sul e o desenvolvimento da própria empresa. Se, para Thompson a classe se constitui na experiência, no cotidiano e na própria ação, mas

também, pode ser vislumbrada com base nas suas características comuns e padrões, compreendemos que, tanto os dados quantitativos a respeito do perfil do trabalhador (sua origem, sexo, etnia, cor, cargo, moradia e idade) quanto as informações que dizem respeito aos motivos da migração do local de origem, de como o gênero influenciava na empregabilidade e no cotidiano da fábrica e de como eram as condições de moradia, possibilitam compreender o perfil do trabalhador da Mercur, seja no contexto da empresa propriamente dito, seja no espaço da cidade.

Este trabalho está conceitualmente dividido em duas partes, a primeira que é compreendida pelo capítulo 2, focaliza na história da industrialização do Rio Grande do Sul e de Santa Cruz do Sul, traçando também algumas considerações a respeito do trabalhador industrial do município. Ainda neste capítulo, detemos nossa atenção à origem da Mercur e seu desenvolvimento, além de elaborarmos uma biografia dos fundadores da empresa com base em fontes primárias. Para isso utilizamos o método biográfico como forma de dar conta da análise da vida dos fundadores da Mercur.

Já os demais capítulos (3, 4 e 5) detém-se ao perfil do trabalhador, respectivamente, sua origem geográfica e étnica, a mão de obra disponível, e a relação do trabalhador com a cidade.

Para a captação dos dados qualitativos e quantitativos sobre o perfil do trabalhador industrial trabalhou-se, basicamente, com fontes documentais e fontes orais.

Foram as seguintes as fontes documentais e suas respectivas técnicas de pesquisas empregadas na elaboração desta dissertação:

- a) Fichas de Registros de Empregados (REs). A documentação encontra-se no arquivo morto do setor de Talentos Humanos da Mercur e é a principal fonte de informações a respeito dos trabalhadores da empresa. A partir dessa documentação cadastral dos trabalhadores foi possível criar um censo do período entre 1924 a 1970.

Os REs possuem Número da série, Nome e sobrenome, Idade, Data de Nascimento, Fotografia, Data da Admissão, Data da demissão, Cargo, Salário, Nacionalidade, Endereço, Lugar de nascimento, forma de pagamento, acidentes e observações a respeito da conduta do funcionário. Foi feita a sistematização e compilação dos dados dos 2.230 REs no programa Excel, e a partir das informações contidas nos documentos foram produzidas mais informações, como: Tempo de serviço (subtraindo a data de demissão pela data de admissão), Etnia (pelo sobrenome e fotografia), Idade na Data de Admissão e Demissão (através do cruzamento com a data de nascimento), município de origem, bairro (através do endereço), cor (pela fotografia) e observações sobre a conduta do trabalhador. (Ver em ANEXO A)

A respeito da análise dos dados utilizamos o *software Tableau Public*. Trata-se de um programa para criação, edição e visualização de dados. O *software* cria – a partir da importação das informações contidas em planilha do Excel - gráficos e infográficos nas mais diversas formas, após alimentado com informações como medidas, quantidades, datas ou qualquer outra coisa que precise ser apresentada de outra maneira que não a escrita. Após o cruzamento de informações no programa, os gráficos e tabelas são exportados para análises quantitativas e qualitativas.

- b) A imprensa escrita local, nomeadamente os jornais Kolonie nas edições dos anos 1924, 1925 e 1926; E o jornal Gazeta do Sul (26/01/1945 a 31/12/1970). Ambos os periódicos se encontram no Centro de Documentação (CEDOC) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Buscou-se a partir dos jornais matérias, anúncios e textos relacionados à Mercur, e paralelamente, ao trabalhador do município e as conexões desses com o espaço urbano de Santa Cruz do Sul.
- c) Mapas políticos do Estado do Rio Grande do Sul dos anos 1934, 1944, 1960, e 1966. A escolha dos mapas obedece a divisão de fases do desenvolvimento da empresa que foram determinadas no capítulo 2 e conferem a última formatação do território rio-grandense até o final destas fases. Tais fontes foram utilizadas no capítulo 3 a respeito da origem dos trabalhadores e aliaram-se às informações dos RE para a localização dos municípios de origem. A referência é o livro *Evolução municipal: Rio Grande do Sul 1809-1996*.
Para o tratamento dos mapas à pesquisa utilizamos o software Macromedia Freehand que possibilitou usar mapas já existentes como base e adapta-los aos nossos objetivos. A ferramenta foi utilizada também na adaptação as plantas históricas da cidade de Santa Cruz do Sul que a seção seguinte especifica.
- d) Plantas da cidade do município de Santa Cruz do Sul dos anos 1922, 1940, 1956 e 1968. Buscou-se através dos mapas ter a dimensão aproximada da proporção do espaço urbano, e a partir disso determinar a residência dos trabalhadores aliando as informações contidas nos REs. As plantas também possibilitaram a compreensão do desenvolvimento urbano e abranger praticamente todo o período de existência da empresa Mercur. As três primeiras estão no CEDOC-UNISC e a última, em versão impressa, no setor de Geoprocessamento da Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul.
- e) Relatórios da Prefeitura de Santa Cruz do Sul de 1930 a 1937. Os relatórios fornecem informações da produção industrial do município (em Kg e valor). A análise dos números possibilitou acompanhar o desenvolvimento econômico da Mercur na década de 1930.
- f) Manuscritos e livros relacionados à história da Mercur, disponibilizados pela própria empresa.

- g) Arquivos pessoais. Com a pesquisa de campo foi possível localizar pessoas ou parentes de pessoas que trabalharam na empresa que disponibilizaram documentações, como fotografias, carteiras de trabalho, comprovantes de escolaridade, cartas, etc.
- h) Fontes iconográficas. A coleta de fotografias foi efetuada e utilizada ao longo da pesquisa a fim de ilustrar a construção da narrativa, no sentido de ilustrar algum fato histórico, o cotidiano da fábrica, a expansão da área urbana do município e a situação pela qual os trabalhadores viviam.

As fontes orais foram abordadas a partir da metodologia da História Oral. A história oral - encontrando-se dentro de uma linha metodológica qualitativa, deu voz a setores mais segregados da sociedade. A história oral mostrou-se eficiente método de análise dos microcosmos e dos atores envolvidos. Através da história oral buscou-se registrar impressões, vivências, lembranças de indivíduos que se dispuseram a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de certa forma, não conheceríamos. Para Verena Alberti a história oral pode ser entendida como:

um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, apud MATOS e SENNA, 1989: 52).

Neste sentido, depoimentos fornecidos por pessoas em determinados contextos sociais e históricos, sejam eles vividos em comunidades ou lugares específicos como indústrias, tal qual é o caso desta pesquisa, transmitem suas experiências de forma singular. Porém estas percepções próprias são “percepções verdadeiras do real, emitidas pelo depoente, que assim compreende e se apropria do mundo ao seu redor. Ao tornar pública sua percepção, está de alguma forma, contribuindo para a elucidação parcial de alguma situação” (THOMPSON apud MATOS e SENNA, p. 98).

Esta “elucidação parcial da situação”, de acordo com a metodologia adotada por algumas pesquisas do campo, significa que, embora as fontes orais possam ser autossuficientes para a reflexão do pesquisador e da análise em sua pesquisa, ela é obviamente subjetiva, estando enlaçada às crenças, ideologias e saberes do sujeito entrevistado. Outro elemento que atravessa e constrói os discursos é a memória. A memória dos indivíduos, é importante deixar claro, só tem sentido em função de sua inscrição no conjunto social das demais memórias, pois do contrário não faria sentido dentro da perspectiva da história oral (SEBE, 2002, p. 54).

A partir deste pressuposto o pesquisador pode utilizar-se de outros tipos de documentação, para que a fonte oral fosse confrontada, não como complementação, mas entendendo que há coisas que os documentos não orais não alcançaram (como a memória das pessoas) e há – como no caso desta pesquisa – documentos de ordem institucional que as pessoas desconhecem. Ou seja, elas interagem através do cruzamento de suas informações. Portanto, a História Oral colaborou para esta pesquisa no preenchimento de lacunas e na captação de informações que permitam responder a questões que os documentos não dão conta.

A pesquisa de campo para a obtenção das entrevistas, iniciou a partir do próprio banco de dados dos REs. Para isso filtramos os trabalhadores admitidos na década de 1960, pois supomos que estes ainda pudessem estar vivos. Os nomes foram cruzados com a lista telefônica e foram localizadas 31 pessoas. Destas conseguimos 12 entrevistas, as demais pessoas não foram acessadas por motivos de saúde e algumas já haviam falecido. O trabalho de campo também possibilitou que os entrevistados indicassem outros trabalhadores contemporâneos a eles.

As entrevistas foram semiestruturadas tendo como temas gerais as questões que permeiam os objetivos dos capítulos a respeito do perfil do trabalhador, e a respeito de sua relação com a cidade. Mais especificamente as entrevistas visaram certa liberdade e dinâmica de uma conversa sobre a história de vida dos entrevistados e sua ligação com a Mercur. Contudo, respeitamos os seguintes temas norteadores: Origem (motivos, deslocamento, pretensões), Condição social, Lugar de residência (cotidiano, infraestrutura do bairro, mobilidade), o trabalhador e a Mercur (condições de trabalho, como conseguiu emprego, cargo e cotidiano na fábrica). (Ver em Apêndice A)

Foi utilizada ainda uma entrevista com um trabalhador da Mercur que foi realizada no ano de 2014. O trabalhador foi admitido em 1974, mas por possuir 40 anos de empresa e ter trabalhado em uma estrutura produtiva que caracterizou a segunda metade do século XX, nos utilizamos de seus relatos.

Por fim foram utilizadas entrevistas de um ex-diretor da Mercur, e do atual Facilitador da empresa e membro da família detentora das ações da empresa, Jorge Hoelzel Neto.

Além da presente introdução e das considerações finais, o trabalho conta com mais três capítulos. No segundo capítulo, intitulado A Mercur no processo de industrialização de Santa Cruz do Sul, objetivamos não somente dar conta do processo geral de industrialização do Estado e do município de Santa Cruz do Sul, mas focarmos na história da empresa Mercur. Foram discutidos os fatores determinantes para sua origem, caracterizamos suas fases de desenvolvimento entre 1924 e 1970 a partir de fatores externos e internos que dizem respeito

as decisões da própria empresa. Faz parte deste capítulo, a análise biográfica dos fundadores da empresa, mais precisamente de Jorge Emilio Hoelzel e de suas relações na comunidade de Santa Cruz do Sul.

A partir do terceiro capítulo tratamos do perfil do trabalhador, partindo da temática da origem. Para tratar da procedência do trabalhador da empresa, organizamos o capítulo em períodos correspondentes às fases da empresa. Em seguida focamos na origem dos trabalhadores estrangeiros. Por fim na origem étnica dos trabalhadores brasileiros.

O quarto capítulo trata do perfil da mão de obra disponível. A partir da distinção dos trabalhadores segundo o sexo, traçamos o perfil dos trabalhadores homens e das trabalhadoras mulheres de acordo com os seguintes quesitos: função, tempo de permanência na empresa, salário e faixa etária. Este último aspecto deu origem ao último subcapítulo que trata da mão de obra jovem e infantil, que se fez presente e é importante para a compreensão do perfil do trabalhador da Mercur.

O quinto também traça o perfil do trabalhador, contudo, a partir de sua relação com a cidade. Propomos, junto a localização dos trabalhadores em suas residências, acompanhar o crescimento urbano do município, bem como identificar a partir do decorrer do período entre 1924 e 1970 as mudanças dos espaços habitados pelos trabalhadores. Por fim trabalhamos com a localização dos trabalhadores a partir do cargo na empresa.

Por fim, este trabalho conta com a exposição das considerações finais onde dialogamos com as reflexões que fizemos durante o desenvolvimento desta dissertação, apresentando os resultados a respeito da constituição da classe trabalhadora industrial.

2 A MERCUR NO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO DE SANTA CRUZ DO SUL

Este capítulo está vinculado ao primeiro objetivo deste trabalho: analisar o surgimento da empresa Mercur, e seu posterior desenvolvimento até o ano de 1970. Num primeiro momento tratamos de contextualizar o processo de industrialização do Rio Grande do Sul, para em seguida adentrar no caso específico do município de Santa Cruz do Sul. O capítulo ainda conta com uma análise sobre a história da empresa e suas fases de desenvolvimento, e por fim uma análise sobre a família à frente da Mercur e suas relações e representatividade na comunidade.

2.1 Considerações sobre a industrialização no Rio Grande do Sul

No presente tópico, são abordados os escritos de alguns autores que realizaram pesquisas que, de alguma forma, dialogam com os objetivos propostos nesta pesquisa. Debruçamo-nos, em especial, sobre aqueles autores que tratam do surgimento e desenvolvimento inicial da indústria no Rio Grande do Sul, e em seguida, na cidade de Santa Cruz do Sul. Adentramos no processo de industrialização do município que culminou no aparecimento das primeiras indústrias, e nas informações sobre os trabalhadores das indústrias da cidade.

No que se refere à constituição do operariado ou dos trabalhadores da indústria, que é nosso foco direto de pesquisa, há trabalhos similares que tratam de casos específicos de indústrias existentes no município de Caxias do Sul, como o de Valentim Lazzarotto (1981) e na região metropolitana de Porto Alegre, de Jean Roche (1969). Nessas obras é abordado o perfil da classe operária nas indústrias criadas, respectivamente, por italianos e seus descendentes e por alemães e seus descendentes. Tais trabalhos trazem o perfil do operariado de indústrias naturais do RS, que surgiram em regiões similares em sua constituição histórica – também originariamente colônias de imigrantes - como o caso de Santa Cruz do Sul.

Em relação ao Município de Santa Cruz do Sul, na literatura disponível acerca da temática da industrialização, destacam-se dois trabalhos: a dissertação de mestrado de Silvana Krause, *Migrantes do Tempo, Vida econômica, política e religiosa de uma comunidade de imigrantes alemães na República Velha*, e o trabalho publicado em 1980 pelo CEBRAP, *Estudos de população – VI estudo de caso: dinâmica populacional, transformações socioeconômicas, atuação das instituições*. Ambos os trabalhos trazem informações de cunho histórico e dados censitários relativos ao processo de industrialização e do desenvolvimento do capitalismo no município.

Para introduzirmos o capítulo sobre este processo em Santa Cruz do Sul é necessário, antes, tecer algumas considerações sobre o processo de industrialização no RS e a respeito da origem do seu desenvolvimento. De um modo geral, os autores concordam que a formação da indústria no Estado se deu por um processo diferenciado em relação ao centro econômico do País, característica que dará à indústria rio-grandense características específicas (KRAUSE, 2002 p.25). Diferentemente de São Paulo, que, conforme Boris Fausto (1997, p.13-14) estado no qual a economia e a acumulação de capital se deu por vias de uma atividade agrária exportadora, no caso, a cultura, o beneficiamento e a exportação do café, no Rio Grande do Sul, deu-se de outra forma.

A transição da economia agro-pecuária para uma economia urbano-industrial ocorre predominantemente por vias de uma “acumulação interna” (comercio baseado no mercado interno). Esta “indústria”, basicamente centrada nas zonas colônias, surge conjuntamente com uma difícil e lenta modernização da grande propriedade agrária. (KRAUSE, 2002, p.25).

Nas regiões coloniais, inicialmente naquelas fundadas pelos imigrantes germânicos e, em seguida, as fundadas por colonos italianos, a economia regional imigrante propiciou a existência de diversas atividades produtoras não capitalistas, como o artesanato doméstico e a agricultura colonial, que, a partir da comercialização de diversificada gama de artigos, como objetos de selaria, tecidos, azeite, licores, charutos, banha, vinho, chapéus de palha, ferramentas para lavoura, cerveja, etc, proporcionaram ao comerciante que vendia ou transportava uma acumulação de capital básica para o surgimento da indústria (FONSECA, 1985, p. 271; PESAVENTO, 1985, p.29).

Para Sandra Pesavento (1985, p.30), tem-se como “dado básico para a origem do processo de industrialização, no Rio Grande do Sul, a onipresença do capital comercial. O que variou, contudo, foi a forma pela qual este capital-dinheiro acumulado no comércio transformou-se em capital industrial”.

Na mesma linha, Jean Roche (1969, p.479) argumenta que, ater a filiação da indústria a uma evolução do artesanato, é recorrer a um postulado. Nem todas as oficinas se transformaram em fábricas, como também nem todas as fábricas tiveram origem nas primitivas oficinas. Muito longe disso. Para o autor, o impulso da indústria no Rio Grande do Sul, não se deu somente pela acumulação de capital, pois, elementos externos ao Estado, como a navegação de cabotagem, a constituição de uma rede de venda no Centro e Norte do Brasil, foram determinantes para a economia interna, uma função mais importante que a existência do artesanato nas colônias. Com efeito, o artesanato não gerou a indústria, como o imaginaram

inicialmente. A filiação não é verdadeira senão no que tange a algumas atividades manufatureiras nascidas do artesanato urbano (ROCHE,1969, p.503). Ainda o autor, no tópico sobre a escala regional da industrialização, chama a atenção para a Proclamação da República e a adoção de um novo modelo de produção não escravista e uma política protecionista da República Rio-grandense, como preponderantes na evolução da indústria regional (ROCHE,1969, p.506).

As teses apresentadas anteriormente acerca da gênese do processo de industrialização no Rio Grande do Sul vão de encontro à interpretação do trabalho pioneiro de Limeira Tejo *A indústria rio-grandense em função da economia nacional (1937)*, “que defendia a ideia de que as primeiras indústrias do Rio Grande do Sul advinham primordialmente de uma origem artesanal, fruto de conhecimentos técnicos trazidos pelo imigrante”. A apreciação de Krause (2002, p.26) sobre a concepção de Tejo, alinha-se aos dois entendimentos anteriores. Para a autora, Tejo pressupunha um “desenvolvimento linear e contínuo da oficina que foi se desenvolvendo a partir da “abnegação” e árduo trabalho”.

Roche (1969, p.503) problematiza a tese do crescimento linear da indústria no Rio Grande do Sul. O autor ressalta que “na maioria dos casos, não foi a oficina da picada que se desenvolveu até tornar-se fábrica”, embora em alguns casos, e em algumas cidades, “pequenas chaminés se ergueram no local de edifícios mais modestos, outrora ocupados por artesãos”. Ao ponderar a questão, Roche não cristaliza a origem da indústria rio-grandense, admitindo, portanto, que algumas, sim, podem ter surgido do artesanato urbano. Contudo, outras variáveis relacionadas ao campo econômico e da infraestrutura de transportes também teriam sido determinantes para o desenvolvimento desses empreendimentos específicos.

Da mesma forma, Eugenio Lagemann (1978) defende a tese de que são problemáticas as generalizações da origem da indústria gaúcha. O autor acredita na função do artesanato na acumulação comercial. Sendo assim, é a acumulação comercial a promotora da industrialização, pois é este capital que permitirá a melhoria qualitativa do abastecimento fabril.

Fusões, associações e diversificação na aplicação e origem do capital marcam sua história, bem diferente do imaginado crescimento linear, de dentro para fora, simples acréscimo quantitativo. (...) É no momento do salto qualitativo, o que poderia, por exemplo, significar a passagem do artesanato para a indústria, ou sendo já indústria, atingir um nível tecnológico mais alto, que se deve buscar a explicação da evolução. Aí está, muitas vezes, o ‘elemento novo’, o capital comercial, anteriormente acumulado. (LAGEMANN, 1978, p. 50).

Sandra Pesavento (1985), porém, agrega mais um elemento importante nesse sentido. Segundo ela, alguns estabelecimentos já surgiram como indústrias. Ou seja, anteriormente à

constituição das indústrias, como é o caso de empreendimentos surgidos nos núcleos coloniais e em Porto Alegre, como a cervejaria Ritter, em 1984, e a fábrica de capas impermeáveis em Caí, montada por A.J. Renner, em 1911, que são empreendimentos resultantes de investimentos de capital ou preconcebido em atividades anteriores que proporcionaram aos empresários capital necessário para investir em maquinário e estrutura. Portanto, em casos como esses, “a indústria já nasceu pronta, ou seja, o comerciante aplicou seu capital na montagem de uma empresa que já surgiu como indústria propriamente dita”, caracterizando-se “pelo uso de máquinas associado ao emprego de ferramentas, significativo capital inicial e utilização de força-trabalho assalariada” (PESAVENTO, 1985, p.32).

Existe, portanto, um consenso entre os pesquisadores abordados de que o capital comercial foi elemento fundante da indústria regional, sobretudo naquelas dos núcleos coloniais. Embora haja divergências, principalmente em relação à tese de Tejo, que devota ao artesanato um papel essencial na formação industrial-manufatureira rio-grandense, os pesquisadores da história da industrialização consideram que as generalizações sobre a origem podem se sobrepor a uma explicação mais dedicada às especificidades.

Para situarmos o processo histórico da expansão industrial, podemos dizer que o surto industrial expressivo se deu nos fins do Império e durante a República Velha, por motivos explicitados por Roche (1969), como um modo de produção capitalista promovido pela abolição da escravatura e a substituição por uma mão de obra assalariada, tarifas protecionistas entre outros.

2.2 A industrialização de Santa Cruz do Sul e surgimento da classe trabalhadora industrial

O desenvolvimento industrial em Santa Cruz do Sul, principalmente em sua área urbana, acompanhou o desenvolvimento industrial do âmbito regional e suas características endógenas de desenvolvimento. Para explicar o desenvolvimento econômico que culminou no desenvolvimento da indústria no fim do século XIX, portanto, no início da República Velha, utilizaremos a periodização feita nos estudos do CEBRAP, que, por sua vez, estão fundamentados no trabalho de Jean Roche. Além desses autores, balizamo-nos em Krause (2002) para nos aproximarmos da realidade de Santa Cruz do Sul, como forma de analisar especificamente a história da origem da empresa Mercur, fundada em 1924, e que é foco principal deste estudo.

A primeira fase, entre 1849 e 1859, é caracterizada pela economia de subsistência, já que a data marca o início da colonização da região pelos imigrantes germânicos. A produção supria as necessidades básicas e o consumo de bens que não fossem “caseiros” não existia. O principal meio de acesso a outras mercadorias se dava por meio da troca entre os colonos. A partir do primeiro ano, a colônia experimenta um intenso fluxo de imigrantes, chegando, depois de cinco anos – em 1854 – a 860 pessoas e, em 1859, a 2.723 pessoas. (Krause, 2002, p.40).

Krause apresenta dados sobre o perfil profissional desses imigrantes. Segundo a autora, “apesar de a maioria dos imigrantes ser composta de agricultores e ocupar-se da agricultura, sabe-se que muitos eram artesãos, como por exemplo em um grupo de 71 chefes de família [...] entre os quais 25 artesãos e 46 agricultores” (KRAUSE, 2002, p.41).

No ano de 1859, com a Lei nº 432 de 08 de janeiro de 1859, a colônia é elevada à categoria de Freguesia, ligada à povoação de Rio Pardo. Esse marco fecha o período.

A segunda fase, que se refere ao período entre 1860 a 1881, é caracterizada por uma economia basicamente centrada na agricultura e produção de excedentes para a exportação a centros urbanos pré-existentes, um dos motivos pelos quais as colônias foram criadas. A população experimenta um crescimento intenso devido a levadas de novos imigrantes: em 1860, a estimativa é de 2.500 habitantes, no início da próxima década, havia 5.808 habitantes, e, no final do período 18.000 habitantes. (KRAUSE, 2002, p.42).

No que se refere à produção agrícola, a ex-colônia, depois Freguesia, e por fim município autônomo, ascende vertiginosamente, o que eleva também a movimentação da rede comercial, já que o mercado absorvia o excedente (ROCHE, 1969, p. 311). Da mesma forma o furo que no ano de 1861, somava 82.500 Kg, e no final do período, 1.600.000 Kg.

A partir de uma produtividade agrícola ascendente há mais de duas décadas, desenvolveram-se, concomitantemente, as casas comerciais. Segundo Godinho, em 1866 já haviam casas comerciais na povoação, e são essas casas comerciais que, ao ocuparem-se não somente com o comércio local, mas com a exportação dos produtos agrícolas, “além de funcionarem como ‘banqueiros’ guardando e emprestando dinheiro aos colonos”, controlavam os preços e tinham, assim, o monopólio das exportações. Esse procedimento, aliado ao investimento nos transportes pelo governo da Província, “proporcionou aos comerciantes um também mais intenso processo de acumulação” (GODINHO, 1980, p.48).

Em Santa Cruz do Sul, bem como em outras regiões de origem diretamente ligada à colonização, nesse período, as atividades ligadas à subsistência continuavam a existir, porém, esse é um período marcado pela diversificação e comercialização de produtos coloniais, bem como o artesanato (KRAUSE, 2002, p. 49).

Um exemplo geral dessa configuração foi a exposição provincial de 1875. Ela oferece um panorama da realidade industrial do Estado: um reduzido número de estabelecimentos manufatureiros ao lado de uma presença esmagadora de unidades artesanais de produção doméstica (PESAVENTO, 1985, p. 40).

O terceiro período, de 1882 a 1917, dá sequência à economia baseada nas atividades de acumulação via exportação e comercialização de produtos agrícolas, em especial o fumo beneficiado. Contudo, é caracterizado aqui pela iniciativa das atividades comerciais e industriais na cidade, o que é determinante para os autores que nos referenciamos. Para Montali, o período é marcado “pela integração da área a divisão inter-regional do trabalho, através da sua incorporação ao mercado capitalista iniciado no período anterior, e por processos, associados ao primeiro que criaram as precondições para a penetração capitalista em sua economia” (MONTALI, 1980, p. 63).

O desenvolvimento econômico pode ser notado pelo investimento nos meios de transportes, como é o caso do ramal ferroviário inaugurada em 1905, ligando Santa Cruz à estação do Couto em Rio Pardo, dando acesso à Porto Alegre, principal centro de absorção dos produtos e vital no incremento das atividades econômicas (MONTALI, 1980, p. 69). O ato de inauguração, com a presença do Presidente do Estado, Borges de Medeiros, foi também utilizado para elevar Santa Cruz do Sul à categoria de Cidade. No que se refere à comunicação, no ano de 1889 foi estabelecida a rede telegráfica entre Rio Pardo e Nonoai, passando por Santa Cruz do Sul.

As atividades capitalistas do período podem também ser detectadas pela criação de Bancos por iniciativa de moradores da cidade, como é o caso da Caixa Cooperativa Santa Cruz do Sul, fundada em 1904 “por comerciantes da cidade a caixa que tinha como finalidade expressa a realização das operações bancárias necessárias às atividades comerciais, e principalmente daquelas relacionadas às exportações do principal produto, o fumo”, bem como o Banco da Província em 1917. (MONTALI, 1980, p. 69). A fundação e a abertura de bancos na cidade, como aponta Silvana Krause (2002, p. 59), “está intimamente relacionada ao surgimento e desenvolvimento do comércio e da indústria na região”. A autora traz, em sua dissertação, um levantamento de estabelecimentos e fábricas existentes no município no ano de 1905. A fonte é o jornal Kolonie que informa haver empresas de inúmeros artigos, como sapatos (1), fundições (3), engenhos de serrarias (3), fábrica de tachos de cobre e latão (1), de cal (1) e fumo (2) (KRAUSE, 2002, p.67).

O artesanato, forte até o ano de 1890,

experimenta a partir daí, certo declínio. A integração de Santa Cruz do Sul ao mercado, rompendo o caráter autártico da economia das colônias, ameaçou parte do artesanato rural que supria certas necessidades dessa população. O desenvolvimento do comércio de produtos similares, provavelmente de melhor qualidade do que aqueles produzidos pelos artesãos, desestimulou a atividade artesanal, fazendo com que muitos a abandonassem. (MONTALI, 1980, p. 70).

Percebe-se em Roche (1969), Krause (2002), Godinho e Montali (1980) dois definidores para que estabelecimentos sejam considerados fábricas industriais. São eles: o número de trabalhadores e a existência de um tipo de força motriz (HP). Em relação ao primeiro Montali comenta que, em 1910, das:

418 unidades, 26 eram movidas a vapor e 53 por força hidráulica. A utilização desses dois tipos de força motriz propiciou a introdução de máquinas no processo produtivo, o que diferencia esse do processo artesanal que tem como base o trabalho manual. (MONTALI, 1980, p. 70).

Krause (2002) afirma que a informação mais detalhada sobre a atividade industrial em Santa Cruz do Sul se dá apenas em 1926. A autora adverte, contudo, que não é possível dizer que a informação esteja completa. O relatório que a autora utiliza-se revela a existência de indústrias no ramo de banha (5 estabelecimentos, com 55 operários no total), no ramo de bebidas alcoólicas, gasosas e cerveja (6 estabelecimentos, com 21 operários no total), no de chapéus de palha, lã e lebre (1, com 10 operários), de espartilhos e gravatas (2 fábricas, com 6 funcionários), de fumos e preparados (10 estabelecimentos, somando 598 operários), de fundição e obras sobre metais (2, com 125 funcionários no total), de erva mate (1, com 10 operários) e do ramo de moveis e decoração (15, numa média de 3 funcionários para cada estabelecimento) (KRAUSE, 2002, p.65-66).

Os dados confirmam a impulsão para atividades que não se limitavam ao ramo da agricultura e do comércio na região. Com o grande incremento das atividades industriais, surgiu a preocupação de organizar os setores do comércio e da indústria. Como consequência, é fundada, em 1917, a União Comercial e Industrial.

Seguindo a discriminação dos períodos propostos pelos estudos do Cebrap, a quarta fase (entre 1918 a 1965) define-se pela “dominação capitalista de setores da produção da economia santa-cruzense”, principalmente aqueles ligados diretamente ao beneficiamento do fumo pela indústria, se propagando, embora com menor ímpeto, às demais indústrias, embora não tenha alterado as relações de produção vigentes no setor agrícola (MONTALI, 1980, p. 71).

Instalaram-se, no pós-Primeira Guerra Mundial, novas unidades de produção de caráter industrial dedicados ao beneficiamento do fumo e à fabricação de cigarros. Nesse contexto, a

indústria local, bem como a rio-grandense, enfrentou dificuldades devido à competitividade. O caso da fundação da Companhia de Fumos Santa Cruz, em 1918, retrata uma das alternativas a esta nova fase industrial. Vale lembrar que, em 1917 surge a primeira empresa de capital estrangeiro (anglo-americana) atuando na área de beneficiamento do fumo em Santa Cruz do Sul, a The Brazilian Tabacco Corporation, antecessora da Companhia de Fumos em Folha (1920) e da Souza Cruz (1955). (VOGT, 1994, p.81).

Embora o período seja marcado pelo início da verticalidade de indústrias estrangeiras no município, percebemos também que se mantém a fundação de novos estabelecimentos industriais e artesanais. Krause localiza (2002), em publicação do jornal Kolonie de 1928, a abertura da funilaria de Otto Trost, em 1920, a fábrica de bolacha de Hlavenisk, em 1921, e da cervejaria Polar S.A. também em 1921. Lilia Montali, aponta para o surgimento de outras indústrias do ramo alimentício no período:

além das indústrias de fumo instalaram-se indústrias de produtos alimentares, sendo uma das mais importantes o Frigorífico Excelsior que produz derivados de carne em geral (frios e banha). Começa a funcionar a partir de 1940 e se utiliza de matéria prima (suínos) adquiridos principalmente no município. (MONTALI, 1980, p.73).

O novo cenário, além de provocar novas relações de produção, diferentes daquelas endógenas, causou consequências em diversos níveis da sociedade. A população de Santa Cruz do Sul cresceu vertiginosamente entre as décadas de 1920 e 1960, como aponta a tabela produzida com base nos censos demográficos. A tabela 1 explicita o acentuado crescimento da população urbana, bem como de trabalhadores da indústria.

Tabela 1 - Crescimento populacional de Santa Cruz do Sul entre as décadas de 1920 e 1960

Década	Pop. Urbana	Pop. Total	Operários
1920	4.000	37.500	1.080
1930			
1940	11.454	55.041	1.775
1950	15.712	69.605	3.338
1960	55.095	99.936	2.473

Fonte: Censos demográficos do IBGE

No fim deste recorte temporal da quarta fase (entre 1918 e 1965), em Santa Cruz do Sul, segundo Montali (1980, 76), predominavam em termos numéricos:

unidades de produção industrial capitalistas existentes, que embora em menor número, dominavam a economia local. Nestas unidades a submissão do trabalho ao capital já se processou de maneira real, estando o trabalhador dominado pela máquina no processo de trabalho, onde entra predominantemente como mão de obra sem qualificação específica. (MONTALI, 1965, p.76).

Segundo Montali (1980, p.73), o período entre 1918 e 1965, é caracterizado por possuir uma economia baseada na agricultura não capitalista, que produzia as matérias primas, sobretudo alimentos e fumo e os exportava para os centros urbanos, como São Paulo, bem como para o exterior. Porém no mesmo espaço de tempo, passa gradualmente a ter seus produtos beneficiados pelas indústrias locais. Destacam-se, para além das indústrias beneficiadoras de fumo, “o Frigorífico Excelsior que produz derivados de carne em geral (frios e banha). Começa a funcionar a partir de 1940, e se utiliza de matéria prima (suínos) adquiridos principalmente no município”.

O processo de desenvolvimento que a indústria local atravessou, a partir 1918 até 1965, segundo Montali (1980, p. 134), por dois processos de “expansão e dominação da área do capital”, ou seja, o desenvolvimento de estabelecimentos de beneficiamento de matérias primas. O primeiro movimento, nesse sentido, é o desenvolvimento de estabelecimentos que tiveram como impulso financeiro a acumulação de capital através do comércio. Esse processo estabeleceu as bases para o segundo movimento, que se deu através do aparecimento das primeiras indústrias no município, como a Companhia de Fumos Santa Cruz, e por conseguinte o monopólio a partir das indústrias estrangeiras de beneficiamento de tabaco.

Um dos processos, embora relacionado ao desenvolvimento do capitalismo nos centros mais dinâmicos, e por ele propiciado, tem como ponto de partida a concentração de capitais individuais que possibilitou a centralização das empresas de beneficiamento de fumo e sua organização capitalista. O outro processo, entretanto, é resultado do desenvolvimento do capitalismo internacional, já na etapa monopolista, que estende seus investimentos às áreas de capitalismo menos desenvolvido e não capitalista (MONTALI, 1980, p. 134).

Este último período do desenvolvimento econômico é caracterizado pela completa dominação de indústrias de capital estrangeiro no ramo fumageiro, contudo, deve-se advertir, que indústrias locais e de beneficiamento de outras matérias primas, obtiveram grandes valores de venda. É o caso do Frigorífico Excelsior, do ramo alimentício, e obviamente, o caso da Mercur no ramo de borracha.

O estudo que focalizou no desenvolvimento industrial regional e local foi elaborado para que pudéssemos abordar detidamente as características do trabalhador industrial regional

e local. Com isso, o objetivo a partir do próximo capítulo é, com base em pesquisas que se aproximam da realidade focada na presente análise, abordar o perfil do trabalhador regional e local.

2.2.1 Um perfil inicial da classe trabalhadora

Roche (1969, p.584), no capítulo VIII, na subdivisão ‘A’, do livro *A colonização alemã no Rio Grande do Sul*, revela que o perfil dos empregados no comércio – “pessoas de colarinho e mãos brancas” – era bem diferente daquelas da classe operária empregada na indústria fabril. Segundo ele, pessoas brancas empregadas no comércio “constituíam uma camada próxima da dos dirigentes de empresas, tanto mais que esperavam reunir-se a eles”. Nas fábricas, parece não existir preferência pela origem.

Roche comenta que “É certo que existem muito menos diferenças entre as condições de trabalho ou a situação de um operário brasileiro e de um operário alemão” e, ao verificar o fichário das usinas Renner ele observa que tal grupo por ele focado era um “espelho fiel da situação atual da mão-de-obra industrial de Porto Alegre.” Vemos que, no período entre 1920 e 1949, embora houvesse preponderância de germânicos (43,6%), os trabalhadores de outras origens étnicas também existiam, destacando-se os de origem italiana (10%), lusitana (26,6%) e diversa (19,6%). O autor, detalhando os números, mostra que a quantidade de teuto-rio-grandenses, que de início constituíam mais da metade do pessoal, já não representavam um terço no final do período. Para o autor, o causador desse novo perfil na década de 1940 eram as “admissões sucessivas”, que “transformaram [...] a composição da classe operária até nas usinas mais tipicamente teuto-rio-grandenses” (ROCHE, 1969, p. 585).

Roche (1969) ainda focaliza em outras duas fábricas - além da Renner - no período da década de 1950. A tabela produzida pelo autor traz informes sobre a Usina *Adams* de Novo Hamburgo, em que o operariado era formado pela seguinte procedência étnica: alemães (0,2%), teuto-brasileiros (43%), ítalo-brasileiro (2%), luso-brasileiros (54%), e diversos, onde provavelmente se encaixariam negros e trabalhadores de outras nacionalidades europeias, aparece com 0%. A outra fábrica é a *Plangg*, que, na década de 1950, empregava: alemães (10,7%), teuto-brasileiros (61,9%), ítalo-brasileiros (6%), luso-brasileiros (21,4%) e diversos (0%). A Renner, indústria já abordada no período anterior a 1950, diminuiu a quantidade de teuto-brasileiros para 26,2%, quando na década anterior era de 32%; diminuiu o percentual de ítalo-brasileiros para 13,4% em relação a década anterior (15%) e manteve a quantidade de luso-brasileiros (38%) e de diversos (19%) (ROCHE, 1969, p. 586).

O caso particular de Porto Alegre para Roche (1969, p.583), baseando-se nos dados que coletou, é o maior centro de convergência de diversas origens. “Ali os “velhos rio-grandenses” estão rodeados de “estrangeiros” “originados de todos os países, de todos os continentes”. O autor comenta que a fábrica, no caso a Renner, é “para todos, um lugar de descoberta das outras etnias e das outras culturas”, elementos como a língua portuguesa e as relações profissionais, e até mesmo a divisão por sessão em uma fábrica, são o elo entre diversos grupos.

Sobre a origem étnica dos operários da Metalúrgica Abramo Eberle de Caxias do Sul, Lazzarotto (1981) traz dados sobre a origem geográfica dos trabalhadores, representadas através de microrregiões. Os números levantados pelo autor junto aos arquivos da empresa entre os anos de 1921 e 1970 (quase o mesmo período focado por esta pesquisa), demonstram que a mão de obra da empresa Eberle tem origem em cinco microrregiões: Porto Alegre, Encosta da Serra Geral, Litoral, a própria região de Caxias do Sul e os campos de Vacaria. Para o autor:

Regiões com características totalmente diferentes em alguns aspectos, com uma característica comum marcante: a falta de um absorvedouro de mão-de-obra jovem que emigra de seu lar para, em outras cidades, ir à procura de um emprego. A ausência de mecanismos de retenção é que transforma em quase deserto as cidades que não tem indústrias ou que não dispõem de boa estrutura agrária ou comercial. (LAZZAROTTO, 1981, p. 67).

Além das cidades gaúchas, compõem a origem dos operários da Abramo Eberle mais cinco cidades catarinenses, são elas: São Joaquim, Lages, Araranguá, Florianópolis e Criciúma, totalizando 245 pessoas, num percentual de 2,21% em relação ao total do período.

Embora não apresentemos números levantados por Lazzarotto, vale dizer que a microrregião de Porto Alegre foi a que menos “expulsou” indivíduos para a região industrial de Caxias do Sul, bem como a região do Vale do Rio Pardo (que não figura na lista). Conforme o autor, no período entre 1905 a 1970, “apenas três microrregiões dentre as 24 subdivisões do estado, não tem mandado seus operários para a empresa, embora as microrregiões tenham um número insignificante de operários”, ele se refere a regiões como a microrregião do Baixo Taquari, do Vale do Jacuí, de Santa Maria, da Campanha, da microrregião fumicultura de Santa Cruz do Sul (LAZZAROTTO, 1981, p. 76). O motivo do último caso é provável que tenha relação com a oferta de mão de obra na própria cidade de Santa Cruz do Sul, que, como vimos anteriormente, experimentou o desenvolvimento industrial no mesmo período que Lazzarotto focaliza.

Roche (1969, p.587) relata o mesmo movimento de absorção de mão de obra pelas usinas *Plangg*. Para o autor, tal indústria “tem, pois, a particularidade de retratar-nos, dentro da

sua especialidade moderna, e feitas as devidas ressalvas, o que foi o nascimento da indústria rio-grandense”. O que é apresentado para elucidar o argumento é a geografia do recrutamento dessa usina em 1950:

em todo o pessoal existem apenas 22 operários nascidos em Novo Hamburgo ou em São Leopoldo (26%): 1 luso e 21 teutos. Em outras palavras, 60% dos teutos, 95% dos lusos e seguramente 100% dos alemães e dos italianos foram atraídos para Novo Hamburgo pelo desenvolvimento da indústria; provêm ou das colônias, ou da Depressão Central. (ROCHE, 1969, p. 587).

Embora os dados não explicitem se a origem desses operários era rural ou urbana, fica claro, a partir da literatura abordada, que boa parte dos trabalhadores da indústria seja de homens, seja de mulheres, tinha origem camponesa. A cidade atraía antigos camponeses em número crescente. Segundo Roche, utilizando-se de dados coletados na Renner, “os salários são, evidentemente, mais móveis que a remuneração do agricultor, mas não é possível dizer se, afinal, o operário tem um nível de vida superior ao do colono” e “não pode-se afirmar que seja pelos salários nominalmente elevados, pois nem todos esses migrantes internos vão para a fábrica” (ROCHE, 1969 p. 591).

Já para Fonseca, o salário foi, sim, um motivador para essa migração, graças a seu alto nível em relação à remuneração do camponês:

o trabalhador da indústria contava com um salário mais atraente que o do campo, inclusive se comparado ao de São Paulo. Como afirma W. Cano, apoiado no senso de 1920, “enquanto o operário têxtil tinha um salário de 45% maior que o trabalhador de enxada, essa diferença era de 72% no Rio Grande do Sul. Assim a imigração possibilitou o que a pecuária não foi capaz; trouxe capital e mão-de-obra, gerou trabalhadores passíveis de assalariamento e conseguiu um mercado consumidor inicial para garantir a produção. (FONSECA, 1985, p.281).

Nesse mesmo sentido, Lazzarotto acrescenta que não é somente a lavoura de subsistência que causa a migração, mas “a constante diminuição da fertilidade das terras, a questão do minorato que leva à divisão de terras, a divisão hereditária, a jornada de trabalho sol a sol, a pouca possibilidade de estudo, o dote que as mulheres recebem, etc” (LAZZAROTTO, 1981, p.79).

Analisando o caso de Santa Cruz do Sul, Montali (1980) afirma que o principal motivo da expansão do crescimento urbano deveu-se principalmente a migração do campo para a cidade. Dois motivos são os principais causadores: a queda do preço do fumo e a fragmentação das propriedades agrícolas. Como reflexo desse processo, segundo dados sobre emigração e entrevistas feitas por Montali, apontam que entre 1940 e 1950 grandes contingentes, que

optaram por não se estabelecerem e procurarem trabalho na área urbana, emigraram para áreas como Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso a procura de terras para a produção rural. Verificou-se também “na população rural que não chega a crescer 1% a.a. durante o período, fazendo crer num forte deslocamento de população para a cidade atraída pela instalação das indústrias”. Conforme Montali:

Um das soluções encontradas foi a migração rural-rural. Já nos anos posteriores (décadas 1940-50, 1950-60 e 1960-70) quando se consolidou a industrialização na cidade de Santa Cruz do Sul, e em outras localidades do Rio Grande Do Sul, torna-se importante a migração rural-urbana, ocorrendo em decorrência, o processo de proletarização dos filhos de pequenos proprietários agrícolas”. (MONTALI, 1980, p.78).

Acerca da origem dos migrantes de outros municípios (a literatura não distingue área rural ou urbana) verifica-se que Santa Cruz do Sul recebe migrantes de cidades próximas.

Uma pesquisa realizada no ano de 1975 (3) revela entre populações de baixas rendas dessa cidade a existência de 45% de migrantes provenientes de áreas circunvizinhas (Rio Pardo, Candelária, Venâncio Aires, Encruzilhada do Sul, Porto Alegre). Estas cidades são, com exceção de Porto Alegre, todas menores que Santa Cruz em número de habitantes. (MONTALI, 1980, p. 102).

Municípios como Rio Pardo, Encruzilhada do Sul e, também, Cachoeira do Sul que possuem grande presença na expulsão de mão de obra para Santa Cruz do Sul, são notadamente municípios caracterizados pela forte concentração fundiária e a presença do latifúndio sustentado na pecuária extensiva. Com o cercamento das propriedades muitas famílias perderam empregos ligados ao trabalho no campo, ocasionando a expulsão de um expressivo contingente de mão de obra para as áreas urbanas e com oportunidade de trabalho (SILVEIRA, 1997, p. 66).

As informações mais abrangentes levantadas sobre os trabalhadores da indústria em Santa Cruz do Sul estão baseadas nos dados censitários disponibilizados pela Fundação de Economia e Estatística (FEE) e nos dados expostos por Godinho (1980). Segundo a autora, em 1940 existiam 135 estabelecimentos industriais com 1.288 pessoas ocupadas; na década de 1950, havia 392 estabelecimentos e 2.341 pessoas ocupadas; e na década de 1960, existiam 442 estabelecimentos com 2.457 pessoas trabalhando (GODINHO, 1980, p.74).

Godinho (1980, p.75), referenciada nos dados disponibilizados pelo Cadastro Industrial elaborado pelo IBGE em 1965, afirma que:

dos 515 estabelecimentos existentes em Santa Cruz do Sul, 435 (84,5%) ocupavam de 1 a 4 pessoas, 69 (13,4%) ocupavam de 5-49 pessoas, existindo apenas 6 estabelecimentos com 50-99 pessoas ocupadas, e 4 ocupando 100 a 249 pessoas. Destes 5 maiores estabelecimentos: 1 é da indústria da borracha e 4 da indústria do fumo.

Baseado em produção comemorativa dos 50 anos da Companhia de Fumos Santa Cruz (CFSC), Eduardo Bellmann do Nascimento traz em Trabalho de Curso em História dados relativos aos funcionários dessa empresa fumageira no ano de 1969. Segundo o historiador, no final da década de 1960, a empresa era segmentada em duas fábricas: uma litografia criada em 1922, responsável pela impressão das carteiras de cigarro e materiais de propaganda; e a própria fábrica de cigarros, dividida em áreas produtivas e administrativas. Na primeira fábrica, trabalhavam 40 funcionários “sob um moderno maquinário”. Quanto a fabricação de cigarros, a CFSC contava com aproximadamente 410 funcionários. (NASCIMENTO, 2013, p. 56).

Em relação ao perfil desses trabalhadores o trabalho de Nascimento (2013, p. 22) oferece algumas pistas. No ano de 1922, de acordo com os relatórios anuais da diretoria da empresa, a CFSC contava com abundante mão de obra masculina “e a mão de obra feminina estava mais disponível que no ano anterior”. No entanto não disponibiliza o número do pessoal contratado.

Ainda na década de 1920 a CFSC criava em terreno próximo e pertencente a empresa casas para serem alugadas por funcionários com menor remuneração. Segundo autor, o motivo da construção em terrenos próprios deveu-se sobretudo para não prejudicar o desenvolvimento urbano da cidade. Eram casas baratas, algumas de alvenaria e outros chalés, “uma verdadeira rua dentro da CFSC” (NASCIMENTO, p. 22). Mais tarde, em conclusão, o autor revela que um dos motivos para a construção de moradias para funcionários deveu-se a “alocar colaboradores da CFSC, oriundos de outras cidades. Saída esta que a empresa encontrou para conseguir mão de obra capacitada e confiável ainda na década de 1920” (NASCIMENTO, 2013, p.40). Evidencia-se, neste sentido, uma atração de um perfil de trabalhadores migrantes na Companhia de Fumos Santa Cruz, já que a cidade não tinha mão de obra e infraestrutura habitacional disponível nos parâmetros que a indústria necessitava, o que levou a empresa a criar sua própria “vila operária” como estratégia de atração e contenção de mão de obra, já que a empresa visava expandir-se.

Ainda sobre o perfil dos trabalhadores, Telles (1980) em livro sobre a vida do médico alemão Heinz Von Ortenberg, traz relato de um viajante alemão, que, em meio a comentários sobre o plantio e transporte do fumo relata que a etapa primária era efetuada mormente por

agricultores “alemães”, sendo a fábrica dirigida por, “mãos americanas e norte-americanas”, e em seguida traça o perfil do trabalhador das fábricas na cidade.

Os trabalhadores nas fábricas, na medida em que forem exigidos trabalhos mecânicos, são brasileiros, negros e mulatos. Para tarefas mais difíceis e de maior responsabilidade, de bom grado, são empregados os alemães. Uma classe trabalhadora alemã uniforme não se conhece ainda em Santa Cruz do Sul, bem como no resto do Brasil. (TELLES, 1980, p. 172).

Portanto, segundo impressão subjetiva do viajante, em Santa Cruz do Sul, no ano de 1930, o trabalho fabril, aquele ligado ao trabalho mecânico (daí não sabemos se o trabalho mecânico se refere a trabalhos repetitivos ou maquinário), era efetuado por brasileiros na sua maioria negros e mulatos, e segundo tal viajante essa mão de obra era heterogênea. Ou seja, além da classe trabalhadora industrial não se mostrar homogênea, ou seja, não ser formada por teuto-brasileiros), para tal viajante citado por Telles (1980) os trabalhadores de chão de fábrica tinham cor.

A partir das referências que norteiam as informações acerca dos trabalhadores da cidade de Santa Cruz do Sul, é possível aproximar-nos, mesmo que com certa distância, do perfil dos trabalhadores industriais, pois não se tem dados mais contundentes e cuidadosos em relação à constituição do operariado no município. Porém, a intenção nessa última parte da revisão foi apresentar os dados mais próximos da realidade industrial e mais especificamente dos trabalhadores. Buscamos referenciar nos dados censitários, e nos trabalhos de Godinho (1980) e Montali (1980) para se ter o número total de trabalhadores nas décadas focadas. Além disso, abordamos, a partir de referências, o trabalho de Nascimento (2013) e Telles (1980), para adentrarmos nos pormenores relativos ao trabalhador da industrial local. Este último trabalho traz algumas pistas sobre o trabalhador da CFSC, fundada em 1918, como o local de moradia, origem e sexo.

2.3 Histórico e fases do desenvolvimento da empresa Mercur

Esta seção tem por objetivo identificar e compreender as fases pelas quais a Mercur passou, tendo como critério as características adquiridas no decorrer do seu desenvolvimento. Tais características ajudarão a determinar e a compor as fases, que dizem respeito aos modelos de gestão do trabalho e de produção adotados, e que definem, a partir de suas diferenciações, as etapas perpassadas pela empresa durante o período entre 1924 e 1970. Entender essas características e etapas ajudará a nos aproximar do contexto em que os trabalhadores estavam

inseridos, sobretudo no que se refere ao tipo de sistema de produção, além de problematizar a origem e o desenvolvimento da Mercur.

Um dos critérios balizares para se caracterizar o modo de produção adotado pelas fábricas é a dicotomia entre produção industrial capitalista e produção industrial não capitalista, abordada por Godinho (1980) em estudo do CEBRAP. Segundo a autora, a existência de trabalhadores dominados pela máquina no processo de trabalho, onde entre predominantemente os trabalhadores não possuem qualificação específica, são características que definem um trabalho não-capitalista de um processo capitalista (GODINHO, 1980, p. 75).

Outros dois aspectos são levantados por Godinho para definir as fábricas de Santa Cruz do Sul enquanto capitalistas e não capitalistas, e estão fundamentados em Marx. O primeiro é o número de trabalhadores, que segundo a autora, sendo abaixo de 4 pessoas, aliado ao “baixo valor de vendas”, é um indicador de empresa de caráter artesanal. O segundo aspecto fundamental refere-se ao trabalho em escala.

Em uma unidade de produção a relação não é verdadeiramente capitalista se o “capitalista não ocupa, pelo menos, tantos trabalhadores quantos sejam suficientes para que a mais-valia produzida por eles lhe baste como renda para seu consumo privado e como fundo de acumulação, de tal sorte que o libere do trabalho direto e que só trabalhe como ‘capitalista’, como supervisor e diretor do processo: por assim dizê-lo, que exerça a função, dotada de vontade e consciência, do capital empenhado em seu processo de valorização”. É necessário, por tanto, um capital mínimo para que o capitalista deixe ele mesmo de ser um trabalhador e passe a ocupar-se da direção do processo de trabalho e da comercialização. (GODINHO, 1980, p.76).

Critérios como o uso de máquinas (movidadas a energia, a vapor ou elétrica); o trabalho não especializado; quantidade de trabalhadores comandados pelo mesmo patrão; pouca produção e venda; e o processo produtivo em escala, nos ajudam, portanto, a estabelecer e caracterizar as etapas perpassadas pela Mercur.

Para construirmos esta etapa do trabalho, nos utilizemos de diversas fontes documentais, que, direta ou indiretamente, fornecem subsídios para a construção da análise e para compreender melhor a história da empresa, tais como: os periódicos locais Kolonie, Gazeta de Santa Cruz (1945-1955) e sua sucessora Gazeta do Sul (1956-1970), entrevistas concedidas pelos donos da empresa Mercur relativas ao período focado, fotografias, livros e documentos coletados no acervo Mercur, como os RE e os organogramas da organização da estrutura da empresa.

2.3.1 A primeira fase capitalista (1924 – 1931)

A primeira fase, que assim intitulamos, inicia oficialmente em 11 de julho de 1924, com a fundação da Mercur. Porém, para entendermos o princípio da empresa, não devemos considerar somente a data oficial.

Em entrevista a Friedrich Ludwig (1949), Jorge Emilio Hoelzel, fundador da Mercur, relata o início do empreendimento. Em “1923 meu irmão Carlos, então agente da Ford Company, conseguiu (sic) meio quilo de borracha do Pará, com a intenção de aplicá-la no conserto de câmaras.” E completa:

Após algumas experiências abandonou esta intenção. Interessando-me eu, porém, dediquei-me, durante as horas vagas, à noite, a fabricar artigos de borracha e, aos poucos, passando noites a fio estudando, pesquisando, observando, trabalhando sempre, e fabricando as máquinas necessárias, em pequena escala, consegui, depois de alguns anos fabricar alguns produtos para a Viação Férrea, etc. (LUDWIG, 1949).

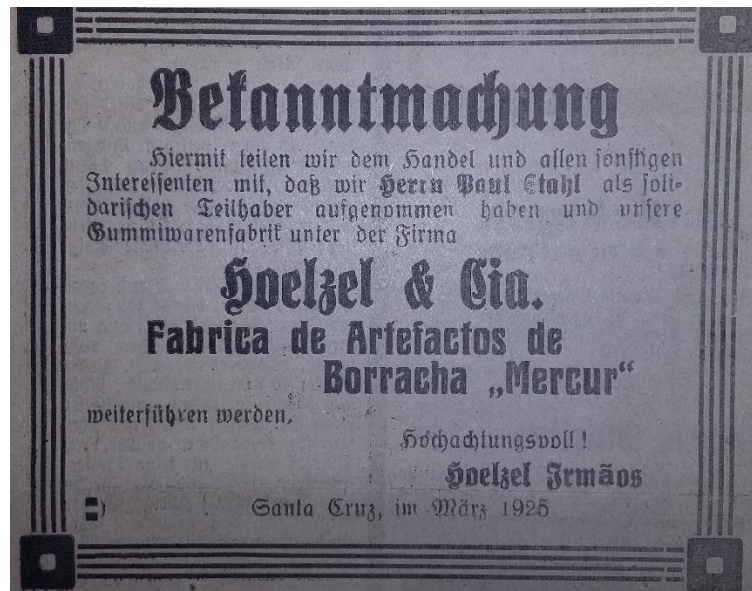
Em entrevista anterior, agora interpelado pelo viajante alemão Wolfgang Hoffman Harnish (1941), publicada no livro *O Rio Grande do Sul*, Hoelzel relata que nas “horas dos lazeres da noite, nós, meu irmão e eu, nos ocupávamos com a borracha virgem”, “fazíamos construirmos mesmos as máquinas” e “em 1921 estávamos a ponto de começar com a fabricação em regra” (HARNISH, 1941, p. 398).

Há um aparente conflito entre as datas das entrevistas publicadas, porém, o que nos importa aqui não é em si o ano, e sim o modo como Jorge Hoelzel deu início a sua experiência com a matéria-prima e os instrumentos para a sua transformação. Nota-se que nos dois relatos apreendidos nos anos 1940, a Mercur, sob o nome de Hoelzel Irmãos, estava diretamente ligada a uma produção artesanal mesclada com as características de uma empresa capitalista. Estava em suas mãos todo o processo de confecção, desde a criação e montagem das máquinas, até o produto final, como cintas para o polimento de grãos de arroz direcionados aos engenhos de Cachoeira do Sul, contudo, adquiriu capital para investimento ainda nos primeiros anos de atividade. (HARNISH, 1941, p. 398).

Inicialmente, a fábrica da Hoelzel Irmãos estava localizada nos fundos da agência Ford, de Carlos Gustavo Hoelzel, irmão de Jorge. Ao abrir a empresa, em 11 de julho de 1924, os irmãos contavam com um capital inicial de Rs. 10:000\$000 (dez contos de reis) e três empregados (MERCUR, s/d). Além deles, faziam parte como acionistas o empreendedor do setor fumageiro Philippe Loewenhaupt e o médico alemão Ernest Friedrich Otto Heinrich von Ortenberg (KRAUSE, 2002 p. 81; TELLES, 1980, p. 120). Sobre este período, Hoelzel relata:

“No início eu mesmo manejava as máquinas, misturadeiras e vulcanizadoras. Os produtos tinham boa aceitação. Após alguns anos aceitamos um sócio capitalista. Precisávamos de numerário para tudo: edifício e maquinaria” (LUDWIG, 1949). Sobre esse sócio capitalista a que se refere, achamos, em pesquisa empírica, um anúncio no Jornal Kolonie, de 27 de março de 1925, de Hoelzel Irmãos. Trata-se do comerciante de nacionalidade alemã Paul Stahl, também membro componente da Caixa Cooperativa Santa-Cruzense. No ano de 1914, esse comerciante concentrava 60% dos lucros da Caixa Cooperativa Santa-Cruzense, sendo o principal beneficiado pelos rendimentos do banco. É provável que era possuidor de capital a ponto de investir no empreendimento dos Hoelzel (NORONHA, 2012, p. 284).

Imagem 2 – Anúncio da Hoelzel Irmãos sobre novo sócio



Fonte: Jornal Kolonie de 27 de março de 1925 (CEDOC – UNISC).

O texto, em língua alemã, contido na imagem 2, comunica o comércio e outras partes interessadas que a partir de março de 1925, os Irmãos Hoelzel recebia como “parceria solidária” o Sr. Paul Stahl, no âmbito da fábrica de produtos de borracha Hoelzel & Cia – Fábrica de Artefactos de Borracha Mercur.

A partir da fundação da empresa até a sociedade com o novo “sócio capitalista”, Paul Stahl, a Hoelzel & Cia mantinha poucos funcionários, neste caso 3 trabalhadores. Destaca-se a contratação de um maquinista, o que expõe que a produção contava com uma força motriz movimentada, é provável, através da energia produzida pela Usina Elétrica localizada na Rua

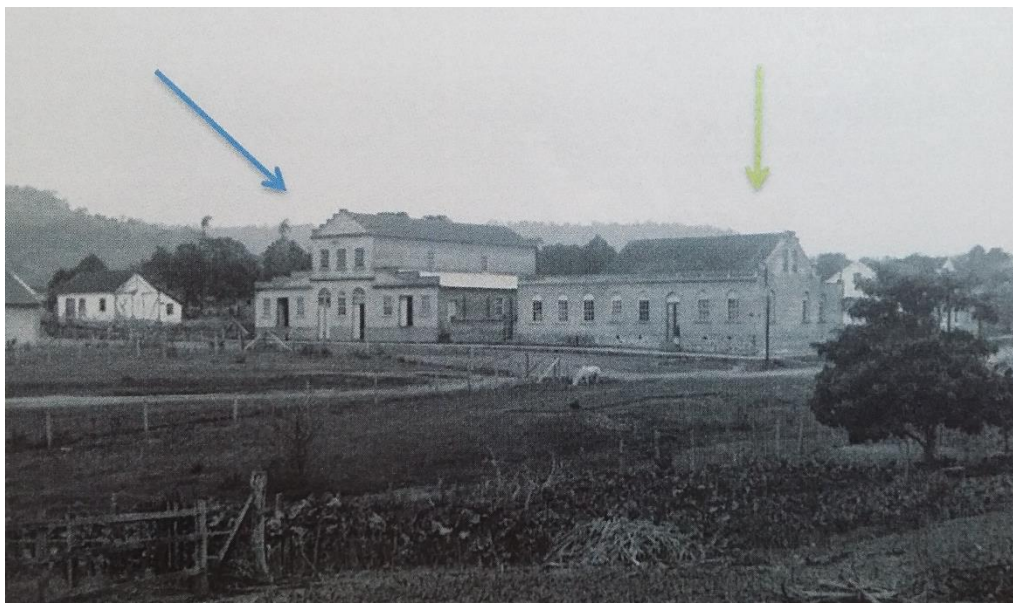
Sete de Setembro, já que a Usina da Várzea, com maior capacidade, foi inaugurada somente em 1935 (MARTIN, 1999, p. 57).

Características artesanais estão muito presentes nos relatos, sobretudo pelo fato dos próprios donos trabalharem na produção de máquinas, no processo químico e nos próprios produtos. Segundo documentação disponibilizada pela Mercur, com a observação dos problemas enfrentados pelas pessoas e a própria demanda que daí surgia, foi incrementando o portfólio da Hoelzel & Cia, o que pode denotar, também, uma atividade artesanal já que não é alinhada com a lógica da produção em série (MERCUR, s/d).

O acréscimo de capital sob a estrutura já existente fez com que a Hoelzel & Cia se desenvolvesse, e, segundo dados obtidos nos RE, foram contratadas mais dois trabalhadores em 1926, com destaque ao vulcanizador, cargo com tarefa de executar uma das principais partes do beneficiamento da borracha natural: visa dar maleabilidade desejada à borracha de acordo com o objetivo do produto final. Essa tarefa era conduzida até então pelo fundador Jorge Emilio Hoelzel. A partir desse momento a empresa inicia uma transição definitiva para inteiramente uma empresa capitalista.

Em 1927, mudaram-se de edifício, instalando-se no prédio ao lado, ainda na Rua Borges de Medeiros, que, até a data de 9 de maio de 1923, pertencia à Companhia de Fumos Santa Cruz. Atualmente, neste local está situado o Edifício Leonardo da Vinci (NASCIMENTO, 2013, p. 25).

Imagem 3 - Prédios ocupados pela Mercur



Fonte: NASCIMENTO, 2013.

A seta verde mostra o prédio que abrigava a agência Ford de Carlos Hoelzel e, nos fundos, a Hoelzel & Cia. Ao lado, assinalado pela seta azul, o prédio em que até 1923 estava instalada a Companhia de Fumos Santa Cruz e, que em 1927, instalou-se a Hoelzel & Cia. Com nova sede, segundo Hoelzel, a “indústria se desenvolveu regularmente, sendo nossos produtos procurados em ordem cada vez mais crescente” (LUDWIG, 1949).

Além dos consertos de pneus, a empresa produzia também tecidos impermeabilizados com borracha para diversos fins, como capa de chuva, lençóis para hospitais, saltos para sapato para a indústria calçadista gaúcha, tapetes, seringas, duchas, anéis para vidros de compotas, elásticos e etc.

De acordo com a análise feita anteriormente, o modo de produção se baseava em relações e uma produção capitalista, contudo, ainda caracterizada pelo modo de produção que não considerava a produção em escala e detinha poucos funcionários. A respeito da força motriz, é possível que algumas máquinas fossem movidas a energia elétrica, mas isso não infere e altera a forma como se dava a produção em sua essência.

Em relação ao critério definido por Godinho (1980), que se refere à mão de obra não especializada, não podemos afirmar com extrema certeza, porém, devido ao contexto e baseado nos RE, é provável que a aprendizagem ocorria a partir da experiência e da prática instruídas por Jorge Hoelzel, que a partir de livros e seu intelecto, desenvolveu as técnicas necessárias para a manufatura da borracha e a capacitação dos funcionários se dava na prática. Portanto, nesse período, entre 1924 e 1932, a mão de obra não era especializada.

Percebemos que a origem da Mercur deve-se a três fatores: o primeiro que podemos detectar é a iniciativa do fundador Jorge Hoelzel que, a partir dos conhecimentos adquiridos em livros e na prática, deu início, junto com o irmão Carlos Hoelzel, ao empreendimento. Jorge era arquiteto formado em São Paulo e possuía prática em carpintaria, conforme o Jornal Kolonie. (KRAUSE, 2002, p. 73) Este fator possivelmente o ajudou na criação das máquinas necessárias para o início da produção. O segundo fator deve-se ao fato de terem aberto a fábrica com a participação de dois acionistas, e mais tarde, em 1925, selado sociedade com outro “sócio capitalista”, o que permitiu o investimento em máquinas e um novo prédio.

Podemos concluir que a Mercur, na época nomeada Hoelzel & Cia, tem sua origem em dois fatores: o conhecimento técnico e fazer artesanal, aliado ao investimento por pessoas que

possuíam algum tipo de acumulação de capital. Nesse caso, Phelippe Loewenhaupt², empresário do setor fumageiro, ligado à principal fonte econômica do município, o plantio e o beneficiamento do tabaco. O outro acionista, Paul Stahl, era membro da Caixa Cooperativa Santa-Cruzeira (CCSC), Banco este que financiava e recebia aplicações do setor agrícola. Como aponta Andrius Noronha, em relação à estratégia da CCSC de investirem na “ruralização” das atividades financeiras (NORONHA, 2012, p. 281).

Em sua tese de doutorado, Andrius Noronha enfatiza o desenvolvimento da Mercur como resultado do investimento de capital pelo pai de Jorge Emilio Hoelzel e Carlos Hoelzel. Segundo o historiador, esse capital foi acumulado na Alemanha mediante investimentos “em ramos da indústria metalúrgica e no setor financeiro da Prússia. Com a guerra de unificação alemã, as ações da família valorizaram-se no mercado financeiro; então vendeu sua parte e migrou para o Brasil”. Noronha ainda apresenta como argumento o fato de que esse “empresário, protestante, formado em Engenharia, veio para o Brasil com recursos pecuniários importantes no final do século XIX. Primeiramente residiu na cidade de Candelária, onde abriu, em parceria com sua família, uma relojoaria, além de comprar alguns imóveis” (NORONHA, 2012, p. 223).

Noronha, porém, comete alguns enganos: em relação à geração do Hoelzel que emigra para o Brasil, sua profissão e sobre o capital de investimento - que objetiva legitimar a sua hipótese de que o capital investido na empresa foi acumulado e preexistente à empresa. Em desacordo com Noronha, verificamos que a primeira geração da família Hoelzel no Brasil é representada pelo pastor luterano Georg Hoelzel, “que veio para o Brasil, fugindo de sua pátria, a Áustria, onde tomou parte ativa, como estudante, nos movimentos revolucionários de 1848, em Viena, escapando, por várias vezes, de morte certa, pois era vanguarda revolucionária” e não por Carlos Hoelzel, filho de Georg Hoelzel e pai dos fundadores da Mercur. O pastor Georg Hoelzel conseguiu emigrar para o Brasil, após percorrer a Alemanha refugiando-se, a convite da comunidade evangélica de São Francisco (São Francisco do Sul-SC). Portanto, há um engano em relação também a respeito da geração emigrada (LUDWIG, 1949).

A matéria disponibilizada pelo portal Luteranos (2017, <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/pastor-georg-hoelzel>>) revela algumas particularidades da vida do Pastor Georg Hoelzel:

² Gazeta do Sul (05/11/1953 – p. 32).

O Pastor Georg Hoelzel. D. P. Hoelzel nasceu em Neuburg, Böhmen, na Alemanha, em 1820. Antes de vir ao Brasil, atuou na Comunidade de Gablonz, na Áustria. Sua atividade pastoral iniciou em Joinville em junho de 1854, na Comunidade de Dona Francisca. A experiência adquirida na Comunidade da Áustria e principalmente o fato de lá ter trabalhado como pastor evangélico em meio a um mundo essencialmente católico lhe foi de grande valia em seu novo campo de trabalho.

Tudo leva a crer que a primeira geração da família Hoelzel a pisar no Brasil não trouxe e nem conseguiu deixar algum tipo de capital para a geração que fundou a Mercur. Carlos Hoelzel, personagem a que Noronha se refere como imigrante, é filho do Pastor Georg e nasceu em São Francisco do Sul (SC) “onde aprendeu a profissão de relojoeiro. Trabalhou muitos anos em São Paulo e outros em Porto Alegre, na casa Fehlauer” (LUDWIG, 1949)³.

Voltando ao desenvolvimento da empresa Mercur, chegamos no período entre 1929 e 1930, quando os dirigentes resolvem investir em maquinaria e Jorge Emilio Hoelzel vai à Europa para conhecer o que se estava fazendo no campo da borracha, e compra uma fábrica desativada, trazendo-a para Santa Cruz do Sul. Como ele mesmo relata: “Por isso, em 1930, resolvemos aumentar mais ainda nossa maquinaria. Segui, em 1930, para a Europa onde comprei grande quantidade de máquinas. ” Esse fato inaugura a segunda fase do desenvolvimento da empresa Mercur (LUDWIG, 1949, p.359).

Cabe ressaltar, para bem contextualizar a iniciativa de comprar máquinas no exterior, que, a partir de uma certa etapa do desenvolvimento das indústrias, sobretudo como resultado de um bom capital acumulado, grande parte das empresas gaúchas puderam adquirir máquinas estrangeiras. É o caso das fábricas de materiais metal-mecânico, onde, não somente as máquinas necessárias provinham da Europa (principalmente Alemanha), como também a matéria-prima necessária e técnicos operadores (PESAVENTO, 1985, p. 48). Em Santa Cruz do Sul, essas empresas estavam ligadas à produção de ferramentas, como arados para a produção agrícola. A própria Companhia de Fumos Santa Cruz, em janeiro de 1921, recebeu novas máquinas vindas da Alemanha, o que propiciou a abertura de novos mercados (NASCIMENTO, 2013, p. 15).

A respeito da contratação de estrangeiros para funções especializadas, a Hoelzel Irmãos, no período entre os anos 1924 a 1931, emprega três trabalhadores estrangeiros, dois alemães e um polonês. Porém, os cargos que necessitassem de um aprimoramento técnico e uma especialização (como por exemplo impermeabilizador, misturador, maquinista, peneirador de químicos e vulcanizador) não são restritos aos estrangeiros, ao contrário, são distribuídos a todos os funcionários (homens) brasileiros. Isso se deve ao fato de que o fazer manual se dava

³ Trataremos da trajetória da família no próximo sub-capítulo.

na própria fábrica, ou seja, os funcionários eram treinados pelos fundadores. Ver tabela 2 a respeito do cargo dos trabalhadores contratados.

Tabela 2 – Nacionalidade dos trabalhadores da Mercur e seus cargos entre 1924 e 1931

Nacionalidade	Nome	Cargo
Alemã	Alberto Ott	Chefe de Escritório
	Frederico Hoinann	Impermeabilizador
Brasileira	Alice Baierle	Servente
	Alzira Assmann	Servente
	Augusto Turunski	Impermeabilizador
	Carlos Tuepke	Servente
	Carlos Hoelzel	Procurador
	Cecília Kliemann	Servente
	Cecy Antunes	Servente
	Emilio Nunes	Misturador
	Generoso Dornelles	Ajudante de depósito
	Gustavo Otto	Maquinista
	Henrique Grawunder	Auxiliar técnico
	Ignácio Antunes	Peneirador de Químicos
	Joanna Biesdorf	Servente
	João Reck	Vulcanizador
Maria Soares Pereira	Servente	
Polonesa	Germano Kelber	Encaixotador

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Acerca da discussão sobre a vocação da indústria rio-grandense para com o beneficiamento da produção agrícola e sua exportação vinculada à economia nacional, vemos a Mercur fazendo o inverso nesta fase. A principal matéria-prima, a borracha natural, era comprada na empresa Bitar Irmãos, situada na Ilha do Mosqueiro, na cidade de Belém do Pará. Os produtos químicos vinham da Alemanha e dos Estados Unidos, das empresas Bayer e Dupont. (MERCUR, s/d). Como aponta Hoelzel em entrevista a Harnish, em 1941:

Temos que pagar para a nossa borracha virgem preços superiores aos que costumam pagar os compradores estrangeiros, por causa dos fretes elevadíssimos. Em compensação, temos no próprio país os ingredientes químicos, os chamados enchimentos, como lipone, cálcio e caulim, que dão à borracha aquela consistência de couro. São bem baratos. Outros ingredientes químicos, porém, tem que ser importados

do exterior, de sorte que vantagens e desvantagens se compensam reciprocamente. (HARNISH, 1941, p. 399).

Nesse sentido, diferentemente do que se detecta como característica da indústria gaúcha que beneficia matéria-prima regional, a Mercur, em seu início, importa a sua principal matéria-prima de fora do Estado, situando-se como uma das indústrias da primeira república com características de uma indústria - como nomeia Pesavento (1980) e Castro (1971) - artificial. Ou seja, a sua principal matéria-prima, a borracha natural, provinha de fora do estado. A afinidade das características da Mercur com a indústria rio-grandense está circunscrita a sua conexão com a abrangência regional de seus produtos, é claro, no princípio de suas atividades (PESAVENTO, 1985, p. 50).

No final da presente fase de desenvolvimento da Mercur (na época chamada Hoelzel Irmãos) a empresa contratou 18 trabalhadores, sendo que um deles foi demitido no ano de 1931, totalizando, até o fim do ano de 1931, 17 trabalhadores distribuídos na fábrica de acordo com as características da produção do período.

Tabela 3 – Balanço anual do fluxo de mão de obra (1924-1931)

Ano	Admissão	Demissão	Total de pessoas trabalhando
1925	3	0	3
1926	2	0	5
1927	4	0	9
1928	0	0	9
1929	2	0	11
1930	2	0	13
1931	5	1	17

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

2.3.2 A segunda fase capitalista: a indústria (1932 - 1961)

A partir da compra de máquinas específicas para a fabricação de produtos baseados na matéria-prima da borracha, a Hoelzel & Cia. LTDA inaugura outro período em seu desenvolvimento. Com capital de investimento, maior produção e demanda por mão de obra, a empresa adquire outro terreno, na rua Cristóvão Colombo, nº 53, onde está, ainda hoje, localizada. Como resultado desse novo contexto, sobretudo a partir da aquisição de máquinas, e os efeitos produzidos por elas, a empresa chegou a ter em sua linha de produção, mais de dois mil produtos. Segundo UCHA, o grande motivo era:

Porque Jorge Emilio resolvia todos os problemas de quem chegasse na fábrica e lhe pedisse para fazer esta ou aquela peça. Ele desenvolvia as formulações, a partir dos livros de química que lia avidamente, e seu irmão construía as máquinas necessárias para fazer a peça solicitada. (UCHA, 2003, p.13).

Essas características apoiam o início de uma nova fase para a Mercur – ampliação do mercado consumidor, de grande produção e de contratação de mais trabalhadores.

No entanto, a Hoelzel & Cia Ltda contém características singulares no que diz respeito a sua estratégia produtiva, mesmo adotando o regime de produção em escala. A entrevista feita em 1941 ilustra esse aspecto e parece não ser somente uma contingência resultante do momento inicial da empresa. A entrevista feita em 1941 ilustra esse aspecto:

Grande vantagem para nós é o fato de podermos aceitar pequena encomendas, ao passo que as fábricas estrangeiras, em virtude dos fretes, só podem deter-se com fornecimentos em grande escala. É assim que entramos na brecha com pequenos fornecimentos de artigos especiais, conquistando e assegurando nosso mercado. (HARNISH, 1941, p. 399).

Ou seja, a produção não serial era uma estratégia de mercado. Uma estratégia que demarca muito bem a segunda fase que começa com a nova instalação e que se perpetua até o período entre 1953 e 1961, quando a segunda geração da família Hoelzel, nomeadamente com Heinz George Hoelzel, conhecido como Jorge Hoelzel Jr, entra como presidente da empresa.

A segunda fase, que chamamos de capitalista pois possui todas as características que uma indústria capitalista possui. Trabalhadores submetidos quase que totalmente pelas máquinas, trabalho não especializado em vários segmentos da produção, principalmente no chão de fábrica, grande número de trabalhadores admitidos anualmente e comandados por um chefe, hierarquia definida, e grande produção, embora ainda não produzisse em grande escala, como anteriormente falamos e de acordo com o que ocorreu principalmente na década de 1960.

O mercado consumidor dos produtos da Mercur era extenso, abrangendo desde consumidores regionais até países da América Latina no período anterior ao ano de 1941. Segundo Jorge Hoelzel: “Faz muito que exportamos para o Uruguai. Não faz muito que o representante duma importante fábrica estrangeira nos confessou que a qualidade de nossa mercadoria é a única concorrência séria que ela teme no Brasil” (HARNISH, 1941, p. 399). A matéria *Um belo exemplo a festa de confraternização da Fábrica de Artefatos de Borracha “Mercur”*, publicado pela Gazeta de Santa Cruz, traz o discurso de Jorge Emilio Hoelzel que vai ao encontro da entrevista supracitada: “Posso adiantar, que hoje os produtos de nosso

fabrico são conhecidos, não só no Brasil, como em vários países estrangeiros, como de primeira qualidade” (Gazeta de Santa Cruz, 07/01/1954, p.4).

Ainda a respeito do mercado consumidor de um dos produtos mais icônicos dos anos 1940, a bola de tênis, Jorge Emilio Hoelzel comenta que “a bola de tênis Mercur é considerada em todo mundo tão boa quanto outra de qualquer procedência. A Argentina sempre foi nosso maior consumidor.” E Hoelzel acrescenta:

De 1935 o desenvolvimento de nossa indústria progredia normalmente, aumentando de ano para ano, isto porque procuramos, sempre, produzir artigos de boa qualidade. Fabricamos, hoje, muitos outros produtos de nossa especialidade, exportando-os para todos os países sulamericanos. (LUDWIG, 1949).

A partir do mercado que a Mercur mantinha nesse período, percebe-se o vigor da produção da empresa. Durante 20 anos, a Hoelzel & Cia foi a única fabricante de bolas de tênis na América Latina, incluindo também o Chile como um dos primeiros grandes importadores de bolas. As bolas de tênis, entre 1942 e 1945 e nos anos posteriores da década de 1940, foi o seu principal produto, estampando as principais propagandas publicitárias.

Imagem 4 – Anúncio publicitário Mercur

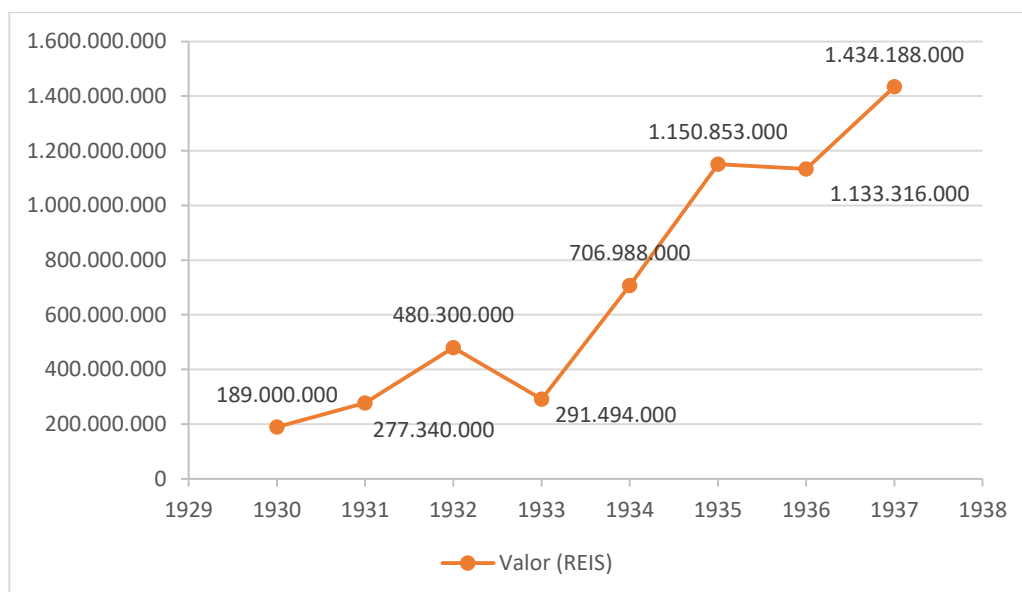


Fonte: Jornal Gazeta de Santa Cruz de 23 de dezembro de 1949, p. 8.

Da aquisição de novas máquinas, a instalação da nova fábrica até o ano de 1939, que marcou um novo período no desenvolvimento da Mercur, sobretudo devido à Segunda Guerra Mundial, a empresa obteve um crescimento constante, refletido na contratação de mão-de-obra. Entre 1932 e 1935 aconteceu um aumento progressivo no número de contratados, e somente no ano de 1936 há um número maior de demitidos do que contratados. Após 1936 a empresa volta a ter números positivos, e o saldo de trabalhadores volta também a ser positivo até o final daquela década – o ano de 1939.

O crescimento da empresa na década de 1930 pode ser acompanhado através dos relatórios anuais da Prefeitura Municipal de Santa Cruz entre os anos de 1930 e 1937. Os relatórios apresentam o valor (em Réis) e peso (em Kg) do que era produzido pela empresa. A empresa apresenta uma linha de tendência de crescimento no período, e, apenas nos anos de 1930 e 1936 apresenta queda nos valores e pesos produzidos.

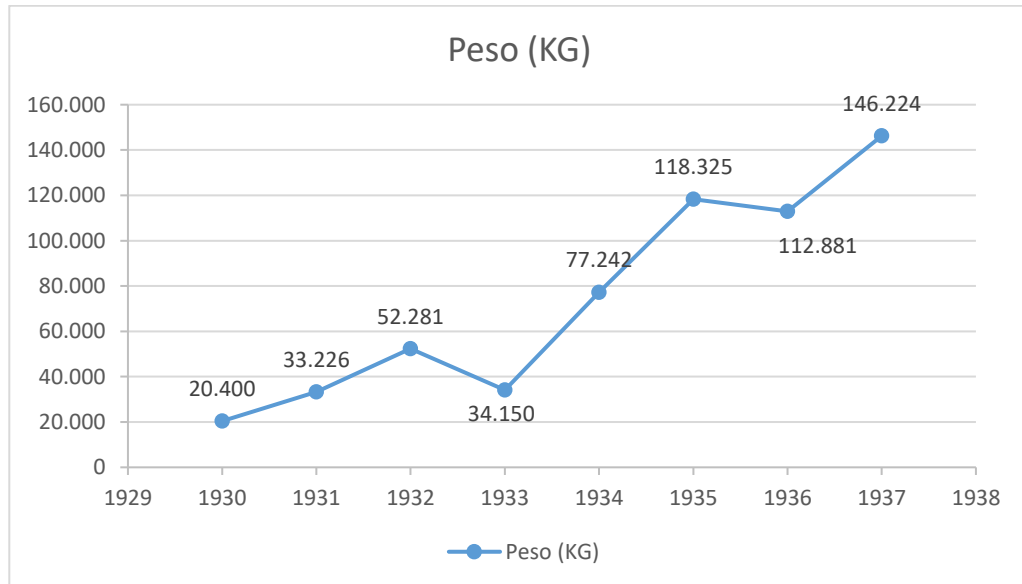
Gráfico 1 - Valores produzidos pela Mercur entre 1930 e 1937



Fonte: Relatórios anuais da Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul (CEDOC-UNISC).

O gráfico 2 explora o peso em produtos produzidos pela empresa:

Gráfico 2 - Peso em produtos produzidos pela Mercur entre 1930 e 1937



Fonte: Relatórios anuais da Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul (CEDOC-UNISC).

Os gráficos 1 e 2 auxiliam a entender como os aspectos econômicos da empresa impactaram na contratação de trabalhadores. Uma comparação com os dados apresentados na tabela 4, revela estes reflexos, inclusive nos anos de declínio da produção, como é o caso do ano de 1936, quando houve 29 pessoas demitidas.

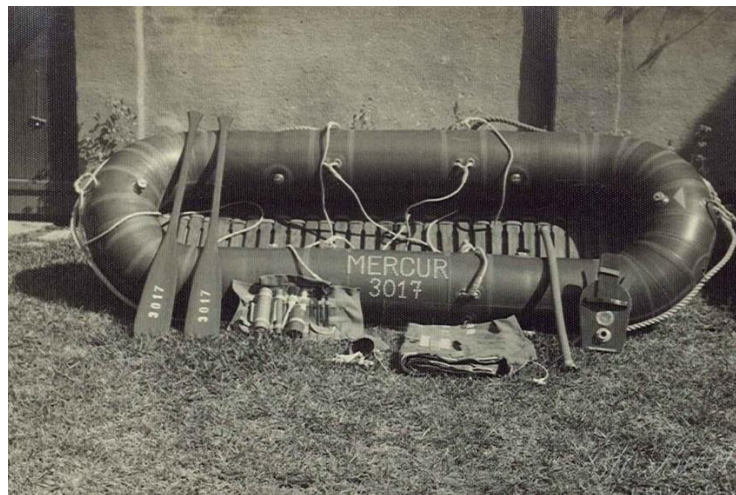
Tabela 4 – Balanço anual do fluxo de mão-de-obra (1932-1939)

Ano	Admissão	Demissão	Total de pessoas trabalhando
1932	16	0	33
1933	15	0	48
1934	13	0	61
1935	34	1	94
1936	19	29	84
1937	38	7	115
1938	88	63	140
1939	71	67	143

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

O período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) também deve ser compreendido atentamente. Nesse período, a Mercur introduz na linha de produção novos produtos derivados de borracha, como as bolas de tênis (sendo por muito tempo a única produtora desse tipo de material esportivo da América Latina) e os produtos que a possibilitaram a empresa manter-se em meio a falta de sua matéria-prima principal: o látex natural. A crise instalou-se devido à grande demanda desse material pelas nações envolvidas na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Sendo assim, a solução foi produzir materiais que estivessem vinculados às demandas da guerra, como botes infláveis comprados pelo Exército Brasileiro e coletes salva-vidas para a aeronáutica.

Imagem 5 - Bote inflável produzido pela Mercur para o Exército Brasileiro



Fonte: Arquivo Mercur.

No dia 06/07/1945, a menos de um mês do fim da Segunda Guerra Mundial (que acabou em 14 de agosto de 1945), a Gazeta de Santa Cruz republica uma matéria intitulada *A Guerra e a Borracha Brasileira*, do jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro. A matéria traz Jorge Emilio Hoelzel, que de “regresso de sua excursão comercial às Republicas do Uruguai, Argentina e Chile” achava-se no Rio de Janeiro. Hoelzel encontrava-se no Hotel Serrador, quando foi entrevistado pelo jornalista. Na respectiva entrevista o diretor-presidente da Mercur relata “que os produtos de borracha da nossa fábrica gozaram sempre uma situação magnifica, nos mercados das republicas vizinhas.” Porém, segundo ele, a guerra “atingiu em cheio” a produção da Mercur (que no período era uma companhia limitada, chamando-se Hoelzel & Cia LTDA) e completa:

Não fomos beneficiários da catástrofe; e, bem ao contrário, podemos nos inscrever, com honra, entre as suas vítimas.... Nada mais justo do que termos contribuído, com a nossa borracha natural, para a vitória das Nações Unidas. Mas, na minha excursão, verifiquei, com espanto, como estamos sendo expulsos de mercados que havíamos conquistado.

Vi que se oferecem produtos de outra procedência, em cuja fabricação, possivelmente, entrou a nossa Hevea, a preços que não permitem concorrência. Logo, houve um erro irreparável na distribuição de quotas, para o produtor nacional.

A nossa fábrica, há muitos anos, consumia, por trimestre, 18.000 Kg de borracha natural. Veio o aumento, pelo desenvolvimento dos negócios; veio a guerra, e estamos reduzidos a quota de 8.200 Kg.! Esta redução atingiu toas as fábricas nacionais, que, desta forma, não poderão cumprir com os pedidos, já aceitos, de mercados estrangeiros.

Em competição honesta, no campo comercial, realiza-se a conquista: a) pelo aperfeiçoamento do produto; b) pelo critério nos preços; c) pela normalidade nas entregas. (GAZETA DE SANTA CRUZ, 06/07/1945, p.2).

Em seguida, o empresário fala sobre a burocracia interna que as indústrias brasileiras enfrentavam para exportação dos seus produtos, o que resultava em muitos meses até chegar no país de destino e perda de clientes no exterior. E finaliza, novamente, com comentários sobre os reflexos da Guerra sobre a matéria-prima principal de sua fábrica, a borracha natural.

Antes da guerra, o Brasil contribuía com 1/2% de caucho, para o consumo mundial, porquanto 99,5% eram fornecidos pelas plantações da nossa heroica Hevea, levada pelos ingleses para a Índia.

Naquela época a produção da borracha sintética era ainda bastante reduzida, ao passo que hoje supera, em quantidade a borracha natural. (GAZETA DE SANTA CRUZ, 06/07/1945, p.2).

A fala de Jorge Emilio Hoelzel revela que a guerra, em si, não foi maléfica aos negócios da empresa, mas, sim, os efeitos no pós-guerra. Durante o período da guerra, a Mercur assegurou seu mercado por meio da sua obrigação para com o exército e teve uma demanda contínua. Porém, os efeitos desse processo: a demanda de produção somente para o exército, a falta de matéria-prima (borracha natural) para produzir produtos que assegurassem o mercado que já havia conquistado e, por consequência, o não cumprimento de remessa aos mercados desses produtos variados, fizeram com que a empresa, ao tentar voltar a recompor o mercado que tinha até então, viu que esse mercado já tinha sido suprido por outras corporações.

Segundo o relato de Jorge Hoelzel, embora a Mercur tenha passado por dificuldades devido à Segunda Guerra Mundial, no que concerne à importação de matéria-prima, é fato que, também neste contexto, a empresa pôde crescer, e isso reflete-se no aumento de contratação de trabalhadores na década de 1940 em relação às décadas anteriores.

Essa tendência se afirma no ano de 1943 com 116 trabalhadores contratados e em 1945 com 125 contratações. No ano seguinte (1946), ainda há um número elevado de admissões,

porém nos anos seguintes do pós-guerra – 1947 e 1948 – o número de contratações sofre uma queda vertiginosa, o que denota uma diminuição da produção da fábrica.

Para reforçar o argumento de que a Mercur cresceu no período da Segunda Guerra Mundial, a tabela 5 apresenta os dados referentes ao período, mostrando o crescimento, e a elevação no número de trabalhadores demitidos nos anos seguintes ao fim da guerra. Enquanto a produção da empresa aumentou significativamente durante a guerra, a indústria absorveu força de trabalho, porém nos anos seguintes, especialmente em 1946, quando a demanda não existia mais, a mão de obra tornou-se não mais necessária – portanto, demitiram.

Tabela 5 – Balanço anual do fluxo de mão de obra (1940-1945)

Ano	Admissão	Demissão	Total de pessoas trabalhando
1940	36	39	140
1941	61	22	179
1942	64	29	214
1943	116	48	282
1944	76	69	289
1945	125	77	337

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

O interesse militar beneficiou várias empresas do Rio Grande do Sul, demandando muita mão de obra. Um exemplo desse reflexo pode ser visto no caso explicitado por Sandra Pesavento (1985, p.87) sobre a Abramo Eberle, indústria metalúrgica de Caxias do Sul. A Eberle:

Que supria desde há muito tempo as Forças Armadas brasileiras com materiais de equipamento e armamentos de sua fabricação, foi muito beneficiada com a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Pelo decreto 11.081, de dezembro de 1942, a fábrica entrou na escala estratégica de fornecimento de material de guerra para o Exército e para o aparelhamento da Força Expedicionária Brasileira (FEB).

O nível de contratações da empresa começa a elevar-se novamente durante a década de 1950, devido a fatores que dizem respeito a mudanças estratégicas internas da empresa. A razão social da empresa Hoelzel & Cia LTDA é alterada para Hoelzel S/A – Fábrica de Artefatos de Borracha Mercur, já em 1949. Outro fator diz respeito a mudanças na lógica produtiva da

empresa e na mentalidade administrativa. O ano de 1953 é marcado por um papel decisório mais presente da segunda geração da família Hoelzel na gestão da empresa.

Heinz Georg Hoelzel (Jorge Jr.) que teve sua formação em Administração e Marketing nos Estados Unidos, além de estágio da Bayer na Alemanha - onde se dedicou a pesquisar matérias primas e processos de fabricação – começou, a partir deste ano, a afastar a produção da empresa das características artesanais e da produção sob demanda – tática que a primeira geração havia adotado.

Segundo relatos coletados na empresa, a nova mentalidade administrativa visava racionalizar e padronizar a produção, já que alguns produtos afetavam a lucratividade e se tornavam antieconômicos. Uma avaliação do portfólio fez com que a gerência, no ano de 1963, fizesse um corte de 400 itens.

Ficaram apenas 11 linhas de produção, garantindo uma economia de 50% nos custos, entre as quais: borrachas de apagar, mangueiras, tapetes de borracha, bolsas de água quente e gelo, seringas de borracha, impermeáveis (tecidos), bolas de tênis, elásticos, plástico, câmaras para bolas e revestimentos de cilindros. (UCHA, 2003, p. 15).

As mudanças na estratégia da empresa irão gerar efeitos na contratação de operários a partir da posse de Heinz Georg Hoelzel em 1953. A partir desse ano, a empresa adentrou novamente em um novo período de aumento de contratações, como aconteceu no período da Segunda Guerra Mundial. Os contratados eram direcionados aos vários setores da fábrica e do administrativo que a empresa dispunha no período, com preponderância de operários (Serventes, na nomenclatura da empresa).

Em 1957, a empresa entrou no ramo de plástico, tendência que já era vislumbrada pelo fundador Jorge Emilio Hoelzel em entrevista concedida ao jornal Gazeta de Santa Cruz, no ano de 1952. O empresário defende a ideia de que a borracha natural (látex, retirado da seringueira) dentro de poucos anos será substituída pela borracha sintética (produzida a partir do petróleo).

A borracha sintética, em certas propriedades, supera a borracha natural; prova é, que importamos alguma quantidade para a fabricação de determinados produtos resistentes aos óleos minerais, gasolina e dissolventes. Pergunto pois: não seria muito mais prudente produzirmos em nosso país a borracha sintética, com vantagens evidentes para a economia nacional? (GAZETA DE SANTA CRUZ, 17/07/1952, p.6).

No contexto da adoção do novo tipo de matéria prima o número de contratações em 1957 (o ano da adesão da matéria plástica) atinge números similares aos da Segunda Guerra Mundial e do ano de 1953 quando houve mudanças significativas no processo produtivo da

empresa. O período entre o ano de 1953 e 1960 pode ser entendido como uma fase de transição entre as duas fases que se apresentam de forma mais tangível.

Entre 1932 a 1953, a Mercur (na época Hoelzel & Cia LTDA) já possuía características que a definiam como uma empresa capitalista, como número de empregados e volume de produção. Porém, nesse cenário, a empresa colocava em prática uma estratégia de produção que era norteadada pela demanda do mercado consumidor, fazendo com que a grande quantidade de produtos produzidos pela empresa tornasse o processo produtivo antieconômico.

Já a partir do ano de 1953, o início de um movimento de padronização da produção e a criação de linhas de produtos com mercado definido começa a ser implementado. Essa tendência será efetivada na década de 1960.

A tabela 6 permite acompanhar a progressão e o desenvolvimento da contratação de mão de obra no período pós Segunda Guerra e 1960, relatados no texto.

Tabela 6 - Balanço anual do fluxo de mão-de-obra (1946-1960)

Ano	Admissão	Demissão	Total de pessoal trabalhando
1946	106	113	330
1947	24	85	269
1948	2	39	232
1949	19	28	223
1950	58	17	264
1951	40	33	271
1952	10	27	254
1953	128	63	319
1954	77	84	312
1955	82	78	316
1956	58	79	295
1957	24	62	257
1958	124	100	281
1959	38	85	234
1960	102	81	255

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur)

O ano de 1960 é considerado o marco final desse período de transição pois, no ano de 1961, a Mercur redireciona suas prioridades, modernizando a produção a partir da compra de novas máquinas alemãs.

A partir desse momento a empresa, podemos dizer, avança ao encontro de uma produção seriada, baseada na “filosofia” de produção fordista, inaugurando uma nova fase: capitalista em todos os sentidos, sobretudo na produção e na mentalidade administrativa.

2.3.3 A terceira fase capitalista: a racionalização da produção (1961 – 1970)

Começamos o estudo dessa fase com a análise da entrevista concedida por Milton Peiter, atualmente conselheiro da Mercur, mas que ingressou na empresa em 1959, como estafeta, passando por Expedição, Contabilidade e Sessão Técnica. Ele revela a mudança administrativa ocorrida a partir da gestão da empresa pela segunda geração da família, representada por Heiny Georg Hoelzel.

Como eu entrei em 1959, esses chefes de sessão ainda existiam quando eu entrei, e como eu entrei sob orientação da segunda geração que era a do Jorge Filho, que era uma... praticamente... ele criou gerentes, né? Esses gerentes, esses chefes de produção ficavam subordinados aos gerentes, mas eles estavam acostumados a receber ordens lá de cima. Que nem se dizia: “Porque eu vou ir a Jesus se eu posso ir direto à Deus?!”. Então eu tive muita dificuldade no início... assim... muitos deles [chefes de sessão] eu aposentei... eles chegavam e diziam, eu só obedeço ordem do seu Jorge [Jorge Emilio Hoelzel, fundador]. (PEITER, 2014).

Sobre o critério de seleção dos chefes de sessão, Peiter (2014) comenta o relacionamento entre os empregados e os chefes de sessão: “O que eu notava era que os empregados eram muito fiéis a estes chefes de sessão... muito... o relacionamento deles era muito bom. Porque eram do meio deles. Seu Jorge, tirava eles do meio deles. O cara mais capacitado.”

Com a mudança de gestão ocorrida no ano de 1963 ocorre a racionalização e especialização das funções, sob presidência de Jorge Filho.

Ele criou o gerente de vendas, o gerente de produção, o gerente administrativo, não havia estes cargos. Estes cargos não eram mais de pessoas tiradas de dentro da fábrica. Eram mais pelo estudo que a pessoa tinha. O perfil, por exemplo, o gerente de vendas tinha que ser uma pessoa tirada de algum curso. (PEITER, 2014).

A fase entre 1961 a 1970 é marcada por características norteadas pela modernização da empresa, refletindo-se não somente do ponto de vista da gestão administrativa, mas também em infraestrutura. Nos anos 1960, a empresa adquiriu novas máquinas provenientes da Alemanha, que permitiram aumentar e padronizar a produção. Segundo documentação coletada na Mercur, a empresa “entrava definitivamente no jogo competitivo e a lógica de atuação passaria a ser outra, ou maior ênfase seria dada a aspectos e indicadores de desempenho do negócio.” (MERCUR, s/d).

Em 1957, a empresa entra para o ramo de produtos baseados no plástico, concretizando, em 1963, um novo braço da Mercur, a Hoelzel S/A - Indústria de Plásticos Mercur, que, em 1971, transferiu-se para a fábrica localizada no distrito industrial, na Zona Sul da cidade de Santa Cruz do Sul. Dessa forma, a Mercur dividiu-se em duas fábricas.

Para a divisão de plásticos a Mercur contratou 14 trabalhadores entre os anos de 1967 a 1969. Ver tabela 7.

Tabela 7 - Contratados pela Hoelzel S.A. - Indústria de Plásticos Mercur

Ano de Admissão	Ano de Demissão	Cargo
1958	1967	Servente
1963	1969	Servente
1964	1964	Servente
	1965	Aprendiz
	1966	Servente
	1970	Chefe de Seção
1965	1965	Auxiliar de Escritório
		Servente
1966	1967	Servente
	1969	Servente
	1977	Servente
1967	1968	Aprendiz
1968	1969	Servente
1969	1969	Servente

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Além desses, outros 13 trabalhadores foram transferidos de outras divisões da Mercur Hoelzel S/A para compor o quadro de funcionários da fábrica de plásticos, conforme tabela 8.

Tabela 8 - Transferidos para Hoelzel S.A. - Indústria de Plásticos Mercur

Ano de Admissão	Ano de Demissão	Cargo	Data de transferência
1945	1963	Servente	1/7/1963
1958	1963	Servente	1/7/1963
	1971	Servente	1/7/1963
1960	1968	Servente	1/7/1963
1961	1963	Servente	1/7/1963
1962	1967	Servente	1/7/1963
	1963	Servente	1/7/1963
	1970	Desenhista	7/1963
1963	1963	Servente	1/7/1963
		Servente	1/7/1963
	1972	Auxiliar de Escritório	2/1965
1965	1967	Servente	3/1/1965
1968	1976	Servente	7/1963

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Imagem 6 - Anúncio da Hoelzel S/A sobre a produção de artefatos de matéria plástica



Fonte: Jornal Gazeta do Sul de 17 de julho de 1963.

Em 1953, o já comentado corte em linhas de produtos, e a racionalização na linha de produção, a partir da extinção de 400 produtos, ocasionou na demissão de trabalhadores.

(UCHA, 2003, p. 15). O mesmo efeito foi sentido em 1964, com o controle de produção e de preços de todos os produtos exigidos pelo governo militar. Com os resultados desse controle,

Jorge Jr. pode constatar os produtos que eram mais lucrativos e quais os que deveriam ser descontinuados, o que levou a empresa a um novo ajuste em sua linha de produtos, com novos impactos em sua organização e em novas demissões. A empresa passou a ter, então, sete linhas de produção, sendo estas divididas em: escolar, produtos para escritório, esportiva, farmacêutico, hospitalar, plástico e industrial. (MERCUR, s/d).

As mudanças nesse período somam-se às transformações ocorridas no período anterior. Os trabalhadores que antes já estavam submetidos à máquina, entre o ano de 1932 a 1960 são inseridos na nova lógica de produção da Mercur, ou seja, sob linhas de produção bem definidas e com uma produção com grande demanda para toda a América Latina (GAZETA DE SANTA CRUZ, 07/01/1954, P.4).

Os trabalhadores, sob uma hierarquia vertical, em que o comando, que antes era feito pelo próprio dono da empresa ou os chefes de seções (antes retirados na própria produção), nesta nova fase eram comandados por supervisores “que tinham essa incumbência de manter este relacionamento com cada empregado e usava o encarregado de cada setor para apoio dele”. (PEITER, 2014). Ou seja, uma lógica baseada na hierarquia que revela uma outra lógica, a administrativa, posta em prática naquele cenário. A empresa atingira um novo patamar de produção e de absorção de mão de obra o que exigia, segundo os paradigmas administrativos da época, uma especialização do comando.

Nesta conjuntura a Mercur adere a novas práticas administrativas e de gestão. Os supervisores faziam cursos que eram promovidos pela Associação Comercial de Santa Cruz do Sul. Peiter, em sua entrevista, também revela que certos cargos de comando foram inspirados na forma que empresas do setor fumageiro mantinham sua organização administrativa.

Essa associação sempre escolhia os cursos da capacitação de supervisores, por que o negócio de supervisores surgiu dentro da Souza Cruz. Os supervisores que recebiam treinamento para ser futuros (lá em cima) foi na Souza Cruz, então eu copieei da Souza Cruz. É, tudo se copia, né? Achei muito interessante. Só que eles tinham o curso lá dentro, inclusive tinha gente que morava dentro da Souza Cruz, tinham casa lá. Eles moravam lá dentro e recebiam. Só que aqui [Mercur] nós não tínhamos esse... Em primeiro lugar a escolaridade dos supervisores começou a ser validade, eles tinham que começar a tirar curso superior, todos eles. (PEITER, 2014).

A respeito disso, devemos considerar a opinião de Jorge Hoelzel Neto sobre a diferença entre os modelos de gestão de seu avô Jorge Emilio Hoelzel e seu pai Heiny Hoelzel.

E eu acho que assim a diferença dos modelos de gestão tem aquela coisa do arrojo do fundador de começar do zero mesmo. E meu pai já teve, embora ele não tenha se formado em nada, ele estudou várias coisas, mas ele não se formou em nada, mas ele tinha muito para ele em tornar a Mercur uma empresa com produtos de linha, racionalizar os processos, isso ele tinha, ele fazia com muita energia. Eu lembro de várias vezes... meu pai trabalhava muito em casa, de noite. Muito mesmo... em casa ele tinha um escritório que era a área dele. E então várias vezes eu acordava de noite e eu via ele...levava umas planilhas enormes par casa, e ele escrevia, escrevia, e fazia desenho. Então o modelo de gestão parece que ele tirava da cabeça e jogava nos papeis. Organogramas, processos, desenhava processos em folha de papel grande. (Jorge Hoelzel Neto, 2017).

A percepção de Jorge Hoelzel Neto vai ao encontro do contexto explorado no decorrer da escrita dessa fase, no que se refere ao processo de racionalização do processo produtivo empregado por seu pai, Heiny Georg Hoelzel. É, portanto, esse último período, que se inicia a partir da década de 1960 e vai até o final da mesma década, marcado por mudanças administrativas, no que concerne à profissionalização dos postos de gerência da empresa, perpassando pela modernização do maquinário e racionalização do processo produtivo. Essas mudanças refletiram numa menor contratação de trabalhadores, em comparação aos períodos anteriores, conforme pode ser verificado na tabela 9.

Tabela 9 - Balanço anual do fluxo de trabalhadores (1961 - 1970)

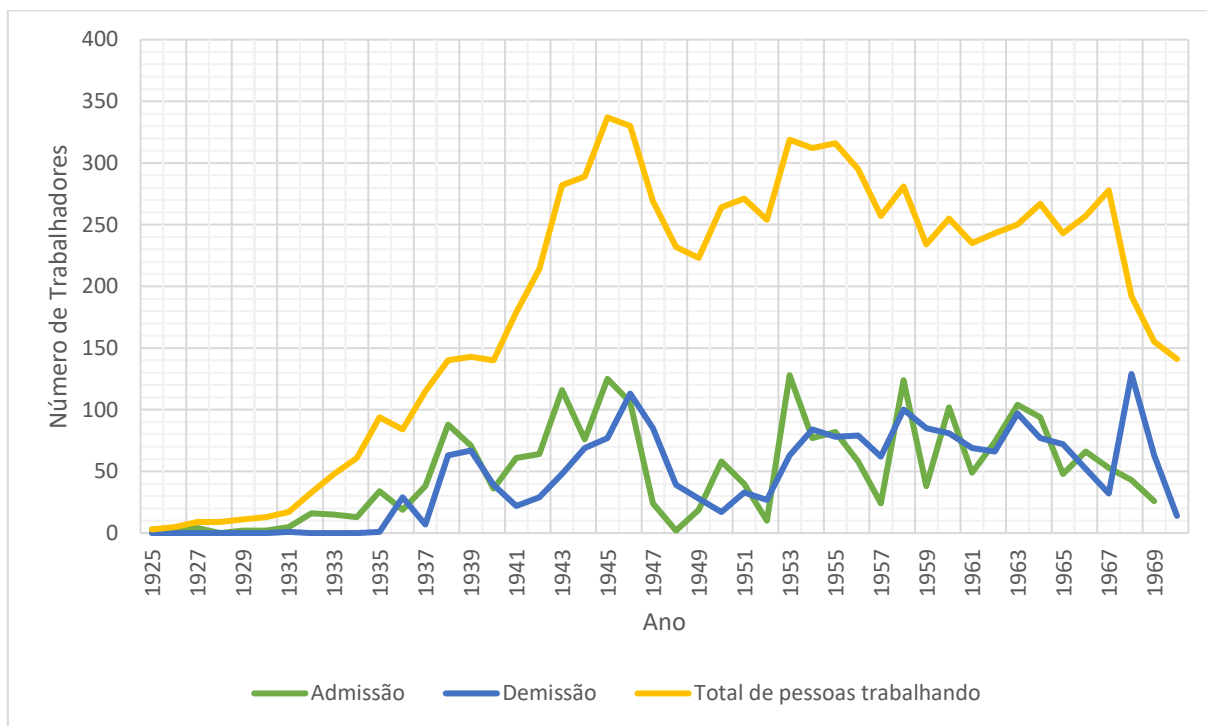
Ano	Admissão	Demissão	Total de trabalhadores
1961	49	69	235
1962	74	66	243
1963	104	97	250
1964	94	77	267
1965	48	72	243
1966	66	52	257
1967	53	32	278
1968	43	129	192
1969	26	63	155
1970		14	141

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Como forma de sintetizar este capítulo, produzimos o gráfico 3, que apresenta os números relativos ao número de trabalhadores durante todo o período focado neste trabalho (1924 a 1970). O gráfico complementa visualmente as informações trazidas pelas tabelas 3, 4, 5, 6 e 9, que permitem observar o balanço anual do fluxo de mão de obra da Mercur.

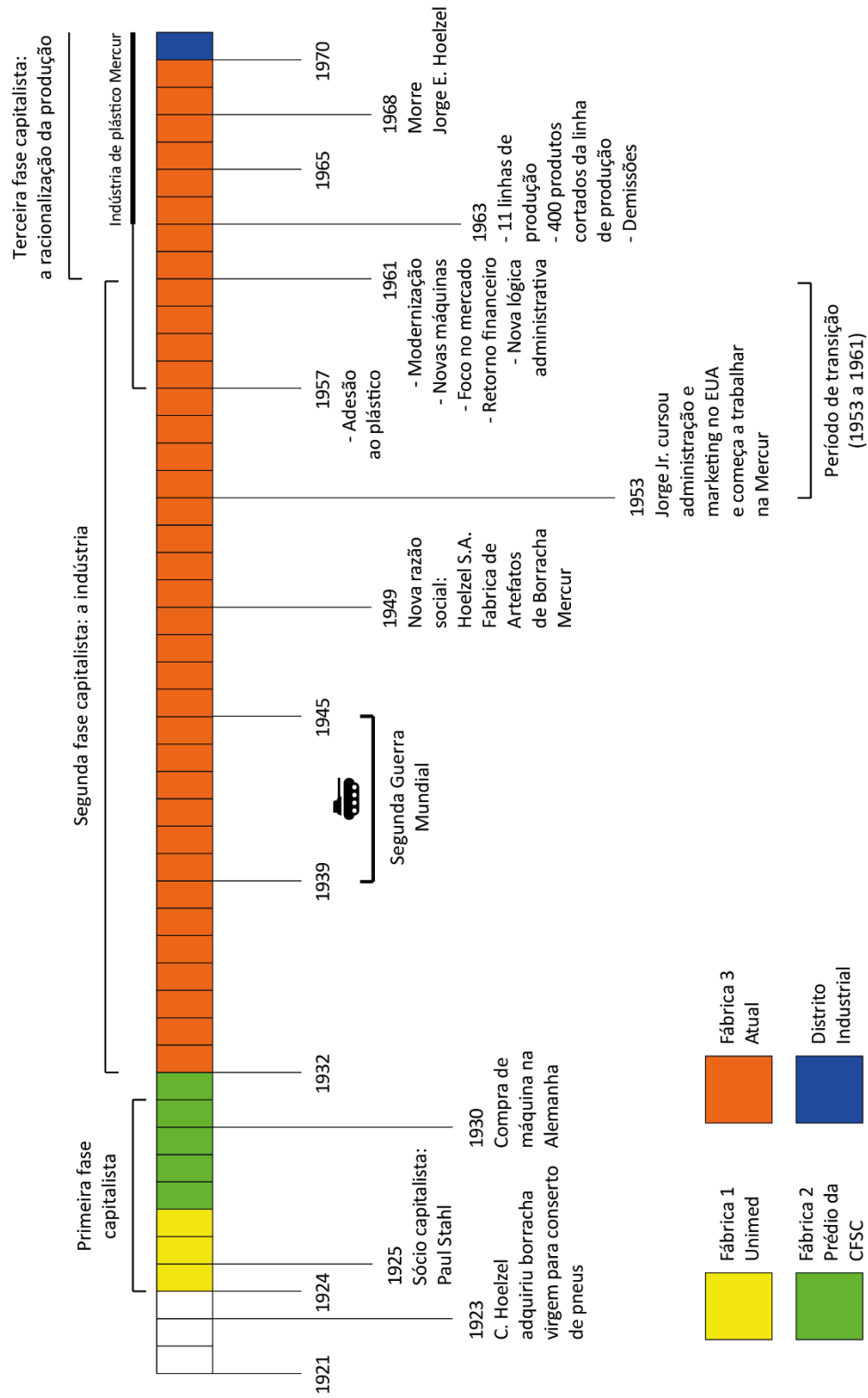
Além disso, anexamos, após o gráfico supracitado, um infográfico como forma de trazer uma perspectiva visual das fases do desenvolvimento da empresa. A imagem 7 contém todas as fases tratadas neste capítulo e possui de forma sintética as principais características que determinam o início e o fim de cada período abordado.

Gráfico 3 - Balanço do fluxo de mão de obra (1925 - 1969)



Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Imagem 7 – Infográfico: Fases do desenvolvimento da Mercur



Fonte: Elaborado pelo autor.

2.4 A família Hoelzel, suas relações e representatividade na comunidade de Santa Cruz do Sul

Essa seção tem como objetivo somar-se ao subcapítulo anterior que analisou o histórico da empresa Mercur e as fases de seu desenvolvimento, porém sob outro viés: mediante análise da representatividade e das relações da família Hoelzel na comunidade de santa-cruzense. Essa abordagem ajudará a compreender o desenvolvimento da indústria através da representatividade de seus fundadores perante a sociedade santa-cruzense, seus empreendimentos, ações que impactaram sobre o desenvolvimento do município, suas relações com os espaços de decisão, e participação em clubes e associações na cidade.

Pensamos tratar-se de um subcapítulo oportuno, pois a empresa se manteve ao longo de todo o período estudado como um empreendimento familiar. Ter como objeto de análise a família Hoelzel, e principalmente seu fundador Jorge Emilio Hoelzel e sua participação em assuntos públicos, é entender, paralelamente, o desenvolvimento da empresa, já que a família somente adquire visibilidade na cidade com o crescimento da empresa.

A motivação para a criação deste subcapítulo surgiu no decurso do desenvolvimento da pesquisa empírica feita nos periódicos de Santa Cruz do Sul, sobretudo nas páginas do jornal Gazeta do Sul, entre os anos de 1945 a 1970. Foi a emergência de notícias, artigos, e entrevistas que possibilitou observar a forma como se dava a abordagem a respeito da Mercur e especialmente do seu fundador, Jorge Emilio Hoelzel, pela imprensa. Adjacente a isso, foi possível entender a relação do mesmo com empreendimentos e iniciativas na cidade, sua representatividade junto a grupos e associações, e a forma como essas relações iriam impactar na empresa, na cidade e até mesmo na vida privada dos trabalhadores.

Se, no subcapítulo 2.3 abordamos detidamente o desenvolvimento da empresa a partir da análise de tomadas de decisões internas e de situações conjunturais e históricas, aqui fazemos uma abordagem das ações da família Hoelzel, ou seja, focaremos nas pessoas à frente da empresa. Para isto, nos inspiramos na abordagem que o sociólogo José de Souza Martins colocou em prática no livro *Conde Matarazzo: o empresário e a empresa*. No trabalho de Martins (1976) estão inseridos tanto a linha de abordagem econômica como outra de aspecto sociológico da ação dos agentes históricos: empresários e operários. Esta última abordagem é a que nos interessa neste subcapítulo, pois estaremos focados em compreender a ação da família Hoelzel e dos membros que estavam na linha de frente da empresa no âmbito da comunidade santa-cruzense.

Para Martins (1976, p.7), entender esses vínculos abre horizontes para compreender a

relação entre a herança sociocultural e o desenvolvimento econômico, isto é, a medida do mútuo condicionamento dessas duas variáveis e da eventual dominância da primeira no aparecimento de capitães-da-indústria, empresas clônicas e paternalismo empresarial. Afinal, no caso brasileiro, um dos esclarecimentos que se impõem na discussão da institucionalização da sociedade industrial é o do óbice eventualmente representado por essa herança ao industrialismo.

Seguindo os passos do autor, nos propomos a entender, para além das questões relativas ao desenvolvimento da empresa, também – com perdão da redundância – as relações e representatividade da família Hoelzel no cenário de Santa Cruz do Sul.

Utilizamos também, no desenvolvimento desse subcapítulo, o método biográfico pois, através dele somos capazes de problematizar e levar em consideração os atos individuais concretos, “o que não poderia ocorrer por meio de generalizações ou correlações fixas, seguindo determinados padrões interpretativos, mas sim se valendo de um método que assegure a articulação do ato à estrutura, de uma história individual à história social (FERRAROTI, 1980 apud OLIVEIRA et al., 2013, p. 7)

Nesse sentido, compreender a vida do indivíduo, o indivíduo em sua singularidade, dentro do escopo do método biográfico é, segundo Ferrarotti estabelecer e potencializar através do método:

a relação entre o singular e o universal, o específico e o geral, a pessoa e o mundo, visando aquilo que o indivíduo realmente é, a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia. Este método permite reconhecer, assim, o social a partir da especificidade irredutível de uma práxis individual. (FERRAROTI, 1988 apud OLIVEIRA et al., 2013, p. 8).

É este viés personalista que o jornal deixa transparecer e que trazemos para este capítulo como um dos componentes da nossa análise. Dessa forma, analisaremos como a imprensa do município apresentava, por meio das suas páginas, a imagem de Jorge Emilio Hoelzel enquanto homem público. Além disso, trabalhar com a história de um sujeito pode encaixar-se dentro da ideologia do *self mande-man* e do empresário como figura vencedora e, junto a isso, focar em fontes como jornais e entrevistas que, de certa forma, cultuam personalidades, impõem-nos essa necessidade. Como argumentou Martins (1976, p. 8), diante desse dilema em seu trabalho sobre o Conde Matarazzo, o “próprio desenvolvimento da análise representa a superação dessa perspectiva inicialmente ideológica, incorporando-a depois como dado explicativo”. Ou seja, é

mostrando a abordagem sobre tais personagens que entendemos sua dimensão no contexto em que eles viveram.

Tratar dessa temática é de grande importância para o preenchimento de vazios que a história de empresa possui. Históricos de empresa, publicados de forma sucinta em alguns anais do município, disponível no *site* da empresa e em trabalhos acadêmicos, não aprofundam a sua história em seus pormenores tornando-se superficiais. Nesse sentido, buscando entender a(s) personalidade(s) no comando da Mercur, também compreendemos a empresa, e estamos compondo com dimensões diferentes extratos interdependentes do mesmo fenômeno. E de acordo com o método biográfico, é poder vislumbrarmos a possibilidade “de compreender a dinâmica das relações que se estabelecem ao longo da existência do indivíduo. Dá-se, assim, a possibilidade de entender como o contexto social interfere na vida do sujeito e, por outro lado, como esse é capaz de alterar o seu ambiente”. (OLIVEIRA, 2013, p. 9).

Para redesenhar as relações e a representatividade da família Hoelzel em Santa Cruz do Sul, faz-se necessário que abordemos a origem da família e sua presença no Brasil.

O primeiro membro da família Hoelzel no Brasil foi o pastor luterano Georg Hoelzel. Conforme já introduzimos no tópico anterior, ele exilou-se no Brasil devido às suas posições políticas (LUDWIG, 1949). A convite da comunidade evangélica de São Francisco do Sul,⁴ estabeleceu-se como pastor em 1854, exercendo a função até 1858, quando se mudou para a São Paulo. Voltou ao Estado de Santa Catarina logo depois, a pedido da mesma comunidade, “perfazendo assim 27 anos de atividade pastoral em Joinville”⁵. Faleceu em 2 de maio de 1889. O relato de seu funeral foi feito pelo jornal A Reforma, de Joinville:

Domingo último saiu da paróquia evangélica daqui um enterro como São Francisco ainda não o assistiu durante a sua existência de 40 anos. Era que a comuna evangélica de Joinville acompanhava seu velho padre Jorge Hoelzel, que faleceu aos 72 anos, a sua última morada, seu padre e seu guia, que lhes foi amigo, conselheiro e protetor durante toda uma geração. (LUDWIG, 1949).

⁴ São Francisco do Sul é um Município do Estado de Santa Catarina, no Brasil.

⁵ Extraído do site <http://www.luteranos.com.br/conteudo/pastor-georg-hoelzel>.

Imagem 8 - Fotografia do Pastor Georg Hölzel



Fonte: Portal Luteranos

O Pastor Georg Hoelzel e esposa tiveram dois filhos: uma filha, cujo nome não conseguimos identificar; e um filho, de nome Carlos Hoelzel, nascido em 1856 no município de São Francisco do Sul (porém registrado em Joinville)⁶. Carlos veio a ser o pai de Jorge Emilio Hoelzel e de Carlos Gustavo Hoelzel, fundadores da Mercur. Conforme Ludwig, Carlos Hoelzel:

Nasceu em São Francisco onde aprendeu a profissão de relojoeiro. Trabalhou muitos anos em São Paulo e outros em Porto Alegre, na casa Fehlauer. Construiu ele diversos tipos de relógios, destacando-se, dentre esses, um dispositivo em que apareciam em pequeno lago tantos marrecos quantas fossem as horas dadas. Era o lago feito de um metal oco.

Mais tarde Carlos Hoelzel estabeleceu-se com relojoaria em Cachoeira, donde mudou-se para Santa Cruz do Sul. Faleceu em 1915, deixando como recordação diversos relógios originais de sua construção, verdadeiras obras de arte. (LUDWIG, 1949).

⁶ A referência ao nascimento de Carlos Hoelzel está disponível no registro de batismos da igreja luterana de Joinville, e consta como Carl Georg August Josef Hölzel em: http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/comunidade-evangelica-de-joinville-up/registro-de-batismos-1851-1901-indice, p.30, registro 134.

Carlos Hoelzel faleceu em 1904⁷, quando seu segundo filho, Jorge Emilio Hoelzel tinha 13 anos. Jorge Emilio frequentou, até os 15 anos, o Colégio Mauá (1906), e seguiu para o Rio de Janeiro e São Paulo, lá permanecendo entre os anos de 1906 e 1910. Em São Paulo trabalhou como relojoeiro, profissão que aprendeu com o irmão Carlos Gustavo Hoelzel que neste período estava em Santa Cruz do Sul e trabalhava – também - como relojoeiro (LUDWIG, 1949).

A respeito de Carlos Gustavo Hoelzel, o jornal Gazeta do Sul esclarece:

Carlos Hoelzel nasceu em 3 de Julho de 1886, na cidade de Porto Alegre. Frequentou colégios em Porto Alegre, Joinville, Cachoeira do Sul e Santa Cruz do Sul, não tendo, por isso, conseguindo grandes conhecimentos escolares. O que aprendeu, foi na escola da vida. Ao falecer o pai, no ano de 1904, trabalhava na relojoaria de Eduardo Jeanneret, em Porto Alegre, no ofício de relojoeiro que lhe havia ensinado o pai. Abandonou o emprego para vir assumir o encargo de chefe da família e tomar conta dos negócios, que o pai deixara. Tinha então, 18 anos. (Gazeta do Sul, 17/10/1964, p. 4).

Enquanto Carlos Gustavo Hoelzel estava trabalhando como relojoeiro em Santa Cruz, profissão que exerceu desde a morte de seu pai até 1918, Jorge Emilio Hoelzel ingressava na Universidade de São Paulo, em 1910, com 19 anos. Concomitantemente aos estudos, trabalhou como relojoeiro (1911) e em escritórios de engenharia (1912 e 1913). Em 1915, com 24 anos, concluiu o curso de Arquitetura e Engenharia⁸ (LUDWIG, 1949).

Ao concluir o curso, regressou ao Rio Grande do Sul, mais precisamente para Santa Cruz do Sul. Conforme Ludwig (1949), daí seguiu para Cachoeira, onde executou diversas construções. Depois de ano e meio voltou para Santa Cruz. E segue:

Sempre admirei Santa Cruz, aqui sempre me senti bem, de maneira que aqui tentei me estabelecer. Associei-me ao Sr. Henrique Schuetz, montando depósito de matéria-prima para construções. Construímos diversas casas. Em 1920 casei, perdendo um ano após a minha esposa. Casei novamente em 1922, de cujo matrimônio tivemos uma filha e um filho. (LUDWIG, 1949).

Em 1915, mesmo ano de conclusão do curso de Jorge, seu irmão Carlos Gustavo “contraiu matrimônio com D. Amélia Fetter”. Ainda neste período comprou um carro e

⁷ Há um conflito entre as duas fontes às quais nos referenciamos. O Pastor Ludwig, em manuscrito de 1949 (CEDOC-UNISC), escreve que Carlos Hoelzel faleceu em 1915, já a publicação da Gazeta de 17/10/1964 p.4, fala na data de 1904. Considerando a data do falecimento de Carlos Hoelzel trazida por Ludwig, Jorge Emilio Hoelzel teria 24 anos, o que desqualifica a idade de falecimento de Carlos Hoelzel. Acreditamos ser verdadeira a data apresentada pela Gazeta do Sul, 1904, considerando assim Jorge Emilio Hoelzel com 13 anos de idade quando seu pai, Carlos Hoelzel, faleceu.

⁸ Há diversas passagens que podem interessar a quem busca especificidades da vida pessoal de Jorge Emilio Hoelzel em São Paulo, seus diversos empregos, o desemprego durante a deflagração da Primeira Guerra Mundial em 1914, falta de alimentação diária até a conclusão do curso. O relato manuscrito encontra-se na entrevista elaborada por Ludwig localizada no CEDOC-UNISC.

estabeleceu-se com carro de praça (taxi), que funcionava junto a sua relojoaria. “Sua garagem funcionava na antiga Ferraria da família Ochs, à rua Tte Cel. Brito. Suas viagens, eram mais puxadas a boi do que pela força do motor, face à precariedade das estradas de então” (Gazeta do Sul, 17/10/1964, p. 4).

Em 1918, Carlos Hoelzel foi nomeado concessionário da Ford Company em Santa Cruz do Sul. Isso leva o seu nome a aparecer no jornal *Kolonie*, ao lado de outras pessoas conhecidas, como Julio Bartolomay. Ver imagem 8.

Imagem 9 - Anúncio publicitário da revenda Ford de Carlos Gustavo Hoelzel

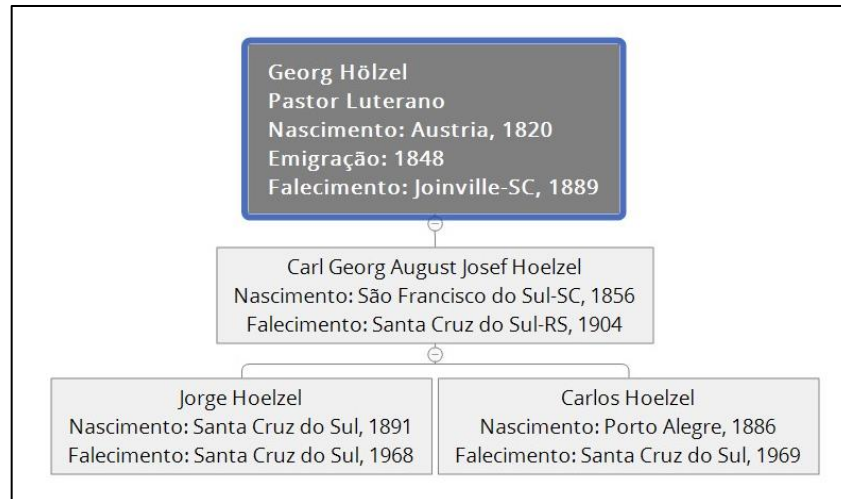


Fonte: Jornal Kolonie, 28/05/1924 (CEDOC – UNISC).

Até o final da década de 1910, verificamos que a família Hoelzel, até o limite que a fontes nos impuseram, não possuía nenhum tipo de capital de investimento derivado de algum tipo de herança familiar que a colocasse de alguma forma inserida na elite de Santa Cruz do Sul. Carlos Gustavo Hoelzel trabalhava como relojoeiro em Porto Alegre e, após o falecimento de seu pai veio para Santa Cruz do Sul ser o chefe da família. Com dificuldades financeiras, Jorge Emilio havia conseguido se manter e estudar em São Paulo. Já o pai destes, Carlos Hoelzel, era também relojoeiro. O avô, Pastor Georg Hoelzel (Georg Hölzel) era um refugiado político da Áustria e, até onde consta, não tinha vinculação com investimentos de capital. Aliás, se tivesse, muito provavelmente não teria sido pastor, embora pudesse circular em altos círculos

sociais. Para melhor visualizar os parentescos, nascimentos e falecimentos da família Hoelzel, ver imagem 10.

Imagem 10 - Arvore genealógica da família Hoelzel até os fundadores da empresa Mercur



Fonte: Elaborado pelo autor.

A vinda de Jorge Emilio Hoelzel para Santa Cruz do Sul é concomitante a maior visibilidade que a família Hoelzel começa a adquirir. Mas antes mesmo da volta de Jorge Emilio, seu irmão Carlos já havia trabalhado com cinema itinerante e percorria o interior de Santa Cruz do Sul exibindo filmes. Porém em 1920, quatro anos antes da fundação da Mercur, percebe-se um certo acréscimo no alcance que os irmãos já terão na sociedade em termos de contatos e visibilidade, como é o caso do apoio que deram a figuras conhecidas na época na cidade: Eugenio Lore, Gustuavo Neyneck, Luiz Stahl e Oscar Adolphs, “para a construção do primeiro planador em terras brasileiras” (GAZETA DO SUL, 17/10/1964, p. 4).

Ainda nos primeiros anos da década de 1920, encontramos outras evidências dessas tramas que os Hoelzel vão tecendo. Jorge vincula-se a Schütz, formando a firma Hoelzel e Schütz, construindo o prédio onde, em 1922, foi instalado o Banco Pelotense, na esquina das ruas Júlio de Castilhos com a Marechal Floriano Peixoto. Atualmente essa edificação ocupa a Casa de Artes Regina Simonis e se constitui em um dos marcos do patrimônio arquitetônico do município (WINK, 2000, p. 176).

Com o início das atividades da Mercur, em 1924, intensificaram-se as relações da família Hoelzel com pessoas consideradas importantes na vida social do município, como o médico alemão Heinz Von Ortemberg e o empresário Philip Lowenhaupt. O médico, figura

reconhecida na comunidade santa-cruzense na primeira parte do século XX emigrou para o Brasil exercendo em Santa Cruz seu ofício a partir de 1907. Porém no ano de 1914, quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial, voltou à Alemanha para cuidar do Kaiser alemão Guilherme II, regressando a Santa Cruz do Sul na década de 1919 quando possivelmente firmou sociedade com os Hoelzel (TELLES, 1980).

Philliph Lowenhaupt, empresário do ramo fumageiro, vice-presidente da CFSC em 1943 e mais tarde fundou seu próprio estabelecimento de beneficiamento de fumo, em Venâncio Aires (NORONHA, 2012, p. 298). Além de Paulo Stahl, funcionário da Caixa Cooperativa Santa-Cruzense, “pessoa amplamente relacionada na comunidade local” (GAZETA DE SANTA CRUZ, 14/07/1953, p. 6).

Os três investiram capitais nos primeiros anos da empresa dos irmãos Hoelzel, o que denota que eles possuíam certa influência e credibilidade em relação a membros de destaque na sociedade santa-cruzense.

A Gazeta do Sul, no ano de 1947, exalta a figura de Ortenberg explicitando o seu trabalho clínico, além de suas contribuições em estabelecimentos industriais da cidade. Um desses estabelecimentos é conhecidamente a Mercur.⁹

Acompanhado de sua exm. esposa, regressou, terça-feira última, da Alemanha, o conhecido e competente médico Dr. Heinz von Ortenberg, que durante mais de 30 anos clinicou nesta cidade. O Dr von Ortenberg, que tem seu nome ligado a organização e desenvolvimento de dois dos mais importantes estabelecimentos industriais de nossa cidade, em meados de 1939 iniciou uma viagem de recreio e negócios à Alemanha, acompanhado de sua esposa e duas filhas menores. (GAZETA DE SANTA CRUZ, 11/07/1947, p. 6).

A visibilidade que Jorge Emilio Hoelzel tinha na comunidade de Santa Cruz do Sul é evidenciada tanto nos tratamentos que lhe é dispensado pelo jornal local como no cunho das reportagens existentes a partir de 1945. Tratamentos como “o industrialista” ou “o capitão da indústria santa-cruzense” aparecem em variados espaços e matérias do jornal. Além disso, em inúmeras iniciativas pessoais, vinculadas à Mercur e a interesses do município, seu nome aparece.

A primeira referência que o jornal Gazeta de Santa Cruz faz a Jorge Emilio Hoelzel é em entrevista intitulada *A Guerra e a Borracha brasileira*, de 6 de julho de 1945. A entrevista

⁹ Ortenberg também teve participação em dois outros estabelecimentos industriais da cidade, a Impressora Anilina, e a Litografia Minerva (fundada em 1933) instalada no prédio ocupado pela Companhia de Fumos Santa Cruz (até o ano de 1923) e a própria Hoelzel Irmãos (entre 1927 e 1931). (TELLES, 1980, p.345) e (GAZETA DO SUL. Santa Cruz do Sul. Diário. Disponível em: http://gaz.com.br/conteudos/zeborowsky/2016/11/07/83607-grafica_minerva.html.php). Acesso em: 09 fev. 2018.)

foi feita por um repórter do jornal A Manhã, do Rio de Janeiro, e reproduzida pela Gazeta. Na matéria ficam explícitas as reverências do jornal à personalidade de Hoelzel, além de fazer notar sua influência junto ao Itamarati para assuntos relacionados à divulgação da sua empresa e produtos na América Latina (GAZETA DE SANTA CRUZ, 06/07/1945, p. 2).

No ano de 1952, o jornal veicula outra entrevista que tem como assunto geral, novamente, a situação econômica do País, abordando temas como a borracha e a exploração do petróleo no Brasil. A matéria faz parte de uma série “de reportagens, com as quais ouviremos os elementos ligados ao comércio e produção de Santa Cruz do Sul e região”. Na matéria que tem como título a frase *A orientação da CEXIM é de uma verdadeira quinta coluna*, o jornal, sabendo que Jorge Emilio Hoelzel havia “regressado do Rio de Janeiro, onde tratou de assuntos ligados ao nosso Município”, entrevista-o. Embora não seja nosso objetivo nos apegar aos assuntos das matérias, achamos interessante expor a essência do argumento de Hoelzel em relação aos temas propostos pela reportagem.

Quando acusa a Carteira de Exportação e Importação do Banco do Brasil - CEXIM (órgão do Estado responsável por estimular e amparar a exportação de produtos nacionais e assegurar condições favoráveis à importação de produtos estrangeiros) de quinta coluna, Jorge julga o órgão da União de jogar contra o próprio país devido aos altos preços impostos pelo Banco de Crédito da Amazônia. Segundo ele, a Mercur comprava borracha ao “preço de Cr\$ 42,00, em média, por quilo, ao passo que essa mesma borracha, procedente das Índias Orientais, custa aos fabricantes de outros países que dela se abastecem Cr\$ 15,00 por quilo” (GAZETA DE SANTA CRUZ, 17/07/1952, p. 6).

Na edição do dia 29 de março de 1949, o jornal publica um artigo do próprio Jorge Emilio. O texto intitulado *Apelo ao povo de Santa Cruz do Sul* é direcionado a resolver um boato corrente na cidade a respeito de uma suposta desavença que teve com o prefeito da época. Percebe-se em Hoelzel a preocupação em desmentir o boato entre ele e o “edil santa-cruzense” usando o município e suas dificuldades em conseguir apoio dos governos federais e estaduais como ponto de convergência entre ambos.

A Mercur também recebia atenção das matérias da Gazeta. As festas de final de ano dos anos de 1955 e 1956 são relatadas no Jornal, dando ênfase aos discursos de Jorge Emilio e às ações internas da empresa. Segue o relato da confraternização de 1955, em que se nota uma tendência da matéria em abordar a relação de Jorge Emilio com os operários:

Num ambiente de compreensão e camaradagem realizou-se, segunda-feira, dia 26 do corrente, a grande festa de confraternização com que anualmente a Fábrica de Artefatos de Borracha “Mercur” encerra suas atividades industriais de cada ano.

Cerca de trezentas pessoas entre diretores, funcionários, operários e convidados especiais reuniram-se no aprazível parque do Mauá, onde congregados pelo mesmo ideal, festejaram o término de mais um ano de lutas e realizações.

Para um estranho a uma organização industrial como é a “Mercur”, causa verdadeira admiração a fraternidade e o espírito de franca camaradagem que reina naquele ambiente de trabalho, onde cada funcionário ou operário julga-se uma pequena parcela daquela modelar organização e como tal procura, de maneira decisiva, contribuir para o seu progresso.

Esses entendimentos entre empregados e empregadores como tivemos a feliz oportunidade de apreciar, são fatores que contribuem de maneira decisiva para a paz social, muitas vezes benefícios que ultrapassam as próprias leis governamentais sobre o tão delicado assunto.

Tivemos a oportunidade de falar com vários operários durante a festa e chegamos à conclusão de que a disciplina consciente é sem dúvida a base daquele ambiente de mútuo respeito.

Quando o chefe conquista a amizade e a admiração de seus subordinados empregando para tal os seus conhecimentos adquiridos através de longos anos de lutas e sofrimentos, essa conquista tem a durabilidade superior a própria existência, porque ela passa à posteridade. (GAZETA DE SANTA CRUZ, 28/12/1955, p.1).

Jorge Emilio Hoelzel, o industrialista, como referenciado pelo jornal, é requisitado em diversas ocasiões (além das entrevistas que tratamos anteriormente), tanto pela imprensa quanto como representante do município. A matéria da página um da Gazeta do Sul do dia 29 de março de 1953, com a manchete *Provável na segunda quinzena de outubro a visita do vice-presidente Café Filho a Santa Cruz do Sul* apresenta os membros da comissão formada na cidade para a visita do presidente da República”. Jorge Emilio Hoelzel, nesse episódio, nas palavras do jornal “integra a comissão que promoverá brevemente a visita do dr. João Café Filho, Vice-Presidente da República e Presidente do Senado Federal, a Santa Cruz do Sul” (GAZETA DE SANTA CRUZ, 29/03/1953, p. 1).

Outra passagem nesse sentido acontece no ano de 1966. Um “colaborador” do jornal pede que o “reconhecido radio-amador” da cidade, Jorge Hoelzel, entrasse em contato com o político alemão Conrad Adenauer¹⁰ que havia completado 90 anos de idade (GAZETA DO SUL, 11/01/1966, p. 1).

Jorge Emilio Hoelzel e seu irmão Carlos Hoelzel eram conhecidos radioamadores de Santa Cruz do Sul. O Rádio Clube que recebeu o nome de A.S.C.R.A (Associação Santa-Cruzense de Rádio Amadores) foi fundada em 25 de novembro de 1965. Na primeira diretoria Carlos Hoelzel foi eleito presidente de honra e Jorge Emilio vice-presidente.

¹⁰ Konrad Hermann Joseph Adenauer GCTE • GCC (Colônia, 5 de janeiro de 1876 — Bad Honnef, 19 de abril de 1967) foi um político alemão cristão-democrata, advogado, prefeito de Colônia e também um dos arquitetos da economia social de mercado. Foi ainda chanceler da República Federal da Alemanha (1949 - 1963) e presidente da União Democrata-Cristã (CDU). (CONRAD ADENAUER. In: Wikipédia. A enciclopédia livre. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Konrad_Adenauer>. Acesso em 09 fev. 2018.

A presença de ambos na vida social da sociedade santa-cruzense é evidenciada em diversos contextos, seja de clubes, associações e entidades ligadas ao desenvolvimento, ao comércio e à indústria.

Carlos Hoelzel, em matéria comemorativa ao aniversário de fundação do aeroporto municipal, aparece como um dos grandes responsáveis pela existência do mesmo. É saudado com metade da página sobre a história de sua vida, que enfatiza não somente a sua ligação com o aeroclube, mas também seus empreendimentos e invenções como um projetor de cinema. Carlos Hoelzel também foi responsável por trazer à cidade um avião. A respeito disso, a Gazeta do Sul relata:

Sem qualquer conhecimento de avião, fez um rápido curso, comprou seu avião e, no dia 27 de junho de 1931, o primeiro avião santa-cruzense pousava, sereno, nas terras de Santa Cruz. Era mais uma façanha bandeirante de Carlos Hoelzel, para orgulho da sua terra. (GAZETA DO SUL, 17/10/1964, p. 4).

A respeito da sua influência na criação do aeroclube, o jornal Gazeta do Sul conclui: “Sem seu auxílio talvez tivesse ficado embrionário o Aeroclube de Santa Cruz, pois foi ele a mola mestra, em que assentou seu entusiasmo, aquele grupo de rapazes que foi o primeiro na construção de planador da cidade.” Carlos Hoelzel foi também presidente da Sociedade Ginástica de Santa Cruz do Sul (GAZETA DO SUL, 17/10/1964, p. 4).

Além das fundações dos clubes citados anteriormente, Jorge Emilio colaborou para a criação e participou ativamente de clubes da cidade. No comunicado de falecimento do empresário, em 19 de janeiro de 1968, a Gazeta do Sul enumera as atividades dele neste âmbito.

De Jorge Emilio Hoelzel deve-se destacar ainda, com inteira justiça, o seu decidido apoio a todas as iniciativas e obras comunitárias desta cidade. Além de ser um legítimo capitão da indústria, lutando sempre pelo engrandecimento de suas fábricas, foi também líder incontestado em muitas iniciativas que criaram época. Como presidente do Club União, construindo a atual sede do “mais aristocrático”, colaborando ainda ativamente com o Tênis Clube e o Corinthians. Foi também um dos fundadores do Rotary Clube, ao qual sempre deu seu irrestrito apoio. [...] também incentivou a aquisição do moderno Hospital Ana Nery pela Comunidade Evangélica. Seu grande interesse pelo progresso da comunidade santa-cruzense ficou demonstrado há cerca de dois anos – e disso a reportagem da GAZETA é testemunha – pelo empenho que demonstrou na conclusão do moderno Hotel Charrua. Naquela ocasião, o entusiasmo de Jorge Hoelzel “empurrou” a obra do Hotel Charrua. (GAZETA DO SUL, 24/01/1968, p.6).

Jorge Emilio Hoelzel foi, igualmente, membro atuante da comunidade evangélica de Santa Cruz e da loja maçônica Lessing, esta última, um conhecido espaço de atuação da elite local e formada, majoritariamente, por protestantes (KRAUSE, 2002, p.179).

No ano de 1965, Jorge Emilio aparece mais uma vez nas páginas da Gazeta do Sul como diretor do cine-hotel, que abrigaria mais tarde o Hotel Charrua, administrado pelo Grupo Ipiranga. O Cine-Hotel Victoria foi uma iniciativa de empresários da cidade. A matéria do jornal do dia 14 de dezembro de 1965 traz os nomes das firmas engajadas na mobilização de recursos para a construção do prédio, dentre elas a Cia. Souza Cruz, Companhia de Fumos Sinimbu, Loewenhaupt & Cia. Ltda., Cia de Fumos Santa Cruz, Polar S/A., Baumhardt Irmãos S.A., Tabacos Tatsch S.A., Banco Agrícola Mercantil S.A. e Hoelzel S.A. Todas essas empresas contribuíram financeiramente com Cr\$ 10.000.000,00. Além dessas, as empresas Waldemar Bublitz S/A e Gruending Irmãos Ltda investiram Cr\$ 5.000.000,00. O hotel foi pensado para dar suporte aos eventos da cidade, como a Festa Nacional do Fumo, como divulga a introdução da matéria do dia supracitado.

A paralização momentânea das obras do Cine-Hotel Victória S.A. chegou a preocupar a opinião pública, eis que o tempo urge e, principalmente, porque a I Festa Nacional do Fumo já tem marcada a data de sua realização (15 de outubro a 6 de Novembro). (GAZETA DO SUL, 14/12/1965, 1965, p 1).

A paralização das obras no ano de 1965 incentivou duas entrevistas de Jorge Hoelzel. Na primeira Jorge Hoelzel afirma: “A paralização das obras do Cine-Hotel obedeceu a dois imperativos: para estudos técnicos que se fazem necessários e por falta de materiais de construção.”. Na segunda matéria, de forma mais imperativa, Hoelzel considera uma questão de honra a conclusão do cine-hotel.

Imagem 11 - Fotografia da entrevista concedida a Lúcio Michels por Jorge Emilio Hoelzel a respeito da construção do Cine-Hotel



Fonte: Gazeta do Sul, 23/01/1965, p.1.

A abrangência da rede tecida por Jorge Hoelzel pode ser notada em vários âmbitos da cidade. Já em 1948, sua presença em assuntos coletivos ou que de alguma forma impactassem a cidade pode ser notada. A matéria sobre a 23ª sessão ordinária da Associação Comercial deu início a uma série de reportagens ligadas a esta associação e à implementação do SENAI e do SENAI em Santa Cruz do Sul, como também a criação de uma vila operária localizada nos fundos do SENAI, no bairro Bom Jesus. Jorge Emilio, nesse ano, era presidente da Associação e compunha a comissão para a intermediação e construção do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) no município.

O sr. Presidente fez ampla exposição das démarches que estão sendo feitas junto aos mais altos poderes públicos da Nação pela Comissão de exportadores de fumo, da qual faz parte o conselheiro sr. Edvino R. Hennig, especialmente credenciado pela Diretoria da Associação para tal missão.

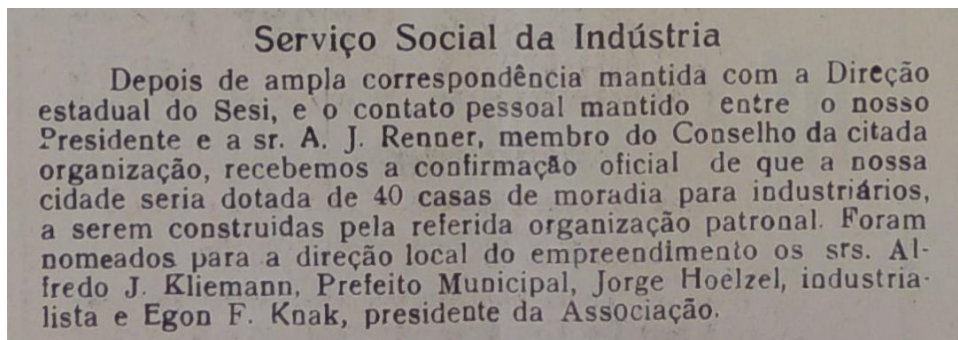
Esclareceu, também, aos presentes os motivos da recente vinda a esta localidade dos srs. Engenheiro Aroldo da Silva e Major Cícero Krás Borges, os quais, juntamente com os membros da Comissão local constituída dos srs. Prefeito Municipal, industrialista Jorge Hoelzel e Presidente da Associação, e mais o sr. Presidente da Câmara de vereadores, procederam à escolha dos terrenos a serem doados, respectivamente, vendidos ao Senai e Sesi. (GAZETA DE SANTA CRUZ, 12/11/1948, p. 4).

Ao mesmo tempo que a Gazeta de Santa Cruz anunciava o início das atividades do SENAI, no final da década de 1940 e nos anos iniciais de 1950, suas páginas também

estampavam um problema social: a falta de casas de moradia para trabalhadores da indústria do município.¹¹ É nesse momento que se percebe anúncios publicitários como o da Edificadora Vali, propondo financiamentos e plantas de suas moradias no jornal.¹² É também neste contexto que a sessão do jornal dedicada a divulgar as ações da Câmara de Vereadores, anuncia a manchete: *Será aberto um Crédito 100 mil cruzeiros* para “a construção da “Vila Operária Municipal”¹³.

Em 3 de fevereiro de 1949, uma vez definida a construção de 40 casas populares, a decisão é exposta no relatório da diretoria da Associação Comercial e Industrial (ACI) que daria início à construção de moradias direcionadas a trabalhadores de baixa renda. A direção local do empreendimento foi também composta por Jorge Emilio Hoelzel.

Imagem 12 - Definição da construção de 40 moradias populares pelo SESI



Fonte: Gazeta de Santa Cruz, 08/02/1945, p. 5.

É nesse contexto de mudanças no âmbito urbano do município, sobretudo na segunda metade da década de 1940, que Jorge Emilio Hoelzel vai investir em um empreendimento que vai certamente antagonizar com o empreendimento ligado às camadas populares dos trabalhadores da indústria do município, a Vila Higienópolis. Segundo Wink, o “bairro Higienópolis criado em 1949, passou a abrigar as classes mais abastadas, surgindo no local inúmeras residências e edifícios de alto padrão” (WINK, 2000, p. 227).

No jornal Gazeta do Sul, a notícia a respeito do novo empreendimento de Jorge Emilio Hoelzel se encontra junto aos artigos e manchetes sobre a falta de moradias em Santa Cruz do Sul, e é simbólico que o mesmo sujeito que incentivou a criação de uma vila operária erguesse também um bairro abastado, um antagonismo que não deve ser produto do acaso, e sim

¹¹ Ver Gazeta de Santa Cruz, 12/03/1945, p.5.

¹² Ver Gazeta de Santa Cruz, 22/11/1945, p. 5.

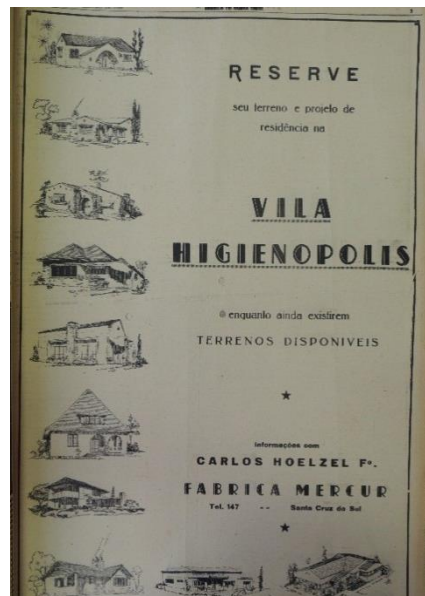
¹³ Ver Gazeta de Santa Cruz, 07/01/1949, p.4.

resultado da expansão urbana. A primeira matéria a respeito da Vila Higienópolis veiculado no dia 14 de janeiro de 1949 traz a seguinte apresentação:

Esteve há dias, em nossa Redação o sr. Romildo Knak, encarregado da venda de terrenos da Vila Residencial Higienópolis, uma iniciativa, segundo já é do conhecimento público, do dinâmico industrialista Jorge E. Hoelzel que vem organizando, no subúrbio onde está localizada a Fábrica “Mercur”, um novo bairro residencial. Em palestra com o nosso visitante, ficamos ao par dos pormenores que transcrevemos a seguir. (GAZETA DE SANTA CRUZ, 14/01/1945, p.4).

Em seguida a publicação traz em tópicos as características do empreendimento e salienta o planejamento e racionalidade das edificações que valorizam aspectos como insolação durante o dia, a disposição de água vinda da hidráulica municipal (hoje parque da Gruta), saneamento, estética (contendo regras para a construção das casas) e piscina comunitária. Vale lembrar que Jorge Emilio era formado em Arquitetura e possivelmente tenha projetado casas na Vila Higienópolis, como é o caso da sua residência, existente até os dias atuais na esquina das ruas Gaspar Silveira Martins e Capitão Pedro Werlang. Ver imagem 13, o informe de venda de terrenos e croquis dos projetos de residências.

Imagem 13 - Informe de venda de terrenos e projetos da Vila Higienópolis



Fonte: Jornal Gazeta de Santa Cruz do dia 30 de dezembro de 1949, p. 3.

Percebe-se que Jorge Emilio formou uma rede não centralizada em torno de si para impulsionar o empreendimento da Vila Higienópolis. A imagem 13 mostra o seu sobrinho,

Carlos Hoelzel Filho como intermediador de informações sobre o negócio, além dele, Romildo Knak era encarregado da venda dos terrenos e projetos. A Gazeta do Sul do dia 24 de maio de 1962 traz a seguinte notícia em sua coluna social, *Sociedade em Destaque*: “O Sr. Normelio Boettcher adquiriu terreno na aristocrática Vila Higienópolis, onde será vizinho do jovem big-shot Heiny Hoelzel”. A breve notícia apresenta dois pontos importantes: a vila Higienópolis, passados 12 anos, ainda estava sendo ocupada por pessoas abastadas de Santa Cruz e Heiny Hoelzel, figurava entre eles. A própria gíria *big-shot*, usada pelo colunista social Petronius, significa em gíria tupiniquin, o mandachuva, pessoa bem relacionada e bambambã. Heiny Hoelzel, filho de Jorge Emilio Hoelzel, era membro presente em eventos da sociedade santacruzense e nas colunas sociais do jornal local¹⁴. Heiny morava, como salienta o colunista social, na Vila Higienópolis, juntamente com os filhos e esposa Norma Hoelzel, presente também nas colunas sociais da Gazeta.¹⁵ (Quem mora na casa dele atualmente é Telmo Kirst, prefeito do município).

Jorge Emilio Hoelzel não foi o primeiro e único membro da família a investir no ramo imobiliário. Heinz Hoelzel, 21 anos após o início do empreendimento da Vila Higienópolis, em 1970, alia-se a um grupo de parceiros para investir, como seu pai, no ramo imobiliário. Os terrenos alvo de seus investimentos faziam parte da região conhecida como Chácara das Freiras, situada ao lado da então Vila Higienópolis. Atualmente, as ruas e terrenos desse empreendimento fazem parte do Bairro Higienópolis. A matéria intitulada *Chácara das Freiras, que belos terrenos* traz a seguinte narrativa publicitária:

O cavaleiro da cidade, descortinando belo panorama do Capital do Fumo, e praticamente dentro da cidade, a poucas quadras do centro, situa-se o melhor loteamento já surgido nos últimos anos. Trata-se que um grupo de industriais santacruzenses progressistas adquiriu e, loteando aquela área, sem dúvida cooperará para o embelezamento da nossa já bonita e limpa Fumocap. São os industrialistas “pra frente” – srs. Victor Baumhardt, Arcadius Swarowsky, Heiny Hoelzel, dr. Curt E. Kirst e Roberto Gruending Filho. (GAZETA DO SUL, 06/06/1970, p. 3).

Através da imagem 14, é possível observar o trabalho das máquinas no local do empreendimento do qual participa Heiny Hoelzel.

¹⁴ Gazeta do Sul, 13/02/1965, p. 2

¹⁵ Gazeta do Sul, 27/06/1959, p. 1

Imagem 14 - Máquinas trabalhando nos terrenos do loteamento da Chácara das Freiras



Fonte: GAZETA DO SUL, 06/06/1970, p. 3.

O terreno que, segundo o jornal, seria “a zona residencial “it” da cidade, embora o preço dos terrenos seja baixo”, custando Cr\$ 150,00 mensais, poderia ser acessado pela “Borges de Medeiros ou pela Ramiro Barcelos (Atrás do Céu)” (GAZETA DO SUL, 06/06/1970, p. 3).

A matéria explorada acima enfatiza não somente a qualidade dos terrenos, mas também a quem ou a qual classe ou público eram direcionados. Vizinho ao Higienópolis, o novo loteamento era um empreendimento de conhecidos empresários de Santa Cruz do Sul, e assim como o bairro elaborado no final da década de 1940, a família Hoelzel estava no centro deste investimento.

Em entrevista com a terceira geração da família, Jorge Hoelzel Neto, atual facilitador¹⁶ da Mercur, comenta os investimentos da família, em especial de seu pai – Heiny Hoelzel, em conjunto com outros investidores.

O meu pai teve uma fase expansionista na vida dele. Ele tinha um grupo de amigos que eles compravam o que aparecia na cidade, compravam e abriam negócios, então ele foi sócio de muitos negócios dentro de Santa Cruz do Sul, ajudou a construir muita coisa em Santa Cruz do Sul, construir no sentido de criar empresas e tal. Mas também foi por um tempo isso aí, daqui apouco ele foi meio que, não sei, acho que ele pegou aversão a essas coisas e aí ele se isolou, ele teve umas experiências não muito boas com amigos entre aspas dele, e aí ele pegou aversão e se isolou de verdade. E não queria saber mais de nada. E aí era de casa pro trabalho do trabalho para casa. E depois [em 1972] eles fundaram a Cimasa, fábrica de carros de bombeiros, ali a Mitren.¹⁷ E depois ele teve uma loja de roupas com não sei com quem, era outro sócio, enfim... foi criando coisas. (Jorge Hoelzel Neto, 2017).

¹⁶ A partir de 2008/09, a Mercur S.A. passou por mudanças na organização administrativa e a nomenclatura dos cargos de gestão e altos cargos da diretoria foram mudados. Jorge Hoelzel Neto, que antes da mudança era considerado presidente, atualmente adotou a nomenclatura facilitador.

¹⁷ Mitren e Cimasa, ambas empresas de fabricação de carros de bombeiros com sede em Santa Cruz do Sul/RS.

O relato de Jorge Hoelzel Neto revela a personalidade do pai no que se refere a investimentos em sua “fase expansionista”. A fala de Jorge Neto a respeito de seu pai vai ao encontro da personalidade com visibilidade que se publicizava no jornal da cidade, sobretudo no ramo dos investimentos de seu capital. Jorge Neto revela que a personalidade de seu pai – Heiny Hoelzel – era diferente de seu avô Jorge Emilio Hoelzel. Segundo Neto:

Eu conheci muito pouco meu avô, né? Eu tinha seis anos quando ele faleceu. Mas ele era um cara muito público, ele tinha esse... ele era um cara arrojado, e ao mesmo tempo ele era uma pessoa pública. Ele gostava muito de estar com as pessoas de conviver, e tal. Ele tinha uma participação na sociedade de certa forma. Então ele era um cara muito aberto. (Jorge Hoelzel Neto, 2017).

Já seu pai, segundo Neto, “não era público. Dificilmente tu verias ele falar em público, ele não gostava de se expor. Ele tinha um grupo seletivo de amigos, com aquele grupo ele fazia e acontecia, mas era com aquele grupo de amigos.” (Jorge Hoelzel Neto, 2017).

As falas de Jorge Neto revelam uma diferença entre as personalidades notadas no decorrer da pesquisa: a primeira geração da empresa Mercur (os irmãos Carlos Augusto Hoelzel e Jorge Emilio Hoelzel) eram pessoas públicas. Há inúmeras entrevistas de Jorge Emilio abordando ou não a empresa Mercur. Por outro lado, não foi localizada nenhuma entrevista concedida por Heiny Hoelzel ou mesmo alguma matéria representativa sobre sua personalidade. Não era um homem que queria se fazer público como o pai, embora este fator não tenha impactado sobre o desenvolvimento da empresa, já que a mesma experimentou grande expansão e houve a fundação de outras empresas durante a década de 1970. A personalidade de Heiny Hoelzel impactou sobremaneira no desenvolvimento e na racionalização que a empresa vai adquirir a partir da década de 1960, com a padronização de linhas de produção e a profissionalização de cargos de gerência.

Observa-se que a figura de Jorge Emilio como sujeito público levou às páginas do jornal da cidade a imagem e o nome da empresa. As principais publicações em que seu nome foi encontrado deixam transparecer a alcunha de “o industrialista” e “capitão da indústria” de Santa Cruz do Sul e revelam a abrangência que sua figura adquiriu a partir dos anos 1940, em vários âmbitos de atuação na sociedade santa-cruzense.

A sua figura pública caminhou junto ao nome da empresa e, podemos considerar que o seu modo de atuação, as relações que estabeleceu junto a setores públicos governamentais, a organizações da sociedade e empreendimentos próprios contribuíram para a expansão de sua empresa.

A análise do desenvolvimento da empresa Mercur e a análise biográfica da família Hoelzel e, sobretudo, de seu patrono Jorge Emilio Hoelzel, possibilitou perceber relações com o contexto regional e local, porém revelou muito mais características próprias e caminhos únicos tomados pela empresa que fogem das características dos empreendimentos e dos empresários locais. A figura de Jorge Emilio Hoelzel deve ser salientada como fundamental para este ponto, não somente no que diz respeito a influência e relações na comunidade, mas sobretudo na questão técnica e intelectual que empregava na atualização da produção e dos processos fabris.

Outro objetivo deste capítulo foi construir um cenário para entendermos os capítulos seguintes, que tratarão detidamente do perfil dos trabalhadores. A empresa, além de ser a detentora dos meios de produção, é também um lugar de convergência. A catalizadora pela qual aqueles operários que procuraram trabalho se dirigiram ou foram atraídos. A fábrica, depois da cidade, do bairro, da rua, antes da saída da própria fábrica, da conversa de esquina ou do encontro em algum lugar é o “laboratório” onde os trabalhadores interagem e formulam suas relações.

A Mercur, entre os anos de 1924 e 1970, acompanhou e fez parte de todo o processo de industrialização que ocorreu no município, e apresenta um quadro fiel do operariado do município até o grande movimento de internacionalização da indústria do tabaco em Santa Cruz do Sul. Este capítulo, portanto, objetivou, por meio da história da empresa, ambientar os trabalhadores, que são contextualizados no processo de industrialização do município, mas principalmente responder a que processos os trabalhadores estavam submetidos dentro da própria empresa. Com isso foi possível identificar momentos que só foram possíveis de ocorrer a partir das características próprias da Mercur (indústria de borracha) e os trabalhadores, submetidos a esta configuração, foram afetados também pelas decisões internas que a empresa fez durante seu desenvolvimento.

Em suma, este capítulo é o lugar onde os trabalhadores abordados nos capítulos 3 e 4 estavam.

3 A ORIGEM DOS TRABALHADORES DA MERCUR

De onde vieram os trabalhadores que foram empregados na Mercur? Esta questão norteará o desenvolvimento desse capítulo, e dela, se desmembrarão outros problemas que tentaremos responder. “Por que vieram?”, “Como vieram?”, e “Quanto vieram?” serão os eixos das problematizações e análises que faremos.

É óbvio, mas quando pensamos em analisar o perfil dos trabalhadores da Mercur não nos damos conta de que antes de serem operários e trabalhadores, ou mesmo antes de serem agricultores e agricultoras, ex-escravos e ex-escravas, imigrantes, as pessoas nasceram em algum lugar, tiveram uma história e uma vida antes de serem contratadas pela indústria. A vida dos trabalhadores da Mercur, ou na Mercur, começa nos seus nascimentos. Por isso, este subcapítulo foca na origem das pessoas, as motivações para emigrarem, a opção entre o território de origem e o de destino, e como aconteceram seus deslocamentos.

Trabalharemos com números relativos aos trabalhadores da Mercur de forma geral, e focaremos em particularidades que foram se apresentando no decorrer da pesquisa empírica e da análise dos dados, que são, neste caso, histórias de vida que podem ilustrar o que é específico, mas também ilustram partes do todo.

A análise obedecerá à sequência proposta pelo capítulo anterior, que abordou as fases da empresa, pois é a partir do desenvolvimento da Mercur que a demanda por força de trabalho acontece, resultando, por conseguinte, em admissões de funcionários.

Para cada fase de desenvolvimento da empresa, apresentamos os números relativos à origem dos trabalhadores de forma mais minuciosa, ou seja, apresentamos os números de cada cidade que se fizer presente. Em seguida, serão definidas as regiões do Estado do Rio Grande do Sul que se sobressaem como alimentadoras da mão de obra para conseguirmos ter uma forma de sintetização da informação mais eficiente.

Para construir este capítulo foram usadas diversos tipos de fontes históricas. A documentação principal são os Registros de Empregados da Mercur S/A, pois eles contém o campo de preenchimento Lugar de Nascimento do empregado, informação essencial para o que nos propomos aqui. Sobre esse aspecto, devemos advertir que, no caso dos trabalhadores nascidos em Santa Cruz do Sul, a maioria dos RE não detalha o local de nascimento, e, neste sentido, respeitamos a informação contida neles. Contudo, a partir da observação da forma que as fichas eram preenchidas pelo Departamento de Pessoal e do cruzamento com outras fontes, (sobretudo as orais), advertimos que parte dos indivíduos contratados que foram considerados

apenas nascidos no Município de Santa Cruz do Sul, sem especificação do local, têm como origem distritos e localidades do município.

Como fontes auxiliares, foram utilizados mapas históricos do Rio Grande do Sul e de Santa Cruz do Sul, para auxiliar na contextualização de cada município ou localidade no ano em que os operários foram contratados. Essas fontes foram consideradas, pois muitas localidades não mais existem, municípios perderam território, localidades foram emancipadas e muitos distritos de municípios (como Santa Cruz do Sul) foram renomeados. Esses mapas foram importantes para localizar os trabalhadores nas áreas existentes de cada época.

Além das fontes bibliográficas e documentais, utilizamos fontes orais, mais precisamente 12 entrevistas feitas com ex-funcionários da Mercur que trabalharam na empresa entre as décadas de 1950 e 1960, alguns deles migrados nas décadas anteriores. Como as entrevistas focaram na história de vida, a temática da migração e do local de origem se fez muito presente, e as utilizamos como forma de ilustrar e, de certa forma, personificar o processo de migração.

Abordamos, a seguir, a origem dos trabalhadores na seguinte ordem: os trabalhadores de nacionalidade brasileira; os trabalhadores nascidos no Município de Santa Cruz do Sul e outros municípios que se apresentaram como “criadores” de mão de obra (especificando as localidades de origem); os trabalhadores estrangeiros e; finalizamos com a origem étnica dos trabalhadores brasileiros.

3.1 A primeira fase capitalista (1924 - 1931)

Os primeiros anos de desenvolvimento da Hoelzel Irmãos, como apresentamos no capítulo a respeito das fases de desenvolvimento da empresa, é um período limitado no que diz respeito à contratação de pessoas vindas de outras localidades e mesmo do Município de Santa Cruz do Sul. A empresa era de pequeno porte, e o pequeno número de migrantes – e dos trabalhadores em geral - justifica-se pela proporção de sua estrutura física e etapa inicial de desenvolvimento.

Nessa fase, a Mercur apresenta 15 trabalhadores brasileiros, e o Município de Santa Cruz do Sul detém a maioria de pessoas. Candelária e Encruzilhada do Sul aparecem com apenas uma pessoa cada, portanto temos dois migrantes neste período de regiões distintas. A respeito da questão da migração rural-urbana, os REs deste período não detalham a localidade de origem dos empregados, porém os municípios em foco possuíam suas populações

basicamente na área rural. A tabela 10 apresenta os dados sobre migração de trabalhadores brasileiros na fase artesanal:

Tabela 10 – Origem dos trabalhadores brasileiros (1924 - 1931)

Estado	Município	Nº	%
Rio Grande do Sul	Candelária	1	6,7
	Encruzilhada do Sul	1	6,7
	Santa Cruz do Sul	11	73,3
Santa Catarina	N/E	2	13,3
Total		4	15
		15	100

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Encruzilhada do Sul, na década de 1920, período em que o trabalhador com origem no município foi contratado, possuía 25.100 habitantes, sendo que a maioria – 23.400 – localizavam-se em área rural. Candelária emancipa-se em 1925 do Município de Rio Pardo e, no ano em que o trabalhador foi contratado (1931), o censo não foi efetuado. Porém, o censo de 1940 evidencia em Candelária uma população total de 18.807, e uma população de 17.933 habitando a zona rural. Já o município com mais trabalhadores empregados na Hoelzel Irmãos é Santa Cruz do Sul, com 11 pessoas contratadas. Contudo, não há detalhes a respeito da localidade de origem (distrito) dessas pessoas, a não ser o próprio Município de Santa Cruz, que, nesse sentido, podemos considerar como sede.

Nesta fase a Hoelzel Irmãos contrata dois estrangeiros: um polonês em 1930 e outro alemão em 1931.

3.2 A primeira fase capitalista (1932 - 1960)

Abordar a origem dos trabalhadores nesta fase, é tratar sobre pessoas que foram admitidas em um período com várias facetas, seja proporcionado por acontecimentos históricos ou ações da própria empresa. Nesse sentido, pontuamos três momentos que foram incisivos para o desenvolvimento da empresa neste período e que serão os contextos abordados na análise da origem desta fase.

3.2.1 Das máquinas à Segunda Guerra Mundial (1932 - 1939)

O desenvolvimento da empresa, resultante do aperfeiçoamento de sua estrutura e de sua maquinofatura, refletiu-se não somente no mercado, mas também na contratação de funcionários a partir de 1932, ano em que a Mercur instala sua nova fábrica e passa a produzir em grande quantidade.

A primeira contratação de empregado do período acontece na data de 11 de fevereiro de 1932, e a última, em 23 de julho de 1939, pouco mais que dois meses antes do início oficial da Segunda Guerra Mundial.

A tabela 11 apresenta os estados, os municípios de origem, o número e percentual de trabalhadores contratados neste período. Ao todo são 22 municípios e 79 pessoas contratadas fora do Município de Santa Cruz do Sul, sendo que, em cinco casos, não constava o local de origem (N/E) dos operários. Somam-se a esses números, três pessoas nascidas na cidade de São Paulo.

Tabela 11 - Origem dos trabalhadores migrantes/brasileiros (1932-1939)

(continua)

Estado	Município	Nº	%
Rio Grande do Sul	Rio Pardo	17	21,5
	Venâncio Aires	11	13,9
	Encruzilhada do Sul	9	11,4
	Candelária	8	10,1
	Cachoeira do Sul	5	6,3
	Caçapava do Sul	3	3,8
	General Câmara	2	2,5
	São Gabriel	2	2,5
	São Leopoldo	2	2,5
	Uruguaiana	2	2,5
	Alegrete	1	1,3
	Bento Gonçalves	1	1,3
	Erechim	1	1,3
	Jaguarão	1	1,3
	Jaguari	1	1,3
	Lajeado	1	1,3
	Pelotas	1	1,3
	Porto Alegre	1	1,3

Tabela 11 - Origem dos trabalhadores migrantes/brasileiros (1932-1939)

Estado	Município	Nº	%
Rio Grande do Sul	Santa Maria	1	1,3
	São Jerônimo	1	1,3
São Paulo	São Paulo	3	3,8
N/E	N/E	5	6,3
Total		22	79
			100,0

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Os municípios que contam com mais pessoas contratadas são os mais próximos de Santa Cruz, como Rio Pardo (21%), Venâncio Aires (13,9%), Encruzilhada do Sul (11,4%), Candelária (8%) e Cachoeira (5%). Os demais municípios apresentam entre três e um trabalhadores contratados. Nessa década, já se observa uma tendência que irá se repetir nas posteriores: os municípios vizinhos a Santa Cruz do Sul como os principais geradores de mão de obra empregada pela Mercur.

A respeito do lugar de origem dos trabalhadores, verificamos – para além daqueles municípios próximos a Santa Cruz do Sul –, a presença de municípios localizadas na região sudoeste do Estado. Também há presença de outros municípios da região metropolitana e do sul do Estado, porém estes últimos não apresentam um fluxo considerável nesse período.

Em relação à motivação e às condições de vida dos emigrantes deste período, trazemos aqui o caso de Pedro Simões, contratado pela Hoelzel e Cia. Ltda em 1º de dezembro de 1936. Pedro era negro, nascido em Encruzilhada do Sul, em 31 de agosto de 1887, portanto, quando admitido, tinha 49 anos. Trabalhou na empresa durante 8 anos e, em 1944, retirou-se por motivos de saúde, segundo consta na ficha de Registros de Empregados.

A história de vida de Pedro Simões pode ser entendida como simbólica do processo de emigração das regiões rurais do Estado em direção a regiões que estavam se industrializando. Municípios como Rio Pardo, Encruzilhada do Sul e também Cachoeira do Sul, que possuem grande presença na expulsão de mão de obra para Santa Cruz do Sul, são notadamente caracterizados pela forte concentração fundiária e a presença do latifúndio sustentado na pecuária extensiva. Com o cercamento das propriedades, muitas famílias perderam empregos ligados ao trabalho no campo, ocasionando a expulsão de um expressivo contingente de trabalhadores rurais para as áreas urbanas a procura de trabalho (SILVEIRA, 1997, p. 66).

Pedro Simões era natural de Encruzilhada do Sul e, devido a sua origem afro-brasileira - era filho de escravos - já que nasceu em 1887. Era filho de Emilio e Luiza, segundo consta no

RE. Para adentrar nas peculiaridades da história de Pedro, utilizaremos a entrevista do seu neto, Elior Guedes (que morou com seu avô durante a infância).

O meu avô, dizem que ele nasceu em Encruzilhada e a mãe dele no mínimo deve ter sido escrava, porque ele nasceu em 87, mas eu soube que era em 86, mas isso não tem tanta importância né? Não sei se ele já veio com a minha avó para cá ou se ele conheceu a minha avó aqui, mas eles acabaram morando nesse Sensital¹⁸. (ELOIR GUEDES, 2017)

Em Zensithal, Pedro Simões, com treze anos, casou-se com Vigília, com 9 anos. O casal teve sete filhos.

E aí, a mãe conta que... eu desconfio, é só uma suspeita que a vida lá não estava lá essas coisas, né. Quem sabe ele tinha arrendado terra, estava com sete filhos, estava... o cara é mais explorado que não sei o que... trabalha noite e dia. E um tio meu, um cunhado dele, que era casado com a irmã do vô. Eu acho que ele era mais afeito as coisas mais modernas já, não se ligava mais em roça, já trabalhava aqui como metalúrgico... que dizer, é possível que ele tenha tido uma vida um pouco melhor. Então esse meu tio mãe, que não era bem negro, era um mulato, um caboclo, era negro mas com cabelo liso, tal. Não tinha feições tão negras, cabelo liso mais do que eu, mas ele amava a nossa gente. Ele casou com a irmã do vô [...] Ele foi visitar o vô e se penalizou da situação.... Viu o compadre com sete filhos, trabalhando noite e dia para não ter nada, não ter o que comer, numa dificuldade. E o vô que não era cabeça dura, não era estúpido, e estava naquela vidinha ali por que não tinha outra possibilidade, né. Ai eu imagino que eles combinaram [...] pro vô trazer a filha mais velha que é a minha mãe, o filho mais velho Romário. O vô trouxe a minha mãe para trabalhar na casa de um médico. A mãe conta que a viagem foi muito pitoresca, muito singular. Ai o vô trouxe a mãe a cavalo. De garupa. A mãe conta que o vô enjoava de andar de a cavalo e caminhava um trecho a pé. Começa a doer eu acho. (ELOIR GUEDES, 2017).

O relato de Guedes, neto de Pedro Simões, vincula-se a muitos aspectos que colaboraram para a emigração dos contingentes populacionais do Rio Grande do Sul. Desde causas que atingiram todas as origens étnicas, como o fim do trabalho no campo nas áreas de pecuária extensiva e de latifúndio, característica da região de Encruzilhada do Sul, bem como o destino enfrentado por escravos e seus filhos no período pós-abolição nestas mesmas regiões. Já a região de colonização germânica conhecida como Zinsenthal, localizada entre a localidade de Linha Nova e Linha Andrade Neves, experimentou o processo de evasão do campo que motivara também os teuto-brasileiros no século XX e que também contribuiu para a formação da classe trabalhadora industrial de Santa Cruz do Sul.

Pedro Simões vincula-se a dois processos de emigração, o primeiro, de Encruzilhada a *Zinsenthal* (interior de Santa Cruz do Sul), que se considera rural-rural, e o segundo processo

¹⁸ Guedes refere-se à localidade do Município de Santa Cruz do Sul conhecida como Zinsenthal, que no dialeto alemão local significa Vale do Lucro. A localidade, segundo mapa do Município de Santa Cruz 1922 (CEDOC-UNISC), ficava localizada em meio as localidades de Linha Santa Cruz, Linha Nova e Andrade Neves.

emigratório, a saída do interior de Santa Cruz para a cidade, em busca de emprego na área urbana, que se vincula à migração rural-urbana.

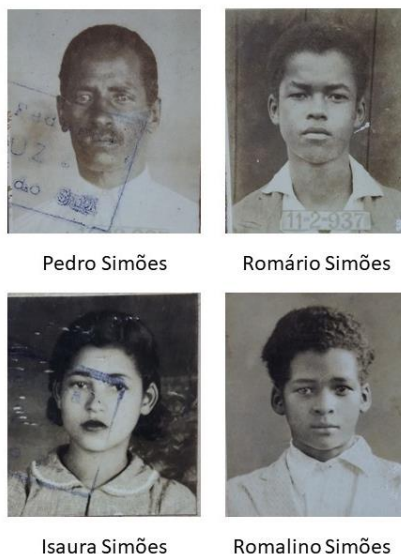
Essa conjuntura é abordada por Montali (1980). Segundo a pesquisadora, o principal motivo da expansão do crescimento urbano deveu-se principalmente à migração do campo para a cidade. Dois motivos são os principais causadores: a queda do preço do fumo e a parcelização da propriedade.

Um das soluções encontradas foi a migração rural-rural. Já nos anos posteriores (décadas 1940-50, 1950-60 e 1960-70) quando se consolidou a industrialização na cidade de Santa Cruz do Sul, e em outras localidades do Rio Grande do Sul, torna-se importante a migração rural-urbana, ocorrendo em decorrência, o processo de proletarianização dos filhos de pequenos proprietários agrícolas". (MONTALI, 1980 p.78).

Pedro Simões, ao mudar-se para Santa Cruz do Sul, trouxe consigo os filhos mais velhos: Romário e a mãe do entrevistado Elijor Guedes. Três de seus filhos trabalharam na Hoelzel e Cia. Ltda. O primeiro, foi Romário, admitido em 1937, com 17 anos, Isaura, em 1939, com 15 anos e Romalino, em 1943, com 16 anos. A família de Pedro, portanto, enquadra-se também em outros vieses da formação da classe trabalhadora do município, como o processo de proletarianização dos filhos de agricultores, sendo muitos deles menores de 18 anos de idade.¹⁹ A imagem 15 apresenta as fotografias da família Simões encontradas junto aos Registros de Empregados da Mercur.

¹⁹ A respeito das relações de parentesco de trabalhadores da Mercur bem como da mão de obra infantil trataremos especificamente no capítulo 4.

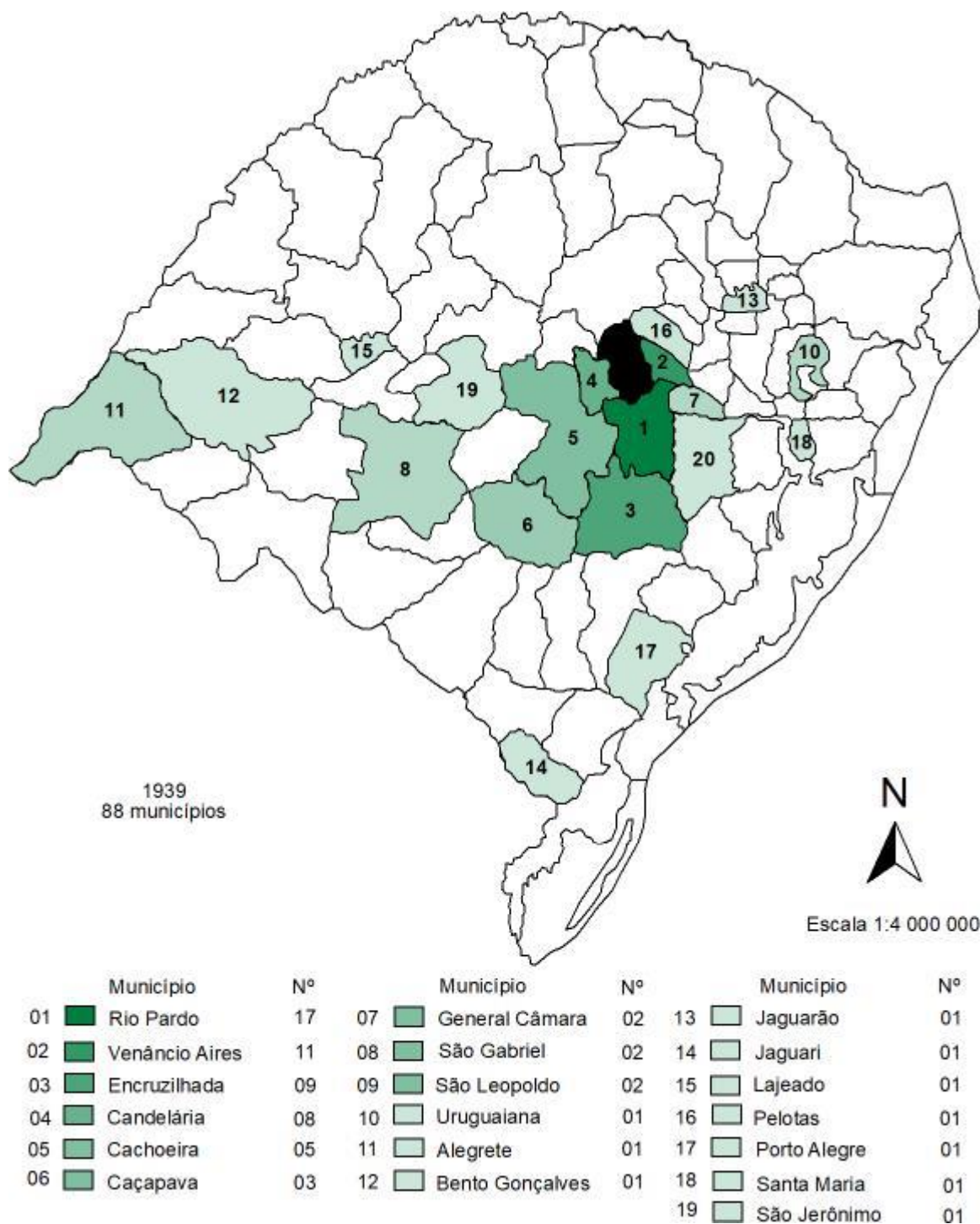
Imagem 15 - Família Simões: Pedro e seus filhos



Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

O mapa abaixo (imagem 16) revela os municípios que mais geraram trabalhadores, e auxilia visualmente a identificação dos municípios de que são originários. Utilizamos a graduação de verde para os municípios de origem dos trabalhadores como forma de apresentar, por meio da escala de cores, o aumento da mão de obra à medida que vai se aproximando o Município de Santa Cruz do Sul. Para a elaboração do mapa a seguir, usamos o mapa do RS de 1939, já que é o último ano da fase explorada. Este critério foi adotado pois seria inviável, tampouco didático, o uso de inúmeros mapas para ilustrarmos a migração de cada fase. Esse procedimento foi empregado em todas as fases abordadas neste capítulo.

Imagem 16 - Municípios de origem dos trabalhadores (1932 - 1939)



Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur), com mapa elaborado pelo autor.

Já o Município de Santa Cruz, naquele período, detinha o maior número de pessoas que foram contratadas pela empresa. A tabela 12 detalha os dados, especificando também as localidades ou distritos de origem dos trabalhadores.

Tabela 12 – Localidade de origem dos trabalhadores nascidos em Santa Cruz do Sul (1932 - 1939)

Município	Localidade	Nº	%
Santa Cruz do Sul	Sede	139	90,3
	Picada Velha	4	2,6
	Vera Cruz	4	2,6
	Sinimbu	2	1,3
	Vale do Sol	2	1,3
	Formosa	1	0,6
	Gramado Xavier	1	0,6
	Rio Pardinho	1	0,6
Total	8	154	100,0

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

No período, a Hoelzel e Cia LTDA contratou 233 pessoas, sendo que, a maior parte, era do Município de Santa Cruz do Sul, com 154 pessoas, e outros municípios, com 79. Em percentual, Santa Cruz do Sul detém 66% e os outros municípios, 33%.

Em relação à localidade de origem dos nascidos em Santa Cruz do Sul, verificamos que a maior parte (90,3%) nasceram na sede do município (ou devido a informações dos RE foram considerados assim). O restante tem como origem localidades caracterizadas atualmente como distritos, como Rio Pardinho, Picada Velha (atual Linha Santa Cruz) e Monte Alverne. Já o restante, atualmente, são municípios, como Vera Cruz, que se emancipou em 1959, Sinimbu, em 1988, Gramado Xavier e Vale do Sol, ambos em 1992. Portanto, são 8 localidades mais o distrito sede do município.

3.2.2 O período da Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945)

O período entre o ano do início da guerra (1939) até o ano de 1945 conserva um dos momentos de mais absorção de mão de obra pela Hoelzel e Cia Ltda, no que se refere a trabalhadores com origem em outros municípios do Estado do Rio Grande do Sul, além de deter uma das maiores elevações de contratações no período estudado neste trabalho. O elemento que legitima esse argumento é que das 416 (100%) pessoas contratadas no período, 218 (52%) eram de outros municípios e Santa Cruz do Sul possuía 198 (48%).

A primeira pessoa registrada neste período foi na data de 12/10/1939, pouco mais de um mês após a guerra ter oficialmente iniciado, e a última ficha é de 12/07/1945, dois meses e dez dias antes de 02/09/1945, oficialmente a data final da segunda grande guerra.

No que se refere aos municípios geradores de mão de obra, observa-se novamente os municípios satélites a Santa Cruz do Sul, como Rio Pardo, Encruzilhada do Sul, Candelária e Venâncio Aires legitimando a tendência do período abordado anteriormente. A tabela 13 detalha os municípios presentes no período.

Tabela 13 - Origem dos trabalhadores migrantes/brasileiros (1939 - 1945)
(continua)

Estado	Município	Nº	%
Rio Grande do Sul	Rio Pardo	69	31,4
	Encruzilhada do Sul	28	12,7
	Candelária	19	8,6
	Venâncio Aires	18	8,2
	General Câmara	10	4,5
	Cachoeira do Sul	10	4,5
	Lajeado	5	2,3
	Santa Maria	5	2,3
	Caçapava do Sul	4	1,8
	Porto Alegre	4	1,8
	São Leopoldo	3	1,4
	São Sebastião do Caí	3	1,4
	Cruz Alta	2	0,9
	Ijuí	2	0,9
	Palmeira das Missões	2	0,9
	Passo Fundo	2	0,9
	São Sepé	2	0,9
	Soledade	2	0,9
	Alegrete	1	0,5
	Bento Gonçalves	1	0,5
Camaquã	1	0,5	
Carazinho	1	0,5	
Caxias do Sul	1	0,5	
Garibaldi	1	0,5	
Getúlio Vargas	1	0,5	
Guaporé	1	0,5	

Tabela 13 - Origem dos trabalhadores migrantes/brasileiros (1939 - 1945)

Estado	Município	Nº	%
Rio Grande do Sul	Pelotas	1	0,5
	Santa Rosa	1	0,5
	Santo Ângelo	1	0,5
	Santo Antônio da Patrulha	1	0,5
	São Gabriel	1	0,5
	São Luiz Gonzaga	1	0,5
	Taquara	1	0,5
	Taquari	1	0,5
	Triunfo	1	0,5
	Santo Ângelo	1	0,5
	São Gabriel	1	0,5
	Taquara	1	0,5
	Triunfo	1	0,5
	Vacaria	1	0,5
Santa Catarina	Campos Novos	1	0,5
	Florianópolis	1	0,5
	Rio do Peixe	1	0,5
N/E	N/E	3	1,4
Total	53	218	100,0

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Novamente o Município de Rio Pardo apresenta-se como o maior gerador de mão de obra migrante para a Hoelzel e Cia Ltda. Um dos fatores que pode ter motivado a constante presença do município é a formação socioeconômica de Rio Pardo a partir do século XX. Rio Pardo, bem como outros municípios gaúchos, sofre com o êxodo rural motivado pela crise do modelo da agropecuária gaúcha, baseada na concentração da propriedade do solo, e que, já na primeira metade do século XX, com a mecanização da lavoura, gerou um grande contingente de emigrantes para as áreas urbanas. Esse contingente populacional vai gerar, inclusive no próprio núcleo urbano de Rio Pardo, um crescimento das “periferias urbanas constituídas por populações que procedem em grande parte do latifúndio pastoril ou agrícola.” (SCHINEIDER, 2005, p. 181). É, portanto, admissível que o Município de Santa Cruz do Sul, com indústrias de porte (e considerando a inexistência de grandes centros industriais do Vale do Rio Pardo), fosse o grande absorvedor de mão de obra da região. A tabela 6 focaliza na especificidade da origem dos trabalhadores com origem no Município de Rio Pardo. As localidades apresentadas ainda

possuem características rurais, outras, como Passo do Sobrado e Pantano Grande, emanciparam-se na década de 1980, e possuem um centro urbano constituído ainda com pouca abrangência.

Tabela 14 - Localidade de origem dos trabalhadores nascidos em Rio Pardo (1932 - 1939)

Município	Localidade	Nº	%
	Sede ²⁰	50	72,5
	Passo do Sobrado	7	10,1
	João Rodrigues	3	4,3
	Rincão Del Rey	3	4,3
	Capivarita	2	2,9
	Couto	1	1,4
	Bexiga	1	1,4
	Pantano Grande	1	1,4
Rio Pardo	Pederneiras	1	1,4
Total	9	69	100,0

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Além dos municípios vizinhos de Santa Cruz do Sul, como Rio Pardo (31%), Encruzilhada (12%) e Candelária (8,6%), a atual fase apresenta uma abrangência maior e aponta regiões de geração de mão de obra que até então não atingiram grandes proporções ou mesmo não constavam. Destaca-se a região metropolitana (Porto Alegre, São Leopoldo e São Sebastião do Caí) como uma região que forneceu trabalhadores em maior quantidade que na fase anterior. Já a região dos Campos de Cima da Serra (Nordeste do Estado) e da região das Missões (Noroeste do Estado), apresentam-se como novidade neste período, já que, no anterior, seus municípios não figuravam.

Uma hipótese é a de que os contingentes populacionais da região das colônias alemãs do centro do Estado que haviam migrado para a região Noroeste, com o desenvolvimento da indústria de Santa Cruz do Sul, começassem a fazer o caminho contrário, ou seja, voltar para a região de colonização original, porém agora à procura de trabalho na área urbana. Um dado que vai ao encontro deste argumento é a ocorrência de alguns sobrenomes de origem germânica dos

²⁰ Consideramos Sede a partir da informação dos RE que não especificam a localização exata da pessoa contratada e apresentam o lugar de origem como Rio Pardo, podendo ser estes originários das áreas rurais do município.

trabalhadores contratados provenientes da região dos Sete Povos das Missões e Região Norte do Estado.

Tabela 15 - Trabalhadores com origem no norte e noroeste do Estado

Município de Origem	Sobrenome	Origem Étnica
Cruz Alta	Feier	Teuto-brasileira
	Veriato	Ítalo-brasileira
Ijuí	Zorn	Teuto-brasileira
	Mattos	Luso-brasileira
Palmeira das Missões	Machado	Luso-brasileira
	Prestes	Luso-brasileira
Carazinho	Gonçalves	Luso-brasileira
Getúlio Vargas	Muller	Teuto-brasileira
Santo Ângelo	Rosa	Luso-brasileira
São Luiz Gonzaga	Krause	Teuto-brasileira

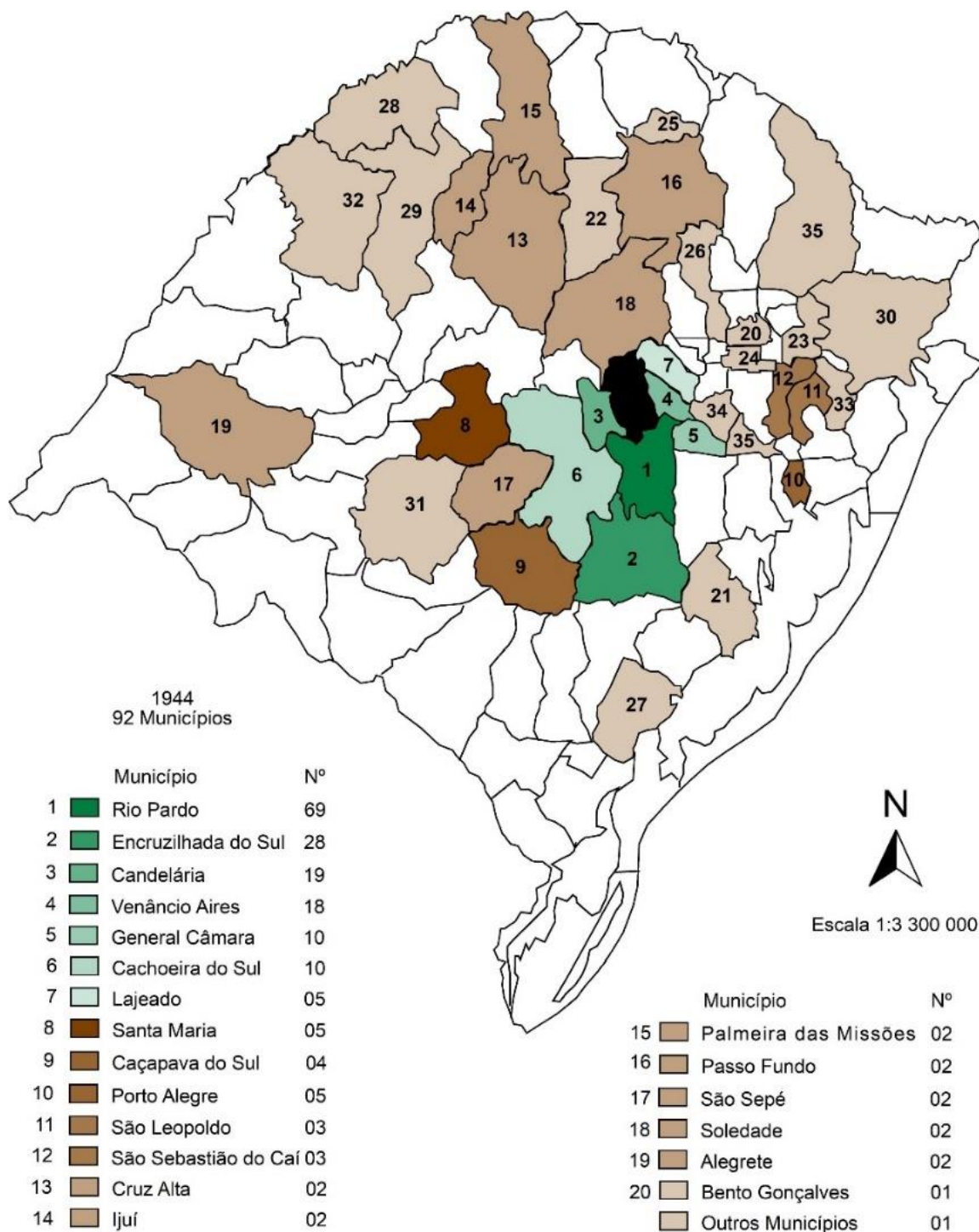
Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Outro fator que colabora para a emigração dessas regiões é o fato das mesmas não possuírem meios de retenção de mão de obra. Conforme Lazzarotto (1981), em seu trabalho sobre os trabalhadores da metalúrgica Abramo Eberle de Caxias do Sul, as microrregiões da Encosta da Serra Geral, dos Campos de Vacaria, a microrregião de Vinicultura de Caxias do Sul e mesmo a região metropolitana possuem características em comum que influenciam na expulsão de suas populações. Para o autor,

a falta de um absorvedouro da mão de obra jovem que emigra de seu lar para, em outras cidades, ir à procura de um emprego. A ausência de mecanismos de retenção é que transforma em quase deserto as cidades que não tem indústrias ou que não dispõem de boa estrutura agrária ou comercial. (LAZZAROTTO, 1981, p. 67).

Para visualizar o tema tratado, veja a imagem 17.

Imagem 17 - Mapa dos municípios de origem dos trabalhadores (1939 - 1945)



Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur), mapa elaborado pelo autor.

Os municípios que não constam na legenda e que possuem apenas um habitante são: 21-Camaquã; 22-Carazinho; 23-Caxias do Sul; 24-Garibaldi; 25-Getúlio Vargas; 26-Guaporé; 27-Pelotas; 28-Santa Rosa; 29-Santo Ângelo; 30-Santo Antônio da Patrulha; 31-São Gabriel; 32-São Luiz Gonzaga; 33-Taquara; 34-Taquari; 35-Triunfo; 36-Vacaria.

Em comparação com o montante dos municípios do Estado, Santa Cruz do Sul é o município que mais possui trabalhadores contratados no período, embora, comparado à soma de todos os municípios, detenha somente 48% da mão de obra nascida em seu território. A tabela 16 detalha a origem dos trabalhadores nascidos no município, sendo que a sede apresenta o maior contingente. Porém não se deve omitir a presença de trabalhadores de localidades rurais dentre outras como Vale do Sol, Vera Cruz e Trombudo.

Tabela 16 – Localidade de origem dos trabalhadores nascidos em Santa Cruz do Sul (1939 - 1945)

Município	Localidade	Nº	%
Santa Cruz do Sul	Sede	179	90,4
	Vale do Sol	4	2,0
	Vera Cruz	4	2,0
	Trombudo	3	1,5
	Sinimbú	2	1,0
	Boa Vista	1	0,5
	Cerro da Mula	1	0,5
	Herval	1	0,5
	Herval de Baixo	1	0,5
	Paredão	1	0,5
	São Martinho	1	0,5
Total	10	198	100,0

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

A realidade da população do interior de Santa Cruz do Sul que migrou para a sede do município pode ser vislumbrada a partir do Jornal Gazeta do Sul, que expõe, por meio de notícias e artigos, as dificuldades impostas ao homem pelo meio ambiente. Para além das questões abordadas na introdução, que vinculam o êxodo dessas populações para as áreas urbanas à fragmentação da propriedade agrícola, outra hipótese pode ser acrescida: a dificuldade de se manter no campo devido às condições naturais. O artigo intitulado *A Sêca* traz o seguinte relato:

Os resultados do prolongamento da falta de pluviosidade já se fazem sentir. Os açambarcadores, ou melhor, os aproveitadores, retêm os estoques nos armazéns e só deles se desfazem, parceladamente, para “servir” ao interessado. O milho, por exemplo, custa 200% mais do que há dois meses atrás. O feijão, em idênticas condições. Entretanto a época trágica ainda não chegou. Ela se pronunciará no período hibernal e na próxima primavera, até que se evidencie a nova safra. E isto porque a colheita pode ser considerada nula. Os granjeiros (plantadores de arroz) dispensaram seus trabalhadores, diaristas e temporários, por falta de trabalho. A capacidade aquisitiva desses homens é nenhuma. Acresce que quase todos tem família numerosa. (GAZETA DE SANTA CRUZ, 09/02/1945, p.2).

Trombudo, localidade com 3 trabalhadores contratados no período, aparece na publicação de 23 de fevereiro de 1945. O motivo, a seca prolongada. Segundo a coluna intitulada *Notícias do interior do município-Trombudo*,

em virtude da grande seca que durou vários meses achavam-se estacionados todos os moinhos desta sede. Apenas dois continuaram a funcionar, um, de propriedade do do sr. Rademann, movido a gás pobre, e outro pertencente ao sr. Leopoldo Gehrke, a vapor. Achavam-se os mesmos sobrecarregados de trabalho, pois em virtude da seca e paralização dos demais moinhos, estes atendiam uma vasta zona, inclusive interessados vindos da Serra. Com a últimas chuvas caídas a situação melhorou consideravelmente. (GAZETA DE SANTA CRUZ, 23/02/1945).

As duas publicações do jornal local, no mês de fevereiro do ano de 1945, auxiliam o entendimento da situação vivida pela população rural de Santa Cruz do Sul. A primeira revela a falência ou anulação das colheitas de arroz nas localidades rurais do município devido à falta de chuva. A seca que deixava inoperantes os produtores, liberava “trabalhadores, diaristas e empregados” e, por consequência, suas “famílias numerosas” a buscar outros modos de trabalho.

3.2.3 Do pós-guerra a 1960

O período do pós-guerra até o ano de 1960 é a última etapa da primeira fase capitalista da Mercur, que se caracterizou pela aquisição de máquinas, produção em escala e contratação de elevado número de trabalhadores no período da Segunda Guerra Mundial, sobretudo no ano de 1945, quando a empresa empregara 337 trabalhadores, o maior número no período estudado (1924-1970). A presente etapa marca um período de retração na contratação de pessoal a partir do ano de 1946, e de muitas demissões no mesmo ano, possivelmente geradas pela queda da demanda no imediato pós Segunda Guerra Mundial. Além disso, a razão social da empresa passa a ser Hoelzel S/A. – Fábrica de Artefatos de Borracha Mercur. Para delimitar o final desta fase, elegemos o fator das mudanças internas na empresa, como a adoção do plástico a partir de

1957, uma nova modernização concomitante à racionalização do processo produtivo que ocorre a partir de 1961, e a criação de uma empresa específica para o beneficiamento do plástico.

Neste período, o total de municípios geradores de mão de obra somam 54, dez a mais do que no período anterior. Além de aparecerem municípios do extremo sul do Estado, como Santa Vitória do Palmar e São Pedro do Sul, outro fator para a presença de um número maior de municípios neste período, é o de que 60 municípios foram criados entre os anos 1945 e 1960. É o caso de municípios como Agudo, Restinga Seca e Vera Cruz, ambos emancipados em 1959, e que constam como lugares de origem de trabalhadores. A tabela 17 detalha os números relativos aos municípios geradores de mão de obra do período (RIO GRANDE DO SUL, 2001).

Tabela 17 - Origem dos trabalhadores migrantes/brasileiros (1945-1960)

(continua)

Estado	Município	Nº	%
Rio Grande do Sul	Rio Pardo	122	26,0
	Encruzilhada do Sul	93	19,8
	Candelária	50	10,7
	Venâncio Aires	48	10,2
	Cachoeira do Sul	16	3,4
	Soledade	14	3,0
	Lajeado	12	2,6
	Caçapava do Sul	10	2,1
	Sobradinho	8	1,7
	General Câmara	7	1,5
	Estrela	5	1,1
	Porto Alegre	5	1,1
	Vera Cruz	5	1,1
	Caxias do Sul	4	0,9
	Santa Maria	4	0,9
	São Lourenço	4	0,9
	Bagé	3	0,6
	Montenegro	3	0,6
Vacaria	3	0,6	
Dom Pedrito	2	0,4	

Tabela 17 - Origem dos trabalhadores migrantes/brasileiros (1945-1960)

Estado	Município	Nº	%
	Getúlio Vargas	2	0,4
	Novo Hamburgo	2	0,4
	Passo Fundo	2	0,4
	São Borja	2	0,4
	São Jerônimo	2	0,4
	São Pedro do Sul	2	0,4
	Triunfo	2	0,4
	Veranópolis	2	0,4
	Agudo	1	0,2
	Camaquã	1	0,2
	Cruz Alta	1	0,2
	Erechim	1	0,2
	Garibaldi	1	0,2
	Guaíba	1	0,2
	Guaporé	1	0,2
	Irái	1	0,2
	Itaqui	1	0,2
	Jaguari	1	0,2
	Restinga Seca	1	0,2
	Rio Grande	1	0,2
	Santa Rosa	1	0,2
	Santa Vitória do Palmar	1	0,2
	Santo Ângelo	1	0,2
	São Francisco de Paula	1	0,2
	São Gabriel	1	0,2
	São Luiz Gonzaga	1	0,2
	São Sepé	1	0,2
	Taquari	1	0,2
	Uruguaiana	1	0,2
Minas Gerais	São Tomaz de Aquino	1	0,2
Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	2	0,4
Santa Catarina	Rio do Peixe	1	0,2
N/E	N/E	10	2,1
Total	54	469	100,0

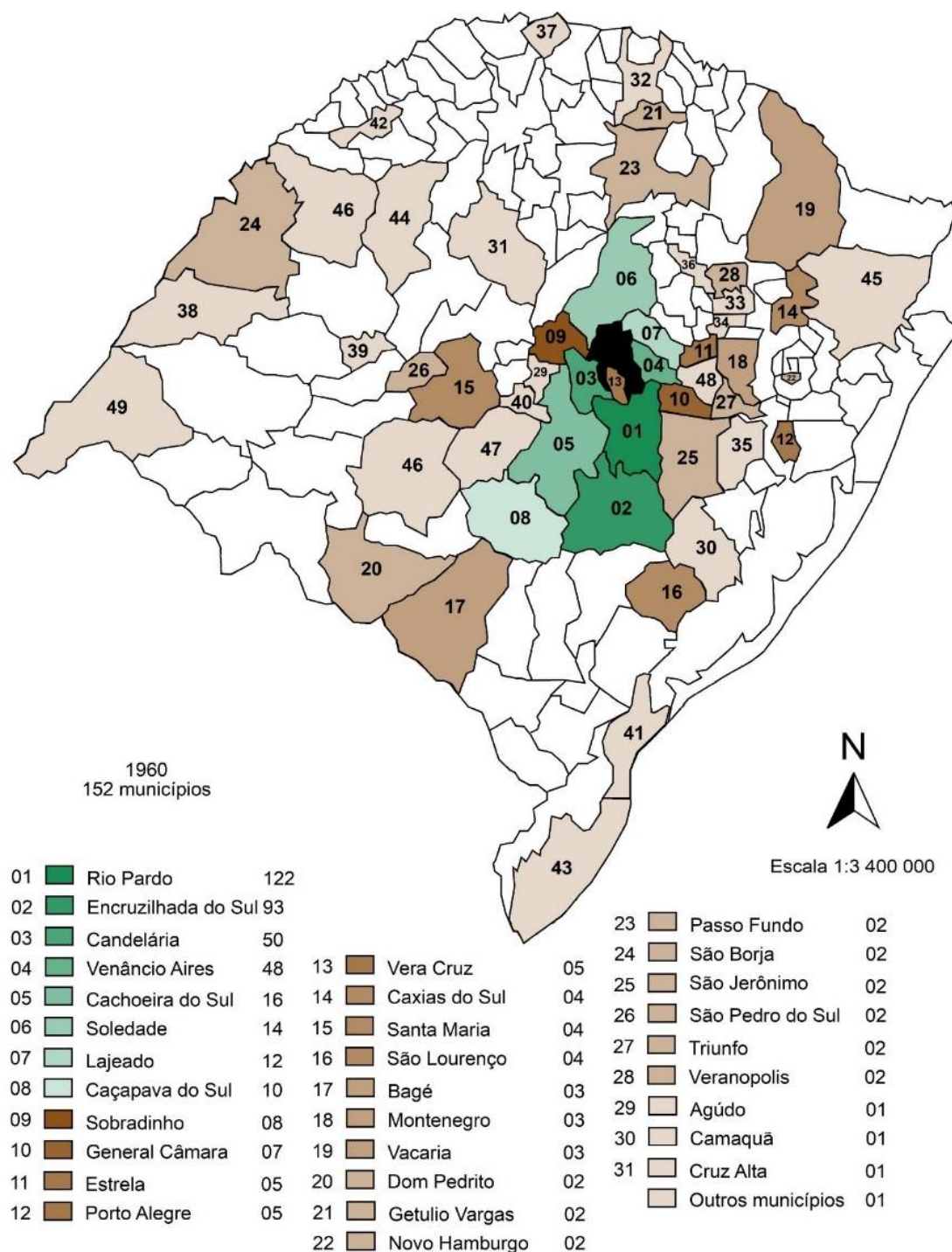
Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

A respeito dos municípios de origem das pessoas contratadas, observamos a manutenção dos principais municípios fornecedores de força de trabalho dos períodos anteriores: Rio Pardo, Encruzilhada do Sul, Candelária e Venâncio Aires. Em seguida, aparecem municípios que, embora com menos trabalhadores nascidos em seus territórios, também se mostravam como geradores de mão de obra, como Caçapava do Sul, Soledade, Sobradinho e General Câmara. Podemos dizer, a título de hipótese, que a proximidade de Santa Cruz do Sul em relação a estes municípios, junto ao *status* de centro industrial da região, atendessem a demanda de mão de obra da própria região. As indústrias de Santa Cruz do Sul, e logicamente a Fábrica de Artefatos de Borracha Mercur, absorviam a mão de obra da região e dos municípios mais próximos, da mesma forma que o operariado da Abramo Eberle, onde além de Caxias do Sul, a força de trabalho necessária provinha de municípios vizinhos e de características agropastoris, como São Francisco de Paula, Vacaria e São Sebastião do Caí²¹. Dessa forma, a distância entre o ponto de origem do trabalhador e o lugar de absorção da mão de obra é um aspecto a considerar (LAZZAROTTO, 1981, p.76).

A imagem 18 traz a disposição geográfica a respeito da origem dos trabalhadores no período focalizado.

²¹ O autor apresenta um dado importante a respeito da contratação de indivíduos originários do que intitula “a micro-região fumicultura de Santa Cruz do Sul”. No período entre 1905 e 1970, a Abramo Eberle contratou cerca de 17 operários, o que, para o autor, é insignificante. O que pode ter contribuído para o número ínfimo é o fato de que Santa Cruz do Sul absorvia a mão de obra do vale do Rio Pardo e regiões vizinhas. (LAZZAROTTO, 1981, p.76).

Imagem 18 – Mapa dos municípios de origem dos trabalhadores da Mercur (1945 - 1960)



Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur), mapa elaborado pelo autor.

²² Os demais municípios com um trabalhador nascido em seu território são: 32-Erechim; 33-Garibaldi; 34-Guaíba; 35-Guaporé; 36-Iraí; 37-Itaqui; 38-Jaguari; 39-Restinga Seca; 40-Rio Grande; 41-Santa Rosa; 42-Santa Vitória do Palmar; 43-Santo Ângelo; 44-São Francisco de Paula; 45-São Gabriel; 46-São Luiz Gonzaga; 47-São Sepé; 48-Taquari; 49-Uruguaiana.

A desvinculação das populações do campo aparece em diversos artigos do jornal local. Um dos artigos, intitulado *Fixação do homem no campo*, versa sobre a suposta ineficiência do governo em dar subsídios aos pequenos agricultores e, ao mesmo tempo, importar gêneros alimentícios de outros países. O texto revela a questão do êxodo rural que é direcionado a Santa Cruz do Sul da seguinte forma:

Aos municípios rurais, como no nosso caso, tem sido apenas reservado o papel de sustentáculo desse enorme e dispendioso arcabouço fiscal que cada vez mais vem oprimindo a coletividade nacional e contribuindo para o desestímulo do braço trabalhador. Daí o enorme êxodo de nossos homens do campo que, atraídos pela miragem de uma vida fácil, em proporções cada vez maiores, vão abandonando a lavoura em busca do conforto e da aventura nas grandes cidades. (GAZETA DE SANTA CRUZ, 03/09/1948, p.3).

Outros textos vão ao encontro da situação da condição do agricultor, vinculado até mesmo ao não uso de adubo²³, à falta de assistência ao agricultor²⁴ e à seca, o que motivará inúmeros artigos e matérias da Gazeta de Santa Cruz e depois da sua sucessora, a Gazeta do Sul, impressa a partir de 1956. O artigo *A seca e os poderes públicos*, escrito por um agricultor que possuía algum conhecimento de técnicas agrícolas colocadas em prática nos Estados Unidos, propõe chuvas artificiais.²⁵ O texto *A mecanização da lavoura*, publicado no editorial do jornal, incrimina as técnicas antiquadas ainda empregadas pelos agricultores e elege o uso de maquinários como a solução para o aumento da produção.²⁶ O mesmo ocorre nos espaços do jornal dedicado às notícias do interior. De Alto Sinimbu, vinha o seguinte relato sobre a realidade das colheitas: “Em virtude da seca que se faz sentir até há bem pouco as colheitas de fumo e milho saíram bastante prejudicadas notando-se um sensível decréscimo na produção com os anos anteriores” (GAZETA DE SANTA CRUZ, 18/03/1949, p.5). Da Linha Araçá, escrevia o correspondente:

O fumo deu uma colheita satisfatória e foi transportado daqui a Santa Cruz com caminhões e não mais com tropas de mulas, como no tempo antigo. A colheita do milho do cedo está fraca e o milho do tarde foi derrubado pelo vento. A colheita de arroz falhou quase totalmente, por que no tempo em eu floresceu havia seca [...] (GAZETA DE SANTA CRUZ, 29/04/1949, p.4).

²³ Artigo Produção Agrícola, Gazeta de Santa Cruz, 05/09/1948. p.3.

²⁴ Artigo Assistência ao agricultor, Gazeta de Santa Cruz 20/08/1948, p.3.

²⁵ Artigo A seca e os Poderes públicos, Gazeta de Santa Cruz, 09/12/1949, p.5.

²⁶ Artigo Mecanização da lavoura, Gazeta de Santa Cruz, 16/12/1949, p.7.

Dias antes, mais precisamente em 19 de janeiro de 1949, a notícia era de Riopardense, localidade de Vale do Sol (atualmente município, mas que se emancipou de Santa Cruz do Sul em 1992): “Cessou a seca e veio, enfim, a tão esperada chuva que reanimou as esperanças dos colonos para a plantação do milho do tarde. Pelo menos retornar-se-á possível assim diminuir o prejuízo sofrido nos últimos tempos” (GAZETA DE SANTA CRUZ, 19/01/1949, p.2).

Ilávio Rothmund, nascido em Riopardense no dia 2 de setembro de 1943, migrou para a cidade quando ainda era criança, no final da década de 1940 e início da década de 1950. Na entrevista concedida ao autor deste trabalho, aponta os motivos de sua saída, ainda criança, de Riopardense para Santa Cruz do Sul.

Na verdade, eu nasci, hoje é Vale do Sol, 7º distrito de Santa Cruz do Sul. [...] hoje Riopardense, pertence a Vale do Sol. [...] Aí eu vim para a cidade com idade de 10/12 anos mais ou menos. A partir daí nós fomos morar um período, primeiro em Vera Cruz, que era um distrito de Santa Cruz do Sul, que chamava Vila Tereza. Moramos uns dois anos em Vera Cruz, Tereza na época. Na verdade, meu pai tinha bastante terra, uma propriedade razoavelmente grande. O que acontecia naquela época, o colono não tinha o amparo que hoje existe [...], o seguro contra granizo, todas essas coisas. Então o meu pai foi fracassando cada vez mais, tempestades acabaram com a lavoura dele, entrou doença no meio, a coisa foi indo, não havia recurso, não havia sistema de saúde, não existia, era tudo por conta, e realmente não existia isso, ele contava para nós. Nós éramos uns piazinho. Era muita dificuldade. Naquela época, eu sei que ele carregava a carroça dele com fumo e trazia para a Santa Cruz do Sul e a Souza Cruz que comprava. Então levava média de dois a três dias para voltar. Dormiam debaixo da carroça. Nós éramos piá. Para nós era festa, por que íamos para a cidade. E como ele entendia um pouco de pedreiro, de construção, essas coisas, carpinteiro, marceneiro, ele resolveu vim para a cidade. Aí foi para a Santa Cruz, começou a plantar fumo de novo... mais uma paulada. Não era terra comprada, era arrendada. Aí demoliu com o velho... ai o velho pegou os trapos, botou na carroça e veio com nós pro Faxinal Velho. (ILÁVIO ROTHMUND, 2017).

Imagem 19 - Fotografia do RE de Ilávio Rothmund



Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

O relato de Ilávio Rothmund vai ao encontro do que o jornal Gazeta de Santa Cruz afirmava a respeito da dificuldade de permanecer no meio rural. Além de Ilávio, seu irmão Reno trabalhou na Mercur em 1961. Os dois são parcela da população que fez parte da migração rural-urbana.

Matilda e Arlindo Wagner casaram em 1950. Inicialmente moravam em Rincão do Sobrado, localidade atualmente pertencente a Passo do Sobrado. Na época, fazia parte do município de Rio Pardo. Arlindo foi contratado pela Mercur em 13 de fevereiro de 1957 e Matilda em 10 de fevereiro de 1959. Matilda, que concedeu entrevista a este pesquisador, casou-se com 17 anos e é viúva de Arlindo há 49 anos. Matilda narra a história de sua vida, a partir da saída do Rincão do Sobrado para Santa Cruz:

Nós morávamos na colônia, e nós cuidávamos a mãe dele, por que ele ganhou a herança da mãe. Ai depois não deu mais por que ele sempre estava doente, por que atacava o coração, sem ar né? Tinha bronquite... do coração, que vem do coração. Ele estava no hospital e eu sozinha na roça, ai não deu mais, tinha dois filhos. Nos tinha que vender lá em baixo (Rincão do Sobrado), Nós compramos aqui do Capitão Walter Conrad, depois nós construímos [...] Nós construímos aqui e ficamos morando aqui, ai meu marido começou primeiro a trabalhar no Lothar Krause [...] era de máquinas, era na esquina onde era a Keller Nievesberg, antes de começar na Mercur. Ai ele não quis mais e ele foi no Arnaldo Speis. Ele não trabalhou muito na Mercur, acho que uns dois anos. Ele estava encostado de invalidez (por que ele era novo) 11 anos. Eu dava os remédios... o Dr. Assmann... Ele faleceu com 41 anos, em 14 de julho, e em 15 de julho ele foi enterrado no Cemitério, em Linha João Alves. (MATILDA WAGNER, 2017).

Matilda lembra que o marido, ainda na colônia, sofria com problemas de saúde. Devido a isso, não podia mais trabalhar na roça e, na maioria das vezes, ela mesma que tinha que plantar e cuidar da casa. Além disso, os problemas de saúde de uma de suas filhas fizeram com que eles mudassem para Santa Cruz.

Aí assim. A mais velha tava doente e eu não esqueço nunca mais. O meu irmão mais novo ainda vive. Ele tem 78 anos. Ele é Hermes. Eu sou Hermes de casa. Aí então... a mais velha sempre estava doente. Na colônia era assim. Eu que tinha que plantar, tinha que fazer tudo na roça, tudo eu eu eu. Nós tínhamos que pegar um.... nossa frerra, nossa mudança... Pegamos o Mahl (João Luiz Mahl, vizinho que tinha um caminhão). Aí era assim. Eles tinha um... (barulho de buzina) que fazia assim. (MATILDA WAGNER, 2017).

Arlindo após dois anos trabalhando na Mercur, não pôde exercer seu ofício devido aos mesmos problemas de saúde que o fizeram sair da colônia. Nesse período, Matilda, que fazia faxinas e lavava roupa para fora junto com sua filha, procurou serviço na Mercur e, em 12 de fevereiro de 1969, foi contratada. Em 13 de janeiro de 1961, depois dois anos de trabalho e

mais dois de “encostado”, Arlindo foi demitido pela empresa. E Matilda já havia sido demitida após completar 8 meses trabalhados.

Imagem 20 – Matilda e Arlindo Wagner



Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Matilda e Arlindo são parte de um número de 9 pessoas residentes na localidade de Passo do Sobrado, na época pertencente ao Município de Rio Pardo, que migraram entre 1945 e 1960. A tabela 18 especifica os números relativos à origem dos trabalhadores vindos do Município de Rio Pardo.

Tabela 18 – Localidade de origem dos trabalhadores nascidos em Rio Pardo (1945 - 1960)

Município	Localidade	Nº	%
Rio Pardo	Sede	98	79,7
	Passo do Sobrado	9	7,3
	Bexiga	6	4,9
	Capivarita	4	3,3
	João Rodrigues	2	1,6
	Pantano Grande	2	1,6
	Rincão del Rey	2	1,6
Total	15	123	100

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Em relação a proveniência dos trabalhadores nascidos em Santa Cruz do Sul e suas respectivas localidades, há um aumento em relação ao período anterior (durante a Segunda Guerra Mundial), embora os demais municípios do Estado ainda possuam o maior número de pessoas contratadas no período. Nesse sentido, Santa Cruz do Sul possui 49% de pessoas contratadas contra 51% do restante do Estado. A tabela 19 apresenta os dados do município.

Tabela 19 - Localidade de origem dos trabalhadores nascidos em Santa Cruz do Sul (1945 - 1960)

Município	Localidade	Nº	%
Santa Cruz do Sul	Sede	404	90,6
	Sinimbú	10	2,2
	Vale do Sol	7	1,6
	Erveiras	6	1,3
	Vera Cruz	5	1,1
	Gramado Xavier	4	0,9
	São Martinho	2	0,4
	Boqueirão do Leão	1	0,2
	Cerro Alegre	1	0,2
	Herval de Baixo	1	0,2
	Linha Arlindo	1	0,2
	Linha H. D'Avila	1	0,2
	Monte Alverne	1	0,2
		Rio Pardinho	1
Trombudo		1	0,2
Total	15	446	100

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur)

A tabela 19 traz 404 trabalhadores nascidos em Santa Cruz do Sul, o que consideramos como sendo pertencentes a Sede do Município e os demais de outros distritos e localidades. Porém, advertimos que tais informações podem conter alguma fragilidade, já que, devido a forma que os REs eram preenchidos, muitas vezes as especificidades relativas a proveniência dos contratados não eram registradas. Nesse sentido, o número de pessoas vindas de localidades rurais pode ser maior. Esse aspecto vai ser melhor abordado na seção seguinte.

3.2.4 A fase de racionalização da produção (1961 - 1969)

Determinada pelos modelos de gestão implementados na empresa neste período, o número de contratações neste período foi menor que nas fases anteriores. Concomitantemente, também devido a racionalização dos processos fabris, o número de demissões aumentou. Esses fatores impactaram na menor quantidade de trabalhadores empregados, e por consequência no decréscimo de municípios e localidades.

A respeito dos municípios de origem dos trabalhadores, os que fazem divisa com Santa Cruz do Sul novamente aparecem como os principais provedores de mão de obra contratada pela Mercur. Dessas áreas circunvizinhas, destacam-se Rio Pardo, Venâncio Aires, Encruzilhada do Sul, Candelária e Cachoeira do Sul. Também se observa o aparecimento de Vera Cruz, município que se emancipou de Santa Cruz do Sul em 1959 (nas outras fases o consideramos uma localidade).

Outros municípios, como Caçapava do Sul, Soledade, Santa Rosa e São Sepé - se compreendidos de uma forma mais ampla, considerando as outras fases - são importantes municípios geradores de mão de obra e merecem ser destacados como um segundo grupo de municípios fornecedores de força de trabalho.

Em seguida, figuram municípios com 1 ou 2 trabalhadores contratados, que são caracterizados por se localizarem em regiões mais distantes em relação a Santa Cruz do Sul. Tais municípios encontram-se na região noroeste (Missões e Alto Uruguai) e sudoeste do Estado (Campanha). A tabela 20 detalha a origem dos trabalhadores contratados fora de Santa Cruz do Sul.

Tabela 20 - Origem dos trabalhadores migrantes/brasileiros (1961 - 1969)

(continua)

Estado	Município	Nº	%
Rio Grande do Sul	Rio Pardo	41	18,2
	Venâncio Aires	29	12,9
	Candelária	28	12,4
	Encruzilhada do Sul	20	8,9
	Cachoeira do Sul	13	5,8
	Lajeado	12	5,3
	Sobradinho	11	4,9
	Vera Cruz	11	4,9
	Soledade	6	2,7

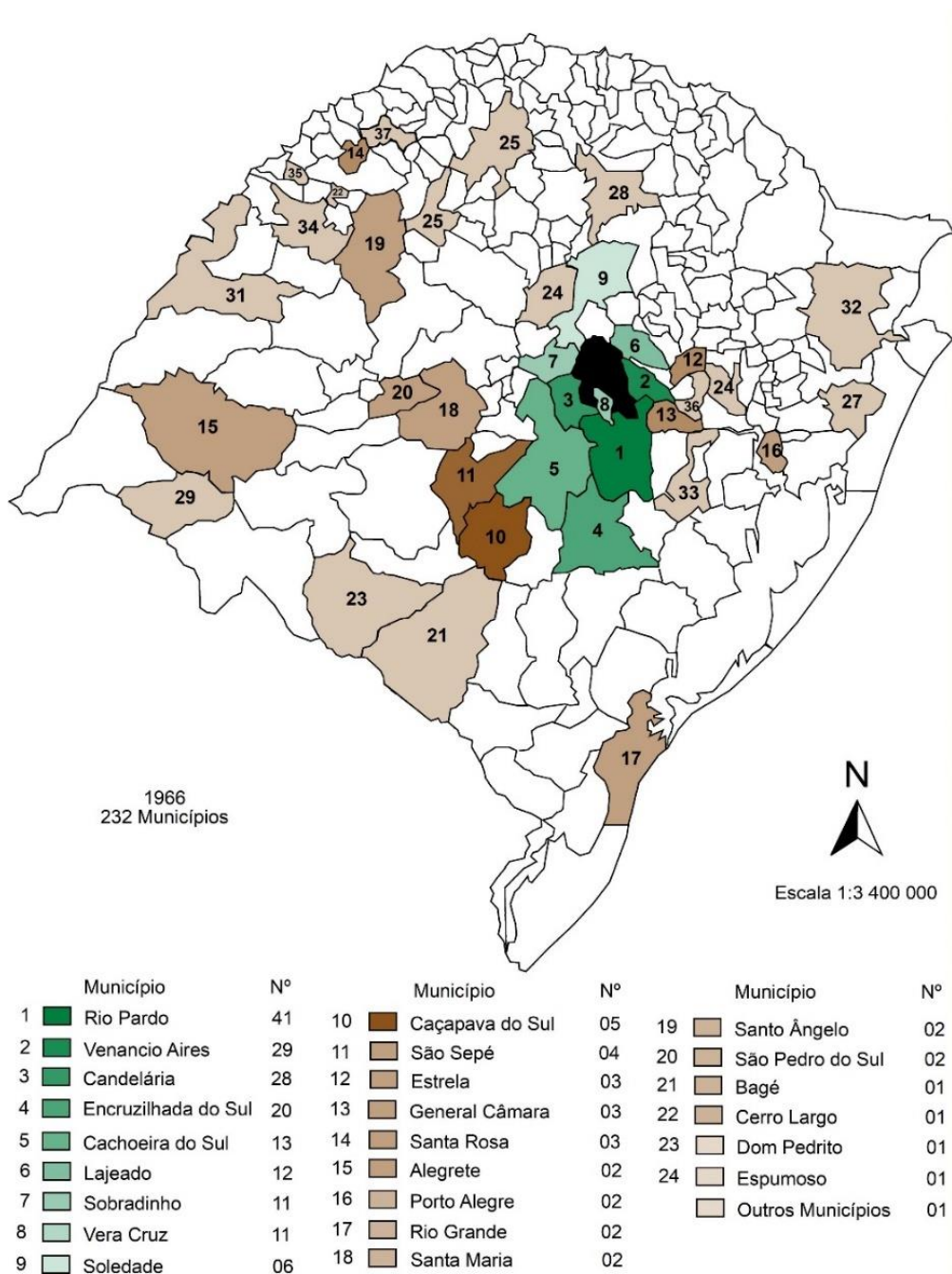
Tabela 20 - Origem dos trabalhadores migrantes/brasileiros (1961 - 1969)

Estado	Município	Nº	%
Rio Grande do Sul	Caçapava do Sul	5	2,2
	São Sepé	4	1,8
	Estrela	3	1,3
	General Câmara	3	1,3
	Santa Rosa	3	1,3
	Alegrete	2	0,9
	Porto Alegre	2	0,9
	Rio Grande	2	0,9
	Santa Maria	2	0,9
	Santo Ângelo	2	0,9
	São Pedro do Sul	2	0,9
	Bagé	1	0,4
	Cerro Largo	1	0,4
	Dom Pedrito	1	0,4
	Espumoso	1	0,4
	Ijuí	1	0,4
	Montenegro	1	0,4
	Palmeiras das Missões	1	0,4
	Passo Fundo	1	0,4
	Quaraí	1	0,4
	Santo Antonio da Patrulha	1	0,4
	São Borja	1	0,4
	São Francisco de Paula	1	0,4
	São Jerônimo	1	0,4
São Luiz Gonzaga	1	0,4	
São Paulo das Missões	1	0,4	
Taquari	1	0,4	
Três de Maio	1	0,4	
Minas Gerais	Santo Tomaz de Aquino	1	0,4
Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	1	0,4
Santa Catarina	Concordia	2	0,9
	Itajaí	1	0,4
N/E	N/E	2	0,9
Total	42	225	100,0

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Ver mapa político do Rio Grande do Sul (imagem 21), com a localização dos trabalhadores do período supracitado.

Imagem 21 – Mapa dos municípios de origem dos trabalhadores admitidos pela Mercur (1961 - 1969)



Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur), mapa elaborado pelo autor.

²⁷ Os demais municípios com um trabalhador nascido em seu território: 25-Ijuí; 26-Montenegro; 27-Palmeira das Missões; 28-Passo Fundo; 29-Quaraí; 30-Santo Antônio da Patrulha; 31-São Borja; 32-São Francisco de Paula; 33-São Jerônimo; 34-São Luiz Gonzaga; 35-São Paulo das Missões; 36-Taquari; 37-Três de Maio.

Os trabalhadores nascidos em municípios da região das Missões, mais precisamente no noroeste e norte do Estado do RS, possivelmente são parte ou filhos de pessoas que se deslocaram das primeiras regiões de colonização alemã em busca de novas áreas de plantio. Esse processo é definido por Jean Roche (1969, p. 375) como “enxamagem”, que é utilizado pelo autor para explicar como se procederam as migrações rurais internas de imigrantes alemães e seus descendentes no Sul do Brasil, e mais precisamente no Rio Grande do Sul.

Segundo Silveira (1997, p.67):

a redução da área média das propriedades ocorrida entre 1920 e 1940, interferiu negativamente no parcelamento da terra para a divisão por herança e acabou promovendo a expulsão dos filhos dos camponeses da área rural do município. Como resultado, tivemos, até, 1940, o incremento da imigração para outras áreas rurais no norte do Estado, as chamadas novas colônias alemãs. (SILVEIRA, 1997, p. 67).

É possível que, com o desenvolvimento industrial de Santa Cruz do Sul, seus descendentes tenham feito o caminho inverso, ou seja, migrado das áreas rurais do norte do Estado para as regiões originais de colonização, que é o caso de Santa Cruz do Sul.

Esse fluxo migratório de retorno pode ser ilustrado pela história de vida de Isolde Maria Agnes, contratada pela Mercur em 16 de janeiro de 1961, com 18 anos de idade. Isolde trabalhou como servente (trabalhador da fábrica) durante 4 anos, e desvinculou-se em 18 de junho de 1966. Isolde, ao ser interrogada sobre o motivo de ter migrado para a região das missões, revela que não tem muitas informações já que foram seus pais que migraram para Santo Ângelo e ela, como suas irmãs, apenas nasceram no município.

Pois é, isso a gente não tem grande explicação, por que éramos muito pequenas. Bom eu nasci lá, só nasci lá, e meu pai trabalhou um tempo lá, e aí ele de repente ele veio para Santa Cruz, para trabalhar na oficina mecânica. Por que lá não tinha condições para a gente sobreviver lá. Era muito pequeno. Aí a gente veio morar para cá. Nascemos lá e viemos embora. Não, o meu pai foi pra lá por que tinha uns tios morando lá...Foram pra lá achando que lá era melhor... Todo mundo nasceu na serra, por que viemos para cá pequeninhas. Aí quando nós tínhamos pouca idade nossa mãe faleceu, ela (se refere a irmã) tinha dois anos e meio e eu tinha 5 anos. Aí a gente foi para a serra e depois voltou. Ele foi porque tinha um cunhado dele que estava morando lá, ele era colono, plantava. O pai como lidava com motor de tudo que é tipo, tratores, aí o tio falou para ele ir para lá. Só que não deu certo e a mãe ficou doente e aí voltamos para cá. (AGNES, 2017).

É perceptível, a partir do relato, o motivo pelo qual a família Agnes emigrou para a região das Missões, e o motivo pelo regresso à Santa Cruz do Sul, foi oportunidades de emprego. A entrevistada revela que a profissão do pai estava ligada à maquinaria empregada na agricultura e, motivado por um parente próximo, foi com a família tentar empregar-se na

região. Porém, devido a questões financeiras e de saúde, foram obrigados a voltar. O caso de Isolde Agnes pode ilustrar inúmeros outros casos de pessoas das regiões coloniais antigas que migraram para as regiões coloniais mais novas noroeste e norte do Rio Grande do Sul. As informações compartilhadas pela tabela 21 podem contribuir para a compreensão do fenômeno, pois apresenta o sobrenome dos contratados, e a maioria dos migrantes da região Noroeste do Estado possui sobrenome de origem germânica, o que pode denotar, sim, um retorno daqueles fluxos migratórios que ocorreram a partir das primeiras colônias alemãs em direção ao norte e noroeste rio-grandense.

Tabela 21 – Origem étnica dos trabalhadores da região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul contratados pela Mercur (1961 - 1969)

Município de Origem	Sobrenome	Origem Étnica
Santa Rosa	Martins	Luso-brasileira
	Pires	Luso-brasileira
	Silveira	Luso-brasileira
Santo Ângelo	Agnes	Teuto-brasileira
	Oliveira	Luso-brasileira
Cerro Largo	Nedel	Teuto-brasileira
Ijuí	Schwerz	Teuto-brasileira
Palmeira das Missões	Mayer	Teuto-brasileira
São Luiz Gonzaga	Silva	Luso-brasileira
São Paulo das Missões	Beus	Teuto-brasileira
Três de Maio	Ritter	Teuto-brasileira

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

No total, apresentam-se 11 pessoas com origem na região noroeste, sendo que 5 são de sobrenome luso-brasileira e 6, de origem teuto-brasileira.

A respeito da origem dos trabalhadores de Santa Cruz do Sul, foram contratadas 334 pessoas, sendo 8 destes considerados pelos RE nascidos em localidades do município. Santa Cruz do Sul detém 60% de pessoas, e os demais municípios do Estado, com 40%. As localidades do município aparecem em menor número, se comparadas ao período anterior, o que pode ser explicado pelo fato de que o espaço de tempo analisado também é menor. A tabela 22 aborda os números relativos a Santa Cruz do Sul.

Tabela 22 - Localidades de origem dos trabalhadores contratados pela Mercur nascidos em Santa Cruz do Sul (1961 - 1969)

Município	Localidade	Nº	%
Santa Cruz do Sul	Sede	332	97,6
	Formosa	3	0,9
	Boa Vista	1	0,3
	Monte Alverne	1	0,3
	Picada Velha	1	0,3
	Sinimbú	1	0,3
	Vale do Sol	1	0,3
Total	7	340	100,0

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

A maior parte dos trabalhadores com origem no município são considerados como nascidos na sede no município. Os demais, distribuem-se em localidades ou distritos, como é o caso do distrito de Formosa, criado e anexado a Santa Cruz do Sul em 20 de maio de 1957.²⁸

Como advertimos na introdução ao capítulo, é possível que, em boa parte dos RE, a procedência dos trabalhadores da Mercur nascidos em Santa Cruz do Sul não tenham sido especificadas pelo Departamento Pessoal. Com base nisso, podemos conjecturar que o número de pessoas originárias de localidades com características rurais e coloniais possa ser maior. Esse argumento pode ser reforçado quando confrontamos a informação contida nos RE de trabalhadores específicos e as entrevistas com os mesmos.

É o caso dos trabalhadores apresentados na tabela 23, cujas localidades de origem não foram especificadas nos REs, mas que as entrevistas os revelaram como migrantes das regiões rurais de Santa Cruz do Sul.

²⁸ O distrito de Formosa é criado a partir da lei municipal nº 2, de 20-05-1957, é criado o distrito de Formosa e anexado ao município de Santa Cruz do Sul. (Acesso em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/santacruzdosul.pdf>).

Tabela 23 – Trabalhadores migrantes entrevistados

Nome	Sobrenome	Data de Admissão	Data de Demissão	Município de Origem	Localidade de origem
Erwino	Schunke	02/06/1958	05/05/1965	Santa Cruz do Sul	N/E
Amaro	Braun	08/02/1965	04/03/1967	Santa Cruz do Sul	N/E
Werner	Scheafer	20/03/1967	31/12/1975	Santa Cruz do Sul	N/E
Hilbert Affonso	Agnes	01/04/1968	01/01/1994	Santa Cruz do Sul	N/E

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Erwino Schunke, contratado em 1968 é natural de Pinheiral, e detalha os motivos para empregar-se na Mercur: “Mas tinha pouco serviço e a Mercur precisava de gente e fiquei lá. Tava bom, tava bom pra mim.” Perguntado sobre o motivo pelo qual saiu de Pinheiral, Erwino responde: “É por que a terra era ruim para comprar. Eu tinha os do meu pai, mas era só várzea, aí eu não queria. Aí mudei para cidade, meu irmão estava aqui fora trabalhando de carpinteiro, de pedreiro, tinha serviço...” (ERWINO SCHUNKE, 2017).

Amaro Braun relata que também nasceu em região colonial, mais precisamente, em Linha Rio Grande, que:

naquele tempo era quarto distrito de Santa Cruz do Sul, hoje é Sinimbu. Meu pai era colono, mas em 1954 meu pai ingressou no DAER, nós ficamos morando na colônia mesmo, eu trabalhei na roça no Germano Wink, fui na escola em Sinimbu no Professor Adolfo Dassow, até a quarta série. E depois em 1958 eu vim pra Santa Cruz do Sul. (AMARO BRAUN, 2017).

Werner Scheafer é natural de Dona Josefa, atual distrito do Município de Vera Cruz, e não se recorda muito bem o ano em que se mudou para Santa Cruz do Sul. Porém, seu relato está impregnado de questões em torno da dificuldade de viver no campo, em especial na localidade em que nasceu: “Se tu [o entrevistador] soubesse o perau que tem lá. Meu Deus. Nem de graça eu queria morar lá. Mas bah, eu não tinha medo, eu trabalhava, eu era trabalhador, não adianta, eu não refugava.” Werner conta que teve que juntar dinheiro para conseguir mudar para Santa Cruz.

Werner - Aí eu comecei a trabalhar na hora de meio dia. Lá em Dona Josefa.

Autor - Na lavora de fumo?

Werner - É, mais eu plantei na hora de meio dia, um dia lá. Ai eu cheguei e quando era época de fumo eu peguei uns taquinho para as galinhas não ciscar e na hora de meio dia os outros sestando e eu me virando. Ai no final da safra me deu 500 e poucos pila. Colhia na hora de meio dia. Era pouco, mas no fim me deu 500 e poucos pila. Era pouco, mas na época já dava, por que era tudo barato.

Autor - Nas terras que eram do teu pai?

Werner - Sim.

Autor - E secava o fumo no forno dele?

Sim, mas isso dava duas três taquaras, só. No segundo ano deu um pouco além. Deu dois mil e pouco. Era dinheiro, mas dinheiro no meu bolso. Eu dizia. Eu trabalho na hora do meio dia, mas quando vem a conta do fumo eu quero o meu dinheiro. Aí no outro ano tinha uma capoeira magra e tudo. Aí eu pedi pro pai “me encomenda um adubo pra mim também. 50 kg. Na hora de meio dia fui roçar a capoeira, queimei ela, puxei o esterco. Lavrei na hora de meio dia, colhi na hora de meio dia. Aí já deu mais. Era muito dinheiro.

Autor - Como assim na hora de meio dia?

Werner - Mas na colônia se almoça e se descansa. Aí eles foram dormir.

Autor - E tu ias trabalhar?

Werner - Sim e eu consegui o troco. Sobrou um dinheiro e emprestei para meus irmãos.

Autor - Quando veio para cá?

Werner - Aí eu já tinha um pouco mais. Eu tinha um porco em casa. Fiz negócio por aí. Aí enquanto os outros dormiam eu trabalhava. (WERNER SCHEAFER, 2017).

Werner Scheafer mudou-se para Santa Cruz do Sul, e seu primeiro trabalho foi de vendedor de lenha, atividade que exerceu até o aparecimento do fogão a gás.

Hilbert Afonso Agnes detalha o local em que nasceu, bem como as motivações para migrar à cidade.

Eu nasci em Linha Nova. Conhece Linha Nova? É no interior. Vim morar na cidade em 1961, trabalhei no Kliemann, industrias Kliemann, né. Trabalhei 5 anos no Kliemann, ali eu fiquei 1 ano e comecei na Mercur. E aí eu trabalhei até em 1994. Trabalhei como motorista, primeiro trabalhei como motorista de caminhão, 3 anos, depois eu fiquei muito doente e me passaram para carro pequeno. Aí fiquei trabalhando em carro pequeno. Fazendo viagens. (HILBERT AGNES, 2017).

Após dar uma perspectiva geral de sua vida, ele detalha a motivação de sua saída de Linha Nova, localidade do interior de Santa Cruz do Sul.

Hilbert Agnes - Eu tinha 26 anos quando saí de lá. Saí de lá por que meu pai tinha olaria, e tinha uma família muito grande. Nós tínhamos caminhão, olaria e eu vi que não tinha mais espaço para mim e o negócio era pequeno e tinha muita gente na família e quis vir embora. E vim embora para Santa Cruz. E também por causa dos filhos.

Autor - E o senhor já tinha filhos com 25 anos?

Hilbert Agnes - Sim, já tinha três filhos. E aí eu cheguei aqui na cidade com emprego arrumado. Até ganhei casa para morar, e para trabalhar no Kliemann. (HILBERT AGNES, 2017)

Embora sejam realidades que apresentam diferenças, temos quatro trajetórias de vida que apresentam suas similaridades. Todos migraram de localidades com características rurais e relataram dificuldades de manter-se no campo, seja por não obterem boas safras, não conseguirem terra boa para o plantio, e manter economicamente a família devido a quantidade de filhos. Por outro lado, para os quatro entrevistados, o lugar de destino significou algo que a

região de origem não oferecia, a garantia de um trabalho aliado a segurança de salário certo no final do mês, que a vida na roça não dispunha.

No dia 29 de julho de 1954, a Gazeta de Santa Cruz publicou uma carta enviada por um agricultor e que lida pelo Deputado Estadual Norberto Schmidt no plenário da Assembleia Legislativa do RS. A carta – intitulada *Porque quero ser um operário e não um colono* - opina a respeito das causas pelas quais muitos agricultores e colonos estavam migrando das áreas coloniais e rumando para a cidade, e corrobora com a realidade apontada acima pelos entrevistados.

Por que quero ser um operário e não um colono? Porque o operário tem sua taxa mínima e ao colono nada se lhe garante sendo que o colono pequeno produtor que tem apenas 10 hectares de terras só pode trabalhar com sua própria família e ele trabalha dia e noite para fazer uns 25 ou 30 mil cruzeiros, isto com nada menos de cinco pessoas dependendo ainda de materiais agrários, que este material agrário, que este material avulta em uma soma talvez a mais que 20 mil cruzeiros. E o operário que apenas trabalha 8 horas durante 24 horas, está garantido, ganha 18 mil cruzeiros durante o ano: e se trabalhar com 5 pessoas como o pequeno produtor, terá 90 mil cruzeiros durante o ano. Ainda está garantido com institutos de aposentadoria, e tudo mais que garante o bem estar da família. E quem garante o colono? Qual o instituto do colono e onde está a aposentadoria do colono? Só no fim dos 90 anos, no cemitério! E todos os melhoramentos dos operários vem unicamente das economias dos pequenos e grandes agricultores que são os que garantem tudo. Espero que estas poucas e mal notadas linhas caiam nas mãos de um deputado consciencioso e que ao menos as leve ao conhecimento do Legislativo. (GAZETA DE SANTA CRUZ, 29/07/1954, p. 4).

O trecho acima traz um dos pontos importantes salientados pela literatura: os benefícios e direitos conquistados pelo trabalhador urbano, em contraponto ao trabalhador rural. (HERRLEIN JR, 2000) Além do aspecto social e econômico vivido pelos agricultores, sobretudo a questão do êxodo rural, continua presente nas páginas da Gazeta de Santa Cruz as dificuldades enfrentadas devido às secas e enfraquecimento da terra.

O artigo *Situação do Agricultor* traz o apelo do prefeito Orlando Baumhardt ao governo federal pedindo auxílio (ferramentas para o uso na roça) devido “as péssimas condições das últimas safras do município” e as “fortes enxurradas e os fatores climatológicos desfavoráveis que assolaram o território desta vasta região”.²⁹ A manchete do dia 17 de junho de 1967 revela a situação drástica que já vinha acontecendo na mesma década: *A Seca já é catástrofe: desde 4 de março não chove mais*. Se, no verão, a seca causava prejuízos, o inverno do mesmo ano (1967) foi o mais rigoroso em Linha Araçá, como revela a manchete *Linha Araçá nunca teve inverno tão rigoroso*, a localidade de Santa Cruz sofre grandes prejuízos com plantações de

²⁹ Jornal Gazeta do Sul, 14 de maio de 1966, p. 3.

mandioca, cana-de-açúcar e árvores frutíferas.³⁰ Entre 1960 até 1970, o jornal apresenta inúmeras notícias, artigos e editoriais a respeito da situação da colônia, e principalmente da condição de fraqueza em que se encontrava a terra. Essa recorrência de notícias de carácter negativo em relação à agricultura começa a mudar a partir de 1969. A tabela 24 apresenta os títulos das matérias.

Tabela 24 – Mudança na situação da agricultura com modernização do plantio

Data e Página	Título
2 de junho de 1969, p.4	Correio do povo elogia a recuperação de terras em Santa Cruz do Sul.
6 de dezembro de 1969, p.6	Colheita está dando boa em Linha Araçá.
25 de dezembro de 1969, p.2	Aí estão os resultados da “Reforma Agrária de Hoppe.
8 de abril de 1970, p.5	Recuperação do Solo em Santa Cruz analisada em editorial da Folha.
11 de fevereiro de 1970, p.1	Rio Grande do Sul voltou a ser celeiro do Brasil.
17 de janeiro de 1970, p.1	Trigo, muito trigo em Sobradinho!
17 de junho de 1970, p.3	Correção do solo vai colaborar para o aumento da produtividade do solo no Estado
21 de março de 1970, p.3	As velhas terras já começam a produzir de novo: e o milagre da recuperação.
25 de fevereiro de 1970, p.3	Adubação aumenta a qualidade e quantidade das colheitas.

Fonte: Jornal Gazeta do Sul.

O contexto relativo à degradação das terras das áreas coloniais é apontado por Godinho como um dos motivos para e evasão população rural. A autora utiliza-se do estudo de Jean Roche.

Roche divide o período considerado, com relação à agricultura, em duas fases com características distintas para o município de Santa Cruz do Sul: de 1881 a 1946, fase de especialização da cultura do fumo e consolidação do produto para o mercado e queda da produção de erva-mate e de algumas culturas de subsistência; de 1946 a 1950, fase de regressão da produção. De fato, na última fase declina a produção de todos os produtos, inclusive do fumo. Apenas o arroz irrigado e a mandioca experimentam crescimento no período. O autor atribui tal declínio da produção às práticas de cultivo utilizadas que desgastam o solo. (GODINHO, 1980, p.77).

Percebe-se que os motivos da migração dos ex-trabalhadores da Mercur apresentados aqui são diversos. A falta de assistência médica, muitos membros na família, terras consideradas impróprias e pobres para o plantio. São múltiplos os pretextos que estão ligados as condições

³⁰ Jornal Gazeta do Sul, 23 de agosto de 1967, p.3.

vida nas localidades de origem desses indivíduos. Porém a motivação ligada ao destino é clara e mais comum: a possibilidade de que na cidade as condições de vida e trabalho fossem melhores.

3.3 Os trabalhadores estrangeiros da Mercur

A presença de mão de obra estrangeira foi de suma relevância para a criação e para o advento de estabelecimentos comerciais e industriais no município de Santa Cruz do Sul, como aponta Krause (2002, p. 61).

O trabalho do imigrante foi, desde a abolição da escravatura, um elemento dinamizador do trabalho no Brasil republicano, no que diz respeito ao saber fazer ligado a inovações técnicas colocadas em prática na abertura de oficinas e indústrias, bem como na esfera da atuação política por meio das lutas operárias e da sindicalização (LAZZAROTTO, p. 1981, p. 98).

Embora não existam dados censitários a respeito da mão de obra estrangeira no Município de Santa Cruz do Sul (durante o século XX), é possível conjecturar sua presença marcante devido o município ser uma zona de colonização alemã e, como era de se esperar, atraiu novos contingentes de imigrantes, principalmente alemães, no século XX. Colaborando com esse argumento, a Mercur, no período compreendido por este trabalho, contratou ao todo 52 trabalhadores estrangeiros, sendo a maioria deles nascidos na Alemanha (31 pessoas). A tabela 25 especifica os números relativos aos imigrantes do período.

Tabela 25 - Trabalhadores estrangeiros (1924 - 1970)

(continua)

País	Nº de trabalhadores
Alemanha	31
Polônia	4
Espanha	3
Itália	2
Tchecoslováquia	2
Uruguai	2
Argentina	1
Áustria	1
Bulgária	1
Dinamarca	1
Hungria	1

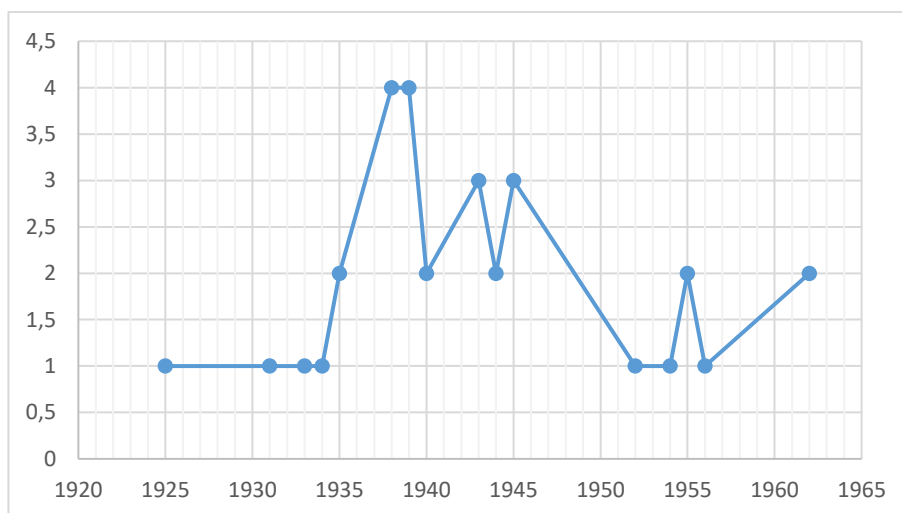
Tabela 25 - Trabalhadores estrangeiros (1924 - 1970)

País	Nº de trabalhadores
Inglesa	1
Portugal	1
Suíça	1
Total	52

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

A respeito da representatividade da mão de obra de nacionalidade alemã empregada na Mercur é possível dizer que sua maior presença foi motivada devido à origem histórica do município - área de colonização germânica. No caso da Mercur, observamos a presença de contratações de estrangeiros em todo o período estudado, porém a maior elevação se dá durante a década de 1930 até o início da Segunda Guerra Mundial. Um motivador desse processo de imigração pode ser consequência da grande depressão pela qual a Alemanha passa a partir de 1929. O gráfico 4 detalha o ano contratação dos imigrantes alemães.

Gráfico 4 - Contratação de cidadãos de nacionalidade alemã pela Mercur (1924-1970)



Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Embora possamos supor que alguns estrangeiros tenham imigrado devido a crise enfrentada pela Alemanha no pós-Primeira Guerra Mundial, o fato é que temos um limitante na construção do perfil do operário estrangeiro que é imposto pela falta de informação em relação ao ano de entrada dos trabalhadores estrangeiros no País, e, sendo assim, impossibilita uma

exploração mais atenta das motivações para emigrar. Porém, durante a pesquisa empírica nos deparamos com o caso de Guilherme Landsvatter, contratado pela Mercur em 21 de fevereiro de 1938. O caso desse imigrante reforça o vínculo com o contexto de crise enfrentada pela Alemanha pós-primeira guerra mundial (HOSBSBAWN, 1997). Guilherme nasceu em 5 de junho de 1902, em Frankfurt e, segundo consta na sua carteira de trabalho, chegou ao Brasil em Maio de 1924, com 22 anos. Na pesquisa feita junto ao arquivo pessoal da família Landsvatter, foi disponibilizada a fotografia do navio em que Guilherme embarcou em direção ao Brasil.

Imagem 22 – Fotografia da viagem do imigrante Guilherme Landsvatter



Fonte: Acervo da família Landsvatter.

Segundo Ginter Landsvatter, filho de Guilherme, seu pai veio da Alemanha já que ele estava só na Alemanha – todos os seus parentes já haviam emigrado ao Brasil. Segundo sua certidão de nascimento, veio à luz em Frankenbach, em Württemberg. No Brasil, mais especificamente em Santa Cruz do Sul, trabalhou em uma granja na zona sul da cidade, e mais tarde com tratores, já que era mecânico, experiência adquirida no país natal. Em 1938, foi contratado pela Mercur. No mesmo navio, veio Carlos Neutz, que também empregou-se na Mercur em 1944 e exerceu a função de Contramestre (função que era encarregada de supervisionar o trabalho dos operários) durante 22 anos. Guilherme Landsvatter trabalhou durante 8 anos como mecânico na Mercur.

Outro fator importante para a contratação de trabalhadores estrangeiros (sobretudo os alemães), segundo a literatura a respeito da formação de classe operária no Brasil, é de que os estrangeiros eram mais capacitados do que a nativa. Loner (2001, p.74) cita o posicionamento

do jornal Sul do Brasil de Pelotas, que era “ a favor da imigração como mão de obra mais adequada às necessidades da industrialização e identificava os imigrantes como trabalhadores livres e competentes”, seja na produção primária ou na cidade “no caso de trabalhadores de ofício”.

Para compreender a função e especialização dos estrangeiros dentro da realidade da Mercur, podemos explorar o campo de preenchimento “Cargo” dos RE. A tabela 26 explora a função exercida por cada trabalhador estrangeiro, e os discrimina em trabalhadores Especializados e Não Especializados.

Tabela 26 – Função dos trabalhadores estrangeiros na Mercur (1924-1970)

(continua)

Cargo	País	Nº de Trabalhadores Especializados	Nº de trabalhadores Não-Especializados
N/E	Alemanha	0	0
	Dinamarca	0	0
	Polônia	0	0
	Suíça	0	0
Chefe de Escritório	Alemanha	2	0
Contramestre	Alemanha	2	0
Eletricista	Alemanha	1	0
	Espanha	1	0
Encaixotador	Polônia	0	1
Engenheiro	Alemanha	2	0
Fundidor	Alemanha	1	0
Impermeabilizador	Alemanha	1	0
Lenheiro	Itália	0	1
Maquinista	Alemanha	1	0
Mecânico	Alemanha	3	0
	Bulgária	1	0
	Espanha	1	0
	Hungria	1	0
	Tchecoslováquia	2	0
Misturador	Alemanha	1	0
Operador de Máquinas	Itália	1	0
Pedreiro	Portugal	1	1
Servente	Alemanha	1	14

Tabela 26 – Função dos trabalhadores estrangeiros na Mercur (1924-1970)

Cargo	País	Nº de Trabalhadores	
		Especializados	Nº de trabalhadores Não-Especializados
Servente	Argentina	1	1
	Áustria	1	1
	Espanha	1	1
	Inglaterra	1	1
	Polônia	1	2
	Uruguai	0	2
Torneiro Mecânico	Alemanha	1	0
Vulcanizador	Alemanha	1	0
Total	52	23	25

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur)

A maioria dos trabalhadores estrangeiros – 48% - não possuía uma função com especialização específica, já os trabalhadores estrangeiros com trabalho supostamente especializado representam 43%. Ainda constam 4 (8%) de trabalhadores estrangeiros com trabalho não especificado (N/E). À primeira vista, parece que os trabalhadores estrangeiros não possuíam maior especialização, no entanto, é necessário entendê-los inseridos em uma organização do trabalho, onde a maioria dos trabalhadores da empresa eram funcionários de “chão de fábrica”, ou, conforme na nomenclatura adotada pela Mercur, serventes (cargo caracterizado por uma baixa ou inexistente formação). Considerando esse aspecto, o número de estrangeiros com alguma especialização ou ocupando cargos que necessitassem de algum aprimoramento técnico torna-se relevante, já que de 100% (2.230) dos trabalhadores brasileiros contratados, 80% ocupavam o cargo de Servente. Portanto, é consideravelmente relevante o número de imigrantes que exerciam alguma função com necessidade de algum aprimoramento técnico.

O perfil do trabalhador imigrante, em relação ao sexo, é preponderantemente masculino. Nas dependências da Mercur, são 41 homens (concentrando todos os cargos com especialização), e 11 mulheres, todas trabalhando no setor da fábrica, consideradas serventes.

3.4 A origem étnica dos trabalhadores

Este subcapítulo pretende expandir a definição da origem dos trabalhadores brasileiros contratados pela Mercur. Pretendemos analisar a origem dos trabalhadores a partir de seus grupos étnicos e como estas questões se relacionam com a colocação que o trabalhador obtém na empresa.

Para propor tal análise, utilizamos o banco de dados criado a partir das informações contidas nos REs, mais especificamente o sobrenome dos funcionários e, com esta informação, foi possível determinar a origem étnica dos trabalhadores, ou melhor: se eram teuto-brasileiros, luso-brasileiros, ítalo-brasileiros ou afro-brasileiros. Dessa análise, excluímos os imigrantes, ou seja, analisamos somente a origem étnica dos brasileiros. A captação de trabalhadores afro-brasileiros foi possível por meio da análise da fotografia contida nos REs. Contudo, um empecilho para compreender melhor o número de trabalhadores negros foi o fato de que muitos REs não possuem fotografia, e a maioria deles são pessoas com sobrenome luso-brasileiro.

A historiografia a respeito da escravidão pontua alguns motivos para isso. Alguns da herdaram o sobrenome de seus senhores ou dos seus antepassados que haviam adotado o sobrenome de seus donos. Há casos, em que escravos, ao serem libertos a partir da abolição da escravatura em 1888, escolhiam eles próprios seus sobrenomes, as vezes ligados a religião católica, ou por vezes alçando algum tipo de distinção social em relação àqueles que não o possuíam. (WEIMER, 2008) Nesse sentido o número de afrodescendentes pode ser maior, e estar inserido no grupo de luso-brasileiros.

Optamos por fazer também essa abordagem porque, segundo Roche (1969), a origem dos operários é uma característica importante para ser analisada quando estamos diante de empresas surgidas em mãos de imigrantes ou teuto-brasileiros.

O recente desenvolvimento da indústria rio-grandense deve demasiado aos alemães e seus descendentes para não se ter apoiado no emprego de mão de obra especializada da mesma origem. Seríamos até tentados a julgar, à primeira vista que os contramestres e capatazes das fábricas rio-grandenses são alemães, assim como os empregados das grandes casas de comércio eram germânicos ou germanizados: “Fui (a Santa Cruz) aprender o alemão, visto que, àquela época (1911), era o único meio de obter uma boa colocação no comércio”, declarava um erudito porto-alegrense falecido recentemente. (ROCHE, 1969, p.584).

Telles (1980) comenta em trecho já citado neste trabalho que o perfil do trabalhador das indústrias santa-cruzenses, mais precisamente das fábricas, era mormente constituído de

peças de origem luso-brasileira, negros e pardos. Já nas seções administrativas, era constituído de teuto-brasileiros e, em alguns casos, de alemães.

A respeito da fase da Mercur que se enquadra no período ao qual os autores supracitados se referem, a tabela 27 aborda os trabalhadores.

Tabela 27 - Origem étnica dos trabalhadores (1924 - 1931)

Origem étnica	Nº	%
Teuto-Brasileiro	7	43,8
Luso-brasileiro	5	31,3
Ítalo-brasileiro	2	12,5
Polono-brasileiro	1	6,3
Afro-brasileiro	1	6,3
Total	16	100,0

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

No período que corresponde a fase artesanal, a Mercur possuiu 43,8% de teuto-brasileiros. Em seguida, aparecem os luso-brasileiros, com 31,3%, ítalo-brasileiros, com 12,5%, e um afro-brasileiro. Ainda há um trabalhador não especificados pois os respectivos REs não possuíam informações suficientes para determinarmos a origem étnica.

A partir de 1932, o número de contratações aumenta (resultante da nova fábrica e da aquisição de novas máquinas) e a diversidade étnica acompanha a tendência de crescimento da empresa. Os teuto-brasileiros são o maior grupo, com 50%. Em seguida, novamente aparecem os luso-brasileiros, com 35,9% e os afro-brasileiros, com 9,8%. Há ainda 5 (2,1%) ítalo-brasileiros, um luso/teuto-brasileiro³¹ e um polono-brasileiro.

³¹ Quando fizemos a sistematização dos dados dos RE a respeito da origem étnica dos trabalhadores, verificamos que geralmente aqueles de descendência germânica possuíam o nome e o sobrenome, na sua maioria, composto de apenas um sobrenome. Já luso-brasileiros possuíam um ou mais sobrenomes.

Tabela 28 - Origem étnica dos trabalhadores (1932 - 1939)

Origem étnica	Nº	%
Teuto-brasileiro	117	50,0
Luso-brasileiro	84	35,9
Afro-brasileiro	23	9,8
Ítalo-brasileiro	5	2,1
N/E	3	1,3
Luso/Teuto-brasileiro ³²	1	0,4
Polono-brasileiro	1	0,4
Total	234	100,0

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur)

O perfil dos operários da Mercur, sobretudo a partir do período temporal apresentado na tabela anterior, revela preponderância dos teuto-brasileiros, porém não devemos abstrair os luso-brasileiros e afro-brasileiros como parte significativa da mão de obra “mercuriana”. Os N/E correspondem à trabalhadores que não estavam registrados nos REs os sobrenomes, ou não foi possível determinar a origem étnica dos mesmos.

A tabela 29, que apresenta os dados do período da Segunda Guerra Mundial, confirma esta tendência.

Tabela 29 - Origem étnica dos trabalhadores da Mercur (1939 - 1945)

Origem étnica	Nº	%
Teuto-Brasileiro	202	46,3
Luso-brasileiro	185	42,4
Afro-brasileiro	29	6,7
Ítalo-brasileiro	12	2,8
N/E	4	0,9
Polono-brasileiro	2	0,5
Hispano-brasileiro	1	0,2
Franco-brasileiro	1	0,2
Total	436	100,0

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur)

³² No caso de uma pessoa considerada luso-teuto-brasileira verificamos que além do sobrenome de origem germânica possuía um sobrenome de origem lusitana e, desta forma, optamos por respeitar a informação contida no RE e passar a informação sem apagar a sua especificidade.

No período apresentado na tabela 29, vemos que a Mercur possuía uma mão de obra heterogênea, embora os teuto-brasileiros ainda predominassem (46,3%). Os luso-brasileiros (com 42,4%) e afro-brasileiros (6,7%) aparecem em seguida e, se somados, podem ser considerados a maioria neste período. Vale lembrar que, neste período, a maior parte dos trabalhadores da Mercur procede de fora de Santa Cruz do Sul, sobretudo de municípios vizinhos como Rio Pardo e Encruzilhada do Sul que são municípios de colonização portuguesa e possuem, historicamente, uma forte presença do trabalhador de origem africana. A respeito dos ítalo-brasileiros, são ao todo 12 trabalhadores (2,8%). Sobre esse grupo que alcança número pouco expressivo neste período, vale lembrar que é a partir desta época que as áreas de colonização italiana, como os municípios do norte do Estado e da região de Caxias do Sul e Garibaldi, bem como de municípios mais próximos, como Sobradinho e Soledade começam a prover trabalhadores para a Mercur. Essa parcela confirma sua presença no período posterior entre, 1945 e 1960. A tabela 30 apresenta os dados do período.

Tabela 30 - Origem étnica dos trabalhadores (1945 - 1960)

Origem étnica	Nº	%
Teuto-Brasileiro	480	51,6
Luso-brasileiro	377	40,5
Ítalo-brasileiro	26	2,8
Afro-brasileiro	17	1,8
N/E	13	1,4
Polono-brasileiro	11	1,2
Luso/Teuto-brasileiro	4	0,4
Hispano-brasileiro	3	0,3
Total	931	100,0

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Novamente os teuto-brasileiros são a maioria entre os contratados pela Mercur (51,6%), em seguida aparecem os luso-brasileiros (40,5%) e, pela primeira vez, os ítalo-brasileiros (2,8%) aparecem à frente dos afro-brasileiros (1,8%). Outro grupo apresenta número baixo, porém sua presença agrega na heterogeneidade já vivida na empresa, os polono-brasileiros, que, na sua maioria, são migrantes do Município de Dom Feliciano (e Encruzilhada do Sul, quando Dom Feliciano ainda não havia se emancipado).

O último período apresenta novamente os teuto-brasileiros como a maioria (63,1%), porém com maior significância em relação às outras origens. Em seguida, aparecem os luso-brasileiros (31,9%), os afro-brasileiros (2,5%) e ítalo-brasileiros (1,4%).

Tabela 31 - Origem étnica dos trabalhadores (1961-1970)

Origem étnica	Nº	%
Teuto-Brasileiro	350	63,1
Luso-brasileiro	177	31,9
Afro-brasileiro	14	2,5
Ítalo-brasileiro	8	1,4
N/E	3	0,5
Hispano-brasileiro	2	0,4
Polono-brasileiro	1	0,2
Total	555	100,0

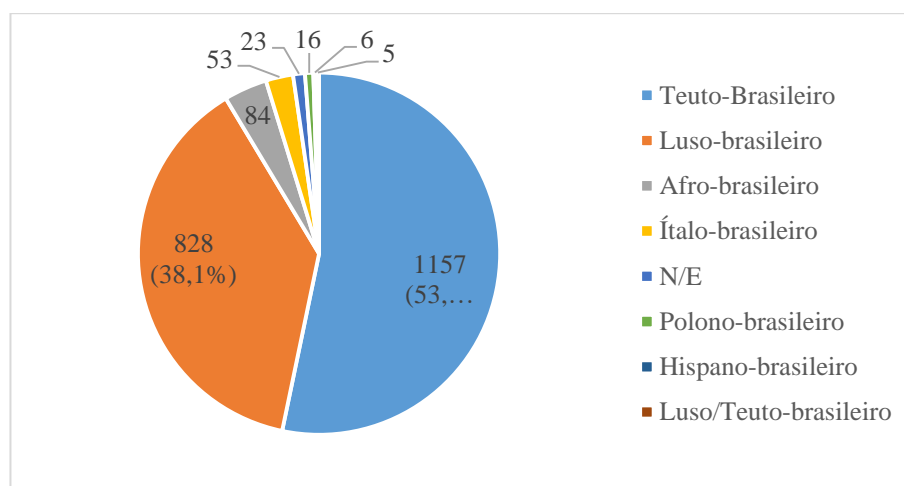
Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Verificamos que a maioria dos trabalhadores da Mercur são de origem teuto-brasileira, ou seja, descendentes de imigrantes germânicos, totalizando 1.142 pessoas. Em seguida, aparecem os luso-brasileiros, com 824 pessoas contratadas e, em menor número, os afro-brasileiros, com 84 pessoas. Os números vão ao encontro do perfil elaborado por Roche (1969, p. 586) que, focalizando as empresas Adams e Plangg, ambas de Novo Hamburgo (municípios de colonização alemã), verificou que a maioria da mão de obra contratada tinha como origem a descendência germânica (eram teuto-brasileiros). Contudo, vale ressaltar que, proporcionalmente, a Mercur empregava mais teuto-brasileiros do que as empresas citadas por Roche.

Ainda indo ao encontro do exposto por Roche, a Mercur apresenta os luso-brasileiros como segundo grupo, porém surge um terceiro grupo, os afro-brasileiros, que, embora em número diminuto se comparado aos teuto-brasileiros e luso-brasileiros, deve ser frisado. Nas empresas focadas por Roche, os negros não figuram nem entre os três grupos principais. Nesse sentido, podemos dizer que a representatividade do grupo afro-brasileiro deve ser frisada como um grupo importante na composição do operariado da Mercur, sendo encontrado em todas as fases da empresa. Reiteramos que esse número pode estar subdimensionado tendo em vista que nos baseamos nos REs, e das 187 fichas sem fotografia, 136 são de sobrenome luso-brasileiros.

Em resumo, podemos dizer que na Mercur, no que se refere à origem étnica, a maioria dos trabalhadores são teuto-brasileiros, seguidos pelos luso-brasileiros. Para visualizar os dados referente à totalidade do período, apresemos o gráfico 5.

Gráfico 5 - Origem étnica dos trabalhadores da Mercur (1924-1970)



Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

A respeito da função desempenhada na empresa, obviamente há mais teuto-brasileiros ocupando a maioria dos cargos. A maioria dos trabalhadores de “chão de fábrica” são teuto-brasileiros, seguidos por luso-brasileiros, afro-brasileiros e ítalo-brasileiros. No que se refere a cargos como auxiliares de escritório, temos mais de 80% de teuto-brasileiros ocupando tal função.

Contudo, a análise mais adequada a ser feita nesse caso é filtrar, a partir da própria origem étnica, e considerar em quais cargos ela estava presente, e não o inverso. Nesse sentido, se alguma etnia se faz presente em maioria em um número maior de cargos supõe-se que ela obteve uma mobilidade na empresa no que se refere a galgar outros cargos, ser contratado para funções mais altas na hierarquia, e até indiretamente podemos supor o nível de escolarização que o trabalhador possuía.

No caso dos 84 trabalhadores afro-brasileiros, a tabela 32 explora os seus respectivos cargos.

Tabela 32 - Cargos ocupados por afro-brasileiros na Mercur (1924 - 1970)

Origem étnica	Cargo	Nº	%
Afro-brasileiros	Servente	65	77,4
	N/E	6	7,1
	Obras	3	3,6
	Aprendiz	2	2,4
	Ajudante de mecânico	1	1,2
	Auxiliar de escritório	1	1,2
	Encaixotador	1	1,2
	Enrolador de tapetes	1	1,2
	Foguista	1	1,2
	Limpar tubo irrigador	1	1,2
	Pedreiro	1	1,2
	Vulcanizador	1	1,2
	Total	84	100,0

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Em relação às informações trazidas pela tabela 32, a respeito dos cargos dos afro-brasileiros, a maioria (77,4%) eram serventes, ou seja, operários de “chão de fábrica”. Os demais, na sua maioria, também se distribuem em cargos localizados no âmbito da fábrica, ou melhor, fora do escritório e do setor administrativo da empresa. Apenas um trabalhador ocupa o cargo de auxiliar de escritório. Portanto, é possível verificar que a concentração de negros e pardos era basicamente na fábrica.

Lazzarotto, a respeito da situação do operário negro na Abramo Eberle de Caxias do Sul, observa que os negros nunca figuraram em cargo de chefia.

Uma percentagem insignificante (0,79%) são contratados para trabalhos de escritório, mecânica, tornearia, serviços estes que possuem um status, superior dentro da hierarquia funcional. Na realidade, o negro era contratado para ser homem de serviços gerais, serviços pesados, serviços mais sujos. A grande maioria foi contratado para ser operário, servente, aprendiz e polidor (LAZZAROTO, 1981, p. 95).

A tabela 33 explora os dados a respeito do cargo dos luso-brasileiros:

Tabela 33 - Cargos ocupados por luso-brasileiros na Mercur (1924-1970)

Origem étnica	Cargo	Nº	%
Luso-brasileiros	Servente	699	84,8
	N/E	47	5,7
	Aprendiz	29	3,5
	Auxiliar de escritório	7	0,8
	Obras	7	0,8
	Mecânico	6	0,7
	Misturador	5	0,6
	Chofer	4	0,5
	Foguista	2	0,2
	Porteiro	2	0,2
	Vulcanizador	2	0,2
	Ajudante	1	0,1
	Ajudante de depósito	1	0,1
	Caldeira	1	0,1
	Carpinteiro	1	0,1
	Correspondente	1	0,1
	Costureira	1	0,1
	Eletricista	1	0,1
	Estafeta auxiliar	1	0,1
	Maquinista	1	0,1
	Marceneiro	1	0,1
	Mecânico/motorista	1	0,1
	Pedreiro	1	0,0
	Peneirador de Químicos	1	0,1
	Servente/Chefe de seção cartonagem	1	0,1
Total	824	99,9	

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

A partir da tabela 33 é perceptível uma maior variedade de cargos ocupados pelos luso-brasileiros. Obviamente vemos a maior concentração no cargo de servente, mas é salientável a ocorrência de uma maior variedade de cargos técnicos e em áreas da fábrica que necessitavam de especialização ou algum tipo de formação específica. Desse modo, há em relação aos afro-brasileiros um avanço dos luso-brasileiros no que diz respeito a sua presença em uma maior

variedade de cargos, e estes cargos estão mais propensos a serem ocupados por trabalhadores com maior nível de escolaridade.

A respeito da função exercida pelos teuto-brasileiros, apresentamos a tabela 34:

Tabela 34 - Cargos ocupados por teuto-brasileiros na Mercur (1924 - 1970)

(continua)

Origem étnica	Cargo	Nº	%
Teuto-brasileiros	Servente	903	78,0
	N/E	41	3,5
	Auxiliar de escritório	37	3,2
	Aprendiz	30	2,6
	Mecânico	15	1,3
	Obras	12	1,0
	Carpinteiro	12	1,0
	Torneiro mecânico	10	0,9
	Foguista	8	0,7
	Limpar tubo irrigador	7	0,6
	Pedreiro	6	0,5
	Motorista	5	0,4
	Vulcanizador	5	0,4
	Almoxarife	4	0,3
	Chefe de seção	4	0,3
	Misturador	4	0,3
	Contador	3	0,3
	Costureira	3	0,3
	Eletricista	3	0,3
	Encaixotador	3	0,3
	Estafeta	3	0,3
	Faturista	3	0,3
	Foguista	3	0,3
	Marceneiro	3	0,0
	Auxiliar	2	0,2
	Auxiliar da seção técnica	2	0,2
	Auxiliar técnico	2	0,2
	Coladeira	2	0,2
	Encarregado da seção pessoal	2	0,2
	Procurador	2	0,2
	Soldador	2	0,2

Tabela 34 - Cargos ocupados por teuto-brasileiros na Mercur (1924 - 1970)

Origem étnica	Cargo	Nº	%
	Auxiliar de depósito	1	0,1
	Caixa geral	1	0,1
	Caldeira	1	0,1
	Chefe de expedição	1	0,1
	Chofer	1	0,1
	Contador-chefe	1	0,1
	Desenhista	1	0,1
	Encaixotador	1	0,1
	Encarregado Compras e Exportação	1	0,1
	Encarregado seção porolite e neolite	1	0,1
	Ferreiro	1	0,1
	Maquinista	1	0,1
	Porteiro	1	0,1
	Chefe de Sessão	1	0,1
	Supervisor	1	0,1
	Zelador do campo	1	0,1
	Total	1157	99,7

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Percebemos que os teuto-brasileiros não somente ocupam mais cargos do que os afro-brasileiros, o que, obviamente, é influenciado também por serem em maior número (1.157), mas a tabela mostra que os teuto-brasileiros ocupam cargos que afro-brasileiros e luso-brasileiros não ocupam e que estão ligados diretamente ao setor administrativo e a cargos que possuem status de gerência e chefia, bem como cargos técnicos.

Podemos afirmar que, além da quantidade, os teuto-brasileiros ocupavam cargos mais especializados. São encontrados em funções ligadas ao setor administrativo da empresa, e ocupam uma variedade maior de cargos que os dois primeiros grupos (respectivamente afro-brasileiros e luso-brasileiros).

Podemos afirmar, considerando a parca literatura a respeito da origem étnica dos trabalhadores da indústria do Rio Grande do Sul, como Lazzarotto (1981), Jean Roche (1969), e os indícios levantados por Telles (1980), que o perfil étnico da Mercur se diferencia um pouco do que Roche levantou a respeito das indústrias da região metropolitana, pois o terceiro maior grupo é o de afro-brasileiros. Esse grupo não figurava nos dados apresentados por Roche.

Porém, por outro lado, o perfil apresentado pelos trabalhadores da Mercur se difere daquele perfil do operariado santa-cruzense que Roche e Telles representaram como sendo apenas de negros, pardos e luso-brasileiros.

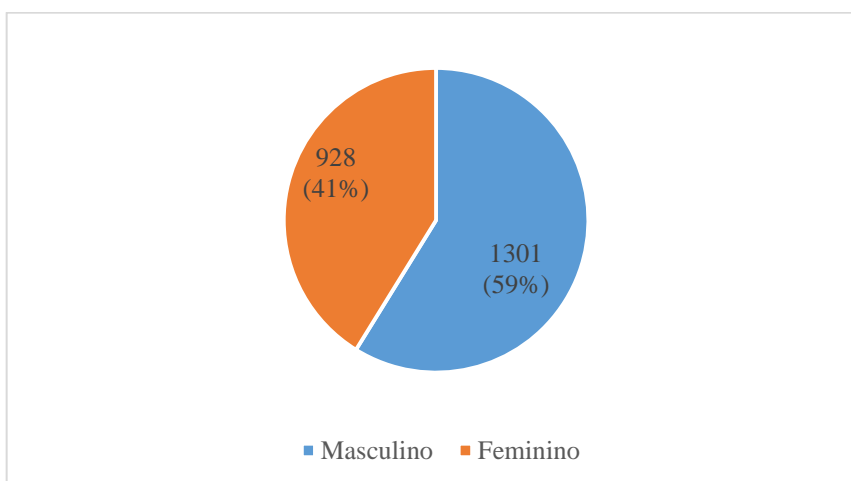
O perfil é feito de mais faces do que apenas uma. Há, também, muitos trabalhadores teuto-brasileiros no “chão de fábrica”, e eles dividem os mesmos setores, as mesmas máquinas e a mesma linha de produção com os lusos e com os afro-brasileiros. Contudo, a hierarquia é favorável, sobretudo aos teuto-brasileiros.

4 SÃO MULHERES E HOMENS, NA VERDADE JOVENS, OS TRABALHADORES DA MERCUR

O objetivo deste capítulo é analisar a mão de obra empregada na Mercur sob a ótica da divisão do trabalho por gênero e, como uma forma de análise mais focada, analisaremos o grupo dos trabalhadores jovens (menores de 18 anos). Optamos por fazer essa separação, primeiramente, como forma de comparar as condições de trabalho entre a mão de obra feminina e masculina, já que a divisão sexual do trabalho é uma das características mais relevantes e presentes do ambiente fabril e, conseqüentemente, para a compreensão do perfil do trabalhador. (ARAVANIS, 2010) e (SILVEIRA, 2006). E, a partir dessa abordagem procuraremos analisar os seguintes aspectos: o fluxo de contratação de homens e mulheres durante o período de 1924 a 1970 e a relação com o desenvolvimento da empresa; as características das funções exercidas e dos setores em que a mão de obra de ambos sexos eram empregadas; tempo de permanência na empresa; salário recebido; e a faixa etária. Essa última análise será o gancho para debruçarmos sobre o trabalhador infantil e juvenil que se mostrou essencial para a compreensão do perfil do trabalhador como um todo.

Antes de nos aprofundamos nas especificidades e nos cruzamentos de informações citadas anteriormente, apresentaremos os dados gerais a respeito da divisão entre homens e mulheres. O gráfico 6 expõe os números relativos ao período pesquisado.

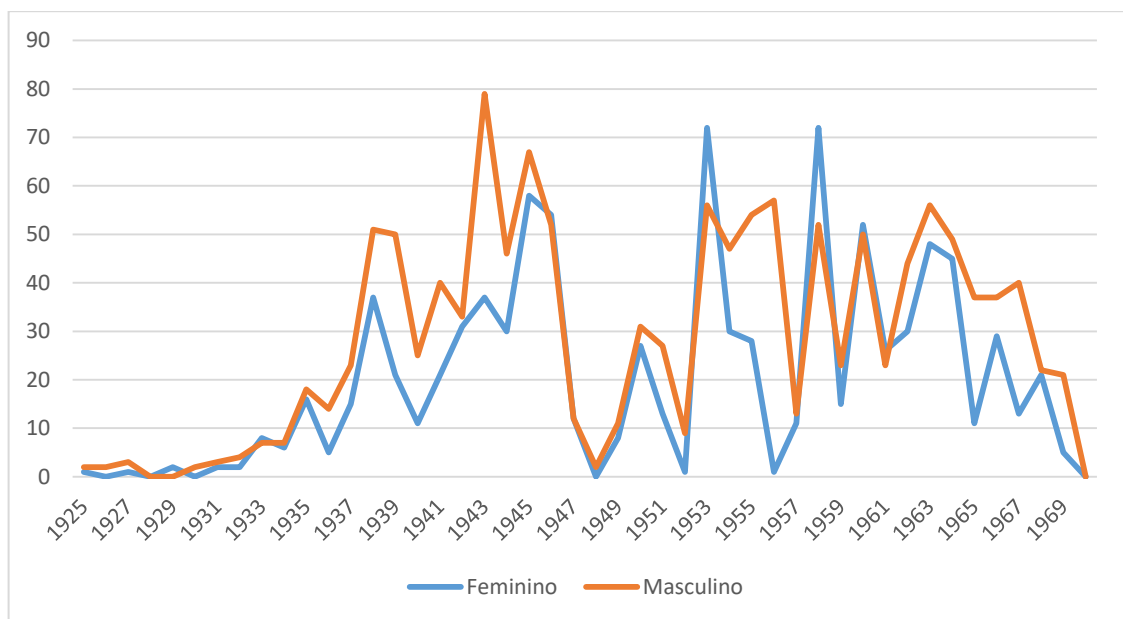
Gráfico 6 - Total de trabalhadores contratados de acordo com o sexo (1924-1970)



Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur)

No período compreendido pela pesquisa, a maioria dos trabalhadores são homens, 59%, já as mulheres, correspondem a 41%. A respeito do fluxo de contratações de mulheres e homens, o gráfico 7 apresenta esta evolução no período entre 1924 e 1970.

Gráfico 7 – Evolução da contratação de homens e mulheres na Mercur (1924-1970)



Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur)

De forma genérica, podemos inferir que, tanto a mão de obra feminina como a masculina, acompanham a evolução da contratação da empresa, ou seja, tanto nas elevações quanto nos decréscimos, ambos os gêneros obedecem ao fluxo, sendo os homens sempre contratados em maior número. Contudo, em alguns momentos, a força de trabalho feminina é mais requisitada. Esse dado é percebido no ano de 1953, 1958 e 1960. É possível que a mão de obra feminina tenha sido mais requisitada, devido aos tipos de produtos que estavam sendo implementados neste período, a adoção das linhas de produção e a fabricação de produtos com base na matéria plástica, o que modernizou a produção fazendo emergir a necessidade de uma mão de obra mais dedicada a trabalhos minuciosos. Como afirma Aravanis (2010, p. 157), a respeito da realidade operária de Porto Alegre, “as tarefas que requeriam dedos delicados e ágeis, paciência e perseverança, eram também consideradas como da “natureza feminina”. Daí a presença da mulher em indústrias alimentícias e de bebidas.”

4.1 A divisão sexual do trabalho na empresa a partir dos cargos

Conforme Lazzarotto (1981, p.111), o aparecimento da mão de obra feminina “coincide com a maquinaria e tecnologia mais sofisticada, quando a força bruta pode ser dispensável. Na realidade esta ideia é abundantemente defendida quando tentamos encontrar uma explicação para a entrada da mulher na indústria”, porém também “é, na realidade, muito difícil de ser comprovada”. Para esse autor, essa hipótese é difícil de ser comprovada, pois em seu estudo mulheres sempre estiveram presentes nas oficinas da Eberle. Na Mercur, embora homens sejam a maioria, principalmente na fábrica, devido às características do trabalho, que necessita em boa parte da produção a força bruta, a mulher também sempre esteve presente. Nesse sentido, o que distingue o trabalho da mulher do trabalho dos homens são outros aspectos, como o cargo desempenhado na produção. Firmino de Godoi foi contratado pela Mercur em 25 de junho de 1974, Godoi foi entrevistado em 2014, quando completava 40 anos de Empresa. Embora tenha sido contratado em 1974, seu relato reflete muito bem as condições de serviço dos homens e assim também revela o trabalho que a mulher não exercia.

Era mais rígido vamos dizer assim, era muito mais. E depois o trabalho muito braçal, muito pior. E naquela época tu começava com um cilindro que nós trabalhamos hoje, para tu pegar um cilindro desses ai, hoje pra tu assumir um serviço desses ai tu tem que ter um ano de treinamento. Mais três meses só pegando massa lá, pesando, cuidando como é que é que o cara (mais experiente) trabalha. Depois dos três meses tu vai chega pega na máquina e faz alguma coisa, depois tu tens mais seis meses para tu ser um operador. Para tu assumir uma máquina sozinho. Naquela época não, tu trabalhavas dois dias, no terceiro dia tu já estavas trabalhando na máquina. (FIRMINO DE GODOI, 2014).

Outro fator pode ser considerado ao observarmos o cargo das mulheres. Elas ocupam, sim, o cargo de servente, inclusive em maior proporção (88,6%) que os homens (73,8%), porém ela ocupa menos setores. As mulheres se concentram em cargos como Serventes, Auxiliares de Escritório e Aprendizes. Serventes são essencialmente pessoas que trabalhavam na fábrica, as Auxiliares de Escritório, no setor administrativo, e Aprendizes são menores de 18 anos que trabalhavam em qualquer setor da empresa (fábrica ou administrativo). Há, portanto, um perfil do lugar onde a mulher trabalhava e este lugar é principalmente a fábrica e depois o escritório. Há outros cargos que as que as trabalhadoras ocupam, porém são cargos pontuais que correspondem a ofícios ocorrentes em períodos da empresa, como: Coladeira, Costureira e Ajudante, que *grosso modo* podem ser consideradas também Serventes, pois compartilhavam do mesmo espaço de trabalho, e possuem as mesmas condições e faixa salarial. Os cargos como Faturista e Caixa geral são do administrativo, já Chefe de Seção seria a pessoa encarregada pelo

controle dos operários e chefes da determinada repartição da fábrica. A tabela 35 mostra as funções desempenhadas pela mulher na Mercur.

Tabela 35 - A função da mulher na Mercur (1924-1970)

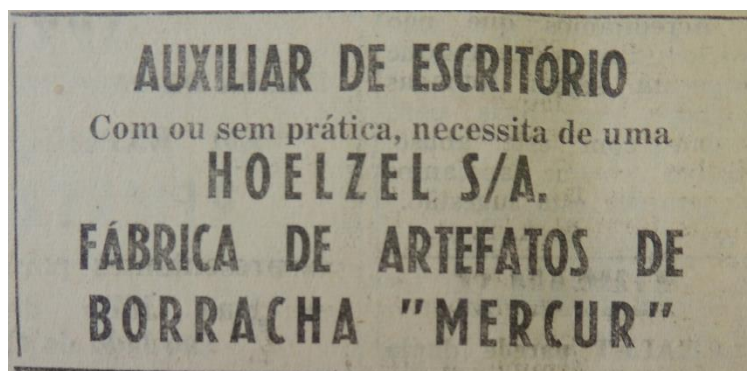
Cargo	Nº	%
Servente	822	88,6
N/E ³³	38	4,1
Auxiliar de Escritório	29	3,1
Aprendiz	23	2,5
Costureira	4	0,4
Coladeira	2	0,2
Encaixotador	2	0,2
Faturista	2	0,2
Ajudante	1	0,1
Caixa Geral	1	0,1
Chefe de Seção	1	0,1
Correspondente	1	0,1
Limpar tubo Irrigador	1	0,1
Procurador	1	0,1
Total:	14	928
		100

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur)

Em relação à característica de moças para trabalhar no setor administrativo, pode ser percebido no anúncio de emprego feito pela Mercur no jornal Gazeta de Santa Cruz (imagem 23), em que a empresa evidencia a preferência por uma mulher através do uso do artigo indefinido “uma”.

³³ Corresponde a REs que não possuem informações a respeito do cargo desempenhado.

Imagem 23 - Oferta de emprego da Mercur



Fonte: Jornal Gazeta de Santa Cruz, 17 de outubro de 1952, p.6.

Já o quadro masculino se apresenta de outra forma no quesito cargo, e como apontamos anteriormente, a maior parte dos trabalhadores contratados no período preenchiam a função de servente. Em seguida, eram aprendizes, que, da mesma forma que se apresentava no caso das mulheres, era direcionado para diversos setores da empresa.³⁴ Além dessas colocações, que se apresentam com maior contratação, os homens eram encarregados em uma maior variedade de funções em relação as mulheres: são 53 tipos. A tabela 36 especifica os cargos ocupados pelo sexo masculino.

Tabela 36 - A função do homem na Mercur (1924 - 1970)

(continua)

Cargo	Nº	%
Servente	960	73,8
N/E ³⁵	79	6,1
Aprendiz	39	3,0
Mecânico	31	2,4
Obras	24	1,8
Auxiliar de Escritório	18	1,4
Carpinteiro	11	0,8
Misturador	10	0,8
Torneiro Mecânico	10	0,8
Pedreiro	9	0,7
Vulcanizador	9	0,7

³⁴ O caso dos Aprendizes será tratado no subcapítulo 3.5, pois se enquadram no perfil dos trabalhadores menores de 18 anos.

³⁵ Corresponde a REs que não possuíam informações a respeito do cargo desempenhado.

Tabela 36 - A função do homem na Mercur (1924 - 1970)

(continua)

Cargo	Nº	%
Correspondente	8	0,6
Eletricista	6	0,5
Foguista	6	0,5
Chofer	5	0,4
Marceneiro	5	0,4
Motorista	5	0,4
Almoxarife	4	0,3
Encaixotador	4	0,3
Maquinista	4	0,3
Caldeira	3	0,2
Chefe de Seção	3	0,2
Contador	3	0,2
Estafeta	3	0,2
Porteiro	3	0,2
Auxiliar	2	0,2
Auxiliar da Seção Técnica	2	0,2
Auxiliar Técnico	2	0,2
Chefe de Escritório	2	0,2
Encarregado da Seção Pessoal	2	0,2
Engenheiro	2	0,2
Impermeabilizador	2	0,2
Soldador	2	0,2
Ajudante de depósito	1	0,1
Ajudante de mecânico	1	0,1
Auxiliar de depósito	1	0,1
Chefe de Expedição	1	0,1
Chefe de Escritório	1	0,1
Contador Chefe	1	0,1
Contra Mestre	1	0,1
Desenhista	1	0,1
Encarregado Compras e Exportação	1	0,1
Encarregado Seção Porolite/Neolite	1	0,1
Enrolador de Tapetes	1	0,1
Estafeta auxiliar	1	0,1
Faturista	1	0,1
Ferreiro	1	0,1

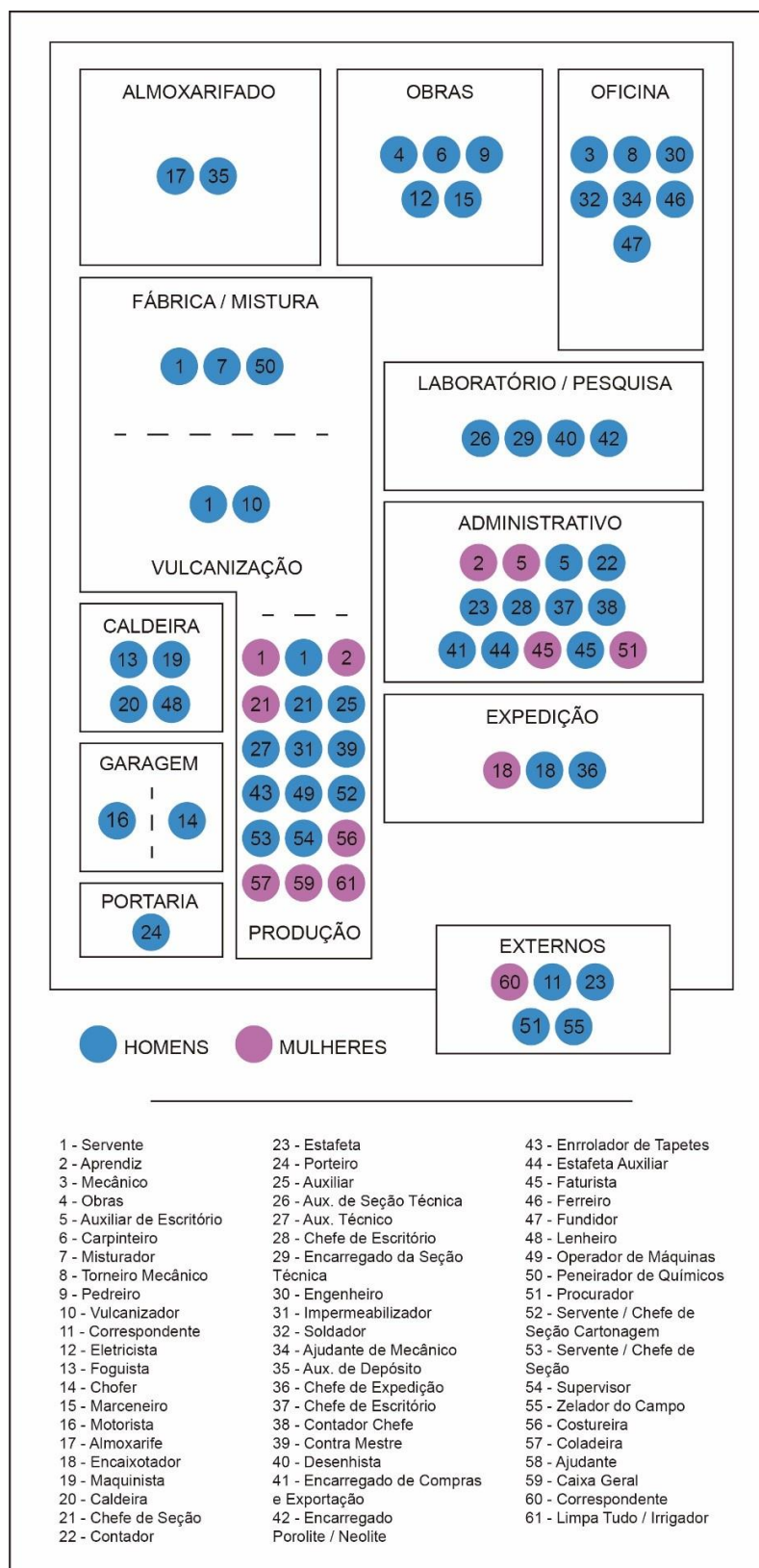
Cargo	Nº	%
Fundidor	1	0,1
Lenheiro	1	0,1
Operador de Máquinas	1	0,1
Peneirador de Químicos	1	0,1
Procurador	1	0,1
Servente/Chefe de seção cartonagem	1	0,1
Servente/Chefe de seção	1	0,1
Supervisor	1	0,1
Zelador do Campo	1	0,1
Total:	53	100

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Há, portanto, maior ocupação por homens em um maior número de cargos, enquanto as mulheres estão limitadas a menos setores dentro da empresa. Em cargos como o de mecânico, torneiro mecânico, e outros ofícios ligados à manutenção da fábrica e à energia usada (queima de lenha para as caldeiras) e as próprias caldeiras, os homens eram os encarregados. Podemos dizer que existia uma divisão bem clara no que se refere à quantidade de cargos ocupados por mulheres e homens. Por outro lado, o setor fábrica, de forma geral, pode ser considerado misto já que é ocupado por ambos os sexos. Porém, se analisado em sua especificidade, veremos, em determinadas etapas da produção (que localizamos na Fábrica), apenas homens. Isso acontece, por exemplo, na mistura e na vulcanização; em setores técnicos, como o laboratório e o setor de pesquisa e desenvolvimento, ocupados estritamente por homens com alguma especialização. Alguns dos postos ocupados por trabalhadores do sexo masculino exigiam algum grau de qualificação e tempo para adquiri-los. Para visualizar melhor o lugar de homens e mulheres, considerando seus cargos e sua distribuição dentro dos espaços da fábrica, apresentamos a imagem 24³⁶.

³⁶ O infográfico não traz a informação referente ao número de trabalhadores, mas, sim, ao cargo e à localização de homens e mulheres na fábrica. Para compreender o papel de cada setor da empresa contido no infográfico, ver apêndice C.

Imagem 24 – Infográfico: Localização de homens e mulheres nos Setores da fábrica (1924 - 1970)



Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur), infográfico elaborado pelo autor.

4.1.1 O tempo de permanência por gênero na empresa

O tempo de permanência é um dos aspectos mais importantes para entendermos as diferenças entre o trabalho desempenhado por mulheres e homens. Como vimos no capítulo 2 - ao apresentarmos as fases e, a partir delas, os números relativos às contratações e demissões, e o saldo de pessoas trabalhando no ano - há uma grande rotatividade fazendo com que o número de pessoas trabalhando na empresa não crescesse exponencialmente.

Sobre esse aspecto, que é o tempo de permanência dos trabalhadores na empresa, é o que trataremos neste subcapítulo. Porém, limitados pelas fontes, não podemos aprofundar nas justificativas de forma contundente, embora a literatura e duas entrevistas possam elucidar um dos aspectos a respeito do tempo de permanência das trabalhadoras mulheres na empresa.

Um dos motivos para a grande rotatividade de trabalhadores – em especial das mulheres - são as características de uma empresa capitalista. A questão da constituição física da mulher, além da maternidade que afasta ou impede que a mulher trabalhe, faz, segundo Lazzarotto (1981, p.116), com que a “grande maioria não chega a completar 4 anos de empresa. E uma ínfima parcela consegue superar os 15 anos”.

A respeito do tempo de permanência da mulher na Mercur, a tabela 37, revela os seguintes dados³⁷.

Tabela 37 - Tempo de permanência das mulheres na Mercur (1924 - 1970)

(continua)

Tempo de permanência	Nº	%
Menos de 1 ano	382	41,2
1 ano	128	13,8
2 anos	87	9,4
3 anos	67	7,2
4 anos	47	5,1
5 anos	45	4,8
6 anos	32	3,4
7 anos	27	2,9
8 anos	15	1,6
9 anos	10	1,1
10 anos	7	0,8

³⁷ ‘Menos de Um ano’, representa meses trabalhados antes de completar um ano. ‘Um ano’, quer dizer que o trabalhador permaneceu um ano e alguns meses, saindo antes de completar dois anos. Essa lógica aplica-se a todos os tempos de permanência.

Tabela 37 - Tempo de permanência das mulheres na Mercur (1924 - 1970)

Tempo de permanência	Nº	%
11 a 15 anos	9	1,0
17 a 20 anos	7	0,8
21 a 25 anos	7	0,8
26 a 30 anos	10	1,1
31 a 35 anos	10	1,1
45 anos	1	0,1
N/E ³⁸	37	4,0
	928	100

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

A maioria das mulheres contratadas pela Mercur entre os anos de 1924 e 1970 alcançaram, no máximo, um ano de empresa (ficaram empregadas alguns meses), e representam 41,2%. Soma-se a este primeiro dado as trabalhadoras que trabalharam um ano e alguns meses, 13,8%. Ou seja, 55% das mulheres tinham passagens rápidas pelo ambiente fabril.³⁹ Isso pode ser justificado pelas características do trabalho feminino: um trabalho subutilizado, que não era o foco das capacitações (mesmo informais ocorridas na empresa), logo, contudo também era uma mão de obra procurada, já que a empresa necessitava dos trabalhos manuais em suas linhas de produção. Ou seja, mulher era descartável, pois qualquer mulher poderia fazer o trabalho (lembramos que 88,6% das mulheres contratadas no período entre 1924 e 1970 eram serventes). Nesse aspecto, a tabela 38 explora o cargo das mulheres que permaneceram menos de um ano na empresa.

Tabela 38 – O cargo das mulheres que permaneceram menos de 12 meses na Mercur (1924 -1970)

(continua)

Cargo	Nº	%
Servente	341	89,2
N/E	25	6,5
Aprendiz	9	2,3

³⁸ O N/E representa a inexistência de dados fundamentais para que fosse possível o cálculo do tempo de permanência.

³⁹ Vale dizer que não era raro acontecer de pessoas (mulheres e homens) durarem apenas um mês, dias ou não compareciam na empresa no primeiro dia de trabalho.

Tabela 38 – O cargo das mulheres que permaneceram menos de 12 meses na Mercur (1924 -1970)

Cargo	Nº	%
Auxiliar de Escritório	2	0,5
Ajudante	1	0,2
Coladeira	1	0,2
Encaixotador de argolas de conserva	1	0,2
Faturista	1	0,2
Limpar tubo irrigador	1	0,2
Total	382	100

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Dessa forma, é correto afirmar que o tempo de permanência das mulheres na empresa esteve diretamente ligado à função que elas exerciam. Na mesma lógica, se isolarmos apenas as mulheres que trabalharam mais de dez anos, encontraremos pessoas concentradas em cargos que necessitavam algum tipo de aprimoramento técnico, como de Auxiliar de Escritório, cuja média é de 4 anos de trabalho.

Outro aspecto importante que pode influenciar no tempo de permanência da mulher na empresa, e sobretudo na fábrica, é o estado civil. Conforme Lazzarotto (1981, p.116) “muitas mulheres jamais manifestaram publicamente sua condição de casada, com receio de serem obrigadas a abandonar o emprego”.

A característica levantada pelo autor em seu estudo sobre a Metalúrgica Abramo Eberle parece que se encaixa na realidade vivida também pelas mulheres que trabalharam na Mercur. Dois relatos vão ao encontro desse fator. O primeiro, de Matilda Wagner, e o segundo, de Isolde Agnes, ambas já citadas no capítulo anterior.

Indagada sobre o motivo de sua saída da Mercur, Matilda conta-nos que se deu devido a um boato que duas colegas de trabalho tinham criado.

Como eu falei, por causa de uma fofoca... na época mulher grávida não podia trabalhar lá. Mas não era verdade. Era umas amigas que eram fofoqueiras. Mas eles não falaram nada. Me contaram depois. Ai o seu Arnaldo falou comigo. Aí eu fui procurar outro serviço. Tive que ficar em casa. (MATILDA WAGNER, 2017).

O relato de Isolde Agnes levanta um outro ponto, que sem dúvidas, revela a condição de ser mulher dentro de uma empresa industrial:

Isolde Agnes - Por que eu era noiva. Ai tudo que era moça que era noiva, que ia casar, aí dispensavam, mandavam embora. Me demitiram, então eu trabalhei no Charrua.

Autor - O charrua aceitava mulher casada então?

Isolde Agnes - Não, eu não tinha casado ainda. O meu primo era gerente. E como eu estava desempregada e era época da FENAF ele foi na casa da minha irmã ele me convidou e eu fui trabalhar lá. E depois fui trabalhar na Pernambucana. (ISOLDE AGNES, 2017).

Os dois relatos revelam um ponto em comum e preponderante: o que fez com que duas mulheres fossem retiradas do trabalho foi o fato de serem mulheres. Matilda Wagner foi demitida por que talvez estivesse grávida e Isolde Maria Agnes foi dispensada porque estava noiva e, portanto, sujeita a uma gravidez. Ser mulher é sim, um dos aspectos para o pouco tempo de permanência na empresa, porém devemos atentar também para o cargo exercido.

“Despachar” a mulher parece ser uma tendência recorrente no contexto das empresas do município. Olgário Vogt (1994, p.172), ao tratar a respeito das características da mão de obra feminina empregadas na indústria fumageira, mostra que, “em Santa Cruz, boa parte dos empregadores locais ainda se vale do expediente de demitir a mulher tão logo esta case”. Embora o historiador trate das décadas de 1970, 1980 e 1990, reflete um contexto e uma tendência que vinha sendo praticada pelas empresas do município. Isso pode ser melhor entendido quando vemos os números relativos ao tempo de permanência dos homens e seus respectivos cargos.

A tabela 39 apresenta os dados referentes à permanência dos trabalhadores homens na Mercur.

Tabela 39 - Tempo de permanência dos trabalhadores homens na Mercur (1924-1970)

(continua)

Tempo de permanência	Nº	%
Menos de 1 ano	602	46,3
1 Ano	166	12,8
2 Anos	88	6,8
3 anos	54	4,2
4 anos	48	3,7
5 anos	47	3,6
6 anos	38	2,9
7 anos	31	2,4
8 anos	33	2,5
9 anos	15	1,2
10 anos	14	1,1

Tabela 39 - Tempo de permanência dos trabalhadores homens na Mercur (1924-1970)

Tempo de permanência	Nº	%
11 a 15 anos	46	3,5
16 a 20 anos	19	1,5
21 a 25 anos	28	2,2
26 a 30 anos	22	1,7
31 a 40 anos	9	0,7
N/E	41	3,2
Total	1301	100,0

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Da mesma maneira que as mulheres, a maioria dos homens também não concluiu um ano de trabalho na Mercur. Esse dado revela que desde a inauguração da empresa até o ano de 1970, a maioria dos contratados não conseguiu completar um ano de trabalho, sejam homens ou mulheres. Ou seja, ambos os sexos fazem parte do mesmo contexto e, neste aspecto, não houve distinção de gênero.

Por outro lado, como a quantidade de homens é superior ao de mulheres, vemos mais homens com tempo de trabalho maior, principalmente a partir de 11 anos de trabalho. Essa característica pode ser explicada pelo mesmo motivo pelo qual as mulheres alcançavam pouco tempo de trabalho, porém, no caso dos homens, este fator ajuda a aumentar o tempo trabalhado. Nos referimos à qualificação ou à especialização em determinadas funções.

Sobre o aspecto da manutenção de trabalhadores que eram capacitados em etapas do processo produtivo, Milton Peiter argumenta sobre os motivos para que a empresa procurasse manter a mão de obra: “Depois que a gente treinou uma pessoa, principalmente na área de máquinas não há interesse de despachar ela, ninguém tem interesse” (MILTON PEITER, 2014). O interesse da Mercur em manter empregados capacitados era devido à falta de mão de obra especializada e disponível no mercado, e tinha seus motivos. Mesmo considerando a existência em Santa Cruz do Sul do curso do Senai a partir de meados dos anos 1950, eram raros os cursos de mecânica direcionados à indústria, e neste contexto as próprias empresas formavam os seus funcionários para trabalhar em seus processos produtivos. A imagem 25 apresenta o início do curso de torneiro mecânico disponibilizado na escola do Senai de Santa Cruz do Sul.

Imagem 25 - Curso de tornearia e ajustagem do Senai



Fonte: Jornal Gazeta de Santa Cruz, 8 de janeiro de 1952.

No caso da Mercur, por ter uma característica própria, uma indústria de beneficiamento de borracha, que utiliza maquinário e mão de obra singular, a dificuldade de contratar mão de obra capacitada era maior. Sobre esse aspecto, Luiz Fernando Vogt, contratado pela Mercur em 30 de março de 1964, onde exercia o cargo de Aprendiz, descreve as condições da formação dada na fábrica da empresa, em especial o setor em que atuava, a Oficina.

Vogt - Acontece que na minha época, nessa minha época. Por exemplo o SENAI começou em 1950 então ele largava... ele tinha dois cursos: mecânico ajustador e mecânico torneiro. Então eles não tinham muita gente estudando mecânica. Era uma quantidade mínima de pessoas. Então as pessoas se formavam e já tinham um lugar certo nas empresas. Por exemplo, como era a manutenção na Mercur. Eles pegavam gente assim. Com certo conhecimento lá de dentro da fábrica e jogavam lá no torno. Aí tinha um que sabia um pouco mais e ensinavam aquele. Mecânicos também, eram formados tudo ali dentro por que não existia... a Mercur tinha um sistema de manutenção que nenhuma empresa do outro ramo tem. São equipamentos pesados. Hidráulicos, pneumáticos, um monte de coisa que tem. Então tinha que se formar gente ali dentro com aquele equipamento. Às vezes eu saía para fazer curso fora, eu fiz muito curso fora. Na Racini, esses lugares assim em Porto Alegre. Para depois vir com a modernização da fábrica e poder acompanhar. Para ti ter uma ideia hoje são tocadas com óleo.

Não precisava ter estudo, aí tu entravas como aprendiz. Eles esqueceram meu diploma todo e eu entrei como aprendiz. Por que eu era o único da manutenção formado em mecânica que tinha era eu.

Autor - Então as pessoas não eram especializadas?

Vogt - Não, não tinha.

Autor - A especialização era na prática...

Vogt - Dentro da fábrica mesmo. Ali passou muita gente que aprendeu com a gente. (LUIZ FERNANDO VOGT, 2017).

A entrevista concedida por Luiz Fernando Vogt apresenta um contexto de pouca disponibilidade de trabalhadores especializados, fazendo com que a própria empresa, motivada pelas características que nenhuma empresa da região possuía, formasse a própria mão de obra.⁴⁰ Esses fatores faziam com que a empresa procurasse manter os trabalhadores em seu quadro de funcionários, e como a totalidade dos cargos especializados eram ocupados por homens, este aspecto é fundamental para entendermos a conservação de parte da mão de obra masculina.

Um dos casos mais emblemáticos, e que ilustra a questão da pouca mão de obra especializada para indústrias do ramo da borracha, é a contratação, em 1937, de trabalhadores da Mercur pela Sociedade Manufacturadora de Artefactos de Borracha e Ebonite Ltda, a Maba. Danilo Ucha, a respeito do início desta empresa, conta que “no começo, sem muitas máquinas e usando apenas os conhecimentos dos operários trazidos de Santa Cruz do Sul, onde trabalhavam na pioneira Mercur, os tempos foram difíceis”. No RE de três trabalhadores desligados no final da década de 1930, consta a seguinte informação: “foi trabalhar na Maba”. Dos três operários, dois eram de cargos especializados: Arly Souto era especializado na vulcanização da borracha e Lebrecht Kolberg era torneiro mecânico, ambos ocupavam cargos com especialização requerida, e Germano Kerlber era encaixotador. Ou seja, em um contexto de pouca mão de obra especializada no ramo da borracha, as empresas disputavam a escassa disponibilidade de trabalhadores com experiência da área.

Tempo de serviço, seja para homens ou para mulheres, está ligado diretamente ao cargo desempenhado. Os trabalhadores ocupantes de funções com maior necessidade de especialização, desde cargos administrativos a cargos técnicos como os da oficina, eram os que possuíam maior tempo na empresa. Os homens, sendo os que ocupavam maior número de cargos diferentes e especializados, eram, no montante, os que trabalharam mais tempo na empresa.

Mesmo considerando que os trabalhadores do sexo masculino atingiram maior tempo do que as mulheres, há casos emblemáticos e isolados de mulheres que, no período entre 1924 e 1970, alcançaram o maior período trabalhado na empresa. É o caso das operárias homenageadas na festa de final de ano da Mercur, no dia 26 de dezembro 1956. O jornal Gazeta do Sul fez a cobertura da festa e traz a seguinte informação.

Após o almoço, usou da palavra o sr. Jorge Hoelzel que, em brilhante improviso, disse da sua satisfação de ver mais uma vez reunidos todos aqueles que exercem suas

⁴⁰ Sobre a especialização da mão de obra pelas próprias empresas, a notícia veiculada pelo jornal Gazeta de Santa Cruz em 6 de julho de 1948, traz o seguinte título *Preparando mais mecânicos para o Brasil*. A matéria mostra uma sala de aula onde vê-se alunos tendo aulas teóricas de mecânica promovidas pela Ford Motor Company.

atividades na Fábrica “Mercur”, para comemorar mais um ano de atividades. Saudou de maneira especial as mais antigas funcionárias da firma, sra. Alice Conrad e srta. Cecilia Kliemann, que vinham de completar trinta e vinte anos, respectivamente, de prestimosos serviços a “Mercur”, lastimando não terem ficado prontas as duas medalhas, símbolos do agradecimento dos diretores da Fábrica às duas dedicadas funcionárias. (GAZETA DO SUL, 28/12/1956, p.1).

O banco de dados que esta pesquisa utiliza, detalha as informações dessas duas funcionárias. Alice Conrad foi contratada em 4 de abril de 1927, ocupou o cargo de servente durante 35 anos, e seu desligamento da empresa aconteceu em 27 de abril de 1962. Cecilia Kliemann foi admitida em 10 de fevereiro de 1929 e trabalhou também como servente por 32 anos e 8 meses, e foi desligada em 30 de novembro de 1961. Esses dois casos fogem da regra apresentada, porém consideramos importante apresentá-los como forma de compreender a realidade para além das grandes generalizações que a compreensão do perfil de trabalhadores pode gerar.

4.1.2 O salário de homens e de mulheres

Antes de iniciarmos a análise a partir do salário recebido por homens e mulheres na Mercur, alguns pontos devem ser explicitados para uma melhor compreensão do contexto histórico relacionado à questão monetária nacional, sobretudo as alterações na moeda brasileira. Além disso, temos características singulares no modo de pagamento da empresa Mercur, que dificultam o trabalho analítico e comparativo entre diferentes pessoas, e este é o principal empecilho desta pesquisa.

Este trabalho foca sua análise no período de 1924 a 1970 na qual, a Mercur perpassa por três diferentes tipos de moedas. A primeira, o Reis (\$), que já vigorava quando oficialmente a Mercur iniciou as atividades e perdurou até a data de 1 de novembro de 1941 quando, foi substituída pelo Cruzeiro (CR\$). O Cruzeiro (CR\$) circulou até 13 de fevereiro de 1967, trocado pelo Cruzeiro Novo (NCR\$), que durou três anos até ser substituída, em 1970, novamente pelo Cruzeiro. Com isso, temos três tipos de moedas diferentes e que implicam na segmentação para efeito de análise. Junta-se a isso, a forma com que os REs eram preenchidos, sendo muitos deles preenchidos por pessoas diferentes (isso é visto pelas grafias diferentes) adotando uma grande variedade de siglas e abreviações para diferenciar o modo de pagamento dos empregados. Há empregados que recebiam por mês, por hora semanal, por hora quinzenal, por hora bissemanal, por hora sob tarefa, e por trabalho efetuado. Essas características dificultam a análise mais geral do salário dos trabalhadores da Mercur.

O Modo de Pagamento deve ser entendido como um dado importante para a análise das características a respeito do salário, no contexto interno da Mercur. Ele é diretamente ligado à função do trabalhador dentro da empresa. Por exemplo: se o trabalhador desempenhava funções como a de servente (Operário), aprendiz, mecânico, funções do setor da caldeira e demais trabalhadores que ocupavam funções estritamente ligadas a fábrica, recebia seus salários semanalmente ou quinzenalmente, e estava sob um trabalho assalariado por hora trabalhada. As tabelas 40 e 41 trazem as funções remuneradas semanalmente e quinzenalmente.

Tabela 40 - Trabalhadores que recebiam por hora/semana na Mercur (1924-1970)

(continua)

Cargo	Nº
Servente	922
Aprendiz	39
Obras	24
Mecânico	20
Carpinteiro	18
Torneiro Mecânico	11
Misturador	10
Pedreiro	9
Vulcanizador	9
Foguista	8
Encaixotador	4
Maquinista	4
Marceneiro	4
Chefe de Seção	3
Costureira	3
Eletricista	3
Porteiro	3
Auxiliar de Escritório	2
Caldeira	2
Chofer	2
Coladeira	2
Impermeabilizador	2

Tabela 40 - Trabalhadores que recebiam por hora/semana na Mercur (1924-1970)

Cargo	Nº
Soldador	2
Servente/Chefe de Seção	2
Ajudante	1
Ajudante de deposito	1
Ajudante de mecânico	1
Almoxarife	1
Contador	1
Contramestre	1
Correspondente	1
Encaixotador de Argolas de conserva	1
Enrolador de Tapetes	1
Estafeta	1
Ferreiro	1
Fundidor	1
Lenheiro	1
Limpar tubo irrigador	1
Mecânico/Motorista	1
Motorista	1
Peneirador de químicos	1
N/E	43
Total	1168

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Tabela 41 - Trabalhadores que recebiam por hora/quinzena na Mercur (1924 - 1970)

Cargo	Nº
Servente	671
Aprendiz	23
Mecânico	11
Auxiliar de Escritório	3
Eletricista	3
Almoxarife	2
Estafeta	2
Motorista	2
Caldeira	1

Cargo	Nº
Encaixotador	1
Marceneiro	1
Obras	1
Operador de Máquinas	1
N/E	4
	726

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Por outro lado, os trabalhadores que recebiam seus salários mensalmente ocupavam cargos ligados ao setor administrativo, como auxiliares administrativos, correspondentes, faturistas e chefes de escritório. Eram remunerados também desta maneira engenheiros, desenhistas e outros cargos que possuem algum tipo de especialização técnica. Esses não recebiam por hora trabalhada. Percebemos, portanto, que os cargos com salários menores recebiam seus proventos de forma parcelada (quinzenalmente ou semanalmente), enquanto os cargos melhor remunerados recebiam seus salários integralmente em uma única vez ao mês. Não obtivemos informações a respeito do motivo pelo qual os pagamentos eram feitos dessa forma, o que fica claro é a divisão entre os cargos que requerem qualificação localizavam-se no setor administrativo e os cargos dos trabalhadores da fábrica (contudo, é correto observar que alguns cargos podem fugir à regra). A tabela 42 especifica os cargos que recebiam mensalmente.

Tabela 42 - Trabalhadores que recebiam mensalmente na Mercur (1924-1970)

(continua)

Cargo	Nº
Auxiliar de Escritório	36
Servente	8
Correspondente	7
Faturista	3
Aprendiz	2
Auxiliar da Seção Técnica	2
Chefe de Escritório	2
Chofer	2
Contador	2
Encarregado da Sessão Pessoal	2

Tabela 42 - Trabalhadores que recebiam mensalmente na Mercur (1924-1970)

Cargo	Nº
Engenheiro	2
Motorista	2
Procurador	2
Almoxarife	1
Auxiliar de Depósito	1
Auxiliar de Técnico	1
Caixa Geral	1
Contador-Chefe	1
Costureira	1
Desenhista	1
Encarregado Compras e Exportação	1
Encarregado Seção Porolite/Neolite	1
Estafeta Auxiliar	1
Supervisor	1
Zelador do Campo	1
N/E	4
Total	88

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

As seguintes análises comparativas entre salários serão feitas isolando determinadas cargos, de acordo com as seguintes variáveis: a data de admissão, sexo, modo de pagamento, fase de desenvolvimento da empresa, bem como a moeda no período em que os trabalhadores foram contratados.

O primeiro cargo a se analisar é o de servente, ou seja, o trabalhador da fábrica, o operário que em tese recebia o menor salário, e como vimos nas análises a respeito das características dos cargos, exigia menos qualificação e especialização, já que executava funções que qualquer outro operário executaria. Por este motivo, também tinha curta permanência na empresa em comparação a cargos que necessitavam de algum tipo de qualificação ou especialização do funcionário. A tabela 43 apresenta os dados a respeito do salário recebido pelas mulheres entre o período entre 1925 e 1941⁴¹.

⁴¹ O ano foi escolhido por dois motivos. Em 1º de novembro de 1941, a moeda Reis entra em desuso e é substituída pelo Cruzeiro. Anteriormente, em 1º de julho de 1941, é instituído o salário mínimo nacional. Os efeitos da instituição do salário mínimo, no salário dos trabalhadores da Mercur, serão notados a partir desta data.

Tabela 43 - Salário recebido por hora trabalhada pelas trabalhadoras serventes da Mercur (1924-1941)

Salário - REIS (\$)	Nº	%
0,300	12	14,3
0,400	43	51,2
0,500	15	17,9
0,800	7	8,3
0,900	1	1,2
1,000	5	6,0
2,000	1	1,2
Total	84	100,0

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

A maioria das trabalhadoras mulheres que recebiam por hora/semanal encontram-se na faixa salarial de 0\$3000 e 0\$5000, totalizando 83,4%. Eram poucas as que atingiam um salário maior que 1\$0000 por hora trabalhada. Somente encontramos um salário de 2\$0000 por hora. A operária em questão, além de ser servente, trabalhava em uma seção especial da fábrica, o quarto de mistura (conforme o RE), cargo potencialmente mais especializado do que das demais serventes. A média salarial por hora trabalhada das trabalhadoras era de 0\$5234.

Concomitantemente, os trabalhadores homens que desempenhavam a função de Servente tinham um escalonamento maior de salários, e a maioria deles encontrava-se entre os salários de 0\$6000 a 1\$5000, por hora/semanal. A tabela 44 apresenta os números relativos ao salário dos serventes homens.

Tabela 44 – Salário por hora recebido pelos trabalhadores serventes da Mercur (1924 - 1941)

Salário - REIS (\$)	Nº	%
0,4	11	13,2
0,5	5	6,0
0,6	21	25,3
0,8	15	18,0
0,9	7	8,4
1,0	23	27,7
8,0	1	1,2
Total	83	100

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Além disso, a média salarial dos trabalhadores do sexo masculino é de 0\$9223, ou seja, maior que a média salarial das mulheres que ocupavam o mesmo cargo, recebiam. Salientamos que há um trabalhador recebendo 8\$7600, este trabalhador era Frederico Hoelzel, membro da família gestora da gestora da Mercur. Mesmo assim, se excluirmos esse funcionário, temos uma média salarial masculina de 0\$7404, ainda maior do que a feminina. A situação da mulher empregada na Mercur, condiz com a realidade captada por Decca (1987, p. 24). A pesquisadora verifica que os menores salários eram destinados às operárias e ao trabalhador menor idade era nitidamente menor que o dos operários do sexo masculino.

Portanto, além de haver mais homens concentrados em salários mais altos do que as mulheres que desempenham a mesma função, os homens possuíam maior média salarial, mesmo que, segundo os REs desempenhassem a mesma função.

Para analisarmos o salário dos trabalhadores da Mercur do setor administrativo, escolhemos a função de auxiliar administrativo, pois era exercida tanto por trabalhadores do sexo masculino como do sexo feminino no âmbito do setor administrativo, e, nesse sentido, nos oferece um bom número de dados para serem analisados. Foram utilizados os salários dos trabalhadores admitidos a partir de 1º de novembro de 1941 (pós criação do salário mínimo) para conseguirmos ter um primeiro critério avaliativo: a moeda Cruzeiro (Cr\$). Também foram considerados somente os trabalhadores que recebiam salários mensalmente. No período entre 1924 e 1970, encontramos 27 trabalhadores vinculados a essa função, sendo 18 mulheres e 9 homens. Assim, nessa função era preponderante a utilização da força de trabalho feminina.

As tabelas 45 e 46 apresentam a média salarial de trabalhadores do sexo feminino e masculino, abordando de maneira geral e comparativa os proventos ganhos. Os salários apresentados correspondem a uma pessoa, por isso foi inserida ao lado do salário recebido pelos trabalhadores a data de admissão ao serviço, como forma de percebermos – também - a evolução salarial.

Tabela 45 – Salário mensal das trabalhadoras da Mercur da função
Auxiliar Administrativo (1941-1970)

(continua)

Data de Admissão	Salário - Cruzeiro (Cr\$)
04/04/1947	300,00
06/01/1955	18.000,00
29/11/1955	900,00
01/04/1957	3.100,00

Tabela 45 – Salário mensal das trabalhadoras da Mercur da função
Auxiliar Administrativo (1941-1970)

Data de Admissão	Salário - Cruzeiro (Cr\$)
02/07/1957	3.100,00
16/07/1957	3,100,00
02/09/1960	8.000,00
02/12/1960	8.000,00
02/09/1963	18.300,00
02/01/1964	19.300,00
02/01/1964	18.300,00
06/04/1964	36.600,00
02/11/1964	36.600,00
06/01/1965	36.600,00
25/01/1965	36.600
01/03/1966	76.500,00
15/03/1966	76.500,00
01/06/1966	76.500
Média	27.835

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

A tabela 45 mostra a evolução salarial dos auxiliares administrativos desde 1947 até o ano de 1966. São ao todo 18 salários apreendidos e que correspondem a 18 trabalhadoras. A média salarial (soma de todos os salários dividido pelo número de indivíduos) é de Cr\$ 27.835,00. A tabela 46 apresenta os salários recebidos pelos auxiliares administrativos homens:

Tabela 46 - Salário dos homens da função Auxiliar Administrativo (1941-1970)

(continua)

Data de Admissão	Salário - Cruzeiro (Cr\$)
01/03/1944	1,50
01/09/1947	300,00
14/08/1953	800,00
04/01/1954	1.500,00
15/06/1955	900,00
01/08/1956	3.100,00
25/07/1960	7.000,00
15/07/1963	76,25

Data de Admissão	Salário - Cruzeiro (Cr\$)
08/02/1965	80.000,00
Média	10.408,64

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

A média salarial recebida pelos homens – Cr\$ 10.408,64 – revela que na função de auxiliar administrativo os homens recebiam menos que as mulheres. Nesse sentido, existe uma valorização do trabalho feminino que ocupa a função de auxiliar administrativo, seja pelo número maior de mulheres ocupando o cargo e também pela significativa diferença da média salarial na comparação com o salário dos homens. Isso pode ser comprovado se compararmos trabalhadores do sexo feminino e masculino admitidos no mesmo ano, seguramente teremos uma trabalhadora recebendo um salário maior do que um trabalhador homem.

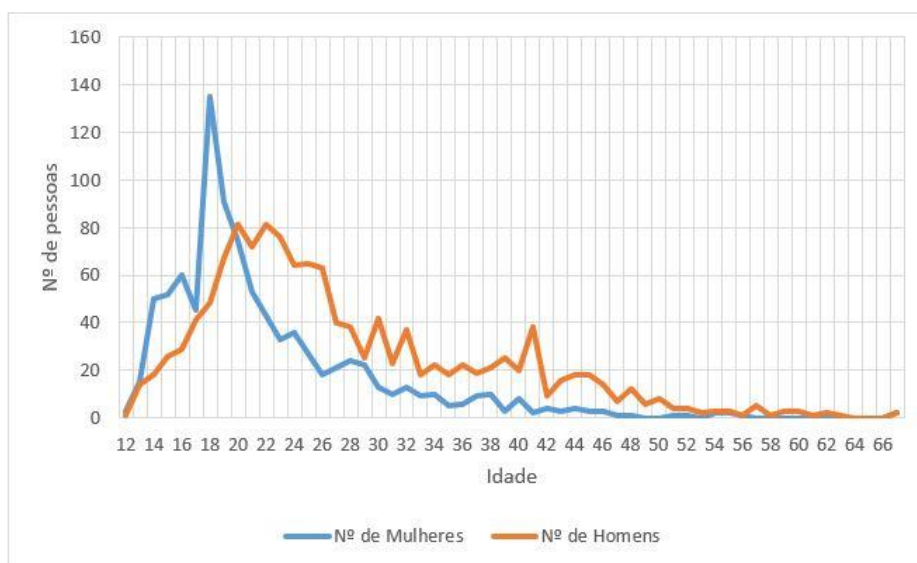
No restante das funções administrativas e de funções com algum tipo de especialização, é presumível e correto afirmar que os homens recebiam maiores remunerações que as mulheres. Nesses postos, a presença masculina é proeminente. O salário recebido, é, nesse sentido, estreitamente ligado a função desempenhada, e pode ser entendido também como uma estratégia de manutenção de mão de obra especializada. Esta característica, verificamos, está presente nas fábricas onde a força produtiva está condicionada a processos ligados a maquinários de lida complexa. (GARCIA, 1984, p.17)

4.1.3 A faixa etária por gênero

Um dos argumentos mais fortes da saída – entenda-se demissão – de trabalhadoras da Mercur pode ser explicado pela condição da mulher no século XX. Como abordamos anteriormente, não era raro as trabalhadoras, ao ficarem grávidas, noivarem ou casarem, serem demitidas ou rescindirem o contrato por iniciativa própria - como é o caso da entrevistada Isolde Agnes que, aos 23 anos, teve que retirar-se do serviço por ter noivado. A mão de obra ativa, tanto para mulheres como para os homens, vai diminuindo de acordo com a idade e sua eficácia no trabalho, ou seja, quanto mais idade os trabalhadores têm, menos possibilidades terão de serem contratados.

Para corroborar esse argumento, apresentamos o gráfico 8, que apresenta a quantidade de trabalhadores contratados (homens e mulheres) por faixa etária.

Gráfico 8 - Idade dos trabalhadores por gênero contratados pela Mercur (1924 - 1970)



Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

A situação exposta através do gráfico a respeito da idade das mulheres que ingressavam na Mercur vai ao encontro do argumento e do caso da ex-funcionária Isolde Agnes. A mão de obra feminina é visada pela empresa notadamente até completar 18 anos, por isso, podemos visualizar no gráfico a elevação vertiginosa no acréscimo de jovens até atingir essa idade. São ao todo 135 mulheres que foram contratadas com 18 anos pela Mercur entre 1924 e 1970.

Esse aspecto foi abordado também por Lazzarotto (1981, p. 123) no contexto da Metalúrgica Abramo Eberle, de Caxias do Sul. Em seu estudo, o autor detectou que a concentração das apresentava mais frequência entre os 14 e 20 anos e descia ligeiramente até os 24 e 25 anos.

No caso masculino, a questão da idade produtiva, que é essencial para uma empresa capitalista, assim como no caso das mulheres, reflete no gráfico em uma diminuição de homens contratados a partir dos 24 anos. Contudo, diferentemente das mulheres, há um certo nivelamento nas contratações de homens com idades diferentes entre 19 e 26 anos, e ainda há a tendência de contratação da mão de obra masculina numa faixa de idade entre os 29 e 42 anos de idade. Portanto, a idade do homem é menos importante e há mais possibilidade da mão de obra masculina ser empregada levando em consideração apenas o critério da idade.

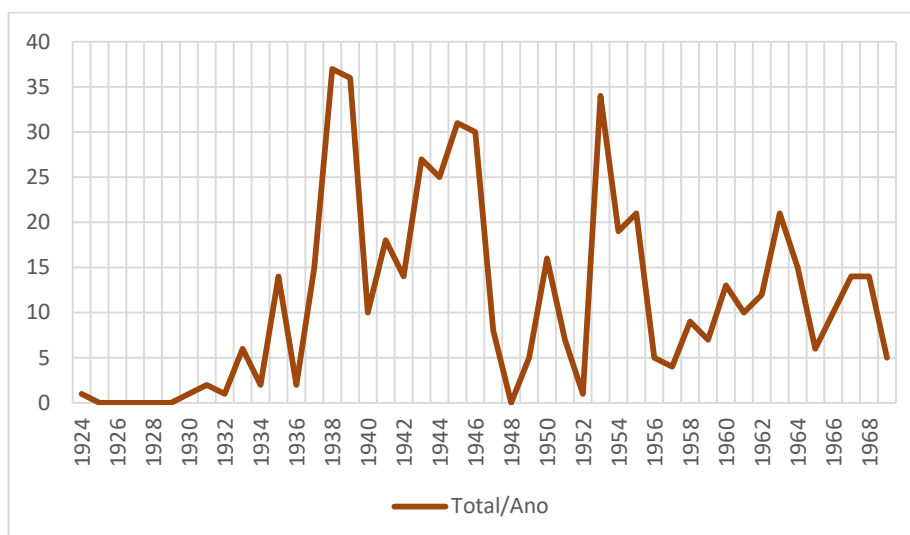
É possível dizer que o perfil dos trabalhadores da Mercur, no que diz respeito à faixa etária, é constituído principalmente de pessoas entre 14 e 29 anos.

4.2 A mão de obra infantil e juvenil

Por meio do gráfico 9, é possível visualizar a grande quantidade de jovens e crianças empregadas na Mercur. A mão de obra de pessoas com idade até 18 anos foi a força de trabalho empregada nessa indústria da borracha.

Nesta seção tratamos detidamente desta parcela de trabalhadores. Entendemos que seu estudo se faz necessário para compreendermos mais a fundo uma das faces do perfil do trabalhador da Mercur. Para isso, iniciamos com a apresentação do gráfico 09, que explora a evolução da contratação de trabalhadores menores de 18 anos.

Gráfico 9 - Menores de 18 anos contratados pela Mercur (1924 - 1969)



Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Ao todo, foram 530 trabalhadores menores de 18 anos contratados no período entre 1924, início das atividades da Mercur, e o ano 1969, data na qual é admitida a última pessoa menor de 18 anos, o que corresponde a 24% do universo dos 2.230 trabalhadores registrados pela empresa no período. A contratação da mão de obra infantil e jovem está incluída nas tabelas e gráficos da contratação de pessoal já apresentada no segundo, no terceiro e neste quarto capítulos.

Menores de 18 anos constituíram parcela significativa da força de trabalho utilizada pela indústria brasileira e gaúcha. O censo de 1920 indicou que trabalhavam na indústria da cidade de Rio Grande (RS), “um total de 1.357 menores de 20 anos”, sendo que destes “233 eram meninos ou jovens”. Em Pelotas, 1.214, sendo que desses 218 eram meninos e apenas 20 meninas. Segundo Loner (2001, p.68) “os meninos distribuíam-se de forma mais ou menos

igualitária pelos diversos ramos fabris enquanto as meninas e jovens se concentravam nos mesmos ramos definidos para as mulheres adultas”. (LONER, 2001, p. 68)

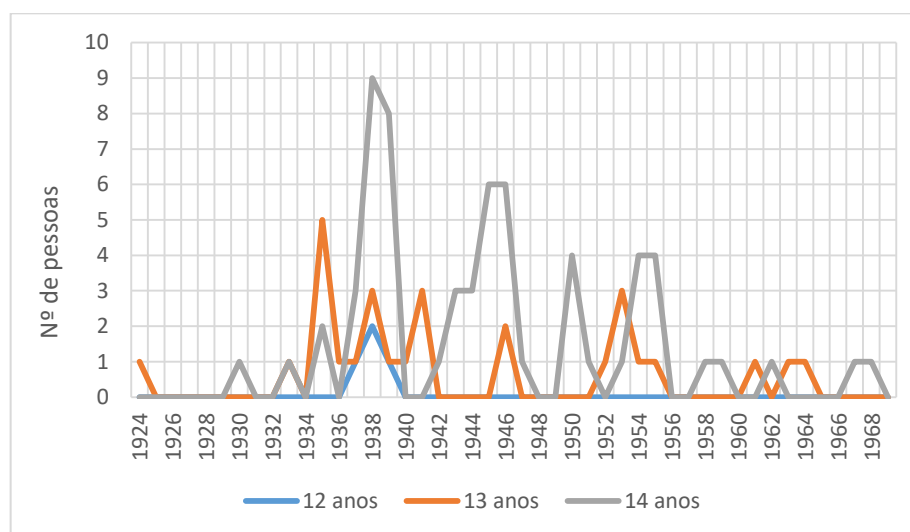
A presença jovem empregada na indústria tem sua motivação balizada em um aspecto principal: a sua disponibilidade, já que as regiões desenvolvidas industrialmente acabam por atrair este tipo de mão de obra que também é migrante. (GODINHO, 1980, p.29). O jovem é, neste contexto, uma mão de obra disponível e sem especialização, o que se encaixa na lógica da maquinofatura fabril que não exige tal característica. Com isso, o trabalho nas linhas de produção e até mesmo em outros setores da empresa, como no administrativo, permitia que trabalhadores sem avantajada força muscular fossem empregados, o que foi o caso da mão de obra infantil. (LAZZAROTTO, 1981, p. 124)

4.2.1 Da criança ao jovem de 18 anos: uma questão de tempo

No período focado, pudemos visualizar o aparecimento de jovens com idade de 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 18 anos em todas as décadas. Portanto, em todas as fases de desenvolvimento da empresa, constam pessoas com este perfil trabalhando. Como forma de organizar e facilitar a visualização dos dados, separamos esse conjunto de trabalhadores em três grupos de idade: o primeiro, compreende os trabalhadores de 12 a 14 anos; o segundo, de 15 e 16 anos e; o terceiro, integrado apenas com trabalhadores de 17 a 18 anos.

O primeiro grupo – entre 12 e 14 anos de idade – possui características parecidas entre si: é no período entre 1936 e 1946 que boa parte dos trabalhadores que fazem deste conjunto são contratados. Percebemos, também, que há uma diminuição na contratação de pessoas de 13 e 14 anos nos anos finais do período analisado. A respeito disso, apresentamos o gráfico 10.

Gráfico 10 – Trabalhadores entre 12 e 14 anos de idade contratados pela Mercur (1924-1969)

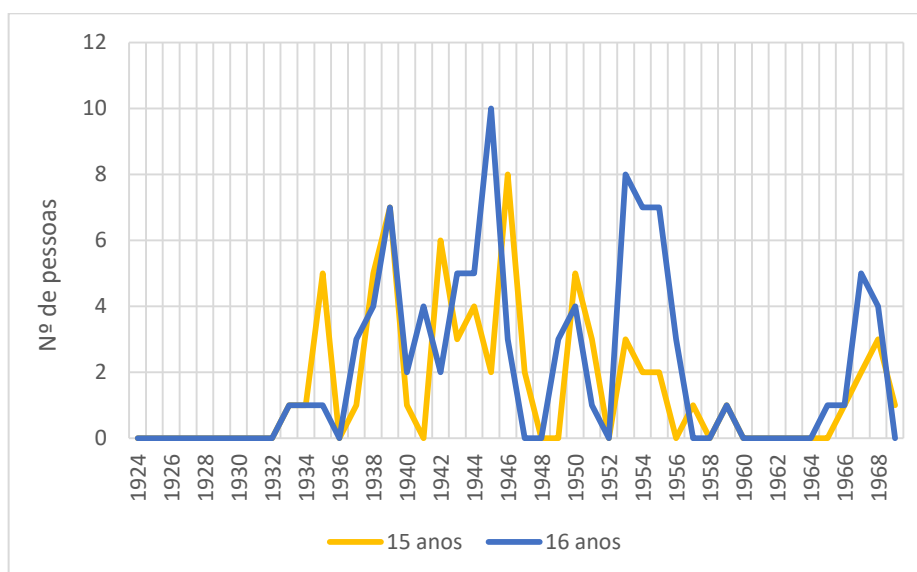


Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Encontramos 4 trabalhadores com 12 anos, 28 com 13 anos e 63 com 14 anos, exercendo atividades laborais na empresa no período entre 1924 e 1970. Os picos de contratação de trabalhadores que consideramos como infantis, são encontrados no ano de 1937, para os de 12 anos; em 1935, para os de 13 anos e; em 1939, para os de 14 anos.

O segundo grupo - formado por trabalhadores na faixa etária entre 15 e 16 anos – reproduz, basicamente, a mesma tendência verificada no gráfico 11.

Gráfico 11 - Trabalhadores entre 15 e 16 anos de idade admitidos pela Mercur (1924-1969)

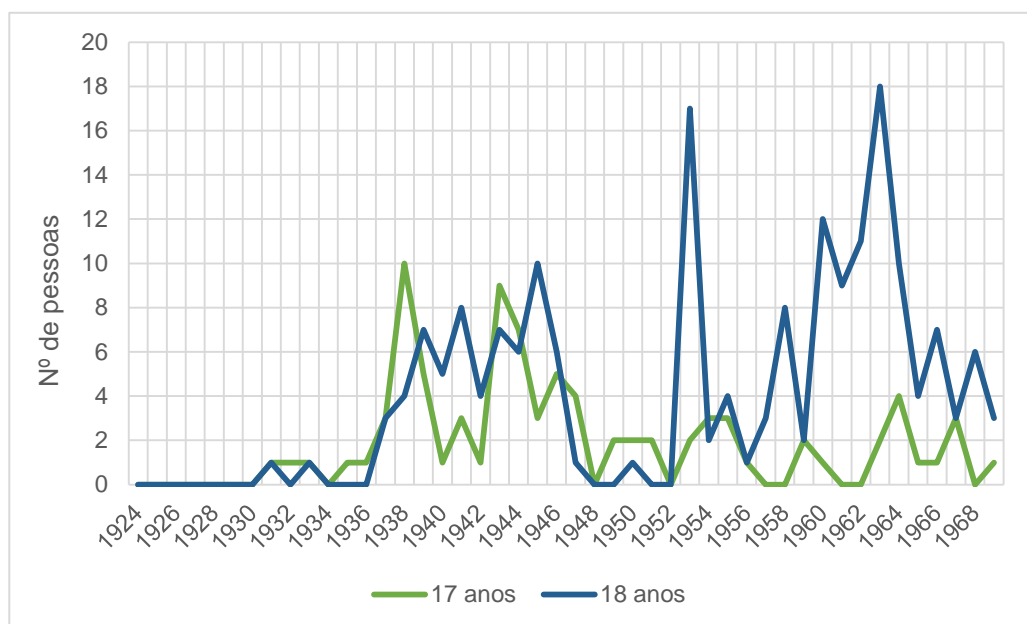


Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

O gráfico 11 mostra ter havido uma tendência de contratação de jovens entre 15 e 16 anos a partir da metade da década de 1930, quando se deu a primeira fase de expansão capitalista da empresa, o que também tinha ocorrido como o grupo da faixa etária analisada no gráfico 10. Porém, diferentemente dos dados projetados para o grupo entre os 12 e 14 anos, os jovens entre 15 e 16 anos possuíam uma presença maior no período todo. Contudo, apesar dessa permanência, eles também apresentaram uma tendência de queda com o passar dos anos. A maior queda ocorreu em 1946/1947, logo após findar a Segunda Guerra Mundial. Já entre 1960 e 1964, zeraram-se as contratações de trabalhadores na faixa dos 15 e 16 anos de idade, sendo retomadas após a implantação da ditadura militar no Brasil. Há, no que diz respeito às idades abordadas no gráfico 11, 70 trabalhadores com 15 anos e 93 trabalhadores com 16 anos.

Já o gráfico 12, que compreende o grupo de trabalhadores com idades de 17 e 18 anos, revela uma característica importante para se entender o perfil do jovem contratado pela empresa. A maior parte dos jovens de 17 anos foi contratada num período de dez anos (entre 1936 e 1946) e sua presença, assim como das idades inferiores, decaiu conforme os anos decorreram.

Gráfico 12 - Trabalhadores entre 17 e 18 anos de idade contratados pela Mercur (1924-1969)



Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Já a contratação de trabalhadores com 18 anos, diferentemente da faixa entre 12 e 17 anos, elevou-se conforme a empresa se desenvolveu. Há uma forte presença deles entre os anos de 1936 e 1946, porém, diferentemente das idades anteriores, a contratação de trabalhadores com 18 anos elevou-se novamente a partir de 1953, seguindo uma tendência de desenvolvimento da empresa, e se manteve nos anos seguintes como um perfil a ser contratado pela Mercur. Há, neste período, 86 trabalhadores com 17 anos e 184 (o maior número) com 18 anos de idade admitidos.

Tendo este cenário visualizado, elaboramos alguns questionamentos para que possamos entender os motivos para a elevação e decréscimo da contratação da força de trabalho infantil e jovem em determinados momentos do período focado. Qual o motivo para o decréscimo da contratação de trabalhadores entre 12 e 17 anos a partir da segunda metade da década de 1940? O que gerou a elevação da contratação de trabalhadores com 18 anos nas décadas de 1950 e 1960? Qual era o perfil da mão de obra entre 12 e 18 anos contratada pela Mercur e para que cargos eram contratados?

Santa Cruz do Sul caracterizou-se no período como um município onde grande parte das unidades produtivas de gêneros agrícolas tinha sua força de trabalho composta por membros da própria família. Nesse contexto, a criança também é considerada como um membro capaz de contribuir para a geração de renda e até para subsistência da própria família. Com o processo intenso de migração do campo para a cidade, ocorrido sobretudo a partir dos anos 1940, um

grande contingente de pessoas veio para a área urbana de Santa Cruz do Sul, o que pode ser verificado através dos levantamentos demográficos realizados pelo IBGE.

Tabela 47 - População Rural e Urbana de Santa Cruz do Sul (1940-1980)

Ano	População Rural	%	População Urbana	%	Total
1940	48.926*	88,9	6.115	11,1	55.041
1950	53.983*	77,5	15.712	22,5	69.695
1960	54.821*	71,3	22.026	28,7	76.854
1970	53.730	61,9	33.076	38,1	86.806
1980	44.541	44,7	55.096	55,3	99.637

Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) Censos Demográficos.

* Nestes dados a população de Vera Cruz está incluída, visto que se emancipou em 1959.

Observa-se que no período da década e 1950, a população urbana mais do que duplicou em relação a década anterior 1940. O aumento populacional certamente ocorreu, não como resultado da natalidade interna, mas resultado de processos da evasão populacional de áreas rurais de municípios vizinhos ou mesmo de localidades de Santa Cruz do Sul, como verificamos no capítulo 3.

Muitos desses migrantes eram crianças que mudavam com seus pais e parentes. É o caso da família do patriarca Pedro Simões, que migrou da área rural de Santa Cruz do Sul e empregou-se na Mercur junto com três filhos, na década de 1930.

São inúmeros os casos de famílias inteiras fichadas nos REs do setor de recursos humanos da Mercur. Esse dado pôde ser apreendido quando observamos, além do sobrenome, o campo de preenchimento a respeito da filiação do empregado. Como as fichas são organizadas por ordem alfabética e consideram o sobrenome como forma de organização, os trabalhadores que são parentes ficam todos aglutinados. Conseguimos detectar pelo menos 73 famílias com mais de dois membros trabalhando na empresa no período entre 1924 e 1970. Há casos, como o da família Fanfa, em que cinco membros do grupo familiar trabalharam na Mercur entre as décadas de 1940 e 1950.

Tabela 48 - Família Fanfa: trabalhadoras em família

Matrícula	Nome	Sobrenome	Sexo	Admissão	Idade na Data de Admissão	Município de Origem	Cargo
129	Necí	Fanfa	Feminino	12/09/1941	13,15	Santa Cruz do Sul	Servente
N/E	Maria	Fanfa	Feminino	28/07/1942	30,38	Rio Pardo	Servente
410	Noeli	Fanfa	Feminino	04/06/1945	14,07	Santa Cruz do Sul	Servente
1248	Nilse	Fanfa	Feminino	07/05/1953	15,68	Santa Cruz do Sul	Servente
687	Noemí	Fanfa	Feminino	20/05/1950	14,59	Santa Cruz do Sul	Aprendiz

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Maria Fanfa possivelmente tenha emigrado de Rio Pardo para Santa Cruz do Sul. Sua filha Necí conseguiu emprego na Mercur com 13 anos de idade, logo em seguida a própria Maria foi empregada e suas filhas Noeli, Nilse e Noemí empregaram-se com idade abaixo de 16 anos.

Há também o caso da família de Sá Bernardes, também migrante de Rio Pardo, e composta por uma mãe e três filhos.

Tabela 49 – Família De Sá Bernardes: trabalhadoras em família

Matrícula	Nome	Sobrenome	Sexo	Data de Admissão	Idade na Data de Admissão	Município de Origem	Cargo
429	Edila	de Sá Bernardes	Feminino	10/06/1945	23,66	Rio Pardo	Servente
422	Idalino	de Sá Bernardes	Masculino	18/06/1945	24,66	Rio Pardo	Servente
499	Zamira	de Sá Bernardes	Feminino	05/12/1945	46,00	Rio Pardo	Servente
532	Maria	de Sá Bernardes	Feminino	21/02/1946	15,48	Rio Pardo	Servente

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Corroborando com os dados expostos por Godinho (1980, p. 29), nas décadas de 1940 e 1950 há um “saldo positivo de migrantes de 15 e 19 anos” que “está associado ao fato de serem elementos em busca de trabalho e por isso atraídos pelas indústrias da cidade que apresentavam possibilidade de absorver mão de obra especializada”, e em decorrência disso, “acredita-se que o saldo positivo de pessoas de 45-54 e 65 anos ou mais, deve estar ligado ao

processo de migração ou pode ainda se referir a pais ou parentes dos jovens de 15 a 19 anos que para aí migraram”. O contexto geral trazido pela autora abrange o caso das famílias acima, pois, são duas famílias que migraram para Santa Cruz do Sul, possivelmente de áreas rurais, e que inicialmente os filhos foram os primeiros contratados pela empresa, e logo em seguida vieram os pais.

A respeito de famílias inteiras empregadas na indústria, muitas vezes na mesma fábrica, Decca justifica que de

qualquer forma, nas famílias operárias do período, sempre que possível, meninos e meninas, por volta dos trezes, catorze anos, começavam a trabalhar fora de casa, contribuindo decisivamente para o orçamento familiar. Segundo alguns, mesmo nas “classes médias” o trabalho dos garotos não podia ser dispensado, estes muitas vezes ajudando suas mães no pagamento do aluguel da casa. (DECCA, 1987, p. 25).

Uma característica observada foi a de que, principalmente na faixa etária entre 12 e 17 anos, o maior nível de contratações se deu no período entre a metade da década de 1930 e 1940. Nas décadas seguintes (1950 e 1960), a contratação de trabalhadores dessa faixa etária declina. É possível que a formalização das Leis Trabalhistas tenha incidido sobre esse fenômeno.

A respeito dos trabalhadores com idade de 13 a 14 anos, estes podiam trabalhar desde que, segundo o art. 403. do *Decreto-Lei N.º 5.452, de 1º de Maio de 1943*, comprovassem e garantissem frequência no ensino escolar ao menos em nível primário, e fossem empregados em serviços de natureza leve, não “nocivos à sua saúde e ao seu desenvolvimento normal”. (CLT, 1943). A inexistência de trabalhadores ou aprendizes com 12 anos na Mercur nesta década pode ser explicada pelo veto deste perfil no ambiente fabril pelo Parágrafo único: “Considera-se aprendiz o trabalhador menor de 18 e maior de 14 anos, sujeito a formação profissional metódica do ofício em que exerça o seu trabalho.” O mesmo fator emprega-se às décadas posteriores desta análise: 1950 e 1960.

No caso dos trabalhadores contratados pela Mercur, e que possuíam mais de 14 anos, enquadrava-se a menina Lotty Elly Landesvatter, filha de um também funcionário, o imigrante alemão Guilherme Landesvatter. Lotty Elly foi contratada em 5 de abril de 1943, aos 14 anos e seis meses de idade e trabalhou por cinco anos e nove meses na empresa como servente, recebendo mensalmente⁴². O que o caso de Lotty revela é, na verdade, como foi possível de ser

⁴² São raros os trabalhadores de cargo servente que recebiam os salários mensalmente.

contratada. A imagem 26 traz o documento assinado pelo seu pai autorizando-a trabalhar na empresa, o que ocorreu certamente por ela ser menor de idade⁴³.

Imagem 26 – Autorização de Lotty Elly Landesvatter a trabalhar na Mercur



Fonte: Acervo Landesvatter.

O documento com o timbre da empresa Hoelzel e Cia. Ltda, razão social da Mercur, diz o seguinte: “Autorizo minha filha Lotti Elli, com 14 anos de idade, a trabalhar na firma Hoelzel & Cia. Ltda. Santa Cruz do Sul, 5 de abril de 1943.” O documento é assinado por Guilherme A. Landesvatter.

Outro documento assegura que Lotty Elly frequentou e formou-se no Liceu Comercial Sagrado Coração de Jesus, ou seja, enquadrava-se no perfil de jovem com certo grau de escolarização. O documento (imagem 27) tem o seguinte teor: “Atesto que a senhorita Lotty Elly Landesvatter frequentou o Curso Elementar do atual Liceu Comercial Sagrado Coração de Jesus desde 1936 a 1941”.

⁴³ O documento foi disponibilizado para cópia fotográfica pela sobrinha neta de Guilherme Landesvatter, moradora de Santa Cruz do Sul.

Imagem 27 – Atestado de estudante de Lotty Elly Landesvatter



Fonte: Acervo Landesvatter.

O mesmo motivo que gerou a diminuição de pessoas menores de 18 anos a contratadas pela Mercur, possivelmente tenha aumentado o número de trabalhadores com 18 anos a partir de determinado momento (década de 1950).

Devido à demanda por mão de obra qualificada, com especialização em determinados ofícios levou o governo federal a decisões direcionadas à indústria.

O Senai criado especialmente para este fim em 1942, inseria-se, desta forma, num projeto mais amplo de industrialização do país, que demandava força-trabalho qualificada. No Rio Grande do Sul, funcionavam, no início da década de 1940, escolas de aprendizagem industrial vinculadas ao SENAI em Porto Alegre, Caxias do Sul, Novo Hamburgo e Rio Grande, os maiores centros fabris da época. (PESAVENTO, 1986, p. 90).

É, portanto, a partir da criação do Senai, e da instituição das Leis Trabalhistas, que o trabalho infantil diminui, permanecendo no âmbito da indústria o trabalhador juvenil que, na condição de aprendiz, estava sujeito à formação profissional metódica.

Sobre o critério da idade para ser contratado, o ex-funcionário da Mercur, Luiz Fernando Vogt, já citado anteriormente enfatizou:

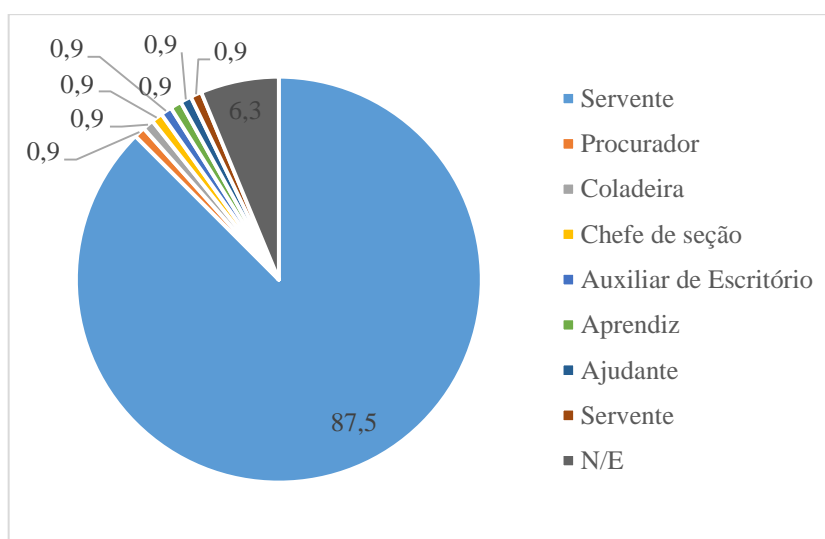
Naquela época eles não colocavam pessoas assim, tinha que ser de maior. É que naquela época tinha muita gente analfabeta. Tinha gente que entrava lá e não sabia nem ver as horas. Foi uma época muito remota. Eles não exigiam nada. Também se exigissem não teria ninguém (trabalhando). (LUIZ FERNANDO VOGT, 2018).

4.2.2 A profissionalização da mão de obra jovem

Uma rápida análise comparativa entre os gráficos 13, 14 e 15 pode revelar como o desenvolvimento da empresa e uma mudança de contexto a partir do final da década de 1940 acarretou numa mudança no perfil dos trabalhadores menores de 18 anos.

O primeiro gráfico apresenta o cargo dos menores de 18 na década de 1930. Do total de 112 trabalhadores, 98 (87%) são serventes, e apenas um se distingue dos demais como auxiliar de escritório. O cargo de procurador é ocupado por um membro da família Hoelzel.

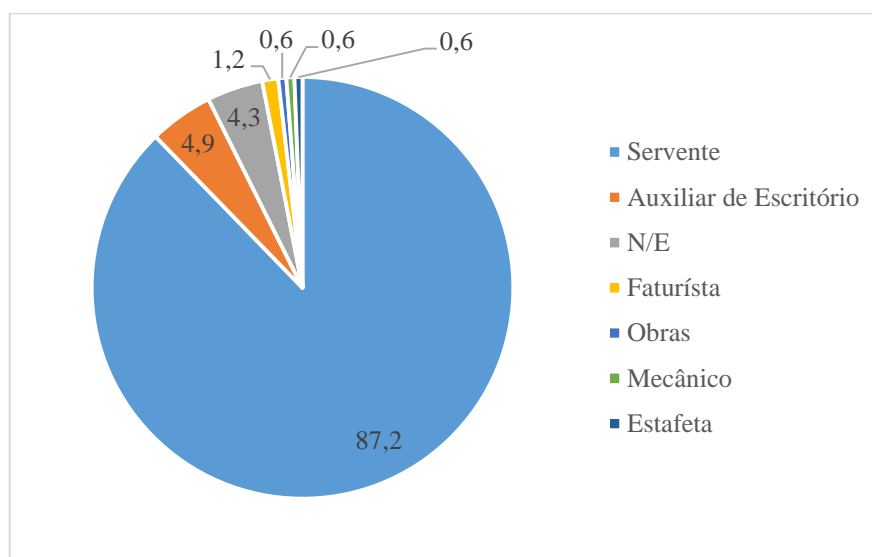
Gráfico 13 - Cargo dos menores de 18 anos na década de 1930 na Mercur



Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur)

A partir da década de 1940, os jovens começam a vislumbrar outros cargos para além do “chão de fábrica”. No total, são 164 menores de idade contratados. Desses, 143 (87%) são serventes, aparecendo 8 (4,9%) como auxiliares administrativos.

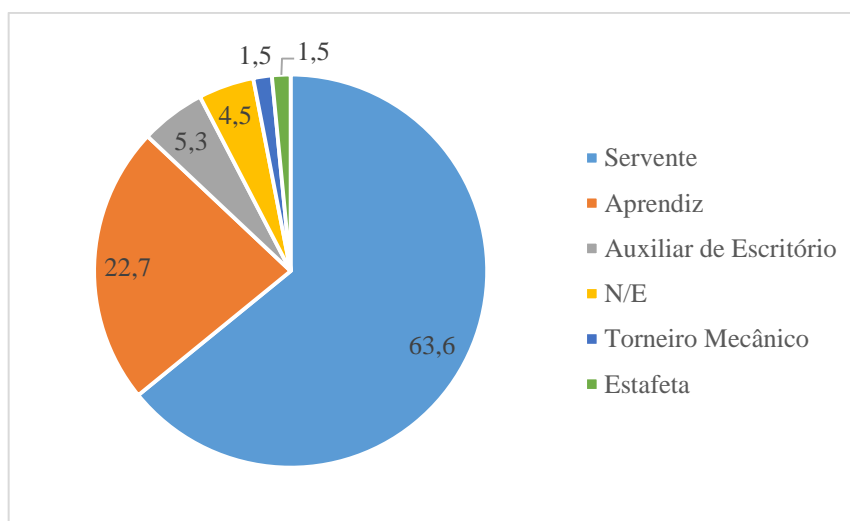
Gráfico 14 - Cargo dos menores de 18 anos (%) – Década de 1940



Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur)

A grande diferença ocorre na década de 1950, quando possivelmente as leis trabalhistas passavam a serem mais observadas. A partir de então, um maior número de trabalhadores passou a ser lotado em cargos como o de Aprendiz, com 30 pessoas (22,7%), e de Auxiliar de Escritório, com 7 (5,3%). A porcentagem de menores ocupando o cargo de serventes cai para 84 pessoas, ou seja, 63% dos contratados. Ver gráfico 15:

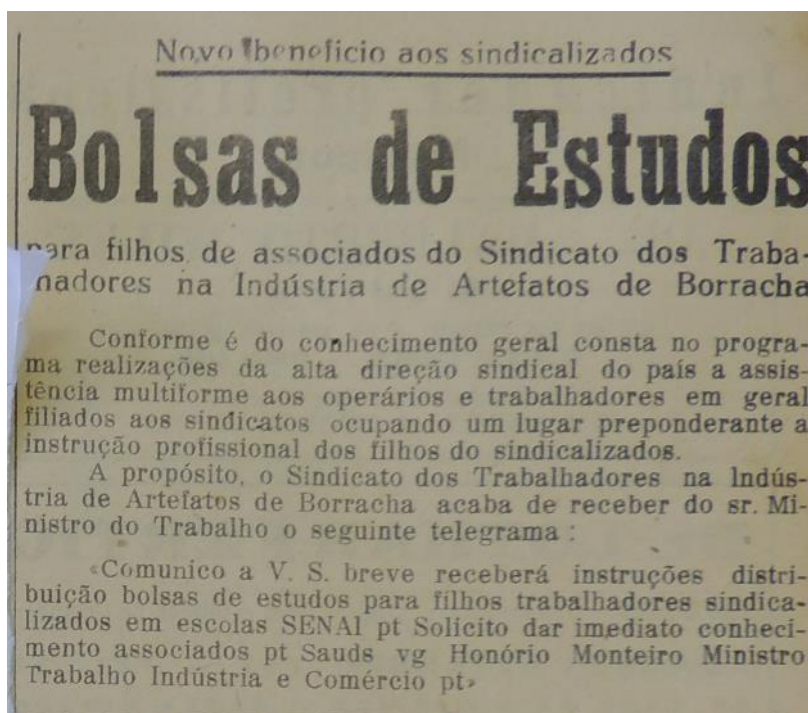
Gráfico 15 - Cargo dos menores de 18 anos na Mercur na década de 1950



Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur)

O próprio Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Artefatos da Borracha (leia-se funcionários da Mercur) fomentava a profissionalização dos filhos de trabalhadores sindicalizados, conforme veicula o comunicado publicado no jornal Gazeta de Santa Cruz do dia 18 de maio de 1950 (imagem 28).

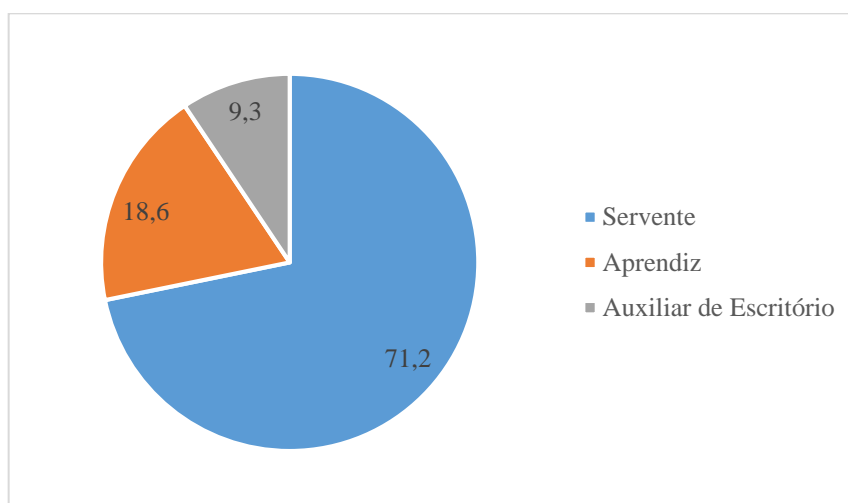
Imagem 28 – Bolsa de estudos para filhos de trabalhadores da Mercur



Fonte: Jornal Gazeta de Santa Cruz de 18 de maio de 1950, p. 4.

Na década de 1960, a tendência permaneceu a mesma, ou seja, os menores de 18 anos continuavam ocupando, em sua maioria (84), o cargo de servente (71,2%) e os demais ocupavam o cargo de aprendiz, com 18,6% e auxiliar de escritório, com 9,3%. Nessa década contabilizamos um total de 118 trabalhadores menores de 18 anos contratados pela empresa.

Gráfico 16 - Cargo dos menores de 18 anos na Mercur na década de 1960



Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur)

Devemos considerar, também, que o cargo de aprendiz poderia ser um subterfúgio para empregar o menor de idade, já que o aprendiz, ainda que exercendo as mesmas funções que um trabalhador maior de 18 anos, recebia a metade do salário. Entretanto não havia ilegalidade nesse tipo de contratação, que estava em conformidade com os parâmetros legais dispostos na CLT. Brevemente a fala Luiz Vogt, contratado como aprendiz, lembra a característica salarial e do tempo de trabalho do aprendiz: “Era o horário de trabalho. Não tinha diferença nenhuma. O ordenado sim, mas o horário não” (LUIZ VOGT, 2017).

Feito as considerações ao longo desse capítulo, constatamos que o perfil dos trabalhadores da empresa Mercur foi severamente influenciado pela divisão de gênero. Vemos através da característica dos cargos, que trabalho desempenhado pelos homens dependia sobretudo da força bruta, enquanto as mulheres, concentravam-se em trabalhos manuais. A faixa etária é outro dado relevante para a compreensão da constituição da força de trabalho na Mercur, já que a maioria dos contratados pela empresa eram jovens.

5 OS TRABALHADORES E A CIDADE

O presente capítulo visa dar conta do terceiro objetivo específico deste trabalho: analisar a relação entre trabalhadores da Mercur e a área urbana de Santa Cruz do Sul. Sabemos, a partir do que foi exposto no capítulo 3, em que analisamos a origem dos trabalhadores, que muitos deles vieram de outros municípios do Estado do Rio Grande do Sul. Outros, na verdade, a grande maioria, nasceram no território do Município de Santa Cruz do Sul, mas também é certo considerá-los como migrantes pois, majoritariamente, se deslocaram de áreas rurais para a cidade. Já outros eram oriundos da sede do município.

Não possuímos informações sobre processos de deslocamento de migrantes e imigrantes que trabalharam na Mercur, ou seja, as fontes não permitem saber se já habitavam a área urbana de Santa Cruz do Sul quando foram admitidos. Contudo, é possível afirmar que a constituição de uma classe trabalhadora no município foi, não somente gerada a partir do aparecimento de indústrias como a Mercur, mas também ela acompanhou o desenvolvimento da classe trabalhadora do município, desde sua origem até o processo de internacionalização da indústria fumageira nos anos 1970.

Sendo assim, a empresa também acompanhou o processo de expansão e desenvolvimento urbano de Santa Cruz do Sul e contextualiza-se no que a literatura acadêmica considera como a 4ª fase do desenvolvimento urbano do município caracterizado pela industrialização e que ocorre entre 1917 e 1965 (WINK, 2000, p.157).

Para compor este capítulo, utilizamos inúmeras fontes. As principais são as fontes documentais, constituídas dos Registros de Empregados, que nos possibilitaram localizar a residência/fixação dos trabalhadores no município. Não menos importantes nesta análise são os mapas municipais, nomeadamente o editado em 1922 pelo governo municipal, o mapa de 1940⁴⁴, o mapa de 1956⁴⁵ e a planta de 1968⁴⁶. A partir dos mapas, foi possível compreender o desenvolvimento da área urbana do município e analisar, paralelamente, a distribuição dos trabalhadores em determinados espaços urbanos.

A respeito desse aspecto, devemos frisar que localizamos nos supracitados mapas a localização dos operários a partir da divisão atual dos bairros conforme o mapa editado em 2017 pelo setor de geoprocessamento da Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul. Essa opção foi feita buscando termos uma forma de abstração das informações mais eficaz e de melhor

⁴⁴ Organizado por H. Menchen, conforme consta no próprio documento.

⁴⁵ Organizado por Leo Kraether e João Waldemar Fontoura e desenhado por R. Boesel.

⁴⁶ Organizado por Elmo Esperhacke e publicado por Baumhardt Irmãos S.A.

visualização. Outro aspecto que determinou essa escolha, foi o fato de que os mapas utilizados (de 1922, 1940, 1956 e 1968), não possuíam divisões de bairros. (VER ANEXOS C, D, E e F)

Com a identificação dos operários em determinados espaços da cidade, foi possível aumentar o arcabouço de informações sobre as características dos locais que habitavam. Nesse sentido, a pesquisa empreendida nos jornais Gazeta do Sul, entre os anos de 1945 a 1970, objetivou não somente investigar assuntos relacionados a empresa Mercur, mas também captar notícias, matérias e artigos relacionados com os problemas de saneamento, com o crescimento da periferia e com o desenvolvimento urbano. O intuito era estabelecer conexões entre a formação da classe trabalhadora e o espaço vivido fora do ambiente da fábrica.

Além das fontes documentais, também foram utilizadas fontes icnográficas e fontes orais, como forma de adentrarmos na realidade vivida e captar relatos de ex-funcionários da Mercur sobre seus locais de moradia.

5.1 O período entre 1924 e 1931

Como já é sabido, a Mercur, sob o nome de Hoelzel Irmãos, iniciou suas atividades em 1924 e teve seu início baseada em uma produção artesanal. Essa característica perdurou até o ano de 1932, quando o processo produtivo foi alterado a partir da aquisição de máquinas alemãs apropriadas para o beneficiamento da borracha. A cidade, no momento em que o desenvolvimento da Mercur era incipiente, experimentava um crescimento exponencial. Multiplicavam-se as edificações (como o Banco Pelotense, de 1922, projeto de Jorge Emilio Hoelzel), investimentos privados e governamentais agregavam-se à infraestrutura da cidade, como é o caso da Estação Ferroviária existente desde 1905 e o ramal ligando Santa Cruz a Rio Pardo. Com essa importante via de escoamento da produção, empresas do setor fumageiro e, por conseguinte, do ramo metalúrgico, que prestava apoio à produção agrícola e do fumo, vincularam-se ao complexo industrial do município.

De acordo com Wink,

Na planta datada de 1922 destaca-se além da simetria das quadras e das ruas largas, as áreas destinadas a Estação Ferroviária, que atraiu para suas imediações inúmeros estabelecimentos comerciais e industriais, e o logradouro público, que mesmo recebendo delimitações não passava ainda de um grande descampado. Obedecendo sempre o rígido traçado quadriculado original, novos quarteirões foram loteados, incorporando ao perímetro urbano as chácaras limítrofes, criando assim as condições espaciais para garantir a reprodução tanto do capital, quanto da força trabalhadora. (WINK, 2000, p.197).

O núcleo urbano de Santa Cruz do Sul, no que diz respeito à década de 1920, ficou concentrado na área central. Ali reuniam-se:

os estabelecimentos comerciais, localizavam-se em sua maioria ao longo das ruas da República e Tenente Coronel Brito, incluindo suas transversais, sendo que as indústrias encontravam-se espalhadas pela malha urbana, como no caso da Companhia de Fumos Santa Cruz, da Fundação Schreiner e da Máquinas Binz. Fora do perímetro urbano, da época, estavam entre outras, a Companhia Brasileira de Fumo em Folha (atual Souza Cruz), que devido as facilidades de transportes, ocupou uma área servida pela ferrovia, possuindo inclusive um ramal que adentrava o pátio da empresa, e a Cervejaria Santa Cruz, com instalações junto ao Riacho da Gruta, que lhe fornecia água em abundância para suas operações, estando localizadas respectivamente a sudoeste e nordeste do centro da cidade. (WINK, 2000, p.199).

Nesse contexto, a Mercur, ainda baseada em uma produção basicamente artesanal, possuía 19 funcionários. A tabela 50 apresenta o número de trabalhadores e seus respectivos bairros.

Tabela 50 – Bairros dos trabalhadores (1924 - 1931)

Bairro	Nº	%
Subúrbios	7	36,8
Centro	6	31,6
N/E	4	21,1
Higienópolis	1	5,3
Universitário	1	5,3
Total	19	100,0

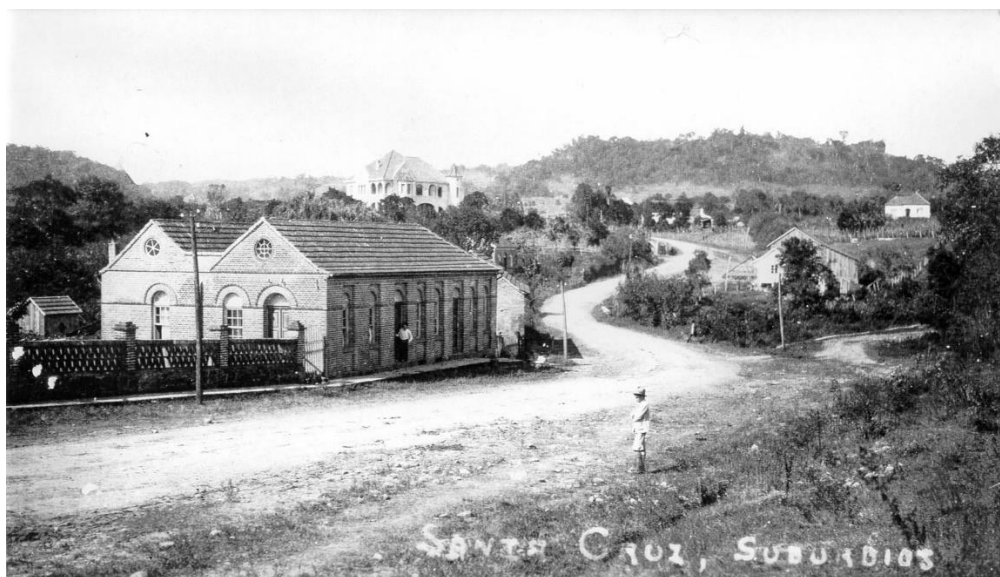
Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Conforme a tabela 50 demonstra, 36,8% dos trabalhadores habitavam as regiões denominadas como Subúrbios. Subúrbios, é correto advertir, é uma forma corriqueira encontrada nos REs para designar genericamente aqueles lugares considerados periféricos na cidade. Em todas as décadas, aparece, no campo de preenchimento dos REs um lugar indeterminado designado como Subúrbios para identificar o local de residência de boa parcela dos trabalhadores da Mercur. Sendo assim, deve-se entender que para cada contexto histórico do desenvolvimento urbano da cidade vão sendo apagados os subúrbios antigos e sendo criados outros.

No caso da década de 1920, podemos considerar Subúrbios os espaços para além do que se considerava o centro da cidade, ou seja, os locais de moradia situados a oeste das ruas Carlos

Trein Filho, a leste da Rua Gaspar Silveira Martins, ao sul da Rua Senador Pinheiro Machado e ao norte da Rua Galvão Costa em direção ao Logradouro Municipal (atual Parque da Oktoberfest). Sobre este aspecto, ver imagem 29 é ilustrativa.

Imagem 29 – Fotografia tirada na Rua Rua Galvão Costa



Fonte: <http://www.santacruz.rs.gov.br/geo/>.

A fotografia foi tirada na Rua Galvão Costa, perto do encontro com a rua Mal. Floriano Peixoto, em direção ao Leste. Podemos observar, no primeiro plano, o prédio que atualmente ocupa um escritório de arquitetura e, mais ao fundo, o Castelinho da família Schütz. Nota-se na parte de baixo da fotografia a seguinte anotação: “Santa Cruz, Subúrbios”. Como a imagem, segundo consta, é de 1923, percebe-se que a aquela área era então considerada subúrbio. Possivelmente o que se considerava subúrbio eram as regiões limítrofes entre a área rural e o núcleo urbano da época.

É bem verdade que as características do subúrbio têm alguma identificação com as áreas rurais. Nesse sentido, podemos dizer que, neste período de incipiente industrialização, os trabalhadores da indústria santa-cruzense e logicamente da Hoelzel Irmãos, viveram a condição operária num ambiente limítrofe entre o rural e o urbano. Esta é uma característica corriqueira na origem de cidades industriais e no que concerne ao local de moradia de operários, como aponta Martins (2002, p.118) sobre o caso do ABC paulista, na primeira década do século XX. Ao descrever a realidade paulistana, parece-nos, que também podemos vislumbrar a dinâmica do urbano e o rural na Santa Cruz deste período.

No amplo espaço em que a indústria paulistana se desenvolveu, entre o final do século passado e as primeiras décadas deste século, não há limites abruptos separando o rural e o urbano. Fotos dessa época indicam com muita frequência as fábricas emolduradas pela vegetação dos sítios e roças, o terreno por sua vez salpicado aqui e ali de casas operárias e casas camponesas. (MARTINS, 2002, p.118).

Nascimento (2013) no seu trabalho de conclusão de curso sobre a história do desenvolvimento da Companhia de Fumos Santa Cruz, encontrou nos relatórios anuais daquela cigarreira a informação de que “a empresa julgava necessária a disponibilização de moradias para alugar, algo muito escasso em Santa Cruz do Sul no ano de 1921. Casas baratas para alugar e morar estavam diretamente ligadas ao bem estar da fábrica segundo o relatório.” Os preços de aluguéis na cidade eram altos. Nesse sentido:

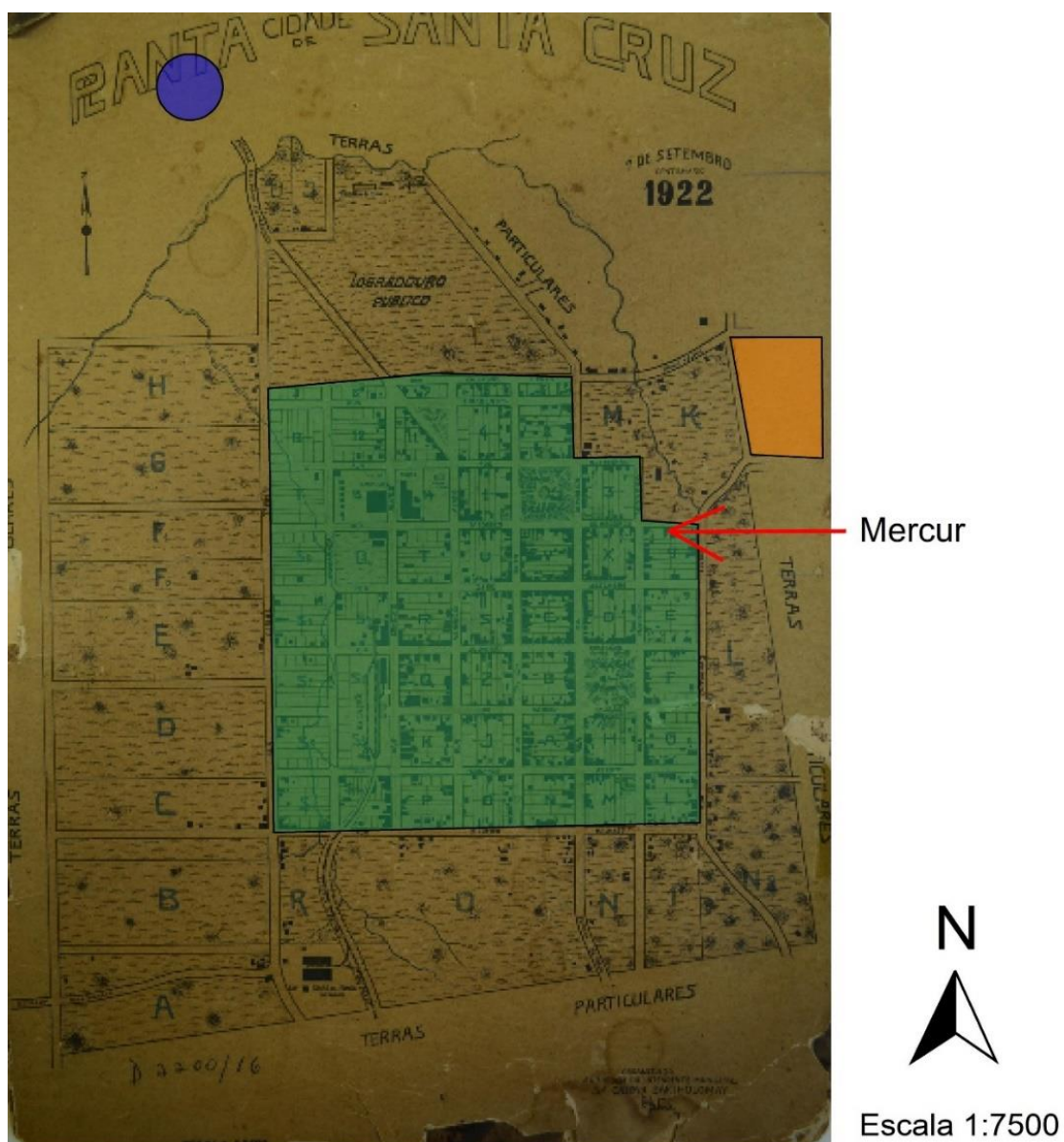
a empresa então intencionava a construção de casas de menor valor, neste caso tornando o aluguel ao alcance dos trabalhadores de menor remuneração. Estas casas seriam construídas em terrenos da CFSC para não prejudicar o desenvolvimento urbano da cidade (CFSC, 1922). A empresa em suas terras iniciou a construção de moradias para serem alugadas aos funcionários a preços módicos. Foram construídas algumas alvenarias e alguns chalés, uma verdadeira rua dentro da CFSC. O nome da rua onde estavam as moradias recebeu o nome de Travessa Kissme. (NASCIMENTO, 2013, p.22).

Tendo como base essa informação, é possível dizer que na década de 1920, devido à não expansão do núcleo urbano era preferível para os industriais que os trabalhadores das fábricas residissem nas proximidades, e esta característica é possível de ser notada pela atitude tomada pela direção da companhia de fumos Santa Cruz ao construir casas para atrair a mão de obra para a área do seu entorno nas imediações do centro da cidade.

Em seguida temos 6 pessoas habitando a área central da cidade, ou seja, concentrados no que consistia no centro município. Temos ainda um trabalhador habitando onde atualmente é o bairro universitário, mais precisamente, próximo ao cemitério municipal⁴⁷, e um trabalhador na área do atual bairro Higienópolis, sendo este filho de Carlos Gustavo Hoelzel. Os demais, suas residências não foram especificadas no RE. Ver em imagem 30 a espacialização dos trabalhadores do período entre 1924 e 1931.

⁴⁷ Segundo Wink, a iniciativa de construção do cemitério municipal, situado na Avenida Independência, aconteceu durante o mandato do intendente Jorge Henrique Eichemberg, entre os anos de 1897 e 1900. (WINK, 2000, p.146)

Imagem 30 – Mapa com localização dos trabalhadores da Mercur (1924 - 1931)



Bairro	Nº	Bairro	Nº	Bairro	Nº
 Centro	06	 Higienópolis 1		 Universitário 1	

Fonte: CEDOC-UNISC, elaborado pelo autor.

No mapa (imagem 30), não localizamos o que seriam os Subúrbios da cidade, no entanto, podemos considerar todos os espaços não considerados Centro (em verde). No centro moravam 6 trabalhadores. Em seguida, apontamos como possível área de residência mais dois pontos: mais precisamente próximo ao cemitério municipal⁴⁸ (azul), onde residia um

⁴⁸ Informação contida na ficha de Registro de Empregado.

trabalhador, e a área abarcada pelo atual bairro Higienópolis (laranja), onde residia mais um trabalhador. A seta vermelha localiza a Sede da Hoelzel Irmãos.

5.2 O período entre 1932 e 1940

A planta da área urbana de Santa Cruz do Sul editada em 1922, já ditava os rumos que a cidade iria tomar nas próximas décadas. Já figuravam nela a estrada para Rio Pardinho, Estrada para Vila Tereza e para Rio Pardo, vias que mais tarde serviriam como estrutura para a ramificação de novas áreas de ocupação residencial.

Esta previsão é confirmada ao longo dos anos, conforme indicação do mapa da cidade editado em 1940, onde após 18 anos, podemos verificar o surgimento de quadras de traçado irregular ao longo das estradas para Vila Theresa, Rio Pardo e da linha férrea. Neste mesmo mapa percebe-se o efetivo processo de loteamento ao qual foram submetidas as chácaras, especialmente as localizadas a oeste da rua Carlos Trein Filho. Nesta direção para a qual houve um grande crescimento, foram construídas em 1949 nas proximidades da CBFF a Escola Técnica do Senai e a Vila Operária do SESI, contando com 40 casas populares. (WINK, 2000, p.199).

A partir do mapa editado em 1940, é possível notar a grande expansão que a cidade alcançou em um espaço pequeno de tempo. Outras áreas começaram a ser loteadas, como é o caso da área sul da cidade, próximas ao Quartel, bem como o aproveitamento do logradouro público, local conhecido na época como Várzea, e que mais tarde seria revitalizado para abrigar, somente em 1966 a FENAF (Festa Nacional do Fumo) (TEICHMANN, 2002).

Em contrapartida, a Mercur somava 15 anos de existência, havia expandido seu maquinário e trocado a sede de sua fábrica para a Rua Cristóvão Colombo. Em consequência disso, o número de trabalhadores elevou-se significativamente no período entre 1932 e 1940. Mais tarde, com a elevação da produção durante a Segunda Guerra Mundial, mais trabalhadores somaram-se na fábrica. Nesse sentido, considerando as fases delimitadas no primeiro capítulo, analisaremos toda a etapa que se iniciou em 1932 e que nomeamos como Primeira fase capitalista: a indústria, e dois anos (1939 e 1940) do período da Segunda Guerra Mundial, etapa que consideramos singular no desenvolvimento da Mercur. A respeito do lugar de residência dos trabalhadores, ver tabela 51.

Tabela 51 - Bairros dos trabalhadores (1932 - 1940)

Bairro	1932	1933	1934	1935	1936	1937	1938	1939	1940	Total	%
N/E	2	1	1	10	12	30	74	26	9	165	51,6
Subúrbios	3	8	4	14	4	3	4	17	11	68	21,3
Centro	1	2	8	4	2	2	4	15	12	50	15,6
Higienópolis	0	3	0	5	1	0	1	4	0	14	4,4
Santo Inácio	0	1	0	0	0	0	2	1	2	6	1,9
Bom Jesus	0	0	0	0	0	0	0	3	1	4	1,3
Goiás	0	0	0	0	0	1	0	1	2	4	1,3
Universitário	0	0	0	2	0	0	0	2	0	4	1,3
Ana Nery	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0,3
Bom Fim	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0,3
Linha Santa Cruz	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0,3
Picada velha	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0,3
Senai	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0,3
Total										320	100,0

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

São ao todo 320 trabalhadores, sendo que, em 165 casos (51,6%), não foram especificados os locais de residência nos REs. Contudo, os 49% restantes revelam o aparecimento de moradias em regiões que no período anterior não constavam e que vão ao encontro da expansão urbana ocorrida no período entre o final da década de 1920 até o ano de 1940. Este dado pode ser notado ao observarmos, nos anos 1938 e 1939, os primeiros trabalhadores dos bairros Bom Fim, Goiás, Ana Nery, Bom Jesus e Senai. Nesses bairros residia a classe operária na década de 1940. Podemos entender que já havia trabalhadores da indústria habitando estes locais antes mesmo da construção das casas populares, principalmente no caso do bairro Senai.

A maioria dos trabalhadores moravam em locais possivelmente sem endereço oficial e, por isso, não foram especificados nos REs. Da mesma forma, os trabalhadores localizados nos Subúrbios remetem a lugares sem endereço, todavia, podemos supor que tais lugares estão à margem do centro urbano.

Temos ainda 50 pessoas residindo no centro da cidade, 14 pessoas habitando o atual bairro Higienópolis e 6 localizadas no bairro Santo Inácio. Esses lugares ficavam (atualmente também) mais próximos à fábrica. É possível dizer também que, embora a cidade tenha se expandido, haviam ruas ocupadas por operários no centro ou próximo dele. É o que relata Eloir

Guedes, neto de Pedro Simões, contratado em 1936 e em cujo RE não é especificado o local de residência.

O vô morava atrás do Corinthians, a mãe morava também por que era filha. Ai os filhos casados, até casarem todos moravam ali.

Era um mato, cercado de mato com um capão limpo no meio. Que eu acredito que era da rua principal até a outra, era um mato cercado de taquaireira. E aqui na frente onde é o Corinthians, já era o Corinthians, era uma casa velha caindo aos pedaços e tinha uma cancha de basquete, de cimento onde jogavam basquete. E a casa que é do Corinthians era uma casa velha. E eu era pequenininho, 3/4 anos de idade eu vinha lá dos fundos ou o rapaz que me chamava lá, porque gostava muito de mim e tal, um cara de 18/19 anos que vinha costurar as bolas do Corinthians.

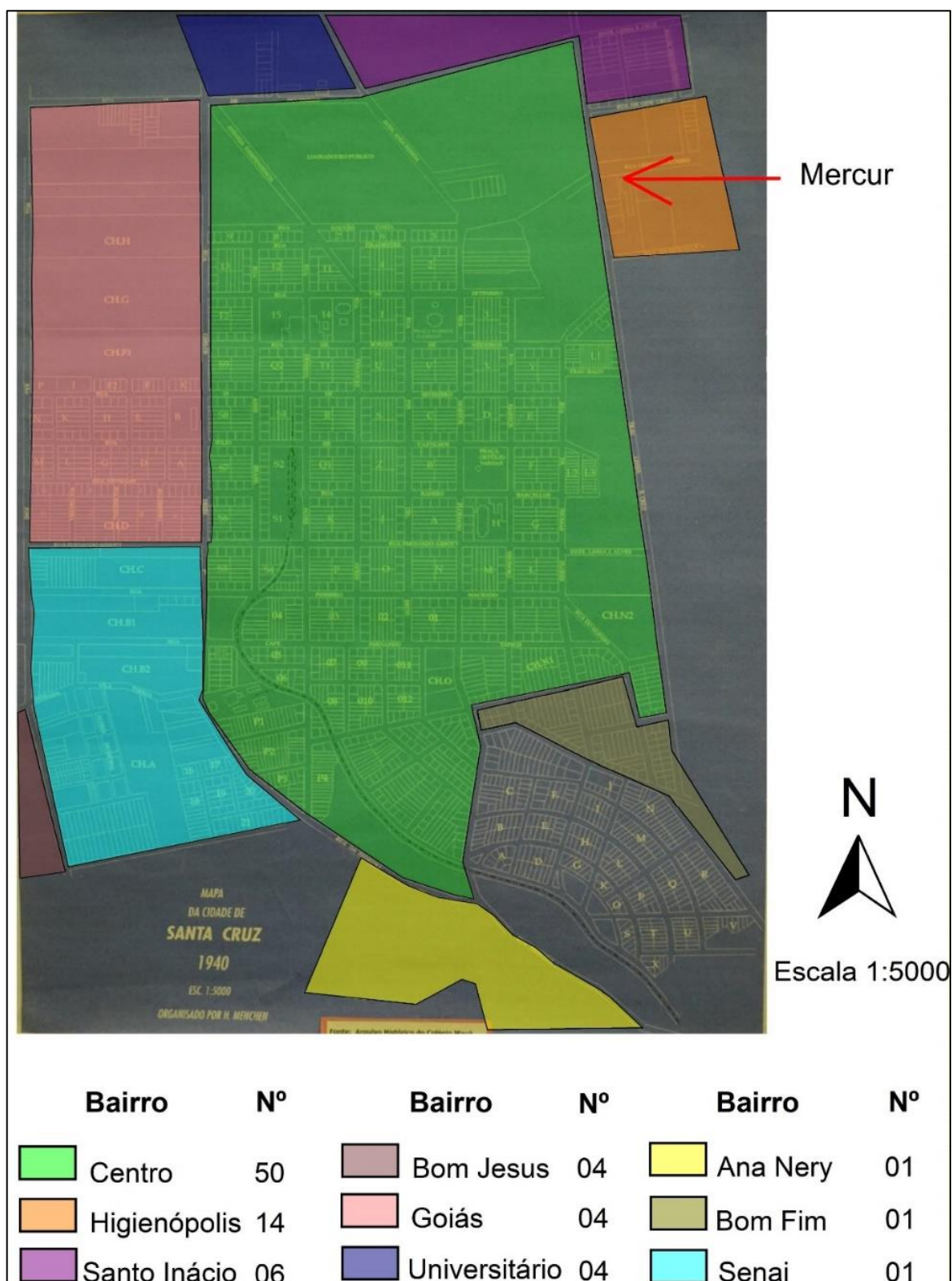
Ele devia pegar as 6 horas da manhã. Por que dali do Corinthians até o coisa (a Mercur) era pertinho. Ele ia pelo meio do mato. Ai o vô chegava à tardinha, não sei se ele comia em casa, ou comia lá mesmo (almoço)... quando ele voltava do trabalho. De pessoas para fora. Fazia comida para fora, mas eles vinham comer tudo lá. Era um mesão assim... Tinham homens dos dois lados... Então era o pessoal da Brigada Militar que era ali onde, sabe onde tem o Monumento do Imigrante, na esquina da Tiradentes com a Marechal Floriano. Era só atravessar a rua. O pessoal do DAER e uns da Mercur. Ah então agora pensando, se o pessoal vinha comer, o vô também comia em casa.

Então a vida deles era essa. Ali com eles moravam todos os filhos... Nós tínhamos mais o cabo Esmael que tinha dos filhos, o Vandir e a Zulma, o Vandir é falecido, o João Machado, que era colega do vô na borracha. E eles parecem que ganharam aquele lugar para ficar morando. O dono deixou eles ficar morando ali. O seu Selvino, que também era brigadiano. Tinha mais gente que morava lá, mas não lembro. (ELOIR GUEDES, 2017).

O relato de Guedes oferece uma rica perspectiva do cotidiano do trabalhador, tendo seu avô como personagem principal. A fala de Guedes incorpora vários aspectos, mesmo que limitados pela memória, permitem vislumbrar não somente o local de moradia de trabalhadores da Mercur, mas também o cotidiano desses trabalhadores. Sua avó cozinhava para operários e outros trabalhadores do entorno. Moravam em um terreno onde atualmente encontra-se o Clube União Corinthians, habitavam o bairro centro e eram negros. Havia também 4 trabalhadores habitando o atual bairro Universitário, próximos ao logradouro público, local conhecido como Várzea.

Para visualizar a espacialização dos trabalhadores, utilizamos o mapa editado em 1940, como forma de obedecer a formatação do período focado (imagem 31).

Imagem 31 - Planta com localização dos trabalhadores da Mercur (1932-1940)



Fonte: CEDOC-UNISC, elaborado pelo autor.

5.3 O período entre 1941 e 1956

Com base no mapa de 1956, vemos a área urbana em expansão a partir das principais vias de acesso da cidade. O crescimento se deu para o nordeste, ao longo da Avenida Independência, passando em frente ao Cemitério Municipal, rumo ao distrito de Rio Pardinho e Sinimbu. Essas áreas não figuravam no mapa anterior.

Neste período, é possível observar também o surgimento de bairros como o Verena, Vila Jardim e São Luís, bairros localizados ao nordeste do centro da cidade. E ao sul, junto à linha férrea e ao longo da Avenida Euclides Kliemann, surgiram bairros como o Bom Fim (que no mapa anterior apenas tinha terrenos delimitados e já abrigava trabalhadores da Mercur), Chácara da Figueira (atual Ana Nery) e São Roque (atual Arroio Grande).

Em direção ao leste e ao oeste, Ronaldo Wink (2000, p. 205) observa que:

a ocupação regular dos quarteirões na época, pouco ultrapassava as ruas Gaspar Silveira Martins e São José respectivamente, pois a partir destas vias o parcelamento tardio das chácaras impediu por algumas décadas o desenvolvimento urbano, sendo muitas destas áreas loteadas clandestinamente, acarretando inúmeros problemas à municipalidade.

No período abrangido entre 1941 e 1956, a Mercur perpassou uma das fases de maior contratação de pessoal, durante a Segunda Guerra Mundial. Por outro lado, a partir de 1946, houve uma grande baixa no saldo anual de trabalhadores e a elevação na contração se deu novamente no ano de 1953. Esse foi o ano em que a Mercur mais contratou e, pode-se dizer, que é o espaço de tempo mais rico em termos de números para se analisar. Mas não somente isso. As fontes documentais, sobretudo do jornal *Gazeta do Sul*, auxiliam-nos a entender melhor a situação do município, principalmente da cidade, nesse período de expansão e crescimento do espaço urbano e também populacional. O editorial do jornal supracitado intitulado *A falta de casas de moradia* comenta a situação das pessoas, sobretudo migrantes, que vinham ao município em busca de trabalho e não conseguiam habitações.

Acentua-se cada vez mais a falta de casas residenciais para as famílias que pretendem se estabelecer em Santa Cruz ou as que tem que fixar residência aqui, por motivo da remoção dos seus chefes para esta cidade ou ainda para aquelas que se formam em nosso meio. (GAZETA DE SANTA CRUZ, 12/03/1946, p.2).

Em outro editorial, o jornal focaliza na falta de moradias, agora centrada nos trabalhadores industriais

E começaram a esboçar-se rapidamente os primeiros sintomas do problema de moradia.

Em segundo lugar, para agravar ainda mais o delicado estado de coisas, constatou-se, nos últimos anos, um constante e crescente êxodo das populações rurais para a cidade, em busca de melhores salários e vida relativamente mais confortável.

Além disso, em outros tempos, o nosso operariado, apesar de receber menores salários, podia, vivendo economicamente, construir com toda a facilidade sua modesta casinha de moradia. Hoje, porém, tal já se tornou impossível, dado o exorbitante custo do material de construção. (GAZETA DE SANTA CRUZ, 17 de setembro de 1946, p.2).

Os problemas urbanos são a tônica das matérias publicadas no jornal Gazeta de Santa Cruz a respeito da cidade na segunda metade da década de 1940. Em fevereiro de 1946 um dos leitores reclama da proliferação de mosquitos devido a uma plantação de arroz existente: “nos fundos de uma propriedade situada na rua Principal, entre a esquina do banco do Rio Grande e a esquina da Rua 28 de Setembro, existe uma belíssima plantação de arroz, pelo que se vê, nunca faltou água, e que é um verdadeiro paraíso para os mosquitos” (GAZETA DE SANTA CRUZ, 16/02/1945, p. 6). Outra matéria publicada dizia respeito às cartas trocadas entre a ACI de Santa Cruz e a Interventoria Federal no Estado do RS (Governador do Estado) e a Secretaria de Obras Públicas a fim de providenciar obras de saneamento na área urbana do município (GAZETA DE SANTA CRUZ, 16 de fevereiro de 1945, p.2).

Passados três anos, o editorial do jornal comemorava a instalação da rede de esgotos. “Podemos dizer que uma etapa já foi vencida entre as realizações imprescindíveis à nossa cidade. Está, pois, felizmente a nossa população a salvo de um dos seus flagelos”. E conclui: “os 12.600 habitantes da cidade e subúrbios, bem o sabemos, tem a sua atenção inteiramente voltada para a obra a ser iniciada e que, uma vez concluída, melhorará inacreditavelmente o estado sanitário da população” (GAZETA DE SANTA CRUZ, 2 de dezembro de 1949, p.2).

Um dos símbolos do desenvolvimento da infraestrutura urbana da década de 1940 foi a inauguração da linha de ônibus urbana, encampada pela empresa Filter Irmãos & Cia, no início de outubro de 1947 (GAZETA DE SANTA CRUZ, 24 de outubro de 1947, p. 6).

Sobre os trabalhadores residentes no bairro Higienópolis, eram ao todo 14. Vale salientar que oficialmente o bairro não existia neste período, porém os trabalhadores residiam no território exposto na imagem 27, que corresponde atualmente ao bairro. Seria fácil prever que tal bairro fosse ocupado por pessoas de cargos altos da empresa, já que o Higienópolis é reconhecido como um bairro de pessoas abastadas. Porém, a partir dos REs, percebe-se que os respectivos trabalhadores ocupavam cargos de serventes e havia apenas uma Chefe de Sessão domiciliada ali. Devemos lembrar que tal bairro foi criado somente em 1949, capitaneado por Jorge Emilio Hoelzel.

Sobre o local de moradia dos trabalhadores da Mercur no período entre 1941 e 1956, a tabela 52 é ilustrativa.

Tabela 52 - Bairros dos trabalhadores (1941 - 1956)

	Anos	1941-1949	1950-1956	Total	%
Bairros	Centro	186	124	310	29,5
	N/E	106	108	214	20,4
	Subúrbios	166	18	184	17,5
	Santo Inácio	28	54	84	7,7
	Senai	16	27	43	4,1
	Goiás	20	21	41	3,9
	Higienópolis	23	16	39	3,7
	Bom Jesus	7	18	25	2,4
	Universitário	11	13	24	2,3
	Arroio Grande	4	17	21	2,0
	Linha Santa Cruz	8	9	17	1,6
	Avenida	5	6	11	1,0
	Ana Nery	0	9	9	0,9
	Margarida	5	3	8	0,8
	Várzea	4	3	7	0,7
	Schulz	2	4	6	0,6
	Bom Fim	0	3	3	0,3
	Faxinal	1	1	2	0,2
	Herveiras	0	1	1	0,1
	Linha João Alves	0	1	1	0,1
Linha Nova	0	1	1	0,1	
Rio Pardinho	0	1	1	0,1	
	Total	592	458	1050	100,0

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Através da tabela 52, vemos o aparecimento de trabalhadores em locais que anteriormente não figuravam, o que vai ao encontro do que Wink (2000, p. 195) Além do centro, que novamente é a área com mais trabalhadores residentes, aparecem os Subúrbios, totalizando 186 trabalhadores⁴⁹, e o bairro Santo Inácio (que se refere à Vila Verena, à Vila Jardim e Três

⁴⁹ Frisamos, porém, que no período entre 1950 e 1956, o número de trabalhadores que habitavam regiões consideradas Subúrbios caiu drasticamente, o que nos leva a crer que a partir do início da década de 1950 os

Barulhos), com 84 trabalhadores residindo. Este último com uma boa proporção se comparado ao período anterior. A respeito da Vila Jardim, um anúncio publicitário do empreendimento foi publicado na Gazeta de Santa Cruz em 1954 ver imagem 32 (e ANEXO G).

Imagem 32 - Planta da Vila Jardim



Fonte: Gazeta de Santa Cruz, 7 de dezembro de 1954, p.4.

A presença de trabalhadores na Vila Verena, parcela que não era compreendida como sendo parte da Vila Jardim, foi maior. Neste trabalho, devido à generalização que tivemos que fazer, aglutinamos os logradouros denominados de Verena, Vila Jardim e Santo Inácio.

Havia também 24 trabalhadores residindo no espaço ocupado atualmente pelo bairro Universitário, situado a oeste do bairro Santo Inácio. Esses trabalhadores ocupavam terrenos localizados desde os fundos da Usina Elétrica Municipal (situada onde atualmente está localizada a Secretaria Municipal de Educação) até as ruas Dona Flora e Boa Esperança (que faz divisa com o complexo da Universidade de Santa Cruz do Sul), bem como ao longo da Avenida Independência. Um dos locais mais recorrentes no que se refere à moradia de operários foi a área atrás da Usina Elétrica, localizada próxima ao atual quartel da Brigada Militar, e que, na década de 1950, era conhecida como Várzea, já que era alagadiça devido à passagem de arroios nas proximidades.

logradouros começaram a serem oficializados de forma mais eficiente, refletindo-se, assim, no preenchimento dos RE.

Tabela 53 – Localização de alguns operários residentes na área da Várzea (Universitário)

Nome	Sobrenome	Data de Admissão	Bairro	Endereço/Rua
Ananias	de Moraes	12/08/1953	Universitário	Subúrbios perto da Usina Elétrica
Maria	Job	02/09/1953	Universitário	Usina
Frederico	Mello	15/06/1956	Universitário	Usina Elétrica
Aleeni	Veiga	31/08/1958	Universitário	Rua da Uzina
Sueli	Ribeiro	01/09/1964	Universitário	Rua da Uzina
Iris	Barbosa	19/05/1953	Universitário	Usina Elétrica

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

Em seguida, com um número significativo de trabalhadores residentes, aparecem os bairros Senai (43 trabalhadores), Bom Jesus (25 trabalhadores) e Schulz (6 trabalhadores), todos eles bairros vizinhos e situados a sudoeste da área urbana. Esses bairros, não por acaso, apresentam grande quantidade de operários em seus territórios. Eles se ocupavam, principalmente, na indústria, ou melhor, tais bairros orbitaram os pátios da Companhia Brasileira de Fumos em Folha, antecessora da Companhia de Cigarros Souza Cruz, instalada no município desde 1917 (VOGT, 1994, p. 81).

Nas páginas da Gazeta de Santa Cruz, desde 1946, está impressa a necessidade da construção de casas para, principalmente, os trabalhadores. A iniciativa de construção de moradias somente começou a tramitar na sessão da Câmara de Vereadores do dia 29 de dezembro de 1948. A matéria traz a seguinte manchete: *Será aberto um crédito de 100 mil Cruzeiros* e segue com a informação “para a construção da “Vila Operária Municipal”, na chácara do Asseio Público, a qual abrigará as famílias deslocadas do Camboim em virtude da cessão de grande áreas ao SENAI E AO SESI” (GAZETA DE SANTA CRUZ, 7/01/1949, p. 4). A confirmação da construção ocorreu na Assembleia Geral Ordinária da ACI de Santa Cruz do Sul de 3 de fevereiro de 1949 (GAZETA DE SANTA CRUZ, 08/02/1949, p.5).

A respeito do bairro Senai (na época conhecido como Camboim), o jornal publica o relatório de “conversas” do poder público municipal com a direção do SESI e publicou os seguintes trechos:

Após diversas conversações ficou assentada a venda, pelo município, do restante da área do já citado “Camboim” limero do terreno doado ao SENAI, com a superfície de 16.500 m², pelo preço de Cr\$ 100.000,00, comprometendo-se o SESI a construir ali 40 casas residenciais de alvenaria, que serão oportunamente vendidas em prestações pela tabela PRICE aos operários que trabalham nas indústrias locais. (GAZETA DE SANTA CRUZ, 16/08/1949, p.6).

E segue, agora detalhando as características do local e com isso a situação das moradias dos trabalhadores que ali viviam:

Com a doação e venda ao SENAI e SESI, respectivamente do terreno onde se acha localizado o denominado “Camboim”, esta administração vem [sic] empenhando vivamente na solução do problema residencial desta gente que atualmente ali reside, na maioria ocupando malocas.

[...]

Destarte teremos contribuído para a extinção parcial das chamadas malocas, criando um bairro decente para os que ali irão morar, decente não somente quanto ao aspecto higiênico como também moral e estético. É o nosso propósito resolver também satisfatoriamente este problema no exercício de 1949. (GAZETA DE SANTA CRUZ, 16/08/1949, p.6).

A preocupada matéria veiculada pela Gazeta de Santa Cruz a respeito do bairro operário “Camboim”, revela questões levantadas a nível de contexto nacional. Maria Auxiladora Guzzo Decca, a respeito do problema da habitação destinada ao operariado, revela que em São Paulo nas últimas décadas do século XIX já haviam determinações a respeito da habitação operária a partir de critérios como a localização e a organização destas vilas. A autora salienta que tais legislações previam uma “periferização compulsória” e uma “segregação espacial” do operariado, que além de impelidos para as áreas de várzea que se formavam em volta do centro da cidade, também eram alocados estrategicamente em regiões próximas das fábricas (DECCA, 1987, p.58). Em Santa Cruz do Sul, percebe-se que tais políticas públicas iniciam a partir da década de 1940 e se estendem nas décadas posteriores.

No dia 20 de junho de 1950, a Gazeta de Santa Cruz noticiou que os primeiros industriários receberam suas casas próprias.

Imagem 33 - Matéria a respeito das primeiras casas cedidas à operários



Fonte: Gazeta de Santa Cruz, 20 de junho de 1950, p. 7

Na publicação de 1º de maio de 1953, a Gazeta de Santa Cruz, em seu editorial, publicou o seguinte texto a respeito das condições das ruas entre a Vila Operária e centro da cidade, destacando o grande fluxo de trabalhadores que todos os dias utilizam as vias para se deslocar. Referindo-se “ao trajeto da rua entre a casa comercial do sr. Gustavo Gerhardt (defronte a Cia. Brasileira de Fumo em Folha) e o Edifício da escola de ensino profissional do Senai, na Vila Operária”, a matéria destacou que, devido à falta de calçadas, os operários transitavam no meio da rua, constituindo isso um grande perigo devido ao tráfego de automóveis. Salientava, ainda, as condições da rua durante o inverno, principalmente nos dias de chuva, quando os operários que lá moram molhavam os sapatos e passavam o dia inteiro na fábrica com os pés molhados “o que evidentemente não pode ser muito saudável”. Por fim, a matéria argumentou que o poder público deveria focar suas atenções naquela via já que ela era “um verdadeiro funil” e, “em matéria de administração, os problemas que interessavam de perto a um maior número de pessoas, deveriam merecer preferência sobre os que interessavam menos” (GAZETA DE SANTA CRUZ, 1º/05/1943, p.9).

Os bairros situados ao sul da área central de Santa Cruz, como o bairro São Roque, atual Arroio Grande, abrigou 21 trabalhadores (a maior parte deles no período entre 1950 e 1956). A chácara da Figueira, que compreendia o atual Bairro Ana Nery, com 9 trabalhadores, e o Faxinal, com 2 trabalhadores. Os três bairros situados ao longo da Avenida Euclides Kliemann eram considerados, pela matéria da Gazeta de Santa Cruz, como subúrbios. Segundo o jornal, na matéria intitulada *Um panorama pitoresco de um subúrbio da cidade*, “os moradores de além “Padaria Preferida”, outrossim, tem seus problemas e almejam muito, que sejam resolvidos”. Os principais problemas eram o pó das vias, a falta de água encanada e a rua da Chácara da Figueira em péssimas condições, o que dificultava a vida dos “moradores, os trabalhadores, transeuntes, no entanto, vêm-se forçados a suportar pacientemente aquele flagelo” (GAZETA DE SANTA CRUZ, 12/09/1952, p.7).

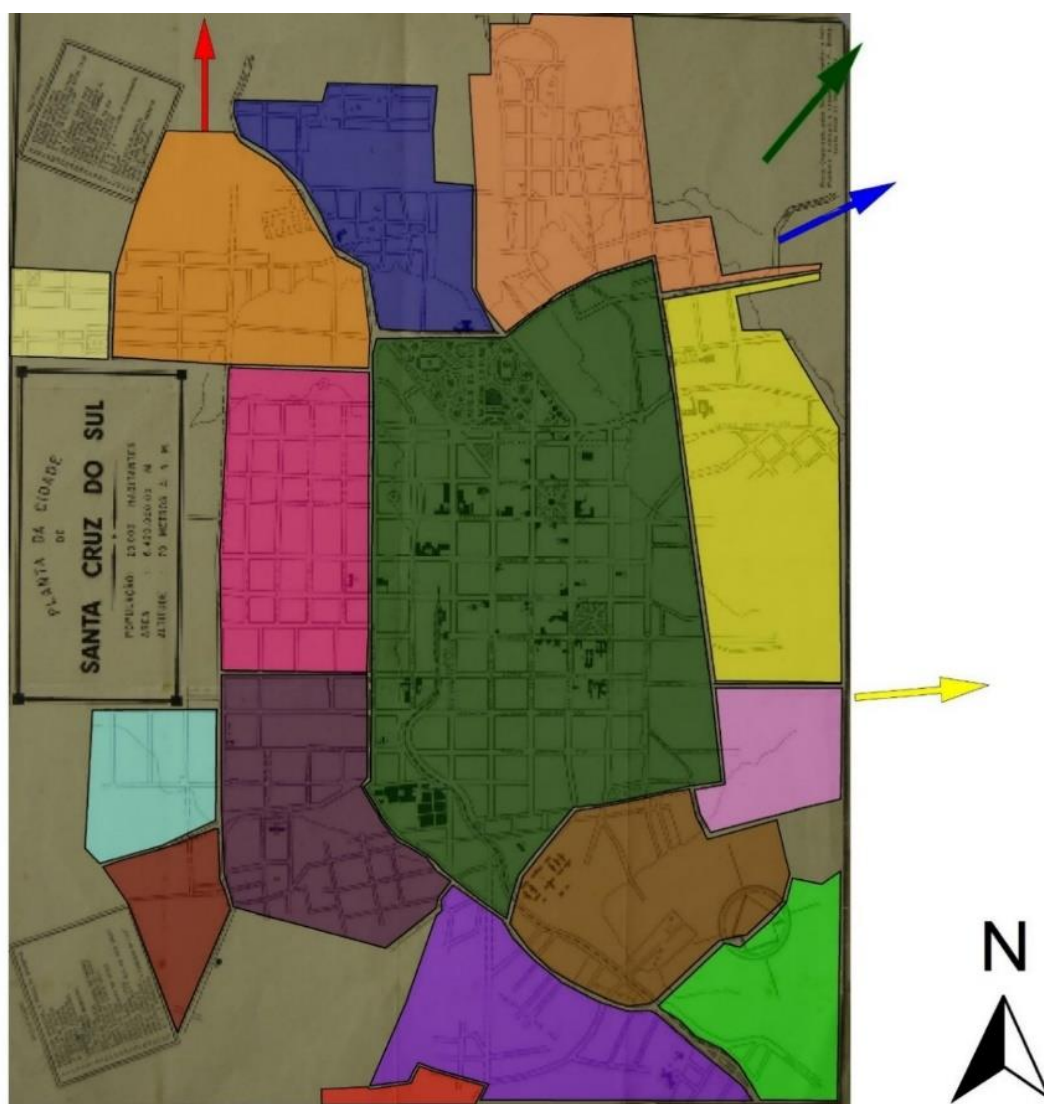
A sudeste, nos atuais bairros Margarida, residiam 8 trabalhadores e no Bom Fim, 3. Havia também trabalhadores que moravam em localidades interioranas do município, como na Linha Santa Cruz, onde residiam 17 trabalhadores, Linha João Alves, um trabalhador, Linha Nova, um trabalhador e Riopardinho também 1 trabalhador. Considerando que eram localidades distantes do centro urbano de Santa Cruz, supomos que esses trabalhadores utilizavam algum tipo de locomoção - possivelmente transporte coletivo já existente na cidade ou bicicletas - para se deslocar até a fábrica.

O processo de crescimento urbano, a partir do aumento das áreas periféricas da cidade, foi acompanhado paralelamente pela abertura de inúmeros loteamentos irregulares, “onde a

maior parte das vezes coube ao poder público municipal a instalação da infraestrutura básica, garantindo aos proprietários loteadores ganhos extraordinários. ” Como resultado desse processo coube à maior parte da população operária a construção de suas moradias em áreas mais afastadas do núcleo central (SILVEIRA, 1997, p. 69). Nesse sentido, a classe trabalhadora, sobretudo a parcela mais pobre desta, ficou de certo modo compelida a ocupar terrenos, nas palavras de Decca (1987, p. 68), situados nas “zonas rurais e semi-rurais”.

A respeito do contexto entre o ano de 1941 e 1956, vejamos a imagem 34, que apresenta sobreposta no mapa editado em 1956, a localização da residência dos trabalhadores.

Imagem 34 - Planta de Santa Cruz com localização dos trabalhadores (1941 - 1956)



Bairro	Nº	Bairro	Nº	Bairro	Nº
Centro	310	Arroio Grande	21	Bom Fim	03
Santo Inácio	84	Linha S. Cruz	17	Faxinal	02
Senai	43	Avenida	11	Linha João Alves	01
Goiás	41	Ana Nery	09	Linha Nova	01
Higienópolis	39	Margarida	08	Rio Pardinho	01
Bom Jesus	25	Várzea	07		
Universitário	24	Schulz	06		

Fonte: CEDOC – UNISC, elaborado pelo autor.

5.4 O período entre 1957 a 1969

Há várias considerações a fazer sobre o período que trabalharemos a seguir, sobretudo no que diz respeito ao leque de informações, documentos e fontes orais que se somaram às que já tínhamos e utilizamos nos períodos anteriores. O período entre 1957 e 1969 abrange os anos mais recentes e próximos dos dias atuais que a pesquisa focou. Isso proporcionou à pesquisa de campo uma possibilidade maior de conseguir entrevistas com ex-funcionários da Mercur que, em sua maioria, foram contratados na segunda metade da década de 1960.

O período, no que se refere à história e ao desenvolvimento da Mercur, é de adesão a uma nova matéria-prima - o plástico -, e isso fez com que a empresa, além de abrir uma nova frente no mercado, também modernizasse sua infraestrutura e maquinário. A indústria de plástico foi inaugurada em 1963 e no mesmo ano aconteceu grande demissão de trabalhadores, resultante da modernização e racionalização da produção em linhas.

Embora a pesquisa não tenha focado nos aspectos econômicos da empresa, pode haver fatores externos que podem ter impactado a Mercur. Falamos da crise da indústria do tabaco que impactou a economia do município no início dos anos 1960.

A grave crise que abateu-se sobre a indústria fumageira, base do sistema econômico santa-cruzensense e da região, marcou expressivamente o início da década de 60, gerando consequentemente uma série de acontecimentos que levaram a transnacionalização do setor a partir de 1965 e ao surgimento de uma nova fase de desenvolvimento urbano e econômico da cidade. (WINK, 2000, p.208).

O jornal *Gazeta do Sul* por três vezes no mês de agosto de 1966⁵⁰ publicou matérias a respeito do desemprego e, em 1969, publicou artigo com a manchete *Desemprego em massa na cidade*, através do colunista social da época:

Desemprego em massa na cidade. Mais de 300 chefes de família estão sem emprego em nossa cidade e em breve, quando as fábricas começarem a despedir os safristas do fumo, o número de desempregados vai duplicar, passando de 600. O pior de tudo é que as oportunidades de emprego são escassas, pois o número de empregos, ao invés de aumentar, tem diminuído nos últimos anos em nossa cidade. Muito trabalhador tem saído de Santa Cruz do Sul, indo para a Grande P. Alegre, onde há mais oportunidades, mas o afluxo do interior continua. (GAZETA DO SUL, 16/08/1969, p.7).

O mesmo colunista, em 21 de setembro, escreve o seguinte comentário sobre a situação do emprego no município.

⁵⁰ Jornal *Gazeta do Sul*, do dia 2 e agosto de 1966, página 5; Jornal *Gazeta do Sul*, do dia 6 de agosto de 1966, páginas 3 e 5.

Uma certa estagnação, empobrecimento na cidade e na colônia, desemprego, falta de mercado de trabalho tanto para a mão de obra como para a mocidade que se forma às dezenas nos colégios e Faculdades, urbanização e condições de saúde deficientes nos subúrbios, e por aí vai. (GAZETA DO SUL, 21/09/1968, p.8).

Embora o desemprego tenha sido umas das características do período, o certo é que Santa Cruz, nas palavras do colunista do jornal local, “pagava o preço da fama” e o município continuava o movimento de expansão de seu espaço urbano. A partir da segunda metade da década de 1960, aconteceu a introdução de Santa Cruz do Sul no que é conhecido como o processo de internacionalização do setor fumageiro que:

imprimiu uma nova dinâmica a economia local, incorporando modernas tecnologias e fazendo com que os demais setores de atividades passassem igualmente a seguir o acelerado ritmo ditado pela economia global, da qual a cidade passou a fazer parte através da instalação de um conjunto de objetos e sistemas técnicos representados no espaço urbano através da implantação de terminais de carga, depósitos de containers, escritórios de exportação e importação, bancos, hotéis, aeroporto, distrito industrial, redes de telecomunicações, transportes, energia elétrica, etc. (WINK, 2000, p.211-212).

Este novo contexto deu à cidade, de uma forma ou de outra, um novo e maior estímulo para o desenvolvimento do capital no município, influenciando a expansão da área urbana onde esta já estava em expansão, e de certa forma, criando outros espaços. Os dados referentes aos lugares de residência dos trabalhadores da Mercur revelam a presença de outras localidades, que nos períodos anteriores não figuravam, e isso remete a possíveis áreas antes pouco ocupadas. Também o número de pessoas consideradas como habitantes dos subúrbios pelos REs diminui drasticamente, o que não quer dizer que elas deixaram de habitar os subúrbios, mas, o que era antes apenas considerado subúrbios, neste novo contexto já havia sido elevado à condição de bairro, ou pelo menos, o trabalhador possuía um endereço oficial. Para explorar melhor esses aspectos, ver tabela 54.

Tabela 54 - Bairros dos trabalhadores (1957 - 1969)

Bairros	Anos			Total	%
	1957-1960	1961-1964	1965-1969		
Centro	74	83	57	214	25,4
Santo Inácio	39	33	36	108	12,8
N/E	48	21	15	84	10,0
Goiás	21	27	28	76	9,0
Senai	15	18	17	50	5,9
Avenida	17	21	7	45	5,3
Universitário	6	22	14	42	5,0
Ana Nery	7	24	11	42	5,0
Higienópolis	7	14	14	35	4,2
Schulz	9	12	8	29	3,4
Arroio Grande	14	8	2	24	2,8
Bom Jesus	7	11	5	23	2,7
Bom Fim	4	6	6	16	1,9
Faxinal	5	4	2	12	1,2
Margarida	2	4	4	10	1,2
Subúrbios	4	4	1	9	1,1
Várzea	1	2	3	6	0,7
Linha Santa Cruz	3	2	0	5	0,6
Pedreira	2	2	1	5	0,6
Herveiras	2	0	0	2	0,2
Capão da Cruz	0	1	1	2	0,2
Boa Vista	1	0	0	1	0,1
Linha João Alves	0	1	1	2	0,2
Santo Antônio	0	0	1	1	0,1
Total	288	321	234	843	100,0

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur).

A área do atual Centro é, assim como nos períodos anteriores, a que mais possuía trabalhadores residentes. Segundo Silveira (1997, p.88), o centro urbano de Santa Cruz do Sul nos anos 1960 era ocupada “pela burguesia local” que “ia adquirindo terrenos e construindo belas residências nas imediações do núcleo urbano, notadamente em áreas localizadas no entorno da área central, como por exemplo as ruas Thomaz Flores, Marechal Deodoro, Galvão Costa e Rio Branco.” Concomitantemente, nesse contexto há o bairro Santo Inácio, na época

nomeado Vila Verena⁵¹ e Vila Jardim, bairro que na memória de Milton Peiter, na época responsável pelo Departamento Pessoal (Recursos Humanos), era a área que os trabalhadores da Mercur mais habitavam:

Naquela época, como a Mercur estava aqui [no bairro] havia uma tendência, era... Como todo mundo vinha de bicicleta, a tendência era ir para casa. Eles moravam perto. O que chamam Vila Verena, se tu olhar, 80% dos empregados eram da Vila Verena, ali, né? Eles eram, eles moravam, eles procuravam um emprego perto de casa. Por que o meio de locomoção era a bicicleta. Só que eu entrei tinha 150, em 1959. Hoje é quase 700. Então 150 empregados vamos dizer, mais da metade vinha de bicicleta. (MILTON PEITER, 2014).

O relato de Peiter tem alguns pontos a se frisar. O primeiro é referente a quem ele se refere. Peiter fala dos operários, dos trabalhadores da fábrica, que no final da década de 1950 e durante toda a década de 1960 se instalaram na área próxima à empresa. No sentido do que Peiter lembra, o mapeamento de pessoas ainda vivas que trabalharam na Mercur nos anos 1960 localizou a maioria delas habitando o bairro Santo Inácio e o bairro Universitário (parte sul do bairro, próximo à Brigada Militar), o que, em parte, vai ao encontro do que Silveira (1999, p.89) aponta como sendo uma das vilas populares que foram constituídas nos anos 1960 e 1970.

Sobre a realidade do bairro Santo Inácio, (Vila Verena) Matilda Wagner lembra:

Aqui não tinha nada, nem luz, nem água, nem esgoto. A merda corria assim na rua, na valeta. Casinha nos fundos, não tinha água. Era patente. Ai então, depois mais tarde veio tudo... por que esse loteamento aqui era da Frau (sic), o Conrad comprou dela. Nossos documentos da casa, aqui que nós compramos, tem tudo os documentos, tudo dentro ainda. Que era o primeiro dono desse loteamento aqui. Ai o Conrad comprou dele. (MATILDA WAGNER, 2017).

Indagada se havia outros colegas de trabalho morando na mesma rua, intercalamos perguntas e respostas:

Matilda - Tinha. O Almiro Reis.

Autor - Ele está vivo ainda?

Matilda - Só ela, ele faleceu.

Autor - Como é o nome dela?

⁵¹ A localização da residência de muitos trabalhadores que residiam no território abrangido pelo atual bairro Santo Inácio foi a mais trabalhosa devido a multiplicidade de nomes e apelidos que partes do atual bairro possuíam em décadas passadas. Muitos RE tinham a informação “Entrada Três Barulhos”, ou então “Rua Floresta” (área entre esquina da Rua Coronel Oscar Jost com a Gaspar Silveira Martins até a Rua João Pessoa), ou ainda “Rua Gelada” (apelido dado a Rua Gaspar Silveira Martins devido a existência do único bar que vendia cerveja gelada), nomenclaturas que só foram devidamente desvendadas a partir da ajuda do setor de Geoprocessamento da Prefeitura Municipal (que disponibilizou documentos a respeito das mudanças de nome que as ruas tiveram), também por relatos de moradores e cruzamento de informações entre vários Registros de Empregados.

Matilda - Olinda. Ela ainda está na cadeira de roda. O Erwino Schunke, ele morava aqui na esquina, pertinho”. (MATILDA WAGNER, 2017).

Matilda Wagner foi a primeira ex-trabalhadora da Mercur que conseguimos entrevistar, e a partir dela outras entrevistas foram possibilitadas, inclusive por ela mesma, que telefonou para o seu genro que também havia trabalhado antes dela na Mercur.

Werner Scherer (genro de Matilda Wagner) também vizinho do bairro Santo Inácio. Ele relata as condições de infraestrutura do bairro, em especial da Rua Coronel Oscar Jost:

Werner - Aqui nem rua tinha, isso tinha um... também... não passava dez autos por dia aqui. Não tinha auto. Lá, lá na sinaleira tinha que subir pra cima, não ia reto (em direção ao Acesso Grassel). Aqui não tinha nenhuma casa de material, tudo chalezinho daquelas tábuas largas. O único que tinha casa de material, que eu me lembro era o Backes.

Aqui não passava um carro do lado do outro. Era umas valetas de cada lado. Uma valeta que corria o esgoto a céu aberto.

Autor - E quando chovia, como ias para a Mercur?

Werner - Meu Deus. De chinelo. Mas eu, até para mim ir pra trabalhar eu tinha que comprar umas botas de plástico. E eu pobre de manhã, com geada, de chinelo de dedo. Não tinha sapato, era chinelo de dedo. (WERNER SCHERER, 2017).

Iraci Scherer (esposa de Werner) complementa: “Ele chegava em casa e eu esquentava uma água pra lavar os pés numa água quente. É olha... Hoje em dia o pessoal se queixa”. Werner completa:

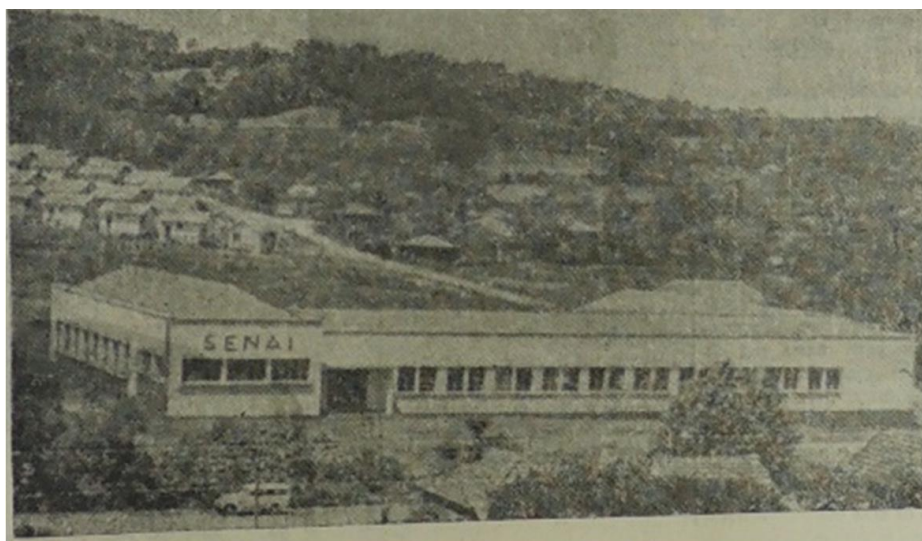
Aqui não tinha cascalho. Quando a rua não estava aberta. Quem abriu essa rua foi no último mandato do Edmundo Hoppe. Ai entrou o Maçarico, o Gruending. O Hoppe já tinha começado a “enretar” as cercas (das casas). E não tinha cascalho na rua. Chovia e isso era um barral. A prefeitura não tinha, talvez um ou duas caçambas... trator quase a prefeitura não tinha. Ai quando chovia era barro desse tamanho [mede uns 30 cm com a mão]. (WERNER SCHERER, 2017).

A Gazeta do Sul, após a segunda metade da década de 1950, de críticas às administrações públicas em relação à questão do saneamento, sucessivas enchentes, além de reclamações referentes às vias públicas, começa, a partir de 1960, a publicar matérias sobre obras públicas no município, sobretudo durante a primeira administração de Edmundo Hoppe (1959-1963). São matérias elogiosas à administração do prefeito, que, embora não se saiba se possuem algum cunho eleitoreiro, apresentam obras em vários locais da cidade, sobretudo no centro e alguns bairros suburbanos⁵².

⁵² A Gazeta era um jornal que expressava simpatias pelo PSD. O prefeito que antecedeu Edmundo Hoppe era Walter Kaempf, do PTB, isso pode explicar a mudança. Ver Jornal Gazeta do Sul, 2 de junho de 1962, página 8. Ver também publicações de 1º de junho de 1963, página 3, e de 31 de maio de 1962, página 1.

O bairro Goiás aparece como o terceiro bairro que mais possuía trabalhadores da Mercur no período. Depois vinha o bairro Senai, bairro já citado como projetado para que abrigasse parcela significativa da classe trabalhadora do município. Eram 50 trabalhadores. A publicação do dia 24 de dezembro de 1957 da Gazeta do Sul, a respeito das atividades desenvolvidas pelo Senai, publicou uma fotografia onde aparece, aos fundos da edificação da escola, a Vila Operária, com suas moradias.

Imagem 35 - Fotografia da Vila Operária (ao fundo, à direita da foto)



Fonte: Gazeta do Sul, 24 de dezembro de 1957, p. 5.

Em 1966, o bairro Senai e o bairro Schulz, foram contemplados com casas populares. Segundo o jornal Gazeta do Sul, seriam construídas 33 casas ao longo da Rua Farroupilha. Essa rua atravessava os bairros citados (atualmente também). A ação mostra que passados anos do primeiro movimento de loteamento dessas áreas suburbanas (que aconteceu na Vila Operária), a área dos bairros Senai e Schulz ainda estava em expansão e visada como o lugar de moradias para as classes pobres.

Outro exemplo desse movimento de construção de habitações para operários é a COHAB. Segundo o jornal Gazeta do Sul destaca que o prefeito municipal Orlando Baunhardt havia viajado a Porto Alegre para firmar o contrato com a COHAB, enfatizando que as 30 primeiras casas populares seriam direcionadas a “operários que se habilitaram”, no entanto, segundo o jornal, o local ainda “necessitava de instalação de água e de luz”, já que as residências não haviam sido concluídas. Na mesma matéria, anuncia outras modalidades para a construção de casas populares. “Agora dentro da nova modalidade construindo-se as casas em núcleos ou

vilas, mas em terrenos isolados, de propriedade dos interessados” (GAZETA DO SUL, 23/03/1967, p.1).

Em seguida, aparecem os bairros Avenida (com 45 trabalhadores) e o Universitário (42 trabalhadores). O limite ao sul destes bairros, nas décadas de 1950 e 1960, era alagadiço, fazendo com que os moradores enfrentassem enchentes de tempos em tempos. Segundo a coluna intitulada *Com o prefeito*, a área alagadiça abrangia não somente os bairros Universitário e Avenida, mas também a rua Santo Antônio, pertencente atualmente ao bairro Goiás.

Outra obra que vem merecendo cuidados especiais é a sanga que se localiza nos fundos da estação de tratamento de esgotos, sanga essa que vem sendo completamente retificada. A sanga que passa nos fundos da Usina, forma um verdadeiro S ou 8, alagando completamente a Rua São José, e partes da Rua Santo Antônio, e em época de mais chuvas torna-se um banhado alagadiço. (Gazeta do Sul, 01/06/1963, p.3).

A área compreendida atualmente pelo bairro Universitário, que abrange as ruas próximas à UNISC, limitado a leste pela rua João Pessoa, a oeste, pela Avenida Independência e ao sul pela Rua Coronel Oscar Jost, era habitada por dois entrevistados.

O primeiro é Amaro Braun, contratado em 1965, que desde sua vinda para Santa Cruz do Sul foi morador vizinho ao atual quartel da Brigada Militar. Porém na época em que esteve empregado na Mercur, residia na Rua Piratini, área alagadiça que nos períodos abordados anteriormente era popularmente conhecida como Várzea. A respeito da local que reside até os dias atuais, Amaro Braun recorda-se:

Eu morava ali onde mora a Cleia, na rua Piratini. Ali moramos muitos anos, de 1959 quando meu pai veio até 1964, e depois compramos aqui em 1965. Aqui o bairro era centro.

Isso aqui só tinha a casa do Guido, tinha uma casa velha na esquina. Aqui era tudo campo, mato e brejo. Corria vacas soltas.

Um arroio passava na frente da nossa casa. Esse foi fechado. Foi desviado.

Autor- E dava muita enchente?

Amaro - Dava muita enchente. Eu se fosse procurar tem umas fotos de enchente. Enchente dava desse tamanho. Vou ver se acho por ali. Não faz muito tempo eu vi essa foto por aí. Foi o Rudi, que era fotografo, ele morava ali onde tão fazendo um prédio. Ele tirou foto por que ele era fotografo.

A gente olhava lá para baixo e era só agua. A avenida toda era água. Mas a avenida a gente não enxergava. (AMARO BRAUN, 2017).

Durante a entrevista, Amaro Braun disponibilizou e doou a fotografia que mostra a enchente enfrentada anualmente pelos moradores ao longo do Arroio (por este motivo esse local era conhecido como Várzea). Ver imagem 36.



Fonte: Acervo particular de Amaro Braun.

Ainda sobre a vizinhança ao entorno, Amaro acabou ressaltando a situação das pessoas que nela viviam, bem como quem eram. Elas habitavam, sobretudo, atrás da Usina Elétrica: “Para cá da brigada. Aquilo era um pátio de gente mais pobre. Para cá da UNISC até a Brigada (Militar) aquilo ali era só casarão velho. Moreno, brasileiro” (AMARO BRAUN, 2017).

Sobre a realidade do local, o jornal *Gazeta do Sul*, de 19 de maio de 1956, traz a seguinte notícia *Normalistas constroem escola de reeducação na zona da Usina*. A matéria visava divulgar o trabalho educativo e social das estudantes, mas também descreve a situação social do local⁵³. Segundo o jornal:

Ao se apresentarem as voluntárias, Irmã Isaltina e Irmã Regina resolveram leva-las ao local, a fim de conhece-lo, bem como as pessoas com as quais deveriam trabalhar. Chegando, deparam com algo desolador que ante aos seus olhos parecia incrível. Em um enorme casarão estavam morando várias famílias, as quais necessitavam urgente de um apoio moral e espiritual enfim, precisavam de ajuda. Não tinham higiene, nem modos, eram e são revoltados.

Haviam crianças desabrochando para a vida, e que deveriam receber não só educação, mas, também reeducação; tanto as crianças como os adultos, pois haviam crescido em um ambiente um tanto precário para um ser humano. (GAZETA DO SUL, 19/05/1956, p. 1).

Outro trabalhador que residia no hoje bairro Universitário é Hilbert Agnes, contratado em 1968. Agnes conta que, após ter trabalhado em outros estabelecimentos, inclusive em uma empresa de São Jerônimo, regressou a Santa Cruz do Sul, porém, ao chegar, não havia conseguido emprego.

⁵³ Vale dizer que na década de 1950, 5 funcionários da Mercur foram fichados como moradores da Rua da Usina ou tendo como referência a localização “atrás da Usina”.

[...] e aí eu tinha um boteco ali perto do cemitério municipal. Um dia um cara encostou do meu lado e perguntou se eu não queria trabalhar de motorista na Mercur. Eu disse que queria. Por que eu trabalhava de motorista no Kliemann também. Ele me levou lá e me apresentou pro dono da Mercur. Seu Heine. Fui sexta feira de tarde, aí sábado a firma não trabalhava e aí eu comecei segunda-feira de manhã eu comecei. Transporte de caminhão. (HILBERT AGNES, 2017).

Mais tarde, Agnes mudou-se para o conjunto habitacional criado no que atualmente é o Bairro Independência – a COHAB.

Sabe a COHAB? Ali eu ganhei uma casinha ali e eu fui morar ali. Eu ia lá almoçar em uma hora e meia e voltava. A gente deixava alguma coisinha pronta. A minha filha era grande, ela trabalhava no escritório da CEEE, ela chegava antes de mim e esquentava a comida. (HILBERT AGNES, 2017).

A zona sul da cidade continuava em expansão, e como nos referimos anteriormente, o aparecimento de novas áreas sendo ocupadas reflete-se nos dados apresentados pela tabela 45. O logradouro conhecido como Chácara da Figueira, abarcado pelo atual bairro Ana Nery, possuía 49 trabalhadores. Ilávio Rothmund, ex-funcionário da Mercur, relata a vida no bairro durante as décadas de 1950 e 1960, transcorrendo sobre vários assuntos, desde as características do bairro, a infraestrutura urbana (transporte coletivo e ruas), o desemprego enfrentado na década de 1960, e as condições de trabalho na fábrica da Mercur.

Moramos uns dois anos em Vera Cruz, Tereza na época. Aí meu pai veio morar aqui em Santa Cruz do Sul, mais propriamente no bairro Faxinal Velho, que é o Bairro do Presídio. Depois de alguns anos o pai veio morar mais próximo no bairro da Figueira, que hoje é bairro Piratini ou Ana Nery, não sei. Infelizmente acabaram com o bairro Figueira que era um bairro de maior referência de Santa Cruz do Sul, um dos bairros mais antigos. Sabe onde é a Igreja Espirito Santo? Bem na sinaleira, passou o Quartel, primeira a sinaleira, tem uma igreja a esquerda, bem naquela rua que sobe tinha um pé de figueira. (ILÁVIO ROTHMUND, 2017).

Ilávio comenta sobre a baixa oferta de trabalho antes da internacionalização da indústria do tabaco:

E o que aconteceu. Eu fui para o quartel, servi o quartel. E como naquele tempo, havia uma dificuldade de emprego muito grande em Santa Cruz do Sul. Eu estou falando da época antes das fumageiras de tabaco. Que é uma era antes do tabaco. Ai eu fui trabalhar, fiquei parado depois do quartel cerca de um ano, ai trabalharei no extinto Lido e Kothe LTDA, que era uma empresa de retificação de motores, forjava peças, tinha tornearia, fresadora, fundição, tinha tudo isso ai. Trabalhei pouco tempo ali, depois eu saí não vi perspectiva nenhuma trabalhar no almoxarifado, e fiquei um período parado e fui trabalhar na Mercur, que era na Plásticos Mercur, Hoelzel SA. Era tudo uma coisa só, depois que foi dissolvido a

coisa. E ali eu trabalhei esse período que tu tá sabendo e na verdade eu até pensei que fosse menos tempo, mas era um período muito difícil. Não havia condução, tudo dependia da gente, não havia essas regalias que hoje em dia com a luta dos sindicatos conseguiram em prol do funcionário. Então era precário a linha urbana não existia, então era tudo no pé ou no pedal da bicicleta.

E aí eu trabalhei esse período. Não tinha meio dia, não tinha vale refeição, tudo dependia de nós mesmos. Trabalhava na expedição. Era preparação, embalagem da mercadoria para venda... os caminhões levavam embora. Embalava a mercadoria. Minha função era essa aí. Meu irmão trabalhava nas extrusoras, na fábrica de plástico, propriamente de saco plástico. Não era essa modernidade que tem hoje. E foi um período bastante difícil. Santa Cruz do Sul não desenvolvia, a população aumentando, aumentando, e as vagas cada vez mais... mais disputa, pouco oferta e muita procura. (ILÁVIO ROTHMUND, 2017).

A respeito do dia a dia entre a casa e o trabalho, Ilávio recorda suas condições de deslocamento, que podiam comprometer o horário rígido de entrada da fábrica, que logo se refletia na organização pessoal para conseguir almoçar. A fábrica, como revela o relato de Ilávio, a seguir, exercia controle sobre o trabalhador, também fora de sua estrutura física. Conforme Decca (1991, p.15), “a disciplina rigorosa do interior das fábricas era estendida para fora delas, nas vilas que constituíam um prolongamento do universo fabril”.

Quem tinha condições de ir para casa ia, a maioria levava lanche, levava, sei lá eu, uma marmita, uma comida junto de casa, isso eu fiz muitas vezes. Por que não dava tempo, dependendo da distância onde morava, de ir em casa e voltar de novo. Horário bastante rígido, era um sistema rígido. Era que nem vestibular. Chegou meio minuto, dez segundos o portão está fechando. Não tinha regalia, aí tu perdias o sábado ou o domingo. Tu perdias a remuneração de sábado. Não havia como tu compensar isso aí. Na verdade, tu não tinhas garantia nenhuma. Estava assim, ou tu faz ou tem outro quem queira. Muita procura. (ILÁVIO ROTHMUND, 2017).

Isolde Agnes era servente na fábrica da Mercur, mais precisamente no setor de câmaras de bolas, também moradora do bairro Ana Nery. Isolde Agnes morava ao lado da mecânica de seu pai e as irmãs, na esquina da Rua da Figueira com a Av. Deputado Euclides Kliemann. Isolde lembra como era o deslocamento da sua casa até a Mercur:

Pegava um ônibus na frente de casa que ia direto até a Mercur. Muitas vezes eu ia a pé. Que a gente... era bem cedo que começava a trabalhar. As vezes a gente ia a pé. Era bem cedo que começava a trabalhar. 6 e meia eu acho que era. Às vezes eu ia a pé, eu e mais uma amiga minha que uma já é falecida. Aquele ônibus levava muita gente pra Mercur, muitos amigos conhecidos da gente. Aquele ônibus do... não lembro mais que ônibus era aquele... Dos Oliveira! E era aquele ônibus que ia até o final e voltava. A empresa do Oliveira. Aí eu lembro que a gente pegava um cartão lá na frente (portaria) e entregava lá em cima. E outro detalhe, quando a gente recebia o salário vinha dentro de uma latinha redondinha, com uma fichinha com todos os dados, se tinha hora extra, com uma fichinha e dentro de uma latinha. Todo mundo ganhava sua latinha. (ISOLDE AGNES, 2017).

Em seguida, Isolde relata, remetendo-se também à fala de Ilávio Rothmund, sobre o horário de almoço. No trecho a seguir, ela conta como, não somente ela, mas também os funcionários da empresa, faziam para esquentar a comida que levavam. A prática relatada por Isolde mostra um período que as empresas não possuíam refeitório, e muito menos auxiliavam os trabalhadores no deslocamento⁵⁴.

Meio dia a gente almoçava lá, levava a marmitinha ou comia ali no Kothe... que tinha ali na esquina. Um bar, tipo um bar. No Lido Kothe, tinha a Mercur lá no canto, tinha uma casa bem antigona. E ali que eu fazia um lanche, pegava a comida. Mas era mais lanche. Ou levava comida e esquentava lá dentro que tinha as prensas, esquentava as panelinhas, as viandinhas nas prensas da borracha. Aí eu ia lá embaixo, por que eu trabalhava aqui em cima não tinha, nas prensas, na sessão das bolinhas de tênis ou naquelas outras das seringas, por que eu me dava muito com a velhinha que era chefe de setor, e aí eu colocava a minha marmitinha lá⁵⁵. (ISOLDE AGNES, 2017).

O bairro Ana Nery (42), o Arroio Grande (24 pessoas) e Bom Fim (16 pessoas), ambos localizados ao sul, apresentam uma elevação dos trabalhadores da Mercur morando nestes locais.

No contexto de expansão da área urbana, o número de trabalhadores habitando a área do atual bairro Margarida aumenta, demonstrando existir uma tendência de expansão dessas residências em direção ao sudeste da cidade. Possivelmente esse processo fez com que a Rua João Werlang, que dá acesso a Linha João Alves e os arredores do Corredor Goelzer, começasse a ser habitada e urbanizada. A respeito das condições da Rua João Werlang, a Gazeta do Sul, publica que uma “equipe de operários estava procedendo ao alargamento da citada rua, de acordo com o acertado entre os moradores e a Prefeitura”, e finaliza, “em breve a João Werlang terá duas vias, com passeios públicos de ambos os lados”. Portanto havia, ao menos, um movimento de aparelhamento urbano naquela porção da cidade (GAZETA DO SUL, 1º/06/1963, p.3).

Outros bairros mais periféricos ao núcleo urbano também possuem como residentes funcionários da Mercur. É o caso do Faxinal (10 pessoas), Pedreira (5 pessoas), Dona Carlota (1 pessoa), Santo Antônio (1 pessoa) e Capão da Cruz (2 pessoas), que no período estudado

⁵⁴ O refeitório na Mercur foi inaugurado somente nos anos 2000. Através do relato de vários de operários e de dirigentes, constatamos que o refeitório era dividido em duas salas, uma para os funcionários da fábrica e outra para os do administrativo. Isso foi mudado a partir da presidência de Jorge Hoelzel Neto. Em meados dos anos 1970, quando ainda não havia refeitório, muitos trabalhadores da Mercur levavam marmitas e faziam suas refeições no terreno do Estádio dos Plátanos do Esporte Clube Santa Cruz.

⁵⁵ Isolde Agnes se refere, ao dizer que esquentava sua comida nas máquinas da empresa, às prensas e cilindros que dão forma a borracha e são alimentados internamente com água quente que vem das caldeiras. Isso possibilitava que muitos operários esquentassem marmitas e sanduíches no mesmo lugar em que exerciam suas atividades. Essa prática não era autorizada pela empresa.

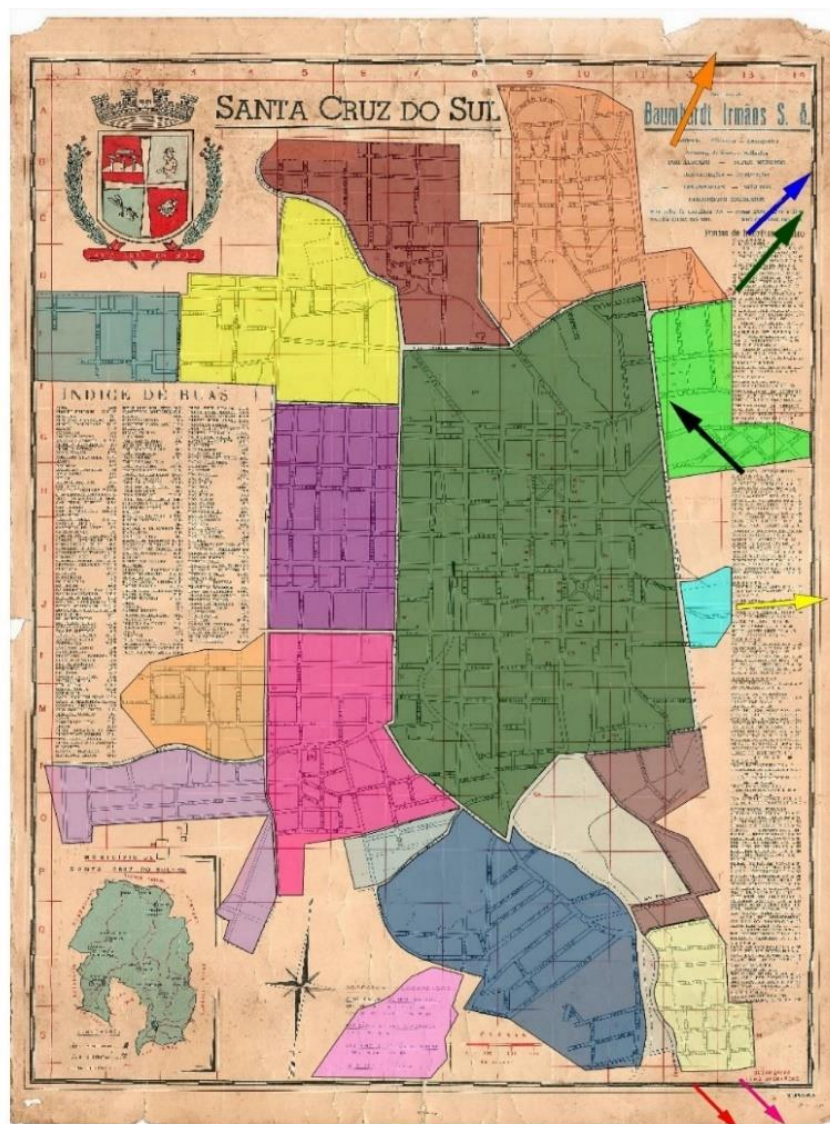
pertencia ao município de Rio Pardo e está localizado atualmente entre o bairro Progresso e o bairro Esmeralda.

Em 1967, um comunicado foi publicado na Gazeta e que elucida bastante a questão sobre moradias para operários. A própria manchete *Cooperativa Habitacional dos Operários* já proporciona vislumbrar a necessidade de habitações para o operariado de Santa Cruz. O comunicado é um ultimato para acerto de contas dos operários para que quitassem suas mensalidades e não fossem desligados da cooperativa (GAZETA DO SUL, 22/06/1967, p.6).

O bairro em que está localizada a Mercur, o Higienópolis, possuía 45 trabalhadores residindo e, é o sexto bairro mais ocupado no período entre 1957 e 1969. Embora seja o bairro localizado junto à empresa, possui relativamente pequeno contingente de trabalhadores quando comparado ao Centro e ao bairro periférico Santo Inácio. O fato é que, embora existissem pessoas que ocupavam cargos com menor poder aquisitivo (serventes) residindo ali, esse era visado por pessoas abastadas, como é o caso dos próprios donos da empresa. Nesse sentido, tratava-se de um bairro de elite.

Como forma de síntese, localizamos na planta da zona urbana de 1968 (imagem 37) onde estavam domiciliados os trabalhadores da Mercur contratados entre o período de 1957 a 1969.

Imagem 37 - Planta de Santa Cruz com localização dos trabalhadores da Mercur (1957 - 1969)



Bairro	Nº	Bairro	Nº	Bairro	Nº	Bairro	Nº
Centro	214	Ana Nery	42	Faxinal	12	Capão da Cruz	2
Santo Inácio	108	Higienópolis	35	Margarina	10	Boa Vista	1
Goiás	76	Schultz	29	Várzea	6	Linha João Alves	1
Senai	50	Arroio Grande	24	Linha Santa Cruz	5	Santo Antônio	1
Avenida	45	Bom Jesus	23	Pedreira	5	MERCUR	1
Universitário	45	Bom Fim	16	Herveiras	2		

Fonte: Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul (Geoprocessamento), elaborado pelo autor.

5.5 A respeito da moradia dos trabalhadores e o cargo dentro da empresa

Como vimos no capítulo 4, as características dos cargos ou função desempenhada pelo trabalhador definia se seriam homens ou mulheres que os ocupariam. Algumas etnias eram mais recorrentes em determinados cargos, mas, principalmente, o cargo definia o salário recebido pelos trabalhadores. O cargo (e inserido nele o salário) é um definidor também da residência dos trabalhadores na cidade, pois determina seu poder aquisitivo e, conseqüentemente, a forma como o trabalhador ocupará a cidade.

Se (dentro das características do trabalhador da Mercur) o trabalhador recebia mensalmente, possuía cargo administrativo ou de coordenação das atividades fabris, possivelmente era teuto-brasileiro e, pressupomos, residiria na área central da cidade, ou em bairros como o Higienópolis ou ainda bairros próximos à empresa. Por outro lado, aquele trabalhador que recebia semanalmente ou quinzenalmente, era em sua maioria servente e tinha sua função exercida na fábrica, estaria ocupando bairros ainda suburbanos da cidade, como o Santo Inácio, Universitário, ou bairros mais ao sul da cidade, como por exemplo, Senai, Bom Jesus, Ana Nery e Bom Fim. Desta forma, o lugar do trabalhador na fábrica, é definidor do lugar dele na cidade.

Como forma de exemplificar o argumento, utilizaremos dos dados referentes ao último período tratado – 1957 a 1970 –, que possui um melhor detalhamento dos dados dos REs em relação ao lugar de residência dos trabalhadores - um menor número de N/E (não especificados) e poucos considerados como moradores dos “Subúrbios”. Ou seja, as fontes deste período apresentam dados mais consistentes. A respeito da localização dos Serventes, ver tabela 55.

Tabela 55 - Bairros em que residiam trabalhadores Serventes da Mercur (1957 - 1970)

(continua)

Cargo	Bairro	Nº	%	Bairro	Nº	%
Servente	Centro	173	23,8	Bom Fim	12	1,6
	Santo Inácio	100	13,7	Faxinal	11	1,5
	N/E	78	10,7	Margarida	9	1,2
	Goiás	65	8,9	Subúrbios	9	1,2
	Senai	41	5,6	Várzea	6	0,8
	Avenida	41	5,6	Linha Santa Cruz	4	0,5
	Ana Nery	39	5,4	Pedreira	5	0,7
	Universitário	37	5,1	Herveiras	2	0,3
	Higienópolis	25	3,4	Capão da Cruz	1	0,1

Tabela 55 - Bairros em que residiam trabalhadores Serventes da Mercur (1957 - 1970)

Cargo	Bairro	Nº	%	Bairro	Nº	%
Servente	Schulz	24	3,3	Boa Vista	1	0,1
	Arroio Grande	20	2,7	Linha João Alves	1	0,1
	Bom Jesus	23	3,2	Santo Antônio	1	0,1
	Bom Fim	12	1,6			
	Total				728	100,0

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur)

Os bairros em que verificamos mais serventes residentes correspondem atualmente ao que é o Centro, com 23,8%. Este bairro possui uma grande abrangência, constituindo-se em todos os períodos analisados, o que mais possuía trabalhadores. Contudo, é certo lembrar que, como sendo um bairro bastante extenso, não só abrangia áreas centrais da cidade que, digamos, eram áreas nobres, mas também abrangia áreas consideradas de moradia da população mais pobre e dentro desse escopo por trabalhadores da indústria. É o caso de logradouros situados próximos a própria Mercur, como é o caso da Rua Rio Branco, até o seu encontro com a Rua Coronel Oscar Jost, também ao longo da Avenida Paul Harris (antiga linha férrea) e arredores da Ponte Seca, onde encontravam-se inúmeros becos, como a Travessa do Carmo, Corredor do Campo, Rua Belo Horizonte, a Travessa Canoas e a Travessa Esteio. As Travessas Haun e a Kissme, sendo a segunda uma rua projetada pela Companhia de Fumos Santa Cruz para residências de seus empregados, e que também foi moradia de um operário da Mercur admitido em 1960. Tais locais são atualmente considerados bairro centro, contudo, alguns eram, ou limítrofes a bairros conhecidamente formado por operários e populares, ou vielas, como se fossem ilhas populares em meio ao núcleo central da cidade.

Em seguida aparecem os Serventes referentes ao bairro Santo Inácio, este com 100 trabalhadores residindo-o. É preciso dizer que o total de trabalhadores da Mercur residindo o bairro é de 108, isto quer dizer 92,5% dos trabalhadores da Mercur que residiam no bairro eram serventes. Isso é um dos fatores mais importantes para entendermos a dinâmica de ocupação e até mesmo a história do próprio bairro.

Em contraponto, os Auxiliares administrativos, cargos estes melhores remunerados, habitavam principalmente o Centro e o Higienópolis. Consequentemente, não residiam em bairros considerados operários, e possivelmente também não residiam naqueles mesmos locais que os operários que residiam no núcleo urbano.

Tabela 56 - Bairros em que residiam os trabalhadores Auxiliares Administrativos da Mercur (1957-1970)

Cargo	Bairro	Nº	%
Auxiliar Administrativo	Centro	16	64,0
	Higienópolis	4	16,0
	Bom Fim	3	12,0
	Santo Inácio	1	4,0
	N/E	1	4,0
	Total	25	100,0

Fonte: Registros de Empregados (Arquivo Mercur)

Estes dois cargos apresentados, constituem uma amostra quantitativa de onde residiam os trabalhadores da Mercur. Essa foi a alternativa que a pesquisa encontrou, pois existem obstáculos e dificuldades para melhor costurar as informações existentes. O método mais prático de viabilizar o entendimento foi neste caso, a narrativa construída a partir de dados isolados e que remetem a questões maiores que podem ser contextualizadas historicamente. Logo, se pinçamos os serventes, estamos também nos referindo aos trabalhadores da fábrica, ou seja, aos operários. Se analisamos o lugar de moradia dos Auxiliares administrativos estamos nos referindo aqueles trabalhadores do setor administrativo que tinham mais poder aquisitivo, recebiam mensalmente, e residiam em regiões mais centrais da cidade. Tais dados complementam as questões abordadas neste capítulo que objetivou constituir o desenvolvimento urbano de Santa Cruz a partir da moradia dos trabalhadores da Mercur.

Em suma, podemos afirmar que o cargo, não somente definia o lugar de moradia do trabalhador da Mercur, mas, sobretudo, ele definia o lugar em que ele não iria morar. Exemplificando, identificamos Serventes residindo o bairro Centro ou o Higienópolis, mas nunca tivemos um Correspondente, isto é, um Auxiliar administrativo residindo em bairros suburbanos como o Bom Jesus ou Senai.

6 CONCLUSÃO

Elaborar uma pesquisa sobre o perfil dos trabalhadores da indústria tornou-se um processo permeado por ambivalências e paradoxos. Tratar de construir um perfil constituiu-se em dar conta de um processo multifacetado, de diferenças que coexistem, de uma heterogeneidade que caminha junto a uma homogeneidade. Visualizamos padrões e relações com contextos mais amplos, ao mesmo tempo que outros aspectos se mostraram únicos e específicos. Por este motivo, ao longo do trabalho nos preocupamos menos com fatores conjunturais e tentamos dar conta do que foi singular e próprio do que foi nosso objeto de estudo.

A pesquisa abordou a constituição da classe trabalhadora industrial de Santa Cruz do Sul a partir da análise do perfil dos trabalhadores da Mercur. A análise da formação da classe trabalhadora industrial elaborada nesse trabalho levou-nos a transitar do contexto geral, ou seja, do processo de industrialização ocorrido no Estado do RS ao âmbito local, mais precisamente a Santa Cruz do Sul. Com isso foi possível adentrar no desenvolvimento histórico da empresa, e dessa forma ambientar o estudo focado nos trabalhadores.

Iniciamos o trabalho com um histórico da Mercur, formulando, a partir das características e especificidades desta indústria, suas fases de desenvolvimento. Compomos, com base em documentações de variadas procedências, como jornais, manuscritos, relatórios, fotografias, entrevistas e bibliografia as fases da empresa, que ficaram assim arranjadas: a primeira fase capitalista, de 1924 a 1931; A segunda fase capitalista: a indústria, entre 1932 a 1960; e por último A terceira fase capitalista: a racionalização da produção, de 1961 a 1970. Inseridos no conjunto das fases localizamos questões de ordem histórica e contextos mais amplos em que a empresa esteve inserida. Concomitantemente, visualizamos sua capacidade de desviar-se da regra de seu tempo, o que determinou suas singularidades e suas fases de desenvolvimento. Exemplo disso é a matéria prima básica com que trabalhou: a borracha e mais tarde também o plástico.

Aliada ao histórico da empresa está a presença da família Hoelzel, nomeadamente a primeira geração composta por Jorge Emilio Hoelzel e Carlos Gustavo Hoelzel. No subcapítulo dedicado às relações e representatividade da família, acompanhamos a presença dos Hoelzel na comunidade santa-cruzense. Percebemos que os vínculos sociais, visibilidade e empreendimentos dos irmãos Hoelzel preexistentes mesmo antes da criação da empresa pavimentaram a base para que eles pudessem empreender na indústria. Sem laços e associação com os homens de negócios de Santa Cruz, provavelmente a Mercur não teria se desenvolvido

em tão pouco tempo. Com o crescimento da empresa a família Hoelzel adquiriu maior *status* na comunidade, o que deu a seus patronos visibilidade no jornal local, dando espaço para a promoção de sua empresa, seus empreendimentos paralelos, e recebendo a alcunha de “capitão da indústria” pela Gazeta do Sul.

O estudo da formação da classe trabalhadora industrial que buscamos nesse trabalho inicia na procedência dos indivíduos que foram admitidos pela Mercur. Sujeitos que, em um determinado momento de suas vidas, tornaram-se operários, mas que antes de trabalhar na indústria, deixaram seus locais de origem. Trabalhamos com duas perspectivas de origem: a da procedência geográfica, ou seja, de que lugar do estado, do Brasil ou do mundo vieram; e da origem étnica, algo por nós considerado importante para compreender aspectos culturais dos trabalhadores da Mercur.

Em relação à origem geográfica, notamos a multiplicidade de lugares de procedência dos trabalhadores, ou como por vezes escrevemos, os lugares de expulsão. Embora a maior parte tenha como origem o próprio município de Santa Cruz do Sul, evidenciou-se também que muitos vieram de municípios próximos, como Rio Pardo, Encruzilhada do Sul, Venâncio Aires e Candelária. Mas houve também considerável contingente e de trabalhadores migrando de regiões como a campanha e o noroeste do estado, marcando presença em todos os períodos abordados. No período da Segunda Guerra Mundial, os trabalhadores nascidos fora de Santa Cruz foram a maioria. A respeito dos trabalhadores nascidos em Santa Cruz do Sul, supomos que que tenham, majoritariamente, origem no meio rural, já que a principal fonte consultada, os dados contidos nos REs, apresentam inconsistências.

A origem dos trabalhadores da Mercur é fundamentalmente regional. Além de regional, a força de trabalho que constituiu o operariado da empresa, presume-se, que tenha sido também rural. Esse rural advém tanto da migração do excedente populacional das pequenas explorações agrícolas existentes na área colonial de Santa Cruz do Sul e municípios vizinhos, com a consequente proletarização do campesinato, quanto da proletarização a que foram submetidos os trabalhadores que viviam nas franjas das grandes propriedades voltadas a pecuária e migraram devido ao processo de cercamento dos campos e da modernização da atividade criatória, que culminou na consequente perda de muitos postos de trabalho.

Através da pesquisa foi possível capturar números consistentes a respeito da origem e da migração para Santa Cruz, principalmente a partir do momento em que a Mercur atingiu uma certa configuração enquanto indústria de porte médio (década de 1930), o que redundou no aumento de contratações. Nesse sentido, podemos considerar que a migração para Santa Cruz do Sul, ou então, a formação da classe trabalhadora no que diz respeito à origem, foi

composta especialmente por pessoas que originariamente pertenciam a áreas rurais, embora antes de virem a ser operários, possam ter passado por áreas urbanas onde passaram por um processo de ressocialização. Embora não tenhamos dados para comprovar essa afirmação, acreditamos que a migração rural-urbana, seguida da urbana-urbana tenha sido preponderante para aqueles que migraram de outros municípios para Santa Cruz do Sul.

Para dar conta de outra face da origem, e que também está de certa forma ligada à origem geográfica, formulamos o subcapítulo para detectar a origem étnica dos trabalhadores. Vimos que os teuto-brasileiros eram os mais numerosos, seguidos pelos luso-brasileiros, pelos afro-brasileiros e, por fim, pelos ítalo-brasileiros e outros grupos étnicos.

Quando tratamos do perfil do operariado e da formação da classe trabalhadora industrial em Santa Cruz do Sul é necessário levar em consideração a diversidade cultural e étnica desse operariado. Contudo, para avançarmos nessa direção, seria necessário um aprofundamento da pesquisa, o que por muitos motivos não foi possível desenvolver neste trabalho.

Propomos no quarto capítulo, a partir da divisão por gênero, analisar o perfil do trabalhador da Mercur. A partir dessa discriminação, foram feitas uma série de análises sobre o perfil de homens e mulheres a partir da função desempenhada, salário, tempo de serviço e idade. A idade mostrou-se uma das variáveis mais importantes para a caracterização do perfil do trabalhador. Em razão disso, foi elaborado mais um subcapítulo como forma de dar conta desse subgrupo e trabalhamos questões mais proeminentes acerca do perfil do trabalhador com menos de 18 anos, ou seja, o trabalhador infantil e juvenil. Neste sentido foram analisados alguns aspectos a respeito dos menores contratados, como o cargo exercido, os motivos pelos quais eram contratados e por fim a diminuição das admissões após os anos 1940.

A mão de obra empregada pela Mercur era composta principalmente por trabalhadores do sexo masculino. Eles representavam 59% do total de admitidos pela Mercur entre 1924 e 1970. Já as mulheres representavam 41%. Vimos através da característica dos cargos, que o trabalho desempenhado pelos homens dependia, sobretudo, de força bruta, enquanto que as mulheres se concentravam em trabalhos manuais.

O cargo exercido incidia sobre várias características definidoras do perfil do trabalhador. As mulheres ocupavam menos cargos (13), e estes eram existentes principalmente na fábrica, pois, 88% das trabalhadoras contratadas foram designadas a serem Serventes. Já os homens ocupavam uma diversidade maior de cargos (53), e eram distribuídos em diversos setores da fábrica, inclusive em atividades que necessitavam uma maior capacitação. Em relação ao cargo de Servente, 73,8% dos homens foram contratados para desempenhar essa função. Ou seja, a maioria dos trabalhadores contratados pela Mercur foram serventes.

O cargo influenciava no salário, mas não somente. A forma de recebe-lo era um indicativo importante. Trabalhadores que eram Serventes recebiam por semana ou quinzenalmente; já os trabalhadores que desempenhavam funções especializadas, administrativas e de chefia recebiam mensalmente.

O gênero influenciava também no valor do salário recebido. Como os homens ocupam a maioria dos cargos, e inclusive cargos que requeriam qualificação, eram os que na empresa, de forma geral, recebiam salários maiores. Analisamos mais detidamente o cargo de Servente e vimos que as faixas salariais da maioria das mulheres eram inferiores do que a faixa salarial dos homens. Já nos cargos de Auxiliares administrativos, as mulheres eram a maioria e, em média, recebiam mais do que os homens, e este foi um caso excepcional que requereu uma contextualização.

Existem outras características que poderiam ter sido trabalhadas, mas pela devido a falta de informações não aprofundamos. Nos referimos à escolaridade dos trabalhadores. Embora os REs não possuam o campo de preenchimento que dá conta da escolaridade dos trabalhadores, o que já revela uma não exigência por parte da empresa deste quesito, há algumas pistas e que podem revelar dados a respeito da escolaridade. Como abordamos no capítulo 2, a exigência de escolarização somente começou a ser visualizada nos anos 1960, sobretudo nos cargos de chefia, como de diretores e Contra-Mestres. Os REs entre os anos 1924 e 1970 não possuíam um campo de preenchimento referente a escolaridade. Já os anos seguintes da década de 1970 o possuem, o que revela uma mudança – mesmo que aparente – na valorização da formação escolar do trabalhador contratado pela Mercur. O que se pode dizer a respeito da formação profissional é que esta, assim como outros aspectos constituintes do perfil do trabalhador, esteve sujeita ao cargo e o tipo de função exercida.

A partir da análise do cargo pudemos perceber que o tempo de trabalho foi uma das características definidoras do perfil do trabalhador. A maioria dos funcionários da Mercur exerceram suas funções até 12 meses, e a função que eles desempenhavam era a de servente. O servente era o trabalhador mais descartável da empresa. Os serventes tinham alta rotatividade no emprego, sendo alguns inclusive contratados mais de 3 vezes pela empresa. No caso das mulheres, apenas 55% alcançaram um ano de trabalho; dos homens, 59,1% alcançaram pelo menos um ano de serviço. Um dos motivos para a menor rotatividade dos trabalhadores homens na empresa está relacionado com os cargos por eles desempenhados. Estavam ocupados em cargos mais especializados, tanto no âmbito da fábrica, quanto no setor administrativo onde ocupavam posições na alta hierarquia da empresa. O pouco tempo trabalhado pelo sexo feminino foi decorrente, sobretudo, da condição da mulher na sociedade daquele contexto, o

que afetava na função que ela desempenhava (Servente) e influenciava no tempo de permanência no trabalho. Esse fator foi evidenciado quando boa parte das mulheres eram contratadas até atingirem 18 anos.

É possível afirmar, tendo como base o grande fluxo anual de trabalhadores contratados pela Mercur, que esses trabalhadores faziam parte da massa trabalhadora disponível no município. O que nos induz a assim concluir, é o elevado número de pessoas que permaneciam um ano na empresa e o fato de muitos serem migrantes de outros municípios e de áreas rurais de Santa Cruz do Sul. Esses trabalhadores não se deslocavam de outros municípios diariamente, se constituindo, dessa forma, em migrantes que permaneceram na área urbana, sendo não pendulares - como ocorreu na cidade nos anos 1980. (Silveira, 1997, p. 171). Soma-se a isso, o fato da Mercur, entre as décadas de 1940 e 1960, ser um dos estabelecimentos industriais de Santa Cruz do Sul que mais empregava. (GODINHO et al, 1980, p.75) Dessa forma vemos uma classe trabalhadora industrial com uma alta rotatividade na empresa Mercur, que, antes ou após trabalharem na “borracha”, possivelmente foram contratados por outras empresas do município. Esta questão pode ser respondida, em futuros estudos, a partir do cruzamento de informações de outros arquivos pessoais de empresas do mesmo período.

A análise da idade dos trabalhadores nos incentivou, após verificarmos a recorrência de trabalhadores menores de 18 anos, a nos debruçarmos sobre o perfil destes trabalhadores. Verificamos que os trabalhadores jovens representavam $\frac{1}{4}$ da mão de obra utilizada pela empresa, e, nesse sentido, constitui-se em um dos fatores mais relevantes para a compreensão do perfil do trabalhador industrial.

O trabalhador menor de 18, ou melhor, crianças e jovens trabalhadores, está presente não somente em todas as fases da empresa, mas também em todo o processo produtivo desenvolvido na Mercur. Verificamos que essa característica tem como causador, além da característica da indústria capitalista, a situação de famílias de origem pobre, muitas vezes de áreas rurais, onde a renda também provinha do trabalho de todos os membros do núcleo familiar. Essa realidade declina a partir da década de 1940, com a consolidação das leis trabalhistas, que prevê uma capacitação desses jovens e determina uma idade para o início do trabalho, o que acaba afetando na empregabilidade desse grupo de trabalhadores pela empresa.

O último capítulo tratou da relação dos trabalhadores com a cidade. Acompanhamos, a partir do lugar de residência dos indivíduos contratados pela Mercur, o lugar de moradia. Dividimos isso em quatro momentos, obedecendo a dois critérios: em primeiro lugar de acordo com as fases da empresa e em segundo lugar de acordo com a evolução urbana de Santa Cruz do Sul. Percebemos o surgimento de trabalhadores residindo em diferentes áreas da cidade, que

está relacionado ao crescimento da cidade, através da recorrência de moradias de trabalhadores em áreas como a do atual Bairro Santo Inácio na década de 1960. Paralelamente visualizamos singularidades pouco abordadas na literatura, entre eles WINK (2002), SILVEIRA (1997), e GODINHO (1980), como é o caso de residências no atual bairro Senai na década de 1930, antes mesmo da construção da Vila Operária (1949), o que denota uma presença de populações pobres e de trabalhadores ali antes mesmo da intervenção do poder público.

O trabalhador da Mercur foi um morador dos subúrbios da cidade. Subúrbios que foram vários, de acordo com os períodos abordados. Na segunda metade da década de 1920 à década de 1930 os subúrbios orbitavam a área central da cidade. Já a década de 1940 caracterizou-se por expandir a área urbana ao sul da cidade e construir os primeiros lugares destinados especificamente a trabalhadores. Já as décadas de 1950 e 1960 foi a vez da zona norte da cidade constituir seus subúrbios. A partir dos REs foi possível acompanhar a evolução urbana, não somente através da presença dos trabalhadores nas novas áreas resultantes da expansão da cidade, mas também através da diminuição da recorrência dos subúrbios nestas documentações.

A leitura do principal jornal local, possibilitou compreender as características da cidade, desde a necessidade de habitação enfrentada nos anos quarenta, a falta de saneamento na década de 1950, e o aparelhamento urbano através de obras públicas na década de 1960. Junto a isso, aliamos entrevistas com ex-trabalhadores da empresa, o que colaborou para a compreensão da realidade vivida pelos operários na cidade.

A formação da classe trabalhadora pressupõe a consciência de classe, um sentimento que surge na experiência e no cotidiano do trabalhador. Para tratarmos da constituição do perfil e as características dos trabalhadores da Mercur constituímos um banco de dados elaborado durante a pesquisa empírica a partir dos Registros de Empregados. Embora consideremos ter atingido nosso objetivo principal, acreditamos que a compreensão integral da constituição da classe trabalhadora industrial de Santa Cruz do Sul somente será atingida plenamente com outras pesquisas envolvendo indústrias metalúrgicas, de beneficiamento de banha e de beneficiamento de fumo que existiram no município. O grande limitador para o avanço desse tipo de pesquisa é a inexistência de fontes documentais.

A maioria dos estudos a respeito da classe trabalhadora se utiliza de jornais operários, folhetins e relatórios de sindicato, e tais fontes possibilitam uma compreensão mais completa a respeito da consciência, da coesão e das lutas da classe trabalhadora - aspectos essenciais para a construção de classe. Por outro lado, parte dessa literatura debruçada sobre a formação da classe industrial não tem acesso ao tipo de fonte que compulsamos, já que as empresas que as detêm não abrem seus arquivos. Essa impossibilidade acaba não permitindo ter um panorama

quantitativo de informações básicas e relevantes a respeito do perfil dos trabalhadores, limitando-os a dados mais genéricos publicados em cadastros industriais, por exemplo. Acreditamos que, nesse aspecto, este estudo estabelece um conjunto de informações para que futuras pesquisas possam, a partir do que já trabalhamos, adicionar outros aspectos sobre a história da formação da classe trabalhadora local.

Um caminho possível de ser percorrido, principalmente no que diz respeito à pesquisa de campo, é focar na possibilidade da documentação existente no Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Artefatos da Borracha de Santa Cruz do Sul, criado em 1945, dar conta desta perspectiva.

Quando propusemos trabalhar com esse tema sabíamos que, por ser um assunto ainda não explorado pela literatura acadêmica, não teríamos comparativos para estabelecer com este trabalho. Com isso, tentamos extrair o máximo possível o que as fontes nos ofereceram, para então apresentar um panorama completo do perfil da classe trabalhadora e contribuir definitivamente para futuros estudos.

Ao longo do trabalho procuramos reconstituir o perfil do trabalhador industrial, a fim de compreender a formação da classe trabalhadora a partir de sua história. Observamos padrões durante o período estudado, entretanto, com base nas análises feitas nos capítulos desse trabalho, a formação da classe operária entendida como um resultado de coesão entre os trabalhadores não foi vislumbrada de forma contundente, e essa compreensão é decorrência da heterogeneidade inicial dos trabalhadores da Mercur. Por outro lado, houveram padrões em sua constituição que sustentam a afirmação de existência de uma classe trabalhadora que compartilhou os mesmos espaços e viveu as mesmas experiências, seja na fábrica, no âmbito da cidade ou nos processos migratórios ocorridos no contexto regional. Nesse sentido, vimos uma classe trabalhadora industrial que se construiu através de experiências similares e, a partir dessas conjunturas, compartilharam coisas em comum. cremos que não tenhamos atingido neste trabalho a consciência de classe, porém, o que é a consciência de classe se não aquilo que pensaram ou fizeram aquelas pessoas, em contrapeso a um problema, uma dificuldade ou alguma esperança.

Os trabalhadores ocupavam determinados espaços da cidade, onde vivenciaram situações de precariedade, como esgotos a céu aberto, enchentes e pobreza extrema. As ruas não calçadas em que muitos trabalhadores transitavam e que por isso chamavam atenção da opinião pública são metáforas para entendermos que, embora fossem múltiplas as faces, tratamos de um movimento.

Assim como houveram os espaços em comum na cidade, a fábrica não deixou de ser um lugar de convívio social, onde a solidariedade contornava as regras impostas pela empresa, como esquentar a marmita no horário do almoço na própria máquina onde exercia seu ofício. As trabalhadoras vivenciaram mais uma camada de experiências (para além daquelas que já se faziam por serem operárias) por serem mulheres. O controle sobre o trabalho feminino, ao privar a mulher de gerar uma criança e trabalhar, cuidar de seus filhos e gerar renda para sua família também era sobre o corpo feminino. Elas, diferentemente dos homens, tinham um perfil muito mais delimitado e específico para que fossem contratadas. Assim, a trabalhadora da Mercur, talvez fossem a parcela de trabalhadores (ou uma das faces do perfil) mais representativas, em quantidade e por tudo que enfrentavam, de todos os grupos que vislumbramos.

O trabalhador da Mercur foi formado, sobretudo, pelo campesinato, que se deslocou das regiões coloniais. Eram teuto-brasileiros com uma cultura individualista, que pensava o trabalho um fator formador de seu caráter. Ao mudarem-se para a cidade, transformaram-se em trabalhadores urbanos e industriais, transferindo o modelo mental que foi construído na propriedade familiar para o ambiente fabril, inclusive empregando cônjuges e filhos nesse contexto. Ao constituírem-se em trabalhadores fabris, estarão pouco dispostos para formular uma consciência de classe, no sentido estrito de uma coesão em prol da luta por direitos e melhores condições de trabalho. Isso pode ser observado pela inexistência de relatos de cunho negativo em relação as condições de trabalho, e durante a pesquisa empírica não localizamos documentações onde a classe operária se mostrou organizada. Contudo, isso não rasura os inúmeros momentos que trouxemos neste trabalho onde estão implícitos e explícitos os lugares em comum, as experiências em comum e as ações em comum dos trabalhadores.

Obstante estes fatores, este estudo defende que o perfil que foi válido para os trabalhadores da Mercur - sobretudo no que diz respeito a origem -, se constitui como uma amostragem da classe trabalhadora industrial de Santa Cruz do Sul. Podemos com isso projetar, a partir do perfil aqui capturado e caracterizado que, a Mercur sendo umas das principais empresas santa-cruzenses da primeira metade do século XX, destacando-se, entre as décadas de 1940 e 1960 como uma das cinco maiores absorvedoras de mão de obra do município, que: o perfil do trabalhadores da indústria caracterizado nesta dissertação é também um arquétipo para a compreensão do perfil do trabalhador industrial do Município de Santa Cruz do Sul, da primeira metade do século XX até o ano de 1970.

REFERÊNCIAS

- ARAVANIS, Evangelina. *A industrialização no Rio Grande do Sul nas primeiras décadas da República: a organização da produção e as condições de trabalho (1889-1920)*. Revista Mundos do Trabalho, vol. 2, n. 3, janeiro-julho de 2010, p. 148--180.
- CASTRO, Antonio Barros de. *7 ensaios sobre a economia brasileira*. 1 ed. Rio de Janeiro: Foran, 1971.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. *A vida fora das fábricas; cotidiano operário em São Paulo (1920/1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Indústria, trabalho e cotidiano: Brasil, 1990 a 1930*. São Paulo: Atual, 1991.
- FAUSTO, Boris. *A Formação da Classe Operária: determinações estruturais. In: Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. São Paulo: Difel, 1977.
- GARCIA, Fernando Coutinho. *Organização de trabalho e perfil da classe operária na indústria siderúrgica*. Revista de administração – Volume 19(4) – Outubro/dezembro/84 – Páginas 14 e 24
- FONSECA, Paulo Cesar Dutra. *A transição capitalista no Rio Grande do Sul*. Separata da Revista Estudos Econômicos, 1985.
- ENGELS, Friederich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global, 1985.
- GODINHO, Ruth et al. *Estudos de População 6 – Santa Cruz do Sul*. São Paulo: CEBRAP. SP. 1980
- HARNISCH, Wolfgang Hoffman. *O Rio Grande do Sul*. Livraria Globo. Porto Alegre, 1941.
- HERRLEIN Jr., Ronaldo. *Desenvolvimento industrial e mercado de trabalho no Rio Grande do Sul: 1920-1950*. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 14, p. 103-118, jun. 2000
- HOBBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- TEICHMANN, Suzana Maria. *Desenvolvendo o turismo: o resgate histórico da FENAF – Festa Nacional do Fumo em Santa Cruz do Sul – RS*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- KRAUSE, Silvana. *Migrantes do tempo: vida econômica, política e religiosa de uma comunidade de imigrantes alemães na República Velha*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- LANGEMANN, Eugênio. *A Industrialização no Rio Grande do Sul (Um estudo Histórico)*. Porto Alegre: IEPE/ UFRGS, 1978.
- LAZZAROTTO, Valentim. *Pobres construtores de riqueza*. Caxias do Sul: EDUCS, 1981.

LIMONAD, Ester. *Reflexões sobre o espaço, o urbano e a urbanização*. In: Revista GEOgrafia – ano 1 – No 1 – 1999. P.71-91.

LOBO, Eulália L. *A formação da história empresarial*. In: Domínios da História. / organizadores Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas. – 2. Ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1884-1930)*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Ed. Universitária: Unitrabalho, 2001.

LUDWIG, Alfredo. *Centenário da colonização de Santa Cruz do Sul (1849-1949)*. Santa Cruz do Sul, manuscrito original do CEDOC-UNISC, (1949).

MATOS, Adriana S.; SENNA, K. de. *História oral como fonte problemas e métodos*. 2011. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/hist/article/view/2395/1286>>. Acesso em: 07 dez. 2017

MATTOS, Marcelo Badaró. *A formação da classe operária inglesa: história e intervenção*. Ano 12, nº 18 - 2014.

MARTIN, Hardy Elmiro. *Recortes do passado de Santa Cruz*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

MARTINS, José de Souza. *Conde Matarazzo, o empresário e a empresa: estudo de sociologia do desenvolvimento*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1976.

MARTINS, José de Souza. *Subúrbio: Vida cotidiana e história no subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da república*. 2. Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2002

MENEZES, J. B. de. *Município de Santa Cruz do Sul*. Santa Cruz: Editora Tipografia Lamberts e Riedl, 1913.

MONTALLI, Liliam T. “Notas para o estudo da expansão do capitalismo no campo em Santa Cruz do Sul”. *Estudos de população – VI estudo de caso: dinâmica populacional, transformações Socioeconomicas, atuação das instituições*. São Paulo: CEBRAP, 1980.

NASCIMENTO, Eduardo Bellmann. *Companhia de Fumos Santa Cruz*. 2013. Monografia.

NORONHA, Andrius Estevam. *Beneméritos empresários: história social de uma elite de origem imigrante do sul do Brasil (Santa Cruz do Sul, 1905-1966)*. / Andrius Estevam Noronha. – Porto Alegre, 2012.

OLIVEIRA et al. *História Oral e o Método Biográfico: Congruências, Diferenças e Potencialidades de Utilização no Campo da Administração*. IV Encontro de Ensino e Pesquisas em Administração e Contabilidade. 2013

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História da indústria sul-riograndense*. Guaíba, RIOCEL, 1985.

RIO GRANDE DO SUL. Assembleia Legislativa. Comissão de Assuntos Municipais. *Evolução municipal: Rio Grande do Sul : 1809-1996*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa/RS, 2001. 95 p.

ROCHE, J. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.

SCHINEIDER, Luiz Carlos. *Rio Pardo: evolução urbana e patrimônio arquitetônico-urbanístico*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SEBE, José Carlos. *Manual de história oral*. São Paulo: ed Edições Loyola, 2002-4 ed.

SILVEIRA, Nereida S. P. *Diversidade de gênero e as diferenças e semelhanças na hierarquia de valores no trabalho de homens e de mulheres*. Revista de Gestão USP, São Paulo, v. 13, n. especial, p. 77-91, 2006

SILVEIRA, Rogério L. L. da. *A produção da periferia urbana em Santa Cruz do Sul-RS: O lugar dos safristas na terra do fumo*. Dissertação de Mestrado, Florianópolis: UFSC, 1997.

_____. *A colonização do território e a produção do espaço urbano-industrial em Santa Cruz do Sul – 1949 a 1960*. Revista Ágora, Santa Cruz do Sul, V.3, n.1, p.41-73, 1997.

_____. *Rede agroindustrial do tabaco e a dinâmica de organização espacial e de usos do território na região Sul do Brasil*. Relatório Final de Pesquisa. Santa Cruz do Sul: CNPq/UNISC, janeiro, 2011. 170 p

TELLES, Leandro da Silva. *Heinz von Ortenberg médico do Kaiser e de Santa Cruz do Sul*. Santa Cruz do Sul: APESC, 1980

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária I: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

_____. *A formação da classe operária (Vol. II)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *A miséria da teoria ou um planetário de erros uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

UCHA, Danilo. *50 anos do Sindiborsul (1952-2002): a história da indústria de artefatos de borracha no Rio Grande do Sul (1924-2002)*. Porto Alegre: Palomas, 2003.

VOGT, Olgário. *A Produção de Fumo em Santa Cruz do Sul, RS (1849 - 1993)*. Dissertação de Mestrado. Curitiba. UFPR, 1994.

WEIMER, Rodrigo de Azevedo. *Os nomes da liberdade: ex-escravos na serra gaúcha no pós-abolição*. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2008.

WINK, Ronaldo. *Santa Cruz do Sul e sua evolução urbana: 1855-2000*. 2000. 277 f.
Dissertação (Mestrado) - Universidade de Santa Cruz do Sul, 2000.

APÊNDICES

APENDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Os questionamentos a seguir foram formulados como um guia para as entrevistas, contudo, seguimos a dinâmica de um diálogo e conforme a conversa era direcionada a alguma temática ou questão, a pergunta adequada era proferida. Caso não fosse contemplada pela conversa, era articulada a questão.

1. Vamos conversar sobre a sua história:

- Onde nasceu? Como era a sua vida lá?

2. Caso for migrante ou imigrante:

- Quando se mudou para Santa Cruz do Sul? Quais os motivos da vinda?
- Como foi a vinda para Santa Cruz do Sul?
- Onde estabeleceu residência? Como era aquele (ou este) lugar? E as condições de vida? Como era a vida no bairro?

3. Relação Entrevistado X Mercur:

- Como fostes contratados pela Mercur?
- Em qual setor trabalhavas? Como era o dia-a-dia do trabalho que desempenhavas?
- Quando foi demitido(a) ou desligou-se da empresa? Qual o motivo?

4. Mobilidade

- Como você fazia para alimentar-se no horário do almoço?

- Como era o trajeto casa/trabalho?

APENDICE B - CARTA DE CESSÃO

Santa Cruz do Sul, 07 de fevereiro de 2017

Destinatário,

Eu, _____, portador do documento de identidade de nº _____, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em ____/____/_____ para Fernando Porto Ataíde usá-las integralmente ou em partes, no Mestrado cursado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul, desde a presente data.

Assinatura do depoente

APÊNDICE C – Legenda dos setores existentes na Mercur

- Deposito / Almoxarifado: Espaço onde é estocada toda a matéria prima usada pela fábrica.
- Obras: Abrange o setor de carpintaria, marcenaria e construção em geral. Trabalhos de ampliação e manutenção da fábrica. Também produziam materiais para uso na produção, como mesas e peças para a produção de produtos.
- Oficina: Serviços de manutenção da fábrica, de peças, de maquinário e de moldes para a produção de produtos.
- Caldeira: Uma fábrica de produtos de borracha necessita que haja o aquecimento de cilindros para que a borracha possa ser maleável e ser misturada com o enxofre. O setor é composto pela caldeira que aquece água que por fim aquece as máquinas.
- Mistura: Primeira fase do processo de beneficiamento da borracha onde outros produtos são agregados a ela.
- Vulcanização: É um processo químico onde agrega-se enxofre a massa de borracha aquecendo-a até atingir consistência e maleabilidade para o produto esperado.
- Linhas de produção: Após o processo de vulcanização e suas variações de consistência, a matéria prima é direcionada para as linhas de produção que, de acordo com o produto pretendido, faz o processo até a finalização.
- Laboratório/Pesquisa e Desenvolvimento: Faz pesquisa para novos produtos, testa a durabilidade, resistência e qualidade.
- Administrativo: Área que não é única, mas que, neste infográfico, unimos para sermos mais concisos. Reúne financeiro, jurídico, compras, vendas, recursos humanos, e gerência.
- Expedição: Última etapa da fábrica, lugar em que os produtos são estocados para, em seguida, levá-los ao varejo.
- Garagem: Setor ocupado por motoristas de caminhão e choferes (de uso do dono da empresa).

ANEXOS

ANEXO A – Ficha de Registros de Empregados

Horario
De manhã 7 às 11.45 horas.
" tarde 13/15 " 17.
Sábados 7 " 12 "

REGISTRO DE EMPREGADOS

N.º de ordem *117* N.º da Carteira Profissional *01*
Série *31*

Nome *Andina Flost*
Filiação *Joaquim e Maria Flost*

Idade *16* anos. Data do nascimento *4 5 1922*

Nacionalidade *Brasileira* Lugar do nascimento *Bachoeira*

Residência *Santa Cruz* Data da admissão ao serviço *31 8 1938*


Categoria e ocupação habitual *pedreiro -* Salário *402-516*

Fórmula de pagamento *mensual* Nomes dos beneficiários *seus paes.*

Assignatura do empregado *Andina Flost* Data *31 / 8 / 38*

Data da dispensa *30* de *Dezembro* de *1939*.

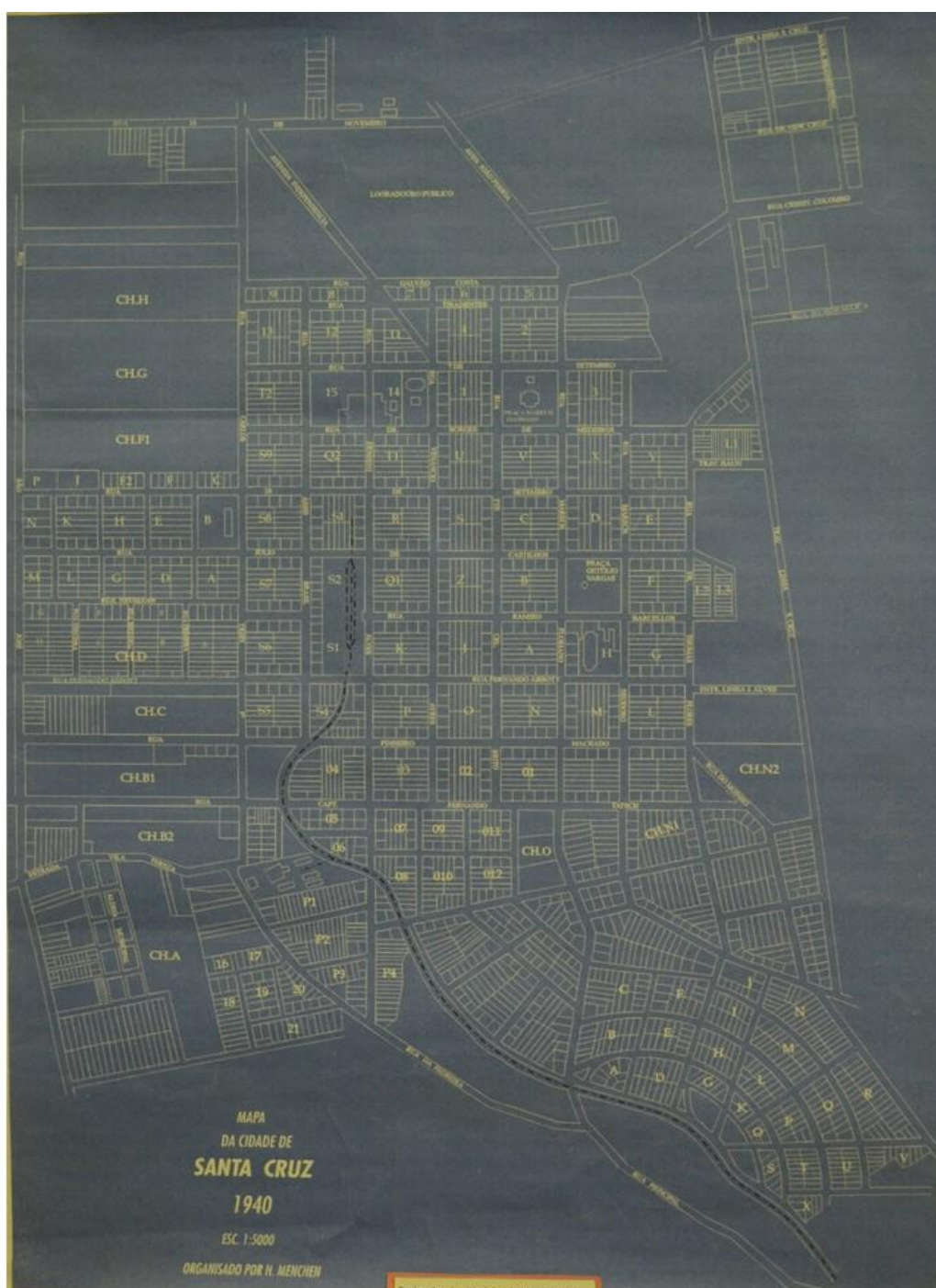
L. Globo — Mod. 117



ANEXO B - Planta da cidade de Santa Cruz (1922)



Fonte: Centro de documentação da Universidade de Santa Cruz do Sul (CEDOC-UNISC).

ANEXO C - Planta de Santa Cruz do Sul editada em 1940

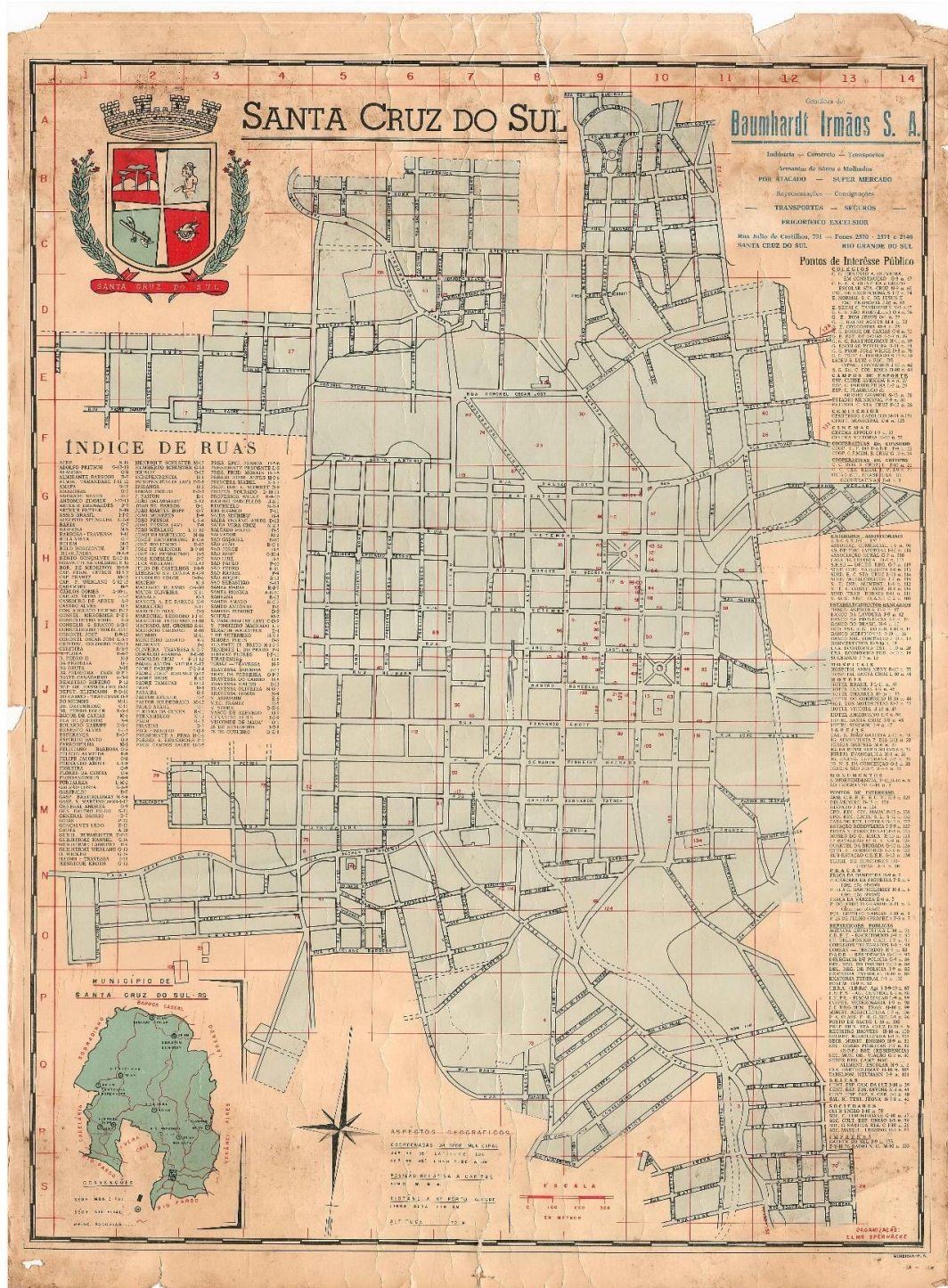
Fonte: Centro de documentação da Universidade de Santa Cruz do Sul (CEDOC - UNISC).

ANEXO D - Planta de Santa Cruz do Sul editada em 1956



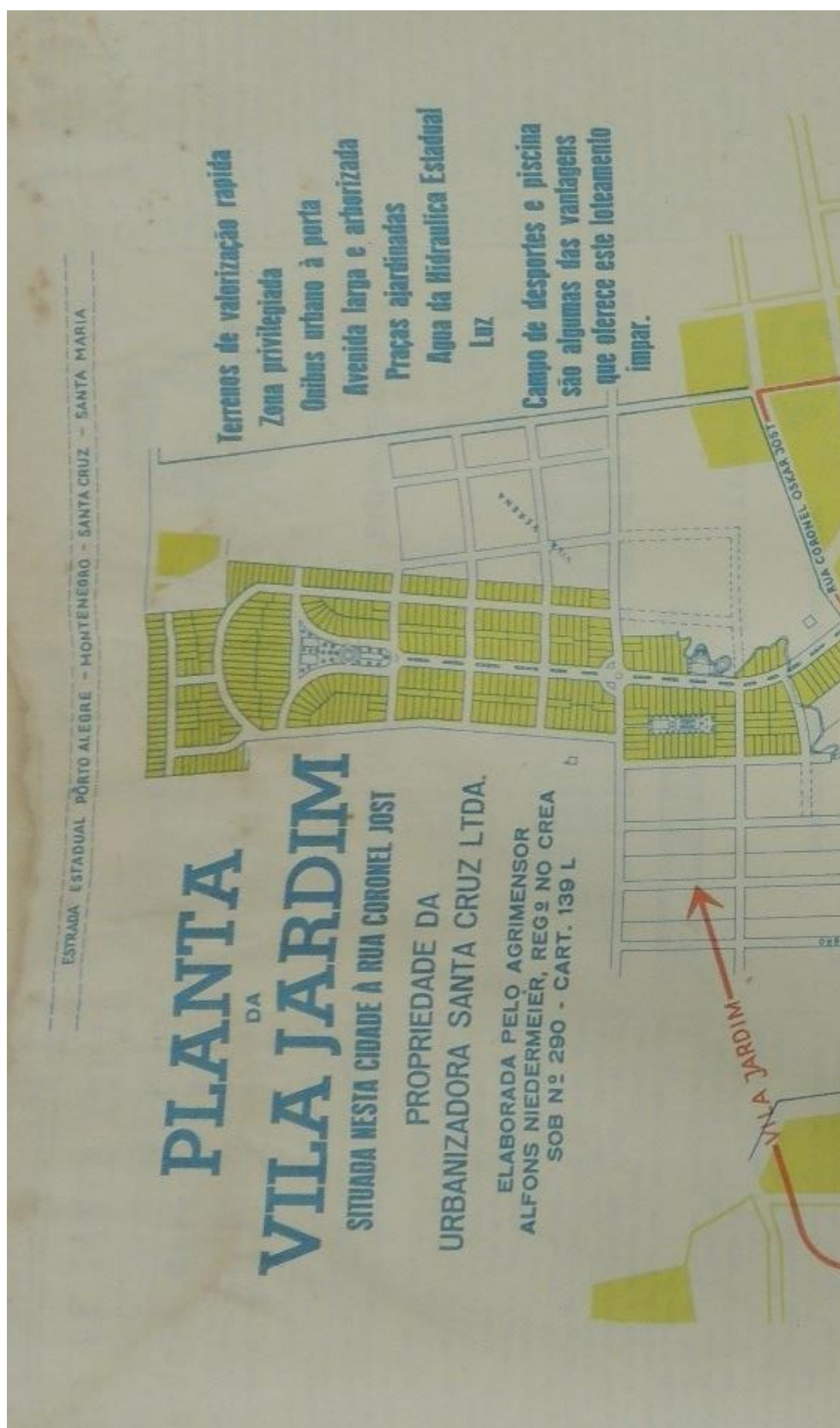
Fonte: Centro de documentação da Universidade de Santa Cruz do Sul (CEDOC-UNISC).

ANEXO E - Planta de Santa Cruz do Sul editada em 1968



Fonte: Geoprocessamento – Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul.

ANEXO F – Planta da Vila Jardim



Fonte: Gazeta de Santa Cruz, 7 de dezembro de 1954, p.4.